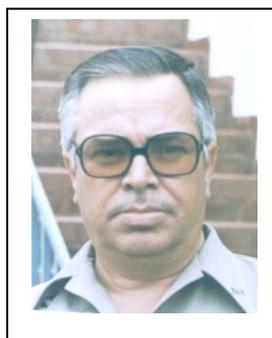


FHE POUPEX

O NEGRO E DESCENDENTES NA SOCIEDADE DO RIO GRANDE DO SUL (1635 – 1975)



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias.

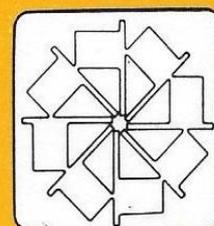
Livro digitalizado pela universitária Kamila Rocha de Souza,, estagiária na FAHIMTB, para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e o livro original no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN e em levantamento para integrá-lo no programa Pergamium de bibliotecas do Exército .O livro digitalizado não reproduz integralmente a formatação e o numeração de páginas do original e, o índice do seu conteúdo se encontra as p.232/240 do livro digitalizado, mas possibilita a leitura do seu conteúdo. As falhas erros que o leitor e pesquisador encontrarão ,são explicáveis e justificáveis,



**O NEGRO E DESCENDENTES
NA SOCIEDADE DO
RIO GRANDE DO SUL
(1635 - 1975)**

Cláudio Moreira Bento

GRAFOSUL/IEL/DAC/SEC



Série
BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO
Volume 5

**O NEGRO E DESCENDENTES
NA SOCIEDADE DO
RIO GRANDE DO SUL
(1635 - 1975)**

**1º PRÊMIO NO CONCURSO DE MONOGRAFIAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO
NEGRO NA INTEGRAÇÃO SOCIO-CULTURAL SUL-RIO-GRANDENSE DO CERTAME
DE LETRAS "BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO"**

Este volume integra a série "Biênio da Colonização e Imigração", criada pelo Decreto estadual nº 22.783, de 7 de novembro de 1973, e editada pelo Instituto Estadual do Livro.

O primeiro volume da série, de autoria de Michael Mulhall, publicou-se em agosto de 1974, sob o título — *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs* — em formato menor (14 X 21).

BENTO MOREIRA BENTO
(Oficial do Exército Brasileiro)

**O NEGRO E DESCENDENTES
NA SOCIEDADE DO
RIO GRANDE DO SUL
(1635 – 1975)**

GRAFOSUL
Indústria Gráfica e Editora Ltda.
em co-edição com o
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO - DAC/SEC
PORTO ALEGRE/1976

(c) 1976 by Claudio Moreira Bento

Capa: Vera Chaves Barcellos

Bento, Cláudio Moreira, 1931.

B475n O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975). Porto Alegre, Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976.

288p. 22,5cm. (Biênio da Colonização e Imigração, v.

5)

1º Prêmio no Concurso de Monografias sobre a contribuição do Negro na integração Sócio-Cultural Sul-Rio-Grandense do Certame de Letras “Biênio da Colonização e Imigração”

1. Imigração e emigração – Rio Grande do Sul. I. Título. II. Série.

CDD – 325.8165

CDU – 325.11(816.5=96)

Catálogo elaborado pelo IEL/DAC/SEC

DIREITOS RESERVADOS

Publicado sob os auspícios da

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Departamento de Assuntos Culturais

Instituto Estadual do Livro

DEDICATÓRIA
*A minha esposa Yolanda e a meus filhos
Cláudio, Carlos Norberto e Antônio Augusto
À memória de meus pais Conrado Ernâni e
Cacilda
Ao município de Canguçu, meu torrão natal,
e ao Rio Grande do Sul.*

PREFÁCIO

O "Biênio da Colonização e Imigração", que o Rio Grande do Sul solene e recentemente festejou, valeu como outorga da Pátria agradecida para ao Negro fosse, de igual forma e em seu nome, tributada a homenagem de ão nacional.

A ideia primeira de celebração, nos anos de 1.974 e 1.975, do Sesquicentenário da Colonização Alemã e do Centenário da Imigração Italiana ampliou-se de molde a envolver, também, a exaltação do pioneirismo da colônia portuguesa e da colaboração positiva de todas as demais correntes imigratórias.

Daí a inclusão da linhagem afro-brasileira no mosaico formado para refletir as homenagens de celebração da obra de quantos, unidos aos primeiros povoadores - na expressão da própria Lei instituidora do "Biênio" - participaram do esforço das realizações solidárias que nos conduzem a todos a um lesmo destino, sob as inspirações da unidade nacional.

Reafirmo aqui a assertiva de que o Negro não foi Colono nem Imigrante. Na autenticidade da sua figura máscula de fator de trabalho, riqueza, prosperidade e desenvolvimento econômico, grandeza material e moral do Brasil, ele não revelou, do Imigrante, os anelos da Pátria adotiva nem, do Colono, as cogitações da devoluta terra para o amanhã compensador.

O Negro veio apenas para trabalhar, empenhando o braço, as energias, o sangue, a liberdade, a vida, tudo enfim, e se fazer presente com a mescla de seus atributos mais ricos, na formação da própria nacionalidade em construção.

O Rio Grande do Sul já tantas vezes decantado, até fora das fronteiras pátrias, pela nobreza das posturas e pioneirismo de atos reveladores de uma vocação incoercível para o culto da justiça, da liberdade, do amor, da fraternidade cristã e do respeito à dignidade da pessoa humana, o Rio Grande do Sul rompeu a estreiteza das reverências meramente pessoais e esporádicas a qualquer Negro que se possa ter destacado na gama das atividades sociais.

Numa festa ao mesmo tempo pomposa e popular, sob a alta inspiração da ideia da unidade da pátria, sem precedente em qualquer plaga outra da brasília gleba, o grande Estado sulino envolveu toda a estirpe negra no calor das mais efusivas homenagens, evocou e celebrou a contribuição da comunidade afro-brasileira na integração sócio-cultural sul rio-grandense e realçou em festa, como de inestimável alcance, a sua incisiva participação no "trabalho, nas expressões de cultura e vida social, na conquista do território, na formação, desenvolvimento e integração" do Rio Grande do Sul.

A homenagem, em si mesma, representou um anátema às prevenções bárbaras ou restrições atávicas, e retemperou e renovou de modo especial no espírito da juventude patricia de raízes afro-brasileiras no Rio Grande do Sul, como de resto nos quadrantes da terra brasileira, fagueiras esperanças e anelos ardentes de desenvolvimento, cultura, ânimo para as refregas da vida e disposição maior para os surtos de ascensão social quantas vezes obstacularizados por fatores preconceituosos - como alguém denunciou - que persistem na omissão da contribuição africana ou afro-brasileira para a cultura e a economia nacionais, deformando a História ou falseando teorias com a intenção malsã de situar o Negro em posição de relevo menor no bojo das conjunturas pátrias.

A preocupação de oficializar os louvores e as exaltações populares ao Negro como figura radiante, sagrada pelo tempo nos entreveros da luta hercúlea pela afirmação do Rio Grande no extremo sul brasileiro, como expressão de trabalho, cultura, brasilidade, progresso e fé, tanto mais nobilitante resultaram no corpo do "Biênio", quanto mais a História conclama e comprova o significado marcante da sua particularidade.

É que mais, muito mais, e antes, muito antes das sulinas terras ou das paisagens verdejantes do Continente antigo de São Pedro fazerem do Negro o Titã das labutas árduas, o férreo braço preferido nas lides portuárias ou nas charqueadas, nos pastoreios, às vezes, e nas jornadas campeiras - como ressaltam os que escrevem a História - dando contribuição efetiva para garantir à Província importância sem par e, ao Império, opulência crescente; mais, muito mais e, antes, muito antes que isso ocorresse, já nas Províncias do Centro e do Norte, marcado pela ampolheta dos séculos, o Negro - na lição de Calógeras, dizendo não exagerar - realizava todo o trabalho material e conjugava esforços preciosos para a soberba tarefa da construção do Brasil, enquanto, asseverava Joaquim Nabuco, era devido ao Negro tudo que o Brasil realizara em prol da civilização.

A homenagem imperiosa, pois, estava sustada no tempo, à espera do gesto largo e sensibilizante da nossa gente, ou aguardando, quem sabe, o influxo da predestinação histórica que permitiu ao "Biênio" a honra de receber e acolher a mais genuína representação do Continente Negro, não como expressão de primitivismo tribal, mas na eminência e rutilância de figuras destacadas do mundo diplomático no Brasil, Embaixadores ilustres como os das Repúblicas da Costa do Marfim, da Nigéria, do Zaire, de Ghana, falando em nome da África redimida e incorporada ao grêmio das nações livres do mundo contemporâneo.

É de injustiça, entretanto, que se ressalte o empenho obstinado do ilustre parlamentar paulista, deputado federal Adalberto Camargo, em favor do projeto de lei de sua autoria instituindo o "Dia da Comunidade Afro-brasileira", tomo homenagem soberba de reconhecimento ao Negro.

Em verdade, porém, o privilégio coube ao Rio Grande do Sul, que do "Biênio" recolheu o ensejo singular de remir, pagar, saldar, nas excelências do espírito, magnitude de sentimentos e grandeza moral do seu povo, a dívida nacional, na evocação e reverência do trabalho do Negro ao longo da História, trazendo para as aleluias cívicas da grande festa dos colonos e imigrantes a lembrança do esforço construtivo que em prol do rincão amável partiu, primeiro dos troncos venerandos e, inalterável, se mantém até hoje na linhagem afro-brasileira de Angola, do Congo, do Golfo de Guiné e Yorubá, enfim dos recantos mais distantes da África legendária e dolente, entre os quais os das Costas do Ouro, dos Escavos e da Mina, bandas perdidas de onde saíram meus avoengos - os Tios Minas - figuras admiráveis e inesquecíveis de cujo sangue sobremodo me orgulho, criaturas unidas de bondade quase divinizada e que nos quartéis primeiros do século, na cidade marítima de Rio Grande, nosso memorável torrão, escreveram páginas tão lindas de Amor, Renúncia, Ternura, Fé e Trabalho, poemas vivos de humana excelssitude.

Mas, para que diluída não ficasse na poeira do tempo a lembrança das celebrações encaixadas no ciclo bienal, entendeu a Comissão Executiva de Homenagem ao Negro, além das solenidades referidas, de instituir um certame nacional de Letras em homenagem ao Negro.

Era o nobre intento, a forma perfeita e feliz de oferecer ao evento memorável uma ideia mais duradoura.

Foi assim, com plena e justificada repercussão nos meios literários e sob os auspícios do Instituto Estadual do Livro, levado vitoriosamente a efeito o Concurso Nacional de Monografias Sobre o Negro e Descendentes do Rio Grande do Sul.

Entre os ilustres e abalizados concorrentes de todo o país, sagrou-s(vencedor o emérito historiador patricio CLÁUDIO MOREIRA BENTO, autor deste magnífico e alentado estudo sobre "O NEGRO E DESCENDENTES NA SOCIEDADE DO RIO GRANDE DO SUL - 1635/1975".

Além do tema sugestivo, estribado em vasto conhecimento das coisas do nosso Rio Grande e na intensidade e autenticidade das rigorosas pesquisas que realizou nas

fontes mais diferentes e indicadas, o Autor oferece, ao mesmo passo, inestimável contribuição às letras gaúchas tão desprovidas de menções reveladoras da presença africana ou participação de seus descendentes no contexto histórico do Rio Grande do Sul, e promove na fulgência e substância do ensaio que apresenta, um autêntico processo reparatório na projeção dos contornos exatos da figura marcante do Negro nos quadros da vida rio-grandense.

E ninguém, por certo, o faria com mais apuro e brilho do que o insigne historiador CLÁUDIO MOREIRA BENTO.

Seu nome, sua obra e sua figura de cultor apaixonado da História, tem raízes fundas no elevado conceito, viva admiração e sólido prestígio dos arraiais da literatura brasileira.

Nascido, porém, na gleba lendária dos Farrapos, o Autor tem como berço afetivo a terra operosa e bucólica de Canguçu, que ele próprio aponta como causa impulsiva de suas contribuições nos domínios da História, "partindo da curiosidade inicial de querer saber o seu passado, ausente da Memória do Rio Grande do Sul". "O guri - é seu ainda o pensamento - que existe dentro de todo escritor creio tenha me impulsionado a escrever o presente trabalho, em razão de gratas recordações de meus amigos de infância, em maior parte negros ou descendentes, bem como de outras figuras extraordinárias da mesma origem".

O fato é que pela "curiosidade inicial" indagativa do seu passado, o Autor logrou projetar-se entre as expressões melhores da vida literária brasileira como "historiador notável" que na frase do professor Vasconcelos Sobrinho, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - "encontrou os rumos definitivos de sua vocação como intérprete da História, e não apenas mero expositor dos acontecimentos".

No Rio Grande do Sul, ao longo dos festejos do "Biênio de Colonização e Imigração", o historiador CLÁUDIO MOREIRA BENTO atingiu duas culminâncias admiráveis que amplamente confirmam o seu renome nos meios literários.

Foi o escritor que conquistou maior soma de lauréis nos certames de letras e o mais premiado nos concursos monográficos sobre História do Rio Grande do Sul.

Portador de uma rica bagagem literária que emoldura a legitimidade das suas pesquisas mais rigorosas nos escaninhos da História, o Autor tem participado, como simples membro, coordenador ou presidente, de várias Comissões oficiais ligadas a pesquisas culturais e históricas sobre assuntos relevantes como, entre outros: Bicentenário do Forte de Coimbra, Batalha dos Guararapes, Quarto Centenário de Goiana, Preservação de Fontes da História do Brasil para os Arquivos do Projeto Rondon, Planejamento do Parque Histórico Duque de Caxias (Nova Iguaçu), Planejamento e Inauguração do Parque Nacional dos Guararapes (Recife), Monumento as Batalhas dos Guararapes, figurando ainda como Adjunto na Comissão de Planejamento, Coordenação e Edição da História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo, editado em três volumes pelo Estado Maior do Exército em 1972, cabendo-lhe o encargo da pesquisa, elaboração e redação final do Capítulo relativo às Guerras Holandesas.

Portador de várias condecorações militares, medalhas comemorativas e distinções outras, inclusive do Museu Visconde de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, pela participação nos festejos do Sesquicentenário da Colonização Alemã; da Prefeitura Municipal e Comissão de Festejos do mesmo município, por trabalhos apresentados no Primeiro Simpósio da História da Imigração Alemã, foi ainda o Autor condecorado pelo MEC e pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com a Medalha do Centenário de Plácido de Castro, pelos trabalhos de pesquisas que realizou no Acre, a convite do Governo.

Com um seleto ciclo de conferências de fundo cultural-histórico realizado, a convite, no Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e em entidades outras congêneres, centros estudantis e culturais de vários pontos do país, teve o historiador CLÁUDIO MOREIRA BENTO, ainda, trabalhos seus transcritos nos Anais das Assembléias Legislativas dos Estados de Pernambuco e de Goiás. Do acervo de seus principais trabalhos já publicados, destacam-se: "As batalhas dos Gurarapes" (Recife-1975), "A Grande Festa dos Lanceiros" (Recife-1975), "Símbolos do Rio Grande do Sul" (Recife-1971), "Centenário do término da Guerra do Paraguai" (Maceió-1975), "Brigadeiro Antônio de Sampaio" (Fortaleza-1972), "Os Primeiros Pontoneiros e Engenheiros do Exército" (Rio-1972), "O Libertador do Acre - Plácido de Castro" (Belém-1974), "A Conquista da Amazônia" (Rio-1973), "Forte de Coimbra - Dois Séculos de História, de Fé e de Glórias" (Rio-1975). Em publicação como trabalhos premiados figuram: "O Gaúcho Fundador da Imprensa Brasileira" (2º lugar no Concurso Nacional de Monografias promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul), "Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul" (2º lugar no Concurso Nacional de Monografias sobre a Colonização e Imigração em Geral) e "O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul - 1635/ 1975" (1º lugar no Concurso Nacional de Monografias promovido pelo Estado do Rio Grande do Sul, em homenagem à contribuição sócio-cultural do Negro na formação do Estado).

Presença destacada e freqüente nos órgãos mais categorizados da imprensa brasileira, o escritor CLÁUDIO MOREIRA BENTO, numa projeção crescente da sua vigorosa obra de insigne cultor da História, figura como elemento de escol no quadro de colaboradores de inúmeras e selecionadas Revistas militares e civis, bem como de vasta cadeia de importantes jornais dos mais diferentes recantos do país.

Sua condição de ilustre pesquisador das coisas e dos homens do nosso passado tem merecido a análise serena e, por isso mesmo, consagradora de figuras eminentes do mundo das letras e do pensamento pátrios, entre as quais, no setor militar: Generais Lira Tavares, Candal Fonseca, Souto Malan Frágoso, Dirceu Nogueira, Menezes Paes, Ayrton Tourinho, Jonas Corrêa, Riograndino Costa e Silva, Souza Júnior, Flammarion Pinto de Campos, Flammarion Barreto, Carlos de Meira Mattos, Bento Bandeira de Mello e Hélio Ibiapina. Entre os civis, escritores e historiadores: Gilberto Freire, Pedro Calmon. Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Jordão Emerenciano. Vasconcelos Sobrinho, Nilo Pereira, Renato Costa, Walter Spalding, Tarcísio Tabora, Luiz Nascimento, Leduar Rocha, Valdemar Valente, Fernando Pio, Orlando Parahym, Antônio de Mello Neto e Ayrton Costa Carvalho.

Referência especial, para nós, merece o brilhante, intenso e decisivo empenho do escritor, historiador, patriota e rio-grandense de escol CLÁUDIO MOREIRA BENTO, pelas celebrações do recente Bicentenário da Conquista do Forte de São Martinho e do Forte de Santa Tecla, junto com a Reconquista da Vila do Rio Grande, ocorrências todas do Rio Grande do Sul.

Além da inestimável contribuição histórica que ofereceu através de alentados estudos e rigorosas pesquisas sobre os fatos referidos, garantindo na imprensa do país a mais larga e justificada divulgação, o historiador CLÁUDIO MOREIRA BENTO, sob a inspiração do mais requintado civismo, desenvolveu -e com singular aprazimento ofereço meu testemunho - vigorosa campanha de incentivo e alerta, sugerindo medidas e programas, e lembrando aos patrícios do sul que "Em 1º de abril de 1976, comemora-se duzentos anos da Reconquista e Expulsão dos Espanhóis do Rio Grande do Sul, do qual chegaram a dominar dois terços no período de 1774/75. Fato de grande expressão histórico-militar e geopolítica, na definição do destino brasileiro dessa unidade da Federação, mas quase apagado na Memória Nacional, merece ser evocado e festejado com relevo e amplitude em todo o país particularmente pelo Governo e Povo sul-riograndenses, como um justo tributo a seus heróicos antepassados que ajudaram, na

Guerra de 1763/76, a alicerçar naquela heróica fronteira sulina, com suor, sacrifício, sangue e vidas preciosas, a base física e o espírito de bravuras e patriotismo do Rio Grande do Sul".

Escolhido e nomeado membro da Comissão de Festejos do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul pelo Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e Membro da Comissão de História Militar do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul -1976, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o consagrado historiador CLÁUDIO MOREIRA BENTO fez da "A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul - 1963/1777 o tema da palestra que proferiu nosodalício em referência.

Voltemos, porém, às cogitações deste livro, marcado pela destinação magnífica de perenizar a lembrança da presença do Negro nos festejos do "Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul".

Trata-se, realmente, de um trabalho de alta valia pela preciosidade dos dados exaustivamente recolhidos na "precariedade das fontes disponíveis sobre o assunto".

Se o "Biênio" buscou corrigir no tempo a esquiva das omissões injustas, o historiador faz do seu livro a atestação solene da grande reparação e torna possível a reconstituição de "capítulos importantes de cerca de três e meio séculos de história dos africanos negros e descendentes do Rio Grande do Sul, bravos e desconhecidos de nossa História", oferecendo subsídios "com base his-tórico-científica, aos historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, tradicionalistas, estudiosos de folclore, romancistas, jornalistas, poetas, dramaturgos, cineastas e talvez até compositores de escola de samba, como temas enredos".

Num vô penetrante pelos domínios imensuráveis do tempo e da História, o Autor leva suas pesquisas aos primórdios da escravidão negra, nos idos de 1434, com a difusão do Maometismo pelos árabes ao norte da África e a formação do eixo comercial com os portugueses.

Estuda depois a escravidão africana na América, com a fracassada tentativa de cativar os índios, e chega finalmente ao Brasil, para situar-se no Rio Grande do Sul.

Maior impulso, então, oferece ao seu ensaio sobre "O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975), e de pronto registra na "Paz de Ponche Verde", final da Revolução Farroupilha, a primeira libertação em massa de escravos negros no Brasil.

Livro honesto e de leitura acessível, sem preocupações de ordem acadêmica ou artificialismos literários, nele o historiador apresenta um estudo escrupuloso corroborado por uma seleção de trabalhos de figuras exponenciais das nossas letras e busca, apenas, na imponência de seus contornos, enfocar a realidade negra na vida rio-grandense em três séculos e meio de convivência efetiva.

E a grande homenagem do Autor que, entre os louros conquistados no certame de letras do "Biênio", declara num gesto de nobilitante modéstia que considera seu ensaio a primeira aproximação monográfica sobre o assunto. E, como primeira aproximação, admite que ela apresente falhas e omissões, "algumas interpretações não absolutamente fiéis e precisas que serão sanadas ao longo dos tempos por outros estudiosos, pelo processo de aproximações secessivas, até estabelecimento, se as fontes primárias o permitirem, da completa ou mais aproximada verdade histórica sobre o tema".

Pelas muitas e bem ordenadas páginas do livro, no desfile animado das gerações, passa toda a multidão negra de personagens que viveram - e vivem ainda - o processo evolutivo da História, desde aqueles que sentiram atrás de si o ranger dos portões da senzala que para sempre se fechavam, até os eleitos que conquistaram a suprema glória da imortalidade, recolhidos ao Panteão da Pátria, como apóstolos, gênios, santos, mártires, heróis, predestinados todos, ou ainda os que aí estão, nos mais variados departamentos da atividade social, honrando e representando a linhagem negra.

Regimento dos Henriques, Mulheres Negras no Exército, Negros Campeiros, Primitivos Tropeiros, Soldados Negros de Pinto Bandeira, Negros

Valentes que não conheciam o Medo, Negros na economia rio-grandense ajudando a sorte do Rio Grande do Sul brasileiro, Lanceiros Negros, Negros na Guerra do Paraguai, na Revolução Farroupilha, na Literatura, nas Artes e nos Esportes, na Política, na Imprensa e na Igreja, na Medicina e na Justiça, Negros enfim em todos os ramos de atividade social, tempos, circunstâncias e lugares, ilustrando o precioso ensaio do historiador gaúcho CLÁUDIO MOREIRA BENTO.

Plenamente atingido resulta o seu elevado intento e patriótico objetivo. Sagrando-se vencedor no importante certame monográfico nacional em homenagem ao Negro no "Biênio da Colonização e Imigração" realizado no Rio Grande do Sul em 1974/1975, o Autor preenche com raro brilho e indiscutível autoridade uma sentida e injustificada lacuna no painel da literatura rio-grandense e registra para o tempo, em letras de ouro, a extraordinária realização que foi o singular evento.

Pode ocorrer até que velhos critérios venham a sofrer alteração, se bem pesada a realidade desse entrelaçamento positivo do Negro na História, na vida e nos destinos do Rio Grande do Sul. É que nela melhor enfronhada, muita gente que nada de si mesma oferece para aprimorar os padrões da nossa convivência inter-racial, mas vive obstinada na preocupação meramente inda-gativa da existência, ou não, do racismo entre nós, pode haurir disposição e entusiasmo bastantes para a conjugação de esforços no brasil eirismo da luta real e democrática contra os focos do estúpido preconceito.

Faço minhas, ao final, as palavras de apresentação do festejado historiador patricio: "Esperamos que o leitor se surpreenda como nós nos surpreendemos ao longo de nossa pesquisa histórica, realizada sob a inspiração do Governo e Povo do Rio Grande do Sul que em muito boa hora resolveram, numa iniciativa sem precedentes, homenagear os rio-grandenses de ascendência africana negra que ajudaram a construir a grandeza do Rio Grande do Sul durante quase três séculos e meio. O Governo e Povo do Rio Grande do Sul resgatarão, assim, uma grande dívida histórica".

BRASÍLIA, junho de 1976.

CARLOS SANTOS

APRESENTAÇÃO

A bibliografia sobre a contribuição dos africanos negros e descendentes no processo histórico do Rio Grande do Sul é escassa para não se dizer quase inexistente.

E, assim mesmo, muitas vezes, difundindo conceitos e idéias errôneas sem fundamento na ciência histórica.

Entre os ensaios realizados sobre o Negro rio-grandense, em bases científicas, registrem-se os do professor Dante de Laytano: *Os africanos no dialeto gaúcho* e *O Negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul* e, do professor Guilhermino César, a síntese intitulada "O Negro", constante de sua *História do Rio Grande do Sul - Período Colonial*.

Na falta de maior bibliografia sobre o assunto, recorremos a estudos genéricos sobre o Negro brasileiro realizados, entre outros, por *Nina Rodrigues*, *Manoel Querino*, *João Ribeiro*, *Arthur Ramos*, *Evaristo de Moraes* e *Gilberto Freire*, os quais, entre nós, têm sido pioneiros no estudo do problema em bases científicas.

Da análise desses autores concluímos que não estudaram os negros e descendentes do Rio Grande do Sul, bem como não possuem pontos de vista unânimes; em alguns casos, são até mesmo conflitantes acerca das regiões, culturas e tribos ou nações de origem dos africanos negros entrados no Brasil como escravos, durante mais de 300 anos, em razão da precariedade das fontes disponíveis sobre o assunto.

Além disso, focalizaram o problema, basicamente, nos atuais Estados de Pernambuco e Bahia.

Ao recorrermos às fontes primárias, concluímos que as mais preciosas e básicas foram mandadas destruir por *Ruy Barbosa*, então Ministro da Fazenda, por Decreto de 14 de dezembro de 1890, com o objetivo aparente de apagar uma "mancha negra" de nossa história - a Escravidão, mas na verdade por razões econômicas.

Esta destruição atingiu assentos de senhores de escravos, matrículas de escravos, taxas de fisco e, aliada à inexistência de documentos relativos a mais de 20 anos de tráfico ilegal de escravos, impossibilitarão reconstituir-se, em todos os seus contornos, com precisão e fidelidade, a história do com ponente africano negro que entrou na formação do habitante típico do Brasil, resultado da miscigenação intensa no caldeirão brasileiro de diversos componentes étnicos.

Restaram como fontes primárias alguns testamentos amigos e anuncios de jornais do período de 1830-1888, sobre transações e fugas de escravos.

Estes documentos são insuficientes para um estudo em profundidade, seja por serem poucos como o caso dos testamentos, seja por omitirem mais de um século de escravidão no Rio Grande do Sul, como o caso dos jornais, além de referirem, ambos, a parcela escrava da população, em detrimento da parcela de africanos e descendentes livres.

A última, de expressão numérica, sócio-econômica e política crescente, desde a *Frota de João de Magalhães*, em 1725-27, até por volta do início do século 20, quando as imigrações e colonizações alemã e italiana ganharam grande expressão e a africana estancou na parte referente à imigração, e entrou em declínio acentuado no tocante à colonização, conseqüências da interrupção definitiva da imigração forçada africana negra, em 1853, absorção progressiva pela branca, mortes na Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai e Revolução de 1893 e de outros fatores ligados ao maior índice de mortalidade e menor de natalidade, decorrentes de menor padrão de vida.

Apesar dessas dificuldades, aceitamos o desafio.

Pesquisamos páginas e páginas de grande parte das principais fontes primárias da História do Rio Grande do Sul à cata de informações específicas, à semelhança de quem procura uma agulha num palheiro.

Aqui deparamos com grande dificuldade nos textos de escritores nacionais; a não distinção, quando livres, da cor da epiderme dos rio-grandenses, fruto da inexistência de uma linha de cor nítida.

Foram de real valia as informações prestadas por estrangeiros que visitaram a Capitania e após Província do Rio Grande de São Pedro do Sul (1820-1858): *Saint-Hilaire*, *Carlos Seidler*, *Arsène Izabelle*, *Nicolau Dreys*, *Eduard Siber* e *Roberto Avè-Lallemant*, embora preconceituosas em alguns casos.

De igual forma, os trabalhos de Debret, texto e iconografia, sobre o estudo do africano negro e descendentes do Rio de Janeiro (1816-1831), porto de origem de mais de 90% dos escravos no Rio Grande, além de alguns iconográficos inéditos sobre o negro nesta Província, obtidos da *Fundação Raymundo de Castro Maya*, através da extinta *Comissão de História do Exército Brasileiro*.

As informações que colhemos tornaram possível, numa primeira aproximação, reconstituirmos capítulos importantes de cerca de três séculos e meio de história dos africanos negros e descendentes do Rio Grande do Sul, grandes desconhecidos de nossa História.

Permitirão que ofereçamos subsídios, com base histórico-científica, aos historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, tradicionalistas, estudiosos de folclore, romancistas, jornalistas, poetas, cineastas e, talvez, até a compositores de escolas de samba, como temas enredos.

Mostrarão a posição de destaque do Rio Grande do Sul na luta pela abolição do tráfico de escravos e da escravidão, graças à atuação, entre outros, do culto imigrante português *Antônio Gonçalves Chaves*, do gaúcho *Hipólito da Costa*, patrono e fundador da Imprensa do Brasil, bem como da Revolução Farroupilha quando, ao final da mesma, através da cláusula IV da Paz de Ponche Verde, foi confirmada a liberdade aos antigos escravos libertos por este movimento para combaterem por seus ideais. Isto, 43 anos antes da Lei Áurea.

E, finalmente, através do *Partenon Literário*, colmeia abolicionista rio-grandense, fundado em 1968, sob o prestígio e autoridade militar do Tenente-General *Manoel Marques de Souza*, *Conde de Porto Alegre*, e liderança intelectual maiúscula de *Apolinário Porto Alegre*, congregando as maiores expressões da intelectualidade da então Província do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Estas informações mostrarão africanos negros e descendentes mais saudáveis e felizes, melhor alimentados e tratados e, sobretudo, com maior liberdade de criatividade e realização pessoal, fruto do costume de seus donos trabalharem lado a lado com eles nas lides pecuárias, do que resultava maior compreensão, afeto, admiração e respeito recíprocos, e da proximidade de territórios argentinos e uruguaios, onde a escravidão fora abolida no início do século 19, o que obrigava o senhor a tratar melhor o escravo, sob pena de perdê-lo, por fuga, para as nações vizinhas.

Estas condições favoráveis, consideradas em conjunto, tornaram o Rio Grande, no dizer de *Saint-Hilaire*, o local do Brasil "onde os escravos eram mais felizes", além de regenerador daqueles "rebeldes viciosos e portanto considerados imprestáveis" vendidos no Rio de Janeiro com um destino expresso, como condição de venda e como presumível castigo, sobretudo pelo frio — o atual Rio Grande do Sul.

O resultado de nossas pesquisas é o que apresentaremos a seguir, como uma justa homenagem aos africanos negros e descendentes do Rio Grande do Sul, pela expressiva contribuição que emprestaram, durante mais de três séculos, no processo histórico dessa unidade da Federação, principalmente como excelentes soldados de

nossas guerras no Sul (1680-1870), ao ponto de serem cognominados, com muita justiça, por um oficial daquelas lutas, de *Suíços da América*.

Neste último caso, citamos dois exemplos históricos eloqüentes: o primeiro, os negros valentes de Rafael Pinto Bandeira "*que el temor no conociam*" de atuação decisiva nos combates de Santa Bárbara e Tabatingaí em 1774, na definição, pela força das armas brasileira, do Rio Grande do Sul.

O segundo, os célebres "*lameiros negros farroupilhas* " que em Porongos salvaram do desastre total a Revolução Farroupilha e seus ideais consagrados pelos constituintes de 1891, nos quais repousam as mais legítimas e caras tradições do Rio Grande do Sul.

Esperamos que o leitor se surpreenda com a dimensão da contribuição do Negro, como nós nos surpreendemos ao longo de nossa pesquisa, realizada sob a inspiração do Governo e Povo do Rio Grande do Sul que em muito boa hora resolveram, numa iniciativa sem precedentes, homenagear os rio-grandenses de ascendência africana negra que ajudaram a construir a grandeza do Rio Grande do Sul durante quase três séculos e meio. O Governo e Povo do Rio Grande do Sul resgatarão, assim, uma grande dívida histórica.

O autor



Cópia do original da Lei Áurea, vendo-se no canto direito inferior, a assinatura do gaúcho pelotense Conselheiro Antônio Ferreira Viana, Ministro da Justiça, que deu redação definitiva a este célebre documento chamado desde então Lei Áurea.
{Fonte: Arquivo Nacional. Serviço Gráfico da Fundação IBGE}

A GUISA DE INTRODUÇÃO

Discurso na instalação da Comissão de Homenagem ao Negro

Deputado Victor Faccioni

(Presidente da Comissão Coordenadora do Biênio da Colonização e Imigração e Secretário de Estado Extraordinário para Assuntos da Casa Civil do RGS).

Na cadeia de eventos que vêm assinalando os preparativos para a abertura, ainda este mês, do Biênio da Colonização e Imigração, a solenidade que hoje nos reúne assume singular relevo. Quis o Governo do Estado que esta quadra festiva de 1974 e 1975, marcada por efemérides importantes para o Rio Grande do Sul, quais sejam os 150 anos da vinda dos primeiros colonos alemães e os 100 anos da chegada dos imigrantes italianos, servisse igualmente para destacar, na sua íntegra, todos os valores humanos que deram à nossa paisagem social, econômica, política e cultural as admiráveis características que a distinguem e, dentro as quais, fora de dúvida, a da integração perfeita, em todos os planos, é a mais poderosa e a que melhor diz da maneira de sentir do povo gaúcho.

Neste panorama de valores humanos, nessa amálgama de etnias que se formou sobre a vastidão das coxilhas, o azul das serras, o fecundo dos vales, a orla imensa do mar e a amplidão do planalto da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, não poderia ficar sem destaque o Negro rio-grandense, por tudo quanto ele realiza no presente, pelo papel que a ele se destina no futuro radioso que todos desejamos para a nossa terra querida.

Esta é a quinta Comissão do Biênio da Colonização e Imigração, que se instala nesta mesma sala, cenário de tantos acontecimentos significativos para a vida gaúcha. Sua finalidade é homenagear os negros brasileiros, rio-grandenses de descendência africana, por sua contribuição à formação do Rio Grande.

É diferente, senhores e senhoras, do alemão, do italiano, do luso e de todas as demais etnias que procuraram, no Rio Grande do Sul, o solo onde deitar a semente generosa dos seus sonhos e esperanças, a contribuição que o negro deu ao nosso Estado. Transplantado de suas raízes telúricas milenares, vindo em cativo, o negro não trouxe para o Rio Grande artesanato, nem o conhecimento de práticas agrícolas ou rudimentos industriais, nem ainda as tradições culturais de povos mais avançados na técnica ou no pensamento. Mas trouxe - e isso foi importante - a contribuição de uma cultura atávica de milênios, não escrita. Incorporou, ao nosso "melting pot", um psiquismo altamente desenvolvido. Trouxe uma sensibilidade inata, riquíssima, que veio a encontrar o seu caminho, principalmente através de manifestações no campo da cultura, da arte e da comunicação popular.

O Negro não foi imigrante nem colono. Mas foi peão de estância, foi domador, foi cavaleiro, foi soldado, foi revolucionário, foi braço anônimo que carregou pedra na construção ciclópica dos molhes de Rio Grande e braço que bateu pino, arduamente, na construção das linhas férreas que cortaram o território do Continente. Foi mineiro a céu aberto e deu carvão para que a indústria nascesse no Sul. Foi mateiro, valente e destemido, que abriu os caminhos do alto Uruguai. O Negro deixou a sua marca em quase todas, senão em todas as etapas da descoberta e da consolidação da Província rio-grandense. Foi marinheiro — imperial marinheiro — na guerra do Paraguai e deu exemplo de amor à Pátria quando em outras partes do Brasil se dizia que aqui, no Rio

Grande, era pouco o sentimento de brasilidade. Quando então se dizia isso, foi o Negro que deu a sua vida para defender o pavilhão auri-verde da unidade nacional. Foi o Negro que deu ao Brasil e ao Rio Grande o mais amplo e sábio sentido de festa popular, onde a comunhão de raças e classes supera todos os tratados sociológicos que buscam soluções para o convívio dos homens, como, por exemplo, o Carnaval ou essa esplêndida manifestação de fé religiosa que é a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O Negro compreendeu, melhor do que ninguém, que o matemático ritual do futebol poderia se transformar num espetáculo de massas e em veículo de afirmação social. E realizou essa transformação, transmudando o frio esporte britânico, trazido pelos ingleses para a cidade de Rio Grande, numa festa que hoje é alegria nacional dos cem milhões de habitantes deste país. O Negro trouxe energia para nossa mão de obra, mas trouxe, principalmente, uma visão cósmica de tolerância e humanidade que temperaram as inquietações e deram ao homem do Rio Grande do Sul um estado permanente de lucidez, de consciência do tempo, de valoração dos elementos existenciais, de dignificação do convívio social, de projeção e esperança para o futuro.

Hoje, quando instalamos a Comissão do Biênio que irá conduzir o merecido programa de homenagem e exaltação a quanto devemos ao Negro, em nossa formação como Estado e como povo, parece-nos justo que pensemos, igualmente, no Negro como a ponte humana, a ponte cultural, a ponte social que no futuro próximo deverá unir os nossos destinos, os destinos do Brasil português, implantado em terras da América, com as nações africanas, algumas das quais receberam também a contribuição da lusa gente.

Se o século dezenove e a primeira metade do século vinte viram a raça anglo-saxônica estabelecer uma ponte que une os dois lados do Atlântico Norte, as circunstâncias históricas nos mostram a possibilidade de, nesta segunda metade do século vinte e, pelos anos a fora do século vinte e um, transformarmos as rotas do Atlântico sul em caminhos de prosperidade, em caminhos de humanidade, de intercâmbio e de comunhão. Aí está, senhores, o que talvez venha a ser, nos próximos anos, a nova e ainda maior contribuição do Negro para o Rio Grande e para o Brasil. Talvez que, pela porta atlântica do superporto de Rio Grande, nós encontremos o caminho da África, a rota das novas, jovens e florescentes nações africanas que despertam para a civilização e hoje se integram, à plenitude, no convívio mundial dos povos livres e soberanos, ao impulso de uma profunda, sentida e respeitável consciência nacional. Talvez caiba aos negros brasileiros, aos brasileiros negros, lado a lado com seus irmãos de origem portuguesa, de origem italiana, de origem alemã, de todas as origens, serem os embaixadores, os porta-vozes, os pioneiros desta ponte de amizade e de interesses que nos deverá unir à África, alicerçada na sensibilidade comum, na intuição de que os dias do porvir retratam, no horizonte, as condições de uma nova potência em surgimento — o hemisfério sul. Pois estamos chegando à idade dos continentes jovens, jovens econômica e politicamente, como são as nações da América e da África. E nós, os negros brasileiros, nós, os brancos brasileiros, que temos em nosso caldo cultural o misticismo, a arte, a sabedoria existencial da África; a culinária de toda a África; a resistência física vinda da África; o conhecimento e o hábito da vida no trópico; e, acima de tudo, o sentido libertário de resposta à tecnocracia, à vida urbana exageradamente complexa — talvez caiba a nós, nos próximos anos, apoiados no que se chama hoje de "modelo brasileiro", nesta resposta tipicamente verde-amarela que envolve a economia, que envolve a sociologia, que envolve a política e que forja neste país um modelo novo, de democracia econômica e racial, talvez caiba a nós levarmos para a África, oferecermos às jovens nações africanas, que buscam os seus caminhos, princípios de identidade com os quais, através do auxílio mútuo, da compreensão, da amizade, da sensibilidade, usando a inteligência mas também o coração, possamos estabelecer, através desta ponte, não a hegemonia, mas a afirmação do hemisfério sul perante o concerto dos povos.

Senhores, tanto haveria ainda a dizer, neste instante em que nos preparamos para prestar ao Negro, no Rio Grande do Sul, homenagens talvez inéditas, por sua extensão, na vida brasileira! Foi o Negro que nos trouxe, por exemplo, com o seu misticismo característico, com a sua vivacidade, com a sua sagacidade, muito do "saber viver", do "saber fazer", que se chama "o jeito brasileiro", este misto de filosofia, de tolerância, de compreensão humana e de habilidade para resolver problemas. Foi o Negro que nos trouxe, através do seu desenvolvido psiquismo, por vezes mal confundido com indolência, o sentido de viver do dia-a-dia, o sentido de aproveitar tudo o que a vida oferece. E o sentido de comunhão com a natureza que talvez seja atávica, seja anímica, pois o Negro trouxe no seu sangue o amor pelos espaços físicos; as florestas, as amplidões, as certezas ecológicas de uma África ainda hoje não contaminada pelas civilizações urbanas.

É o Negro que impregna a nossa música, a nossa pintura, a nossa escultura, as nossas letras, com a sua influente e marcante presença. No lendário popular do Rio Grande do Sul, a página mais bela, mais comovente, continua sendo a do Negrinho do Pastoreio, universalizada pelo gênio literário de Simões Lopes. E ainda há poucos dias, quando se procurou expressar, de uma forma material, o apreço do povo rio-grandense a um conterrâneo ilustre — o Presidente Medici —, foi na figura do Negrinho, plasticamente transfigurada em bronze, que se entregou ao grande Presidente que saía — a alma e o coração do Rio Grande.

Finalizando, senhores, quero expressar ao meu digno colega de Assembléia Legislativa, o ilustre dep. Carlos Santos, a quem o Governo do Estado confia neste instante a Presidência da Comissão de Homenagem ao Negro, bem como a todos os seus devotados companheiros de Comissão, a certeza do apoio e da irrestrita colaboração da Comissão Coordenadora do Biênio que tenho a honra de presidir. Esta manifestação é também do Senhor Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, Coordenador Geral. Nossos são os melhores votos de que a Comissão que ora se instala alcance os seus altos e nobres objetivos, fazendo-se intérprete fiel dos sentimentos do povo gaúcho para quem jamais importou a cor da epiderme dos seus irmãos negros, mas o que se lhes vê nos olhos limpos e leais, sinceros e fraternos, e o que de digno e profundo brota dos seus corações de patriotas e de rio-grandenses. Disse.

(Discurso pronunciado no Palácio Piratini em 25 de março de 1974, por ocasião da instalação da Comissão de Homenagem ao Negro, presidida pelo deputado Carlos Santos. Isto, cerca de 128 anos após atos avançados para a época, emanados do Palácio do Governo da República Rio-Grandense de sua capital Piratini, destinados a defender os direitos humanos de seus cidadãos negros).

CAPÍTULO 1

ASPECTOS DA PRESENÇA DO NEGRO NO BRASIL - AMBIENTAÇÃO

Ambientação que se impõe

Antes de iniciarmos a abordagem do tema *O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul*, impôs-se este breve capítulo de ambientação, no qual recordaremos com o leitor, de modo sintético, aspectos relevantes relacionados com o Negro nas Américas e no Brasil, tais como:

- Algumas efemérides e fatos relacionados com a luta para abolir a escravidão nas Américas e no Brasil.
- Localizações das principais concentrações de africanos negros no Brasil e fatores que as condicionaram.
- Contribuições sócio-culturais marcantes do negro brasileiro, segundo destacados estudiosos brasileiros do assunto.
- Áreas geográficas e culturais de procedência de "stocks" africanos negros, segundo estudiosos de várias gerações.
- Dificuldades encontradas para o estudo do negro brasileiro em todos os seus contornos, no tocante a fontes primárias de história.
- Visão da escravidão no Brasil, por ocasião da Independência, segundo dois viajantes estrangeiros e que constará dos anexos A e B, do presente capítulo.
- Traços antropológicos, fixados por Debret, dos negros entrados no Rio de Janeiro, de onde procede a maior parte dos que entraram e se fixaram no Rio Grande do Sul no período 1737-1853.

Resenha da luta para abolir a escravidão nas Américas

Em 1750, o brasileiro Dr. Manuel Ribeiro da Rocha, advogado em Salvador, publicou em Lisboa veemente libelo contra a escravidão.

- Logo após, o Marquês de Pombal aboliu a escravidão em Portugal.
- Em 1807, a Inglaterra proibiu o tráfico de escravos para suas colônias.
- Em 1811, a Inglaterra decidiu acabar com o tráfico marítimo de escravos, praticado por quem quer que fosse. Portugal não cumpriu o acordo estabelecido em 1810.
- Em 1813, a Argentina aboliu a escravidão.
- Em 1817, no Rio Grande do Sul, Antônio Gonçalves Chaves, rico char-queador em Pelotas, em discurso veemente, condenou a escravidão, moral e economicamente.
- 1817 - os revolucionários de Pernambuco sustentaram como princípio o desejo de extinguir a escravidão no Brasil, embora de forma "lenta, regular e legal". (1)
- 1822 - Hipólito José da Costa, o patrono e fundador da Imprensa no Brasil, condenou com veemência a escravidão no Brasil independente.
- 1823 - A Assembléia Constituinte do Brasil rejeitou projeto apresentado por José Bonifácio, prevendo a Abolição da Escravatura.
- 1824 - Negros ganham a liberdade ao ingressarem no Exército.

- 1826- Inglaterra obrigou o Brasil, como condição de reconhecimento de sua Independência, a assinar tratado de extinção do tráfico de escravos.
- 1827 - Câmaras ratificam termos do tratado a vigorar 3 anos após.
- 1829 - México aboliu a escravatura.
- 1831 - Brasil proibiu o tráfico de escravos da África.
- 1845 - São libertados pelo Império todos os escravos que combateram pelos ideais da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul.
- 1845 - Foi celebrado o "Bill Aberdeen" entre Inglaterra e Brasil. Por este instrumento a Inglaterra podia inspecionar todos os barcos brasileiros para reprimir o tráfico negreiro. Nos três anos seguintes, cerca de 300 barcos brasileiros foram destruídos ou aprisionados, por envolvimento no tráfico negreiro.
- 1850 - Lei Euzébio de Queiroz, proibindo no Brasil o tráfico de escravos por navios de qualquer bandeira.
- 1853 - Fim efetivo da entrada de escravos no Brasil.
- 1863 - Foi abolida a Escravatura nos Estados Unidos.
- 1865 - Concessão de liberdade a escravo brasileiro que desejasse servir no Exército e título de nobreza ao senhor que os libertasse com a mesma finalidade.
- 1870 - O oficial do Exército Felipe Neri, em cerimônia na *Loja Maçônica Fé* criada em Assunção, em homenagem ao Visconde de Rio Branco, eleito Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira, exortou-o a abolir a escravidão no Brasil.
- 1871 - Foi decretada a Lei do Ventre Livre, de inspiração do Visconde de Rio Branco. Ele teve de subir 21 vezes à tribuna na Câmara, para defender seus pontos de vista.
- 1884 - O Ceará eliminou a escravidão em seu território, graças à campanha iniciada pela *Sociedade Cearense Libertadora*, sob a presidência, na ocasião, do general Tibúrcio, um dos mais bravos e intrépidos combatentes brasileiros na Guerra do Paraguai.
- 1885 - Foi decretada a Lei dos Sexagenários, liberdade automática ao escravo que completasse 60 anos.
- 1888 - Lei Áurea pondo fim à escravidão no Brasil.

A escravidão no Brasil teve fim decorridos 71 anos, da elaboração, em Pelotas, o maior centro de escravos no Rio Grande do Sul, de *Discurso* condenando a escravidão no Brasil, de autoria de Antônio Gonçalves Chaves.

Este trabalho, junto com outros, seria oferecido pelo autor à Assembleia Constituinte do Brasil, em 1822, sob o título de *Memórias Economo-Políticas*, autêntico levantamento estratégico do Rio Grande do Sul, por ocasião de nossa Independência.

Em lugar próprio abordaremos seu pensamento.

A primeira libertação em massa de escravos foi no Rio Grande do Sul, por ato do Governo da República Rio-Grandense.

Ela seria confirmada, em parte, pelo Império, nos termos da cláusula IV da Paz de Ponche Verde, que pôs fim à Revolução Farroupilha:

"IV - São livres e como tal reconhecidos todos os escravos que servirem à República,

Concentrações escravas no Brasil

O negro estava presente nas capitais e nos locais de plantação de cana-de-açúcar, Pernambuco, Bahia e São Vicente; locais de mineração em Minas Gerais; locais de plantação de café, Guanabara, Rio de Janeiro e São Paulo; e de produção do charque e trigo no Rio Grande do Sul.

Estas atividades eram tipicamente sedentárias e a cada uma delas correspondeu um ciclo econômico: *Cana-de-Açúcar*, *Ouro* e *Café*.

Nas atividades nômades era anti-econômico o uso do braço escravo.

No Rio Grande do Sul houve os ciclos do *Trigo* e do *Charque*, subsidiários dos ciclos do *Ouro* e *Cana-de-Açúcar*.

Destinavam-se, basicamente, a produzir trigo para toda a Colônia e carne salgada para alimentar marinheiros em viagem e escravos dos grandes centros produtores de cana-de-açúcar e ouro do Brasil, além de diversos mercados internacionais, concentrações de escravos.

Com o florescimento da indústria do charque no Rio Grande do Sul e necessidade de maior produtividade para atendê-la, foi necessário produzir cada vez mais nas estâncias.

E, para tal, nelas foi introduzido o braço escravo. Ah, na paz, o Negro tornou-se indispensável como domador, campeiro e agricultor de subsistência da estância; na guerra, excelente e temido soldado de Cavalaria e fiel companheiro e escudeiro de seu patrão.

Até a Revolução de 1923 foi comum o patrão seguir para a luta fazendo-se acompanhar de seus peões pretos, crias da casa, que atuaram, basicamente, como escudeiros dos patrões ou *camaradas militares*.

No Rio Grande do Sul as maiores concentrações de escravos verificavam-se nas charqueadas de Pelotas, Jaguarão, Triunfo e Taquari, nas plantações de cana-de-açúcar de Osório, portos de Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte e regiões de agricultura do trigo, Canguçu, Piratini, etc...

Até hoje é possível observar-se, entre Terra de Areia e Osório, ao longo da BR-101, grande densidade de negros e mulatos.

Enfim, nas atividades mais sedentárias e de maior expressão econômica, o Negro foi presença marcante como força de trabalho.

CARACTERÍSTICAS DO NEGRO BRASILEIRO

Contribuição à formação do Brasil

Buscando informações em Gilberto Freire em sua obra *Casa Grande e Senzala* transcrevemos seu abalizado ponto de vista:

"Por todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravos negros, dos *stocks* mais adiantados, em condições de concorrer melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil.

Às vezes melhor que os portugueses". (2)

Entre esses traços Gilberto Freire destacou o nomadismo do índio que o incapacitava para o trabalho agrícola, ao contrário do sedentarismo do negro, já afeito na África ao trabalho da agricultura e "AO DA CRIAÇÃO DO GADO E A UTILIZAÇÃO DE SUA CARNE E LEITE". (3)

Esta última característica seria de grande validade no Rio Grande do Sul. O Negro tornou-se o peão de estância, por excelência, quando capataz, muito responsável e prudente.

Para Gilberto Freire os escravos brasileiros foram transportados de diversas áreas de cultura desenvolvida, e afirma a certa altura:

"A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo elementos por assim dizer de elite, que faltaram em mesma proporção nos Estados Unidos." (4)

E prossegue em outra parte:

"O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais, que lhe amaciou a terra, que lhe completou a riqueza das manchas de massapé. Vieram-lhe da África donas de casa para seus colonos sem mulher branca, técnicos para as minas, artífices em ferro; *negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril*; comerciantes de panos e sabão, mestres, sacerdotes e tiradores de rezas maometanos." (5)

No Rio Grande do Sul poderíamos dizer que foi o Negro quem representou a técnica e a energia que acionaram, por mais de um século, as indústrias do charque no Rio Grande do Sul, a principal riqueza dessa unidade da Federação, até o advento dos frigoríficos. Indústria, onde o Negro se fez presente, seja nas estâncias como técnico no manejo do gado vacum, seja nas charqueadas, em todas as fases do preparo do charque, produto destinado a ser consumido basicamente, no mercado nacional e internacional, por grandes concentrações de escravos. No Brasil, os principais mercados de charque coincidiram com as maiores concentrações de escravos: Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais.

Outras influências do Negro

O Negro teve grande influência na *Cultura Brasileira*, principalmente no Nordeste.

Gilberto Freire a estudou no 2^o volume de sua famosa obra *Casa Grande e Senzala*. Dela extrairei alguns tópicos para melhor orientar meu ensaio referente à contribuição do Negro no Rio Grande do Sul, não estudada em *Casa Grande e Senzala* e a merecer um estudo que poderia chamar-se de "*Casa de Estância e Galpão*."

Os negros que vieram para o Brasil falavam os seguintes idiomas: BANTO, QUIMBUNDO ou CONGOTUSE, GEGE, HAÛCA, NAGÔ ou IORUBÃ. O último, segundo o Visconde de Porto Seguro, foi mais falado na Bahia que o próprio português. (6)

Para Gilberto Freire os escravos brasileiros foram transportados de diversas áreas de cultura desenvolvida, e afirma a certa altura:

"A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo elementos por assim dizer de elite, que faltaram em mesma proporção nos Estados Unidos." (4)

E prossegue em outra parte:

"O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais, que lhe amaciou a terra, que lhe completou a riqueza das manchas de massapé. Vieram-lhe da África donas de casa para seus colonos sem mulher branca, técnicos para as minas, artífices em ferro; *negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril*; comerciantes de panos e sabão, mestres, sacerdotes e tiradores de rezas maometanos." (5)

No Rio Grande do Sul poderíamos dizer que foi o Negro quem representou a técnica e a energia que acionaram, por mais de um século, as indústrias do charque no Rio Grande do Sul, a principal riqueza dessa unidade da Federação, até o advento dos frigoríficos. Indústria, onde o Negro se fez presente, seja nas estâncias como técnico no manejo do gado vacum, seja nas charqueadas, em todas as fases do preparo do charque, produto destinado a ser consumido basicamente, no mercado nacional e internacional, por grandes concentrações de escravos. No Brasil, os principais mercados de charque

coincideram com as maiores concentrações de escravos: Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais.

Como palavras de origem negra, muito usadas e difundidas no Rio Grande do Sul, registrem-se as seguintes: CAÇAMBA, CANGA, CAFUNÉ, MULAMBO, CAÇULA, QUITUTE, MANDINGA, MOLEQUÊ, CAFAJESTE, QUIBEBE, BATUQUE, BANZO, MOCOTÕ, BUNDA, QUINDIM, CATINGA, TANGA e CACHIMBO. (7)

E como expressões:

MANDA, BUSCA, COME, MI ESPERE, TI FAÇO, MI DEIXE, MULER, COLER, TE PEDIU, CADÊ ELE, VIGIE, ESPIE, etc. (8)

Como nomes usuais de negros no Brasil, o autor citado relacionou: BENEDITO, BENTO, COSME, DAMIÃO, ESPERANÇA, FELICIDADE e LUZIA. (9)

Como pratos típicos africanos: FAROFA, QUIBEBE, CANJICA e MOCOTÕ: O último, muito usado até hoje nas cidades de PORTO ALEGRE, PELOTAS e RIO GRANDE e outras que sofreram maior influência negra.

Dificuldades para o estudo do Negro no Brasil

Não é tarefa fácil, hoje, precisar-se a origem dos negros entrados no Brasil, por reconstituição histórica. O maior problema reside na destruição, por ordem do Governo, de preciosas fontes primárias históricas e antropológicas, constantes da documentação oficial sobre a Escravidão no Brasil.

Motivou essa destruição a Circular nº 29, de 14 de dezembro de 1890, do Ministério da Fazenda. (10)

Outros alegam motivos de ordem moral, necessidade de apagar-se uma mancha racial, pela eliminação de suas provas.

Ouvi, em Brasília, no Curso sobre Administração de Arquivos, ministrado no Auditório da Câmara dos Deputados, que a única vez em que aquela casa se manifestara sobre documentação nacional, ou preservação da memória brasileira nela contida, foi para congratular-se pela destruição de documentos sobre Escravidão no Brasil.

Por outro lado, muito sobre a entrada de negros no Brasil ficaria irremediavelmente desconhecido, mesmo sem a Circular Ruy Barbosa, pois esta atividade desenvolveu-se por mais de 50 anos, na clandestinidade, como atividade criminosa, perante nossas leis, embora tolerada, de fato, por algumas de nossas autoridades.

Restaram, como fonte histórica para determinar-se a nação ou procedência dos negros entrados no Brasil, testamentos antigos.

Era comum neles declarar-se a nação de origem dos escravos.

Estes documentos permitiram a alguns pesquisadores brasileiros reconstituir algo.

'Stocks' entrados no Brasil

Sintetizando diversas informações contidas em *Casa Grande e Senzala*, poderíamos dizer dos "stocks" negros presentes no Brasil:

MINAS, bravos guerreiros. ARDAS, guerreiros intrépidos e péssimos escravos agrários. ANGOLAS, robustos e resistentes ao trabalho. Os CONGO, os SOMBRENJES e os ANGOLA, bons para o trabalho no campo. Os de GUINÉ, CABO e SERRA LEOA, maus escravos, porém bonitos, principalmente as mulheres e, por isso, preferidas para serviços domésticos.

Os PULBE (Fula, Fulani, Felava, Felani e Fube), pretos de raça branca ou FULAS, de cor cobre avermelhada e cabelos ondedos, rosto oval e nariz proeminente, "stock" de características culturais superiores.

Os HAÚÇA, mestiços de hamitas com predomínio de traços de raça negra e que entraram largamente na Bahia. Os MANDINGO, com sangue árabe, também entraram em grande número no Brasil.

Os IORUBA, com sangue não negro a identificar.

Os BANTO, apresentando diversas variedades de tipos e sangue, e que se julgou, por muito tempo, o grupo negro predominante, ou único.

Outras nações: CABUNDONGO, ANGOLA, MOÇAMBIQUE, CACANJE, CONGO, REBOLO, BENGUELA, MUXICONGO, MINA, CABINDA, CALABAR, ANGICO, CABUNDA, COSTA, GABÃO, GEGÁ, QUIZAMA, BEGO, BACA, MAZANGO, UBACA ou EMBAÇA, CAN-GUELA, MALEMBÁ, MACANGANA, COSTA DE CAXEU, SENZE ou SEN-GE, IBANARA, BUDE ou BUFE, segundo pesquisa de José Antônio Gonçalves de Mello Neto, no *Diário de Pernambuco*. (11)

Os principais mercados de escravos para o Brasil teriam sido as costas de SERRA LEOA, de ANGOLA e os portos do GOLFO DE GUINÉ.

O assunto sobre as nações origem dos escravos no Brasil não é definitivo. Braz do Amaral identifica os seguintes "stocks" (12), alguns já mencionados:

IORUBAS, EGBAS, GEGES, DAOMEANOS, KRUMANOS, FI-LÃNIO, TIMINIS, BENGOS, GALINAS, EFANS, AXANTES, CABINDAS, ANGOLAS, MINAS, HAUÇÁS e IJEJAS.

Antonil juntou as seguintes referências sobre os negros, dizendo que predominavam os ARDAS, os CONGOS e os MINAS. Eles comporiam, um século após, o Terço de Henrique Dias, nas Batalhas dos Guararapes, conforme abordaremos em local apropriado.

O Negro é a alegria brasileira

Para Gilberto Freire, "o negro foi quem animou a vida doméstica brasileira de sua maior alegria", hoje projetada no gosto pelo Carnaval e Futebol, o primeiro, a maior festa popular nacional e, o segundo, o esporte nacional por excelência.

"O português, já por si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho, e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza.

Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa " (13). Observe-se a música do sertão nordestino.

"A risada do negro é que quebrou toda essa apagada e vil tristeza em que se foi abafando a vida nas casas-grandes."

Foi ele que deu colorida alegria a todas as festas populares, tornando-as tradicionais.

Para exemplificar a melancolia portuguesa, com a alegria brasileira de influência acentuadamente africana, comparemos o FADO de Portugal com o SAMBA no Brasil.

"Os negros trabalharam sempre cantando", (14) talvez uma forma de espantar seus males e desditas.

Alguns dos traços mais sublimes do Caráter Nacional são de acentuada influência negra: ALEGRIA, BONDADE, TOLERÂNCIA E AMOR À PAZ.

A primeira, natural da raça negra, e as três últimas resultaram do sofrimento do trabalho servil combinado com o espiritualismo do negro, hoje tão difundido na família brasileira sob a forma de cultos afro-brasileiros.

Estes traços estão bem caracterizados nas populações da BAHIA e RIO DE JANEIRO. Em Pelotas podem ser observados também em menor escala.

Uma grande dificuldade para o estudo do negro livre no Brasil provém da inexistência de linha de cor nítida.

Bastava o homem ser livre para se tornar difícil, senão impossível, distinguir sua cor. (15)

Ademais passavam a adotar, após registrados, o nome das famílias onde seus pais ou eles próprios foram escravos.

Nas notas a seguir a este capítulo o leitor encontrará interessantes complementos sobre as origens do Negro do Rio Grande do Sul, segundo Seidler, provenientes do Congo, Angola e Moçambique. (16)

ALGUNS TIPOS DE AFRICANAS NEGRAS E DESCENDENTES NO RIO DE JANEIRO, CERCA 1817 - 1831, CONSTAN-
 TES DA GRAVURA A SEGUIR - DESTE PORTO PROVEM A MAIORIA DOS NEGROS ENTRADOS NO RIO GRANDE DO
 SUL, CERCA 1750 - 1850.

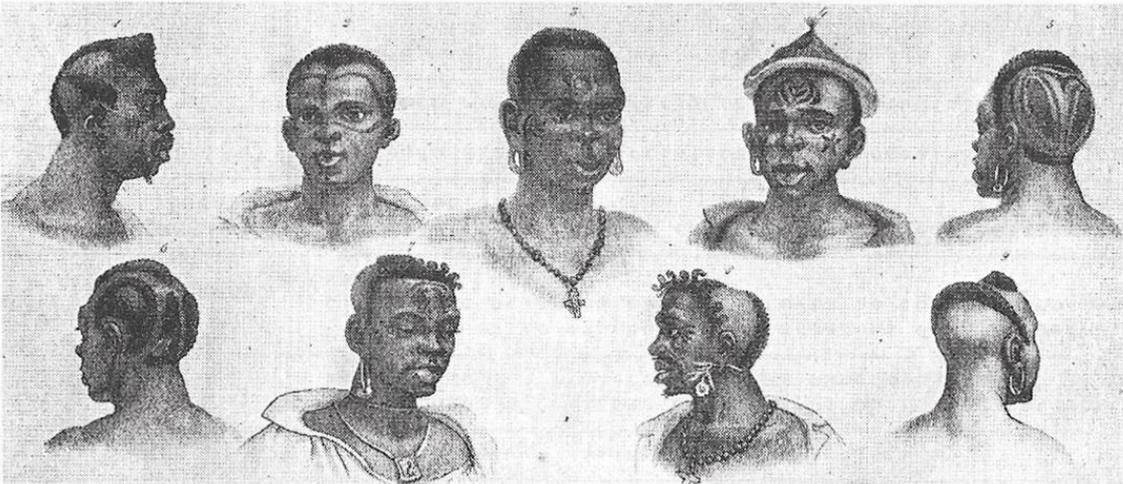
Nº DE IDENTIF.	DENOMINAÇÃO GÊNÉRICA	S I T U A Ç Õ E S S O C I A I S
1	REBOLO	Criada de quarto, imitando o penteado de sua ama
2	CONGO	Esposa de trabalhador negro livre em traje de visita
3	CABRA	Filha de mulato e mulher negra em traje de visita
4	CABINDA	Criada de quarto vestida para levar criança à pia batismal
5	CRIOULA	Escrava de gente rica, nascida no Brasil
6	CABINA	Criada de quarto de jovem senhora rica
7	BENGUELA	Criada de quarto de uma casa opulenta
8	CALAVA	Jovem escrava vendedora de legumes, tatuada com terra amarela
9	MOÇAMBIQUE	Mulher negra, livre, recém-casada
10	MINA	Primeira escrava de um negociante europeu
11	MONJOLA	Antiga ama e pajem de casa rica
12	MULATA	Filha de branco com mulher negra, concubina ou amásia
13	MOÇAMBIQUE	Escrava de gente abastada
14	BANGUELA	Escrava vendedora de frutas, penteada com vidrilhos
15	CASSANGE	Primeira escrava de um artífice branco
16	ANGOLA	Mulher negra livre, quitandeira



TATUAGENS PECULIARES A ALGUMAS NAÇÕES AFRICANAS NEGRAS E PENTADOS MAIS ELEGANTES USADOS PELOS ESCRAVOS CARREGADORES DE FARDOS, DE CARRO E CANGUEIROS NO RIO DE JANEIRO, 1817 - 1831, DE ONDE PROVÉM A MAIORIA DE ESCRAVOS ENTRADOS NO RIO GRANDE DO SUL.

NÚMERO	NAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DA NAÇÃO E DOS PENTEADOS
1	MONJOLO	Reconhecível pelas incisões verticais
2	MINA	Tez bronzeada bastante clara - Os pontos da tatuagem destacavam-se por seu tom violáceo (Foram numerosos no RGS)
3	MOÇAMBIQUE DO SERTÃO	"Negro de elite empregado nos armazéns da Alfândega". E reconhecível pela meia-lua na testa feita na costa de Moçambique ao ser vendido.
4	MOÇAMBIQUE LITORAL	Tez mais clara e menor estatura combinada com tatuagem indica sua precedência.
5	BANGUELA	Penteado executado artisticamente a navalha e a tesoura
6	—	Penteado executado artisticamente a navalha
7	CALAVA	Vendido na costa de Moçambique. Penteado de grande luxo e lábio inferior deformado desde criança como costume tribal
8	MOÇAMBIQUE	Cabelo em diadema separado por mechas de 5 polegadas, no mínimo. A perfuração na orelha é usada para enfeitar com flores.
9	—	Penteado mais simples que era de uso generalizado pelos carregadores.

FONTE: DEBRET. Viagem Pitoresca... prancha 26 p 233



ANEXO A AO CAPITULO 1

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL c. 1822-1832, VISTA POR UM VIAJANTE ALEMÃO

Após a Independência, D. Pedro I contratou tropas alemãs a serviço do Brasil. Entre estas tornou-se famoso o 27º Batalhão de Caçadores Alemães, que lutou na Batalha de Passo do Rosário.

Um de seus integrantes, o tenente Carlos Seidler, após permanecer longo tempo no Brasil, retornou à Alemanha onde editou um livro traduzido para o português com o título de Dez Anos de Brasil.

Seidler observou e escreveu sobre a escravidão no Brasil, dizendo com isso contribuir para eliminar algumas idéias errôneas sobre o assunto propagadas por pessoas inscientes e descritoras de viagens feitas sem terem saído de casa.

Entre elas avultam as seguintes:

— Os escravos enviados para o Brasil já eram escravos de seus semelhantes, ou por eles tornados escravos, se livres, mas fracos.

- O bom tratamento dispensado aos escravos nas viagens, não por humanidade, mas por imposição comercial.
- Origem e características dos escravos introduzidos no Brasil.
- Aspectos do tráfico negroiro.

Transcrevo a seguir parte dessas observações para que sirva de fonte primária ao estudo da escravidão no Brasil.

"Aqui encontro outra vez uma dupla cruzinha em meu diário e como memento desenhei abaixo dela uma cabeça de negro. Isso significa que aqui é o ponto adequado para dar alguns esclarecimentos sobre as condições dos negros no Brasil, em geral, bem como especialmente sobre a escravidão, para corrigir muitas coisas que a respeito têm espalhado pessoas inscientes e certos descrevedores de viagens feitas dentro de casa".

Os negros entrados no Brasil eram escravos na África

"A maior parte dos negros que continuam a ser introduzidos da África no Brasil, já em sua pátria eram escravos, ou por terem sido feitos prisioneiros em guerra, ou por serem descendentes de prisioneiros.

Tais homens podem, pois, considerar-se felizes quando aparece um comprador para eles, que os livre dos bárbaros tratos de seus irmãos negros, pois está demonstrado que o negro livre, tanto na África como no Brasil, trata a seu semelhante muito mais cruelmente do que é capaz de fazê-lo qualquer branco.

Selvageria e cruzeza inatas, total ausência de melhores sentimentos, bem como o receio de que o escravo possa ter a idéia de se equiparar ao seu senhor, que dele não se distingue pela cor, são as causas principais por que o negro livre exerce aquela revoltante tirania e dureza contra o negro seu escravo.

E além disso não é raro que os chefes de certas pequenas tribos mandem matar seus prisioneiros de guerra, como animal que não paga mais o que come, desde que não encontrem comprador para os coitados."

Como um africano livre tornava-se escravo

"E ainda aqueles nascidos livres e que não foram aprisionados em guerra, mesmo em sua pátria, são sempre escravos dos chefes tirânicos.

O chefe de uma tribo ou de um bando arroga-se o direito de impor à sua gente tudo quanto bem lhe parecer.

Negligente e preguiçoso como o negro é de natureza, não quer trabalhar e prefere andar vagando nu, quase sem necessidades, só para poupar o trabalho de fabricar a roupa, construir a cabana, tornar a vida agradável ou cômoda.

Quanto menos se resolverá cultivar o solo com o suor do rosto!

De onde, porém, o negro há de tirar o necessário para severos impostos de seu chefe?

Só um meio lhe resta:

O pai apanha o filho, ou o filho ao pai. A mãe apanha a filha, ou o filho à irmã.

Em uma palavra, o mais forte apanha o mais fraco da família para pagar com ele os impostos.

Tendo assim o chefe um certo número de escravos, imediatamente levanta acampamento do interior do país e se aproxima da costa, a oferecer a sua mercadoria em troca de toda espécie de bugigangas, como fitas, contas de vidro, facas, e especialmente aguardente e tabaco.

Feita a transação, o bando se retira, cada um ganha alguma coisa das preciosidades barganhadas, distribuição que tanto os absorve que se conservam impassíveis a ver, com sinais exteriores de bestial embrutecimento, o embarque de seus parentes nos navios.

Uma fita de cor ou uma faca brilhante suscita muito mais o seu interesse do que a sorte dum irmão manietado ou da irmã chorosa.

Chegados os negros a bordo do navio de escravos, são esfregados com gordura, já para que se conservem de juntas flexíveis, já para prevenir a sarna, que é muito comum.

Em seguida cortam-lhes rente os cabelos e dá-se á cada um um gorro vermelho ou azul de lã e uma tira grande de flanela para que se embrulhem em proteção do frio, que já é sensível para os filhos da África, desde que se alcance os 14 ou 15 graus de latitude sul.

Sua alimentação a bordo consiste principalmente de feijão, farinha e arroz, que recebem fartamente.

Todos os dias, em turmas de 20 a 30, são levados por algumas horas ao convés, para respirarem o ar fresco, assim como por meio de defumações e arejamento se trata de remover dos alojamentos os odores mal cheirosos dessa gente.

Já por aí se vê quanto é inexata a afirmação de certos escritores de que os negros são aglomerados como arenques em latas e que sofrem fome na viagem.

Não falarei em humanidade, mas o próprio interesse comercial, a grande roda motora no caminho de vento da existência, força os negreiros a cuidarem de levar sua mercadoria ao mercado em bom estado de saúde e conservação, pois um negro robusto, sadio, dá 400 piastras, ao passo que um fraco ou adoentado não dá mais que 150 a 200."

Venda no mercado do Rio de Janeiro

"Antes que o comprador feche o seu negócio, o preto tem que se levantar para que lhe sejam examinados os membros e com especial atenção o peito e as partes pudendas.

Se o dono aceita a oferta, logo se firma contrato legal para assegurar ao comprador a legítima posse do negro ou negra, bem como de seus filhos e filhas dos filhos.

Então o escravo vai para a residência do novo dono, se este mora na capital, ou para o interior, se for o caso."

Destinos dos escravos

"Às despedidas nesse ato nunca vi as cenas trágicas de que se têm feito fábulas.

Sem pensar, afastam-se do amigo, deixam os mais próximos parentes, e sem qualquer expressão de sentimento, sem lágrimas, sem desesperação, sem a mínima consciência de energia espiritual, acompanham o dono.

Os que se destinam a ficar mesmo no Rio de Janeiro podem alegrar-se de sorte muito melhor do que aqueles que vão longe, para o interior do país, para as plantações.

Os primeiros, a princípio, quase nada têm que fazer, pois o dono só se preocupa em que aprendam a língua portuguesa, o que em regra conseguem depressa, porque o seu intellecto preguiçoso, mas de boa memória, inábil para refletir, em breve só se vota a essa coisa única, aprender aquele idioma.

Ao mesmo tempo, durante essa aprendizagem, cuida-se de tirar-lhes os movimentos e gestos selvagens e ensinar-lhes outros mais civilizados.

Uma vez no ponto de poderem de algum modo fazer-se entender, ou vão de aprendizes para alguma oficina, ou são empregados como ganhadores na rua, em carretos de cargas, como sacos de café, latas d'água, móveis, cujo produto no fim do dia entregam ao dono.

É verdade que muitas vezes os pretos não fazem entrega do dinheiro todo e então recebem bárbaros castigos, mas é preciso não esquecer que quase sempre a culpa é mesmo deles, que em vez de trabalharem diligentemente ainda gastam o pouco que ganham, bebendo nas vendas, e só recorrem à mentira, dizendo que não tiveram fregueses para ganhar alguns vinténs, para ver se escapam ao conhecido chicote do dono.

Mas aqueles que fazem a sua tarefa e se comportam bem, geralmente recebem tratamento brando, tanto que raramente nutrem o desejo de tornar à pátria.

A melhor sorte é, sem dúvida, a daqueles escravos que são criados ou cocheiros dos negociantes estrangeiros, mas estes são geralmente os crioulos, isto é, negros já nascidos no Brasil.

São geralmente preferidos para tais serviços, porque possuem mais inteligência e destreza, assim como as suas caras não são recortadas de todos os jeitos, como as dos africanos natos.

Má sorte é a dos negros que vão para as fazendas do interior.

Embora de constituição mais forte, mais robusta, o negro novo tem menos vontade de trabalhar do que o crioulo, mais fraco, e só o relho o mantém em atividade e diligência.

Palavras, boas ou más, nenhum efeito produzem nele.

Nas grandes plantações, debaixo da rigorosa inspeção de um capataz, muitas vezes também negro, que não raro os trata com exagerada dureza e rigor, os escravos se sentem muitas vezes altamente infelizes e ousam fugir para a floresta próxima, levados pela esperança vã de aí poderem viver como homens livres, como dantes, em dias melhores.

Mas mui depressa lhes cai a venda dos olhos, verificam a impossibilidade de viverem na selva.

Falta de alimentos, os índios e as onças os forçam a se reaproximarem da morada dos brancos e, então geralmente, não tarda que um capitão do mato os apanhe e reconduza a seus senhores, que então os castigam duramente, tanto mais que tem que pagar 8.000 réis por negro apanhado."

Castigos mais comuns

"Se porém, antes de apanhado, o negro se dirige a um branco a pedir proteção e defesa, em geral o brasileiro não o castiga, apenas o ameaça de punição tanto mais dura caso reincida. Semelhante costume tem isso de bom, que evita o suicídio ou outra loucura do negro apanhado que não trepidaria em expor sua vida, ante o bárbaro castigo com que o recebesse o senhor a que fosse reconduzido.

Assim, abre-se o caminho de escapar à surra e de reparar o erro. Aliás, em geral, sendo a primeira vez que ele tenta ganhar a liberdade, a surra é leve, mas em reincidência, sua sorte é terrível; pois não é só a formidável surra, mas ainda, para cortar possibilidade de nova fuga, o dono manda prender-lhe ao pescoço uma argola de ferro, de cerca de dois dedos de grossura, na qual está presa uma cruz também de ferro que sobressai acima da cabeça do martirizado, forjadura horrível que não só o expõe ao menosprezo dos outros, como não lhe permite o devido repouso noturno, pois a cada movimento lhe causa dolorosa pressão.

Mais detestáveis que esse castigo são as máscaras de folha de ferro que muitas vezes aplicam, com cadeado, aos negros que se embriagam ou que têm o mau costume de comer terra.

É aliás curioso que um homem possa ter gosto por semelhante comida contrária à natureza, mas tudo no mundo é questão de gosto, e os negros costumam comer terra vermelha gorda, com o mesmo prazer com que am glutão come petiscos.

Até crianças de 2 a 3 anos revelam esse mau costume, que mais tarde costumam a deixar.

A consequência natural desse gosto bestial são constipações de ventre incuráveis, e endurecimento do baixo ventre, que muitas vezes acarretam a morte em pouco tempo.

Como os donos dos escravos não querem perdê-los, pois que lhes custaram dinheiro, e a pancada nada adianta, usam as tais máscaras, que são providas de comprido nariz, que vai até ao queixo, e não permite ao mascarado levar nada à boca.

O aspecto de semelhante homem da máscara de ferro tem algo de horrível e repugnante, mas ainda mais asqueroso é que às vezes se encontram nas ruas da cidade, negras assim mascaradas.

Por esse meio alcança-se sem dúvida o fim visado, mas a meu ver é diabólica essa invenção, pois basta lembrar, dos diversos males decorrentes, o suplício do infeliz com o ardente calor brasileiro a não poder respirar ar livre."

O vício do furto

"Outro vício de quase todos os negros é a propensão para furtar. Parece que não têm a noção de honestidade e direito.

Para corrigir esse mais vergonhoso de todos os vícios, os brasileiros usam da sua panaceia, o chicote. Os estrangeiros, por um falso sentimento de compaixão, costumam dar aos domingos algum dinheiro aos seus escravos, pensando que, com o gozo que lhes proporcionam, os desviam da tentação de furtar.

A este propósito verifica-se que os naturais do país sabem muito melhor que os estrangeiros julgar acertadamente e tratar inteligentemente os seus negros, pois justamente os escravos dos estrangeiros têm fama de serem os maiores ladrões e patifes de todo o império.

O pouco que os seus senhores lhes dão não desperta gratidão em seus corações, só o desejo de obterem mais, e como não consideram crime a apropriação indébita, e só a vergonha de deixar-se apanhar, é inevitável que aproveitem toda oportunidade para furtar.

O brasileiro nisso procede mais inteligentemente. Nunca dá dinheiro a seu escravo, mas lhe dá aos domingos e feriados um pedaço de fumo, um pouco de rapé e talvez um copo de cachaça.

Desta maneira os negros aprendem menos a dar valor ao dinheiro e por isso não tratam sofregamente de arranjar-lo."

Divertimentos

"Nos dias de festa também lhes é permitido entregarem-se livremente a seus folguedos.

Costumam então reunir-se em lugares a isso destinados, perto das cidades, para esquecerem com a música e a dança as penas e tristezas da semana.

Os instrumentos musicais de que aí se servem são em regra extremamente simples, o que não impede que toquem alguns deles com grande perícia.

O mais importante deles consiste numa meia cabaça ou porongo com hastezinhas de ferro, o qual de todos é o que soa mais agradavelmente.

Também usam uma corda de tripa esticada sobre um arco, bem como tocam com as mãos uma espécie de tambor.

Não se pode esperar grande harmonia de semelhante instrumental, mas os negros com ele sentem-se bem felizes pois, durante essas horas, têm a ilusão de serem independentes e livres.

Já as suas danças, como tivemos ocasião de referir, não merecem louvor, pois mais têm que ver com os faunos do que com Terpsícore."

Alimentação

"A alimentação habitual dos escravos na capital consiste em farinha de mandioca, feijão, arroz, toucinho e bananas.

No interior do país, mormente nas casas mais pobres, às vezes têm que se contentar durante meses com laranjas e farinha.

Não se acreditaria que com semelhante alimento pudesse um homem conservar sua força e saúde, mormente tendo trabalho pesado, entretanto esses negros são tão fortes e sadios como se tivessem a melhor alimentação.

Por aí se vê como o africano exige pouco para sua manutenção, pois um alemão, ou de um modo geral um europeu, alimentado exclusivamente a laranja e farinha, dificilmente atingiria idade avançada com saúde, como acontece com os negros no Brasil."

Vestuário

"Tão simples quanto a alimentação, também é o vestuário dos escravos.

Camisa grosseira de algodão, calças do mesmo pano, presas na cintura por meio de um cinto de couro ou um pano, chapéu de palha de aba larga, que os protege dos picantes raios solares, tal é o vestuário todo de um homem.

Com grande calor, também são vistos sem qualquer peça de roupa, unicamente com uma tanga, nem sempre.

As mulheres usam geralmente uma camisa de algodão, sem mangas, arrepanhada por um cinto, e um pano de cor que enrolam artisticamente à cabeça, como um turbante.

Mas as escravas que os senhores mandam à rua para vender água, doces ou frutas, levam em regra vestidos de chita, muito limpos, enfeitados com fitas na cintura e às vezes com lenços de seda ao pescoço.

Por mais que eu tivesse ocasião de achar os brasileiros tolos, contudo nesse traço revela-se o seu espírito comercial, pois qualquer um há de preferir comprar a uma pessoa corretamente vestida, mormente tratando-se de comestíveis, do que a uma mulher suja, pois que, espontaneamente, pelo asseio da roupa se deduz o da mercadoria. As crianças até aos 5 ou 6 anos andam inteiramente nuas.

Origem dos africanos entrados no Brasil

"A raça dos negros trazidos da Africa para o Brasil é variada. Isso deve contribuir muito para o fato de que não obstante a grande superioridade numérica dos negros nunca se ouviu falar de uma sublevação geral contra os brancos. Sobretudo nas grandes fazendas, onde, às vezes, a proporção é de 50 para um, poder-se-ia temer semelhante sublevação. Se, porém, alguma vez suceder que alguns escravos combinem de insubordinar-se contra o capataz, ou quem sabe contra o dono, este pode contar certo que todos os pretos de outra procedência se aliarão a ele contra os desordeiros e contra estes lutarão com fúria e encarniçamento, por onde claramente se vê que a inimizade não nasceu na nova pátria, mas os acompanhou como um demônio de ódio hereditário, através do oceano,—e aqui, somente subsiste. A maior parte dos escravos importados da África são da Angola, da Costa do Congo, de Moçambique, Cabinda e Benguela.

Negro do Congo

"Entre todos o negro do Congo é o maior, mais bonito e mais musculoso, mas também é o mais perigoso para seu senhor, por causa do seu temperamento ardoroso e um sentimento de liberdade nunca de todo sufocado.

Sua cor é mais clara que a da maioria dos outros negros, quase cúprea. Seu caminhar e sua postura têm certa nobreza, seu olhar é franco e aberto, dir-se-ia altivo."

Negro do Moçambique

"O negro de Moçambique é o mais feio. É de corpo pequeno, atarracado e forte; sua cabeça ordinariamente implantada quase no peito, é muito grande em proporção com o corpo.

Seu olhar agudo busca, sempre arredio, o chão, seus movimentos são desajeitados, seu andar é lento e desengonçado.

Suporta com estoicismo pancadas e maus tratos, as mais pavorosas surras raramente lhe arrancam um som de dor."

O preto livre

"O preto livre distingue-se em seu traje por usar calçado nos pés, ao passo que o escravo anda descalço.

Aquele geralmente deve sua liberdade ao nascimento ou ao testamento do senhor falecido.

Alguns poucos conseguem comprar sua alforria. Se um preto durante a vida de seu dono sempre se portou bem, ou se lhe prestou serviços relevantes, não é raro que este em seu testamento lhe conceda alforria, contra o que a família do morto nada pode objetar.

Ele pode então alugar-se como criado, ou se tem profissão trabalhar na mesma.

Mas em geral, por pouca coisa ele fica na casa, na qual adquiriu a liberdade, e continua a servir quase como dantes, quando escravo, aos filhos de seu senhor.

Sei até de um negro, a quem o dono agradecido pretendia dar a liberdade e que recusou esse dom e, de joelhos, implorou que o deixasse na situação atual, pois não saberia como ganhar o pão fora da casa de seu dono."

Alforria

"Desde que um escravo esteja em condições de entregar determinada soma arbitrada para sua alforria, o dono é obrigado a conceder-lha.

É caso aliás extremamente raro, pois raras são as casas em que os escravos têm como poupar dinheiro, além de que certos donos são bastante bárbaros para tomarem ao escravo os dinheiros que tenha ajuntado, desde que descubram que depois de muitos anos de trabalho tenham economizado umas 30 ou 40 piastras.

As leis não vedam semelhante crueldade, pois o escravo, ele próprio propriedade alheia, não pode ter propriedade.

Uma escrava que tenha dado sete filhos a seu senhor também deve ser liberta, mas ainda aí sucedem muitas injustiças, pois vendem imediatamente a negra que pela sétima vez fica grávida."

Tráfico de escravos

"Por um tratado com a Inglaterra foi rigorosamente proibida a entrada de escravos no Brasil desde 1830, mas continuam a chegar navios carregados, apenas com a diferença de que agora têm de ser contrabandeados, não podem como dantes entrar abertamente nos portos.

E a costa brasileira, rica de enseadas, oferece suficientemente ancoradouros para os navios negreiros.

Desembarcam em seguida os negros e os escondem na floresta virgem, aonde vão ter, as pressas, os compradores para aí fazerem o tráfico, a coberto das vistas das autoridades.

Os ingleses asseveram que só humanity (sic) os determinara a impor tão duro tratado ao Brasil.

Mas o seu modo de proceder com relação aos escravos está em forte contraste com esse atrevido acerto, de modo que se tem todo o direito de suspeitar que fosse somente o interesse deles, e não qualquer sentimento nobre, o móvel para se oporem ao tráfico negro, pois, se fosse a magnanimidade a causa de seus passos, deveriam dar liberdade aos negros que apanhassem a bordo dos piratas brasileiros em alto-mar.

E não é o que fazem.

Constantemente navios de guerra ingleses cruzam as costas da Africa e do Brasil e as águas entre as duas regiões, à caça de navios que transportem negros e não é raro que com seus rápidos veleiros apanhem tais caças.

Imediatamente o capitão é rigorosamente preso a bordo no navio inglês, seu barco é rebocado e levado para qualquer porto brasileiro, onde com toda a carga, é vendido para o governo inglês.

Nisso ainda não está a injustiça, pois todo contrato deve ser sagrado para qualquer indivíduo, quanto mais para um monarca.

Mas sob a alegação de que a manutenção dos muitos navios de vigilância que cruzam para impedir o tráfico de escravos, custa anualmente enorme despesa ao estado, também os pobres negros são publicamente postos em leilão.

Isso é nobre? É humano?

É esse o orgulho nacional inglês?

Se assim é, muito me alegro de não ser um desses indolentes insulanos.

Verdade é, que para disfarçar essa vergonha com a aparência de plausibilidade, a venda de tais negros se faz sob a condição de serem libertos ao cabo de sete anos de prestação de serviços, mas como pode o pobre negro suspeitar que exista uma lei redentora que depois de certo prazo de sofrimento lhe garanta a recuperação do seu precioso bem, quando ele é arrancado de sua terra para outra desconhecida, da qual não conhece a língua, nem os usos e os costumes, e talvez esteja internado de centenas de léguas? Pois se às vezes nem sabe quando começa ou acaba um ano, não sabe se o seu vendedor é inglês ou turco ou português.

Só sabe que tem que obedecer, se não quiser arcar o lombo sob terríveis açoites do relho.

E se alguma alma caridosa lhe revelasse o agradável segredo, onde o juiz que lhe daria amparo e garantia contra a barbaridade de seu senhor? Este preferiria fazer açoitar o escravo até ficar morto, a ser forçado a desistir de sua propriedade adquirida a dinheiro.

A suspensão total do escravagismo e do tráfico seria a maior perturbação ao direito privado que garante a todo o homem a posse da propriedade legitimamente adquirida.

Só os séculos vindouros poderão, pouco a pouco, modificar esse estado de coisas."

Transcrito (SEIDLER. Dez Anos p. 235-241)

As observações de Seidler feitas sobre os negros e descendentes do Rio Grande do Sul durante sua estada na Província, em 1826-1828, serão abordadas no capítulo IV.

Em Santa Catarina ele visitou a Armação, antiga Feitoria de caça e exploração de óleo de baleia acionada por negros escravos do governo, os mesmos que, conforme referência que farei, haviam fugido para o Rio Grande do Sul, em 1777, 51 anos antes, por ocasião da invasão e conquista da Ilha de Santa Catarina pelo Vice-Rei do Prata, Caballos.

Longevidade dos escravos do Governo em Armação - SC

"Os primeiros seres vivos que avistamos ao regressar à Armação foram alguns daqueles negros velhos que como referi, em doce indolência, aqui aguardavam o termo de sua existência, outrora tão afanosa.

Ao calor do sol do meio-dia penosamente se haviam arrastado para fora de seus ranchos para se exporem aos ardentes raios solares, onde pareciam sentir-se muito bem, ao passo que nós, alagados em suor, nos apressávamos por alcançar quanto antes um lugarzinho fresco.

Não é fácil que perca a cor o negro cabelo carapinha do preto, mesmo em idade avançada, mas entre os que aqui encontramos não havia um único a quem os anos não tivessem embranquecido os cabelos.

Isso me chamou a atenção e por isto a alguns perguntei pela idade, mas davam respostas tão atrapalhadas que logo notei que nenhum o sabia; por exemplo, um deles afirmava que tinha vinte anos, ao passo que outro visivelmente mais moço pretendia ter mais de cem.

Para saber da verdade perguntei-lhe pelos nomes e me dirigi ao administrador, a pedir-lhe que verificasse nos registros de nascimento desses escravos em que ano teriam visto a luz do dia.

Verificou-se que o rapaz dos vinte anos já tinha 104 verões, e não era o mais velho dos negros ali existentes.

Nos registros não figurava nenhum que tivesse menos de 80 anos, pois todos os menos idosos ainda capazes de trabalhar tinham sido removidos para outras propriedades imperiais.

(Vide: **SEIDLER. Dez Anos de Brasil**, p. 235)

ANEXO B AO CAPÍTULO I

IMPORTAÇÃO DE ESCRAVOS PARA O RIO DE JANEIRO (1816-1835) segundo JOÃO BATISTA DEBRET

"Mais de um terço da população negra vem de alguns pontos principais da costa; de Angola, Cabinda, Loanda, Malimba, S. Paulo e Bengala. A Costa de Ouro fornece os melhores escravos e o maior número.

Na costa da África a compra de negros se faz por troca.

Dão-lhes ferro em barra, aguardente, fumo, pólvora, fuzis, sabres, quinquilharias, facas, machados, foices, serras, pregos, etc.

Os indígenas apreciam muito, também, os tecidos de lã coloridos e, principalmente, os tecidos de algodão e os lenços vermelhos.

Viu-se no Congo um pai trocar seus filhos por um traje velho de teatro, de cor viva e cheio de bordados. Tendo em vista o precedente, o diretor do Teatro Real do Rio de Janeiro, homem de recursos, confiava, às vezes, a um capitão de navio negreiro os restos de trajes para serem trocados por escravos.

E em 1820, ouvi de um oficial de marinha francês, de volta da África, que, tendo obtido uma audiência particular de um desses régulos africanos, o encontrara, não sem espanto, sentado numa rica poltrona de acaju e metido numa casaca vermelha, com largos bordados de ouro (tudo um tanto passado, em verdade) e uma peça de pano de um pé quadrado, mais ou menos, amarrada à cintura, completando o traje de recepção.

E o monarca debonário, preto, vermelho e dourado, muito amável de resto, explicou-lhe que sua autoridade real se limitava a promover a conciliação de seus súditos em tempo de paz e a comandá-los em tempo de guerra.

É o império natural da sabedoria unida à bravura, peculiar também ao índio do Brasil.

Em certas regiões, empregam-se para o tráfego os "cauris", espécies de conchas das Ilhas Maldivas, vulgarmente chamadas "cabaços".

Um negro custava ao chefe da expedição 400 francos, inclusive os direitos de servidão da costa, que consistiam em retribuições cobradas pelos régulos da região e pelas feitorias européias.

Nos primeiros tempos, um soberbo negro de 5 pés e 5 polegadas custava, na costa de Guiné, cerca de 600 francos.

As mulheres eram pagas a 400.

Em 1816, a cupidez dos traficantes fazia embarcarem cerca de 1.500 negros a bordo de um pequeno navio.

Por isso, poucos dias depois da partida, a falta de ar, a tristeza, a insuficiência de uma alimentação sadia, provocavam febres, disenterias. Um contágio maligno dizimava diariamente essas infelizes vítimas, acorrentadas no fundo do porão, arquejantes de sede e respirando um ar pervertido pelas dejeções infectas que emporcalhavam mortos e vivos. E o navio negreiro, que embarcava 1.500 escravos na costa da Africa, após uma travessia de dois meses, desembarcava apenas 300 a 400 indivíduos, escapados dessa horrível mortandade.

Impressionados com essa perda de homens, que encarecia demais o preço dos escravos, os traficantes sentiram a necessidade de embarcar menos negros de cada vez e de tratá-los mais humanamente.

Desde então, com efeito, permite-se-lhes a consolante distração de subir diariamente ao tombadilho, cujo ar puro os presdispõe a dançar de vez em quando ao som de uma música, que, apesar de sua mediocridade, os encanta ainda, principalmente quando existem negras dançarinas.

Noutros dias, essa distração é substituída por exercícios violentos, que os estimulam de um modo geral.

Entretanto, se alguns se mostram exageradamente tristes, forçam-nos[^] chicotadas, a participar da alegria geral.

Tristes ou alegres, continuam acorrentados uns aos outros, a fim de evitar revoltas ou suicídios voluntários pelo mergulho no mar.

Quando os negros novos chegam, são visitados, apreçados, selecionados como animais.

Examinam-lhes a cor da tez, a consistência das gengivas, etc, para ter uma idéia do seu estado de saúde.

Em seguida fazem-nos saltar, gritar, levantar pesos, a fim de apreciar o valor de suas forças e sua habilidade.

As negras são avaliadas de acordo com a idade e os encantos.

Esses infelizes escravos, na sua maioria prisioneiros de guerra em seus países e vendidos pelos vencedores, desembarcam persuadidos de que vão ser devorados pelos brancos e se resignam em silêncio a acompanhar o novo dono.

Um antigo tratado concluído com a Inglaterra regulava mesmo o preço dos negros, cuja importação era permitida aos portugueses.

Estes só podiam trazer gente da costa do sul da Africa, por isso mesmo de uma raça mais fraca e de muito menor estatura que as do norte.

Durante o ano de 1828, foram importados, pelo Brasil, 430.601 escravos e, durante os primeiros meses de 1829, 23.315.

As doenças, cujos germes mais ou menos desenvolvidos se introduzem com os negros, são: a sarna, muitas vezes visível, que os traficantes escondem com pomadas; a disenteria e a varíola, contra a qual existe uma lei obrigando os proprietários de escravos a vaciná-los.

Os negros mais comuns no Rio de Janeiro são das seguintes nações: benguela, mina, ganguela, banguela, mina nagô, mina nahijo, rebolo, cassange, mina calava, cabinda de água doce, cabinda mossuda, congo, moçambique,

Estas últimas compreendem um certo número de nações vendidas num mesmo ponto da costa, como a astre."

Transcrito de **DEBRET, Viagem Pitoresca e Histórica**, p. 115-186.

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO 1
(referidas à bibliografia)

1 - GIRÃO. A Abolição no Ceará. p. 15

2- FREYRE. Casa Grande e Senzala, p. 343, v.No Rio Grande do Sul os negros cooperaram com maior eficiência na formação econômica do Estado. VELLINHO. Capitania Del Rey. p. 162 o afirma: "Não há como fugir à conclusão de que, como contingente de integração histórica, o índio foi entre nós medíocre". Acreditamos que quem super-valorizou o índio foi uma corrente indianista sulina, surgida no Par-tenon Literário de Porto Alegre, fundado em 1868. Ela esqueceu de valorizar o Negro gaúcho. Concentrou, ao que parece, suas melhores atenções em romancear o índio e o peão, segundo se conclui de CÉSAR. História da Literatura. Apolinário valorizou o negro de Palmares e, no Rio Grande do Sul, o grupo sob sua influência concentrou-se na benemérita campanha de libertar o negro da escravidão. No entanto, nas histórias populares transmitidas pela tradição, nos galpões, o Negro é uma grande presença.

3 - Idem, idem, p. 343 (o grifo é nosso).

4 - Idem, idem, idem e CÉSAR. História do Rio Grande do Sul, refere que os índios introduzidos no Rio Grande do Sul, em sua grande maioria, procediam da GUINÉ (Tribos: Sanga, Cassange e Mina da Negrícia) e do CONGO (Congolenses e Angolanos) p. 30. DOCCA. in: História do Rio Grande do Sul. p. 80, afirma: "Os negros introduzidos no Rio Grande do Sul pertenciam a diversas tribos africanas, mas os que avultaram pelo número tinham a seguinte origem:

REGIÃO	TRIBO	PROCEDÊNCIA
Guiné Setentrional	AGOINS (Negros Minas)	COSTA DO OURO (Fantes) COSTA DOS ESCRAVOS (Popôs)
Guiné Meridional	BANTUS	ANGOLA CASSANGE CONGO

RAMOS. *O Negro na Civilização Brasileira*. p. 31 e 32, apresenta o seguinte quadro para indicar as culturas entradas no Brasil.

CULTURAS AFRICANAS

SUDANESAS	SUDANESAS ISLAMIZADAS	BANTUS
IORUBAS GEGES FANTI ASHAUTI	MAUSSÁS TAPAS MANDIGAS FULAHS	ANGOLA CONGO MOÇAMBIQUE

Ao longo deste trabalho faremos muitas referências ao imigrante negro. Veremos que predominarão nas citações os MINAS. Estes se distinguem entre outras pelas seguintes características: "Bem proporcionados de corpo, porte airoso, cor azeitonada, menos carregada que os negros puros. Eram dotados de temperamento dócil, extremamente afetuosos, amigos e leais. Dedicados aos seus senhores e particularmente aos filhos destes

Tinham queda especial para a arte culinária (DOCCA. **História**, p. 81). A procedência africana da imigração negra no Rio Grande do Sul será bastante esclarecida quanto o for a do Rio de Janeiro e São Paulo. Do porto do Rio de Janeiro, mercado do Valongo, procede mais de 90% de todos os negros introduzidos no Rio Grande do Sul.

Na Bahia estes estudos foram bem adiantados por Nina Rodrigues e Arthur Ramos e outros.

Em Pernambuco, por Gilberto Freyre e continuados pela brilhante equipe da benemérita casa de sua inspiração — o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — por mim freqüentado com regularidade em 1970-71.

Transcrevemos estes elementos nestas notas como base para estudos posteriores.

6 - Idem, idem, p. 327.

7 - Idem, idem, p. 358. No Rio Grande do Sul, Dante Laytano ocupou-se do africanismo no linguajar gaúcho, na obra: Africanismos no Dialeto Gaúcho. Porto Alegre, 1936.

8 - Idem, idem, p. 359-

9 - Idem, idem, p. 325. 10 - Idem, idem, p.325.

Esta Circular era do seguinte teor:

"Considerando":

— **Que a nação brasileira, pelo mais sublime lance de sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão - a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade e infeccionou-lhe a atmosfera moral;**

— **Que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da Pátria, e, em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que, pela abolição do elemento servil, entraram na comunhão brasileira,**

Resolve:

1º - Serão requisitadas de todas as tesourarias da fazenda, todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativas ao elemento servil, matrícula de escravos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser, sem demora, remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado da Recebedoria.

2º - Uma comissão composta do Sr. João Fernandes Clapp, Presidente da Confederação Abolicionista, e do administrador da Recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, que se fará na casa da máquina da Alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão.

Capital Federal, 14 de Dezembro de 1890. Ruy Barbosa

(Transcrição de: RAMOS. **O Negro na Civilização**, p. 24)

Desconhecemos detalhes da execução desta portaria, mas acreditamos que nem tudo foi destruído.

Restam, como fontes primárias de reconstituição, milhares de outras fontes: Jornais, livros de batismos, crônicas literárias, etc... Em setembro 1974 participamos da IV Semana de História do Brasil, em Brasília-DF. Nas conferências que então tiveram lugar, ouvi afirmação interessante: o Dr. Raul Lima, Diretor do Arquivo Nacional, afirmou que a destruição de documentos relativos à escravidão, por ordem de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda, prendeu-se a motivações de fundo econômico.

Constituiu-se numa resposta a freqüentes pedidos de indenizações de escravos, requeridas por diversos escravagistas, com apoio no fato do escravo ter sido produto tributável.

Posteriormente, segundo o Dr. Raul Lima, Campo Sales, sucessor de Rui no Ministério, deixou bem clara as razões econômicas do ato de destruição da documentação.

Tivemos oportunidade de ver expostos, no Salão Negro do Senado Federal, na referida semana, diversos pedidos de indenizações de escravos que hoje integram o bem cuidado Arquivo Histórico da Câmara Federal.

Estas informações são importantes para os historiadores que por certo irão revolver os arquivos brasileiros por ocasião do Centenário da Abolição da Escravatura que ocorrerá em 13 maio de 1980, daqui 13 anos.

11 - Idem, idem, p. 419.

12 - Idem, idem, p. 418.

13 - Idem, idem, p. 498.

14 - Idem, idem, p. 49.

15 - RAMOS. O Negro na Civilização... p. 184 (Comenta a existência de uma linha de cor mais nítida no Sul. Mas isto não atenua a dificuldade de na pesquisa histórica distinguir-se o branco do preto, do índio e do mestiço.

16- SEIDLER. Dez Anos de Brasil, p. 109.

CAPÍTULO II

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

(Das bandeiras ao estanciamento em Viamão 1635-1735)

O NEGRO NAS BANDEIRAS NO RIO GRANDE DO SUL

É de afirmar-se que a presença do Negro no Rio Grande do Sul tenha-se verificado em fins de 1635, quando irrompeu, nos vales dos rios Taquari e Jacuí, a bandeira de Raposo Tavares, composta de 20 portugueses e 1.000 índios tupis.

Isto, 100 anos antes da fundação oficial da cidade atual do Rio Grande pelo Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737.

É possível mesmo, que o Negro tivesse entrado anteriormente a esta data, pois Jaime Cortesão observou que, por ocasião do assalto às missões jesuítas do Rio Grande do Sul, por Raposo Tavares, já existiam entre os índios alguns mestiços, filhos de aventureiros paulistas e de Santa Catarina. (1)

Esta e outras bandeiras percorreram o norte do Rio Grande do Sul, de 1635-41, expulsando os jesuítas que se haviam estabelecido na margem direita do rio Uruguai, desde 1626, com a fundação da redução de São Nicolau pelo padre Roque Gonzales. (2)

A presença do Negro nas bandeiras do sul é hoje comprovada.

A célebre bandeira que fundou Laguna, em Santa Catarina, em 1684, partira de São Vicente, por terra, integrada por 50 escravos pretos e 10 brancos. (3) Isto, 44 anos após a vinda da última bandeira paulista ao Rio Grande do Sul.

Se nesta mais de 70% dos integrantes eram negros, por que, nas que vieram ao Sul antes, eles não estavam presentes?

Ademais, Alcântara Machado afirmou que Domingos Brito Peixoto, o fundador de Laguna, dispôs para esta aventura, "... de vestuário e todo o mais necessário para o grande corpo formado de homens brancos, MULATOS E NEGROS ESCRAVOS ..." e prosseguiu ao falar do cabo da tropa de uma bandeira:

"Seja pessoa de governança da terra ou sertanista experiente e ilustre, que encabeça uma bandeira de grandes proporções, composta de gente de qualidade, seja índio domesticado que, em troca de uma espingarda, vai à frente de meia dúzia de NEGROS, com armação alheia, para trazer ao patrão a gente adquirir (4).

É evidente que o Negro estava presente em São Paulo há mais de um século.

O que impediria sua presença nas bandeiras, mesmo em número ínfimo, sem preponderar, como na fundadora de Laguna? Pelo texto transcrito conclui-se que existiram negros que comandaram bandeiras de preia aos índios, armadas por seus patrões.

CONTRIBUIÇÃO MILITAR DO NEGRO NA GUERRA HOLANDESA Henrique Dias e Raposo Tavares na marcha de Barbalho em 1640

No período das bandeiras no Sul, o Negro já desempenhava importante papel militar no Nordeste, para a expulsão do invasor holandês.

O próprio Raposo Tavares participou, lado a lado com o já consagrado herói negro Henrique Dias, da célebre marcha de mais de 400 Km, do Rio Grande do Norte até a Bahia, por território inimigo, ambos chefiados por Luiz Barbalho.

Isto, no início de 1640, pouco mais de dois anos após Raposo Tavares percorrer o norte do Rio Grande do Sul e destruir, em Rio Pardo atual, a redução indígena Jesus-Maria, passando pelos locais onde se situam as atuais cidades gaúchas de Muçum, Encantado, Roca Sales, Estrela, Lajeado e Taquari, ao descer os rios das Antas, Taquari e Jacuí, caminho usado pelos bandeirantes para penetrarem no Rio Grande do Sul. (5)

O Negro na Batalha de Monte das Tabocas

Em 3 de agosto de 1641, travou-se a batalha do Monte das Tabocas, início vitorioso da Insurreição Pernambucana, 1641-54, que culminou com a rendição holandesa na Campina da Taborda, junto ao Forte das Cinco Pontas, no Recife.

No momento mais crítico desta batalha, João Fernandes Vieira, líder político e econômico do movimento, prometeu, em caso de vitória, liberdade a 50 escravos de sua guarda pessoal desde que eles se comportassem com valor na luta.

Entusiasmados com a possibilidade de conquista da liberdade os 50 escravos lideraram violento e desesperado contra-ataque aos holandeses que haviam penetrado, fundo, no dispositivo luso-brasileiro.

Foram seguidos com entusiasmo no ataque por todo o povo em revolta, que constituía a reserva do Exército Patriota, célula espiritual do Exército Brasileiro.

Em pouco tempo colocaram o inimigo em disparada, além de ajudarem o Brasil em sua primeira manifestação soberana face a Portugal e Holanda. (6)

Combate de Casa Forte - 10 agosto 1641

No combate de Casa Forte, arremate da destruição do Exército de Campanha Holandesa no Brasil, os negros de Henrique Dias cooperaram decisivamente para a vitória.

O próprio Henrique Dias foi ferido gravemente neste encontro e nele morreu Agostinho Fernandes, um dos mais valentes e bravos combatentes de Tabocas. (7) Este era mulato e sua atuação foi decisiva para a vitória.

Exército de Henrique Dias

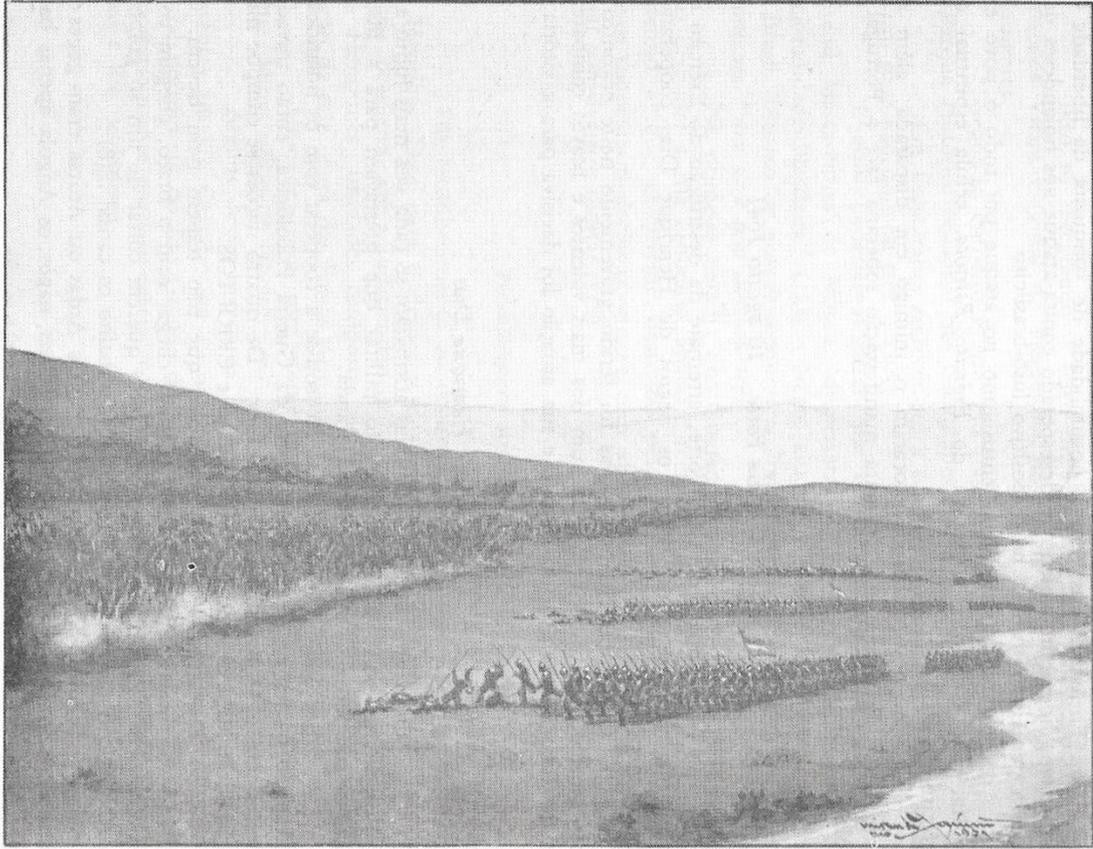
Os negros de Henrique Dias afirmaram-se cada vez mais junto aos luso-brasileiros pela valiosa colaboração militar que prestavam para a libertação de sua pátria — o Brasil — da Holanda.

Em 1647, Henrique Dias recusou-se a cooperar com os holandeses e respondeu-lhes em carta, como parte da Guerra Psicológica, então travada, antecedente à 1ª Batalha dos Guararapes: "De quatro nações se compõe meu regimento: MINAS, ARDAS, ANGOLAS e CRIoulos.

Os últimos são tão malévolos que não temem nem devem. Os MINAS tão bravos que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome. Os ARDAS tão fogosos que tudo querem cortar de um só golpe e os ANGOLAS tão robustos que nenhum trabalho os cansa". (8)

Segundo Gilberto Freyre (9): "Os Ardas ou Ardras eram gegesou daomeanos do antigo reino da Ardea, os Minas, nagôs; os Angola apenas bantos."

Batalha de Monte das Tabocas 1645 ago 3, primeira afirmação soberana dos brasileiros face a Portugal e Holanda, no qual os negros e descendentes tiveram destacado papel militar para a vitória. (Fonte: História do Exército Brasileiro v. 1).



Batalha de Monte das Tabocas 1645 ago 3, primeira afirmação soberana dos brasileiros face a Portugal e Holanda, no qual os negros e descendentes tiveram destacado papel militar para a vitória. (Fonte: História do Exército Brasileiro v. 1)

Os negros em Guararapes

Os negros, escravos ou livres, tiveram destacada atuação nas duas batalhas de Guararapes de 18 abril de 1648 e 18 de fevereiro de 1649.

Não só integrando o terço de Henrique Dias, como os de João Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, nos quais eram numerosos e predominantes.

Segundo Gilberto Freyre, em frase lapidar, hoje pintada em placa no Parque Histórico Nacional dos Guararapes:

"Em Guararapes escreveu-se, a sangue, o destino do Brasil. O de ser um só e não dois ou três". (10)

E aqui poderíamos dizer que em Guararapes onde, segundo o General Mascarenhas de Moraes, "despertaram os espíritos do Exército e da Nacionalidade Brasileira" (11), o Negro ajudou a escrever a sangue o destino do Brasil. Destino de grande democracia étnica mundial ou destino de ser etnicamente "um só e não dois ou três".

Na primeira batalha dos Guararapes coube ao terço de Henrique Dias defender a Ala Esquerda, aparar e retardar, com grande valor e bravura, poderoso ataque

envolvente, desferido pela reserva inimiga. Com isto seus bravos cooperaram decisivamente, e com alto tributo em sangue e vidas, para evitar um desastre militar. (12)

Homenagem aos Henriques

Em reconhecimento ao decisivo papel desempenhado pelos bravos de Henrique Dias para o despertar dos espíritos do Exército e de Nacionalidade Brasileira, até a Independência foi mantida a tradição dos Regimentos dos Henriques, unidades compostas de oficiais e soldados negros, "consagração da raiz negra das Forças Armadas do Brasil". (13)

Unidades com este nome foram organizadas em Pernambuco, Bahia, Minas e Rio de Janeiro.

Alguns desses bravos da Bahia, Minas e Rio de Janeiro se fizeram presentes em Rio Grande, em 19 de fevereiro 1737, por ocasião da fundação oficial portuguesa do Rio Grande do Sul, pelo brigadeiro José da Silva Paes, e posteriormente em sua defesa, na guerra 1763-77, provenientes de Pernambuco e Rio de Janeiro.

Gaúcho a pé - Pernambucano a cavalo

A Infantaria dos Henriques era muito temida pelos espanhóis e preferida por chefes portugueses.

Segundo o meu saudoso amigo pernambucano Jordão Emerenciano, todo o general que viesse de Portugal ao Brasil para comandar uma operação militar, fazia questão de contar com a valorosa Infantaria de Pernambuco, constituída em grande número de Henriques, ou embalada por suas tradições.

Daí a expressão "gaúcho a pé e pernambucano a cavalo" e vice-versa. A primeira para designar o infante pernambucano, e a segunda para designar o cavalariano gaúcho.

Ambas expressões traziam em seu bojo o reconhecimento recíproco do valor da brava Infantaria pernambucana, forjado na luta durante 24 anos com o invasor holandês, e o da intrépida Cavalaria gaúcha, forjada na luta contra o espanhol e seus descendentes no Prata.



*1ª Batalha dos GUARARAPES em 1648 abr 18, local onde patriotas brancos, negros e índios definhavam, pelas armas, o destino da grande Democracia Brasileira ou, no dizer do então deputado federal Gilberto Freyre, 'onde escreveu-se a sangue o destino do Brasil, o de ser um só e não dois ou três' (geográfica, política e etnicamente).
(Fonte: O autor em Batalhas dos Guararapes).*

O NEGRO EM COLÔNIA DO SACRAMENTO

Fundação de Colônia do Sacramento em 1680

Em 1680, os portugueses partindo do Rio de Janeiro fundaram Colônia do Sacramento no atual Uruguai.

A expedição foi comandada por D. Manuel Lobo e constituída, entre outros elementos, por 200 militares, 3 padres, 60 negros, dos quais 41 escravos do comandante, 6 mulheres índias e uma branca e índios. (14)

Os negros representaram mais de 20% do total da expedição, não considerados nesta percentagem os negros e mulatos livres, soldados.

É de afirmar-se que da expedição fizeram parte alguns negros como militares em todas as da mesma natureza, conforme faremos prova noutra parte deste trabalho.

Segundo Rego Monteiro, em 4 de fevereiro de 1680 já existiam em Colônia dois ranchos destinados a abrigar 48 NEGROS ESCRAVOS (15).

Posteriormente, Colônia foi atacada pelos espanhóis e conquistada.

Em 9 de julho e 5 de agosto, respectivamente, os negros escravos da expedição foram transportados para Buenos Aires em número de 55.

Lá foram vendidos em hasta pública 52, à razão de 385 pesos cada.

Manoel Lobo ficou com 2 de seus escravos e outro com Jorge Soares.

Rego Monteiro refere documento existente que trazia os nomes dos escravos e as marcas e sinais de seus donos portugueses, feitas em seus braços e peitos.

Em 1783, Colônia retornou para Portugal. Os 52 negros da expedição inicial ficaram em Buenos Aires.

Expedições posteriores foram trazendo negros e mais negros. (16)

É possível que algum deles fosse acompanhante de Domingos Filgueiras em seu trajeto Colônia — Laguna, em 1703, e percorresse todo o litoral do Rio Grande do Sul.

Rego Monteiro refere documento em que consta a relação dos negros desembarcados em Colônia, em 1683- (17)

Os 5 negros restantes, não transportados para Buenos Aires, devem ter morrido em combate.

O NEGRO EM LAGUNA

O Negro na fundação de Laguna - Santa Catarina 1684

Em 1684, quatro anos após a fundação de Colônia do Sacramento, Domingos de Brito Peixoto organizou uma bandeira colonizadora para fundar Laguna, em Santa Catarina.

O objetivo principal era uma base naval que tornasse possível aproximar o apoio militar à Colônia do Sacramento.

Domingos Brito Peixoto organizou sua expedição colonizadora em duas frações.

Uma marítima, que teve a seguinte composição:

— Domingos Brito Peixoto e seus filhos, Cap. de Ordenanças em Santos Sebastião de Brito Guerra e Francisco de Brito Peixoto.

— 10 (dez) homens brancos.

50 (cinquenta) "ESCRAVOS" PARDOS (18).

Alcântara Machado define estes escravos pardos como Negros e Mulatos, evidenciando com sua afirmação que Laguna, núcleo irradiador da penetração, desbravamento e conquista do Rio Grande do Sul, foi fundada por uma expedição integrada por cerca de 80% de escravos negros e mulatos da bandeira de Brito Peixoto (19).

O NEGRO NO LITORAL GAÚCHO

O Negro no reconhecimento e penetração do Rio Grande do Sul

Durante o período 1684-1725, ou sejam, 41 anos, estes negros, mulatos e outros seriam a massa principal para a penetração dos lagunenses no território do Rio Grande do Sul atual.

Brito Peixoto, o fundador de Laguna, esteve pessoalmente no litoral do Rio Grande do Sul, na preia de gado alçado e em combate com os índios Tapes.

Seu filho, Sebastião, morreu vítima de uma flecha tape quando se internava no Rio Grande do Sul, à procura dos ricos campos de gado selvagem de Vacaria.

O Negro na frota de João Magalhães

Morto Domingos Brito Peixoto e seu filho Sebastião, coube a Francisco Brito Peixoto assumir o comando de Laguna.

Em 1715, para atender ao governador de São Paulo, ordena que membros de sua família abrissem um caminho até o Rio Grande do Sul.

Mais uma vez a presença do Negro nesta missão de ligar o Rio Grande do Sul a Laguna para drenar suas riquezas pecuárias, por terra, para a última e após, por água, para São Paulo.

Em 1721, Francisco Brito Peixoto foi nomeado Capitão-mor de Laguna, por três anos, com jurisdição sobre Florianópolis atual.

Em 1724, recebeu incumbência real de passar ao Rio Grande do Sul e fundar uma povoação.

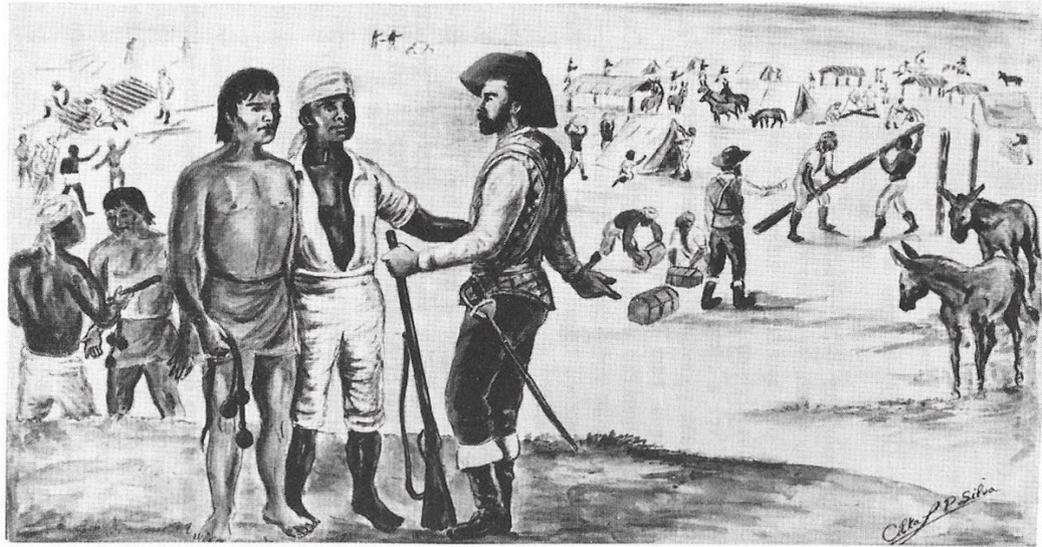
Por ser avançado em idade e fatigado, a população de Laguna, segundo tradição, não permitiu que Brito Peixoto deixasse o local, sob pena de colocá-lo a ferros. A verdade é que ele não desejou ir. Enviou em seu lugar seu genro natural - João de Magalhães, como chefe de uma frota composta de 30 homens, na SUA MAIORIA PRETOS E MESTIÇOS DESTA RAÇA.

O sangue negro estaria representado numa proporção próxima de 90% ou mais.

A eles caberia, durante 2 anos, e em missão nitidamente militar, segundo interpretação do autor (20):

- Proteger o sangradouro da Lagoa dos Patos da ação dos espanhóis e índios tapes dirigidos pelos jesuítas.
- Melhorar as condições de travessia do sangradouro, construindo e explorando jangadas e canoas.
- Estabelecer aliança com os índios minuanos que habitavam a região litorânea, sobre o eixo Laguna - Colônia.
- Transferir gado alçado existente ao sul do sangradouro para o norte do mesmo.
- Estabelecer ligação terrestre com Colônia.
- Estabelecer um registro para cobrança de taxas sobre o gado destinado a Laguna.
- Impedir a fuga de escravos pretos de Laguna para os domínios de Espanha, ou para junto dos selvagens.

*Dos trinta integrantes da Frota de João de Magalhães, em 1725-27, que estabeleceram um acampamento em São José do Norte, cerca de 90% eram de africanos negros e descendentes.
(Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico).*



O sangradouro de posse dos espanhóis ou dos tapes anulava a transferência do gado alçado para Laguna, além de cortar a ligação Laguna -Colônia.

Era o único ponto por onde se podia transferir o gado do sul para o norte, fazendo com que aquele, tangido de banco de areia a banco de areia ou rebocado em canoas e jangadas, atingisse a atual localidade de São José do Norte.

O capitão João de Magalhães, português, cumpriu durante dois anos a sua missão.

Sua tropa, em sua maioria DE NEGROS E MESTIÇOS DESTA RAÇA, habituou-se com a vida típica do Rio Grande do Sul de então, função de uma pecuária extrativa.

Daí surgiu o negro campeiro, laçador, charqueador, churrasqueiro, guasqueiro, lanceiro, balseiro, que prestaria, daí por diante, assinalados serviços à Economia e História Militar do Rio Grande do Sul.

É possível que negros e mulatos da Frota de João de Magalhães figurassem entre os primeiros estancieiros gaúchos estabelecidos, a partir de 1733, com suas estâncias no Rio Grande do Sul, nos vales dos rios Capivari, Gravataí, Sinos, Caí e Jacuí.

A prova em fontes primárias de História

O depoimento sobre a Frota de João de Magalhães ser constituída em sua maior parte de homens PARDOS, ESCRAVOS, é de Diogo Pinto do Rego, em 1750, sobrinho-neto e herdeiro de Brito Peixoto, segundo Wieders-pahn. (21)

O general João Borges Fortes cita documentos que, ao lado das designações índios ou gentios tapes e minuanos, dão como constituição da frota de João de Magalhães o seguinte:

"SENDO A MAIOR PARTE DESTE CORPO HOMENS PARDOS ESCRAVOS DO DITO POVOADOR".

"E LOGO DESPACHOU A MESMA FROTA QUE LEVAVA DE HOMENS E SEUS ESCRAVOS".

"TENDO A SUA COSTA NO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO SEU GENRO JOÃO DE MAGALHÃES COM ALGUNS ESCRAVOS SEUS".

Borges Fortes concluí:

"Verifica-se que os 30 comandados de João de Magalhães eram principalmente seus próprios escravos e os de seu sogro e na maioria homens pardos". (22)

Guilhermino Cesar refere-se a uma expedição composta de 31 pessoas, a maior parte deste corpo, "HOMENS PARDOS ESCRAVOS do dito povoador." (23)

Para a fundação de Laguna concorreram 10 brancos e 50 negros, segundo Alcântara Machado. A descida da Frota de João de Magalhães teve lugar 41 anos após. Na fundação de Laguna os negros estiveram presentes numa percentagem de cerca de 80%.

Deste modo, somos levados a acreditar que na Frota predominou o pardo escravo, mescla de negro e índia ao lado do branco e negra e do negro propriamente dito, filhos dos 50 negros e algumas negras que participaram da fundação de Laguna 41 anos atrás e de outros, comprados após, todos descendentes da escravaria da família de Brito Peixoto, pois a Frota foi empreendimento de uma família. (24)

Como conclusão poderíamos afirmar até prova em contrário:

O sangue negro predominou na Frota de João de Magalhães em razão dos motivos abaixo:

- 1º — A participação do Negro na fundação de Laguna, segundo Alcântara Machado, 41 anos antes da Frota e numa proporção de cerca de 80%.
- 2º — A existência no Rio Grande do Sul, em 1780, de 5.102 escravos negros, ou seja, 29% da população total e 55 anos após a vinda da Frota, afora os mulatos, negros livres e outras misturas não computadas (25) segundo comprovante que apresentarei noutra parte. Ele mostra que o Negro esteve presente em grande número no Sul, na agricultura, antes do surto das charqueadas iniciado no ano da estatística referida. (26)

O NEGRO ENTRE OS PRIMEIROS TROPEIROS GAÜCHOS A PARTIR DE 1727

Em 1727, Francisco de Souza Faria, nomeado Sargento - Mor do Continente le São Pedro, recebeu a incumbência de abrir um caminho através da serra, ligando Araranguá e Curitiba atuais, por onde pudesse passar o gado gaúcho com destino a São Paulo.

Souza Faria enfrentou a reação de Brito Peixoto, pois aquilo equivaleria à morte econômica de Laguna.

Foi Cristóvão Pereira de Abreu, rico comerciante de gados e cavalos em Colônia, que conseguiu demover Brito Peixoto e dar força à iniciativa.

O caminho foi aberto, concorrendo por certo, para seu êxito, o braço escravo negro, homens de Laguna e de Colônia.

Como documento provando a presença do Negro ao longo da estrada de tropas Rio Grande - São Paulo, temos carta de Cristóvão Pereira de Abreu, de 1º de fevereiro de 1733, de Campos dos Pinhais (região de Vacaria-RS), dirigida ao Capitão General de São Paulo, cujo trecho reproduzimos de FORTES, João Borges. *Tropeiros, in: Anais do 2º Congresso de Hist. e Geogr. Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre, Liv. Globo, 1937, v.2,p.77:

"Juntamente o avisei e ao Juiz Ordinário da morte de Custódio da Silva para que dessem providência necessária da arrecadação de seus bens, a cuja diligência chegou aqui o dito Juiz um dia destes e fica na demarche e inventário dos bens que pretende entregar-me para os conduzir a Curitiba, menos SETE ESCRAVOS que por parecer meu os leva consigo para os remeter pela costa".

Custódio da Silva era português que se dedicava a introduzir gado vacum, cavalos e negros escravos nas minas de ouro de Minas Gerais e Goiás.

Após, decidiu ir pessoalmente à Colônia e formar tropas de gado "para que pelo dito caminho se conduzam cavalos, mulas e gados para a cidade de São Paulo, para dali se espalharem para Minas Gerais e Minas dos Goyazes". (27)

Custódio da Silva fora morto por dois castelhanos nos campos de Curitiba, quando em companhia deles partira para perseguir índios tapes que tinham roubado suas cavalhadas.

No seu espólio foram arrolados 7 NEGROS ESCRAVOS que p acompanharam desde Colônia, ou desde o Rio de Janeiro.

Este caminho foi aberto, percorrido e melhorado por diversas vezes por Cristóvão Pereira de Abreu, durante 5 anos, com o concurso do braço negro escravo.

Na ocasião, Cristóvão Pereira de Abreu já havia aberto outro caminho mais curto passando por Viamão - Santo Antônio da Patrulha - São Francisco de Paula - Vacaria - Lajes e Curitiba.

○ Negro e o serviço militar

Para bem compreender a grande contribuição do negro escravo ou livre no Rio Grande do Sul é importante conhecer a posição de ambos face ao serviço militar, pois Arthur Ramos afirmou com muita autoridade em relação ao negro no Rio Grande do Sul:

"No Rio Grande do Sul, em fins do século 18 e começos do 19, o negro foi um dos arquitetos da sociedade rural e militar criada nesta região através de prolongadas lutas".

"Toda esta expansão foi acompanhada por constantes combates, refregas, escaramuças e entreveros, nos quais "o negro deu mais do que sua simples participação". (28)

O coronel Francisco Ruas Santos, ex-Presidente da extinta Comissão de História do Exército Brasileiro, assim interpretou o papel do negro escravo e livre ao longo da História do Brasil.

"O escravo... não podia integrar as fileiras militares regulares, i.e, tropa regular ou paga e miliciano.

Mas compunham o que se poderia chamar de tropa auxiliar, tropa de serviços.

Assim, por exemplo, em expedições fluviais no século 18, havia escravos remadores das canoas que transportavam a tropa, havia escravos dos oficiais que prestavam o serviço de ordenança ou bagageiro, na paz e na guerra.

Os negros forros (alforriados) ou livres, tendo adquirido cidadania, podiam, em princípio, ser militares regulares e milicianos, de 1º, 2º ou 3º linha". (29)

O coronel Ruas mencionou as palavras bagageiro e ordenança.

Ambas significaram, no passado, soldados colocados à disposição de um oficial. O primeiro, encarregado da parte logística, alimentação, estabelecimento de acampamento. Enfim, auxiliar do oficial em suas atividades-meio, na guerra e na paz. O segundo, auxiliar do oficial no exercício de suas atividades-fim. Conservação do armamento, companheiro de combate, segurança pessoal, transmissão de ordens e mensageiro.

Na Guerra do Paraguai chamava-se de camarada do oficial. Era uma espécie de escudeiro como o foi Sancho Pancho de D. Quixote na célebre obra de D. Miguel de Cervantes.

Hoje somente resta a figura do ordenança.

Uma tradição no Exército do Brasil, que remonta ao período anterior à Guerra Holandesa — a existência, em suas fileiras, de negros e mulatos livres (forros). A gravura apresenta uniformes dos regimentos de Henriques, do Rio de Janeiro, Bahia e Recife, os quais, por certo, atuaram no Rio Grande do Sul, nas lutas do período 1686-1778.
(Fonte: BARROSO. Uniformes do Exército).



NOTAS AO TEXTO DO CAPITULO II

(Referidas à bibliografia)

- 1 - CESAR, Guilhermino. História do RGS p. 65
 - 2 - BENTO. Síntese Histórica... da área da 3ª RM. RMB. p. 44-52.
 - 3 - CABRAL. Santa Catarina, p. 60.
 - 4 - MACHADO. Vida e Morte das Bandeiras, p. 250-264.
- RAMOS. O Negro como Soldado, p. 173-174 refere:
"Militarmente a cooperação do negro foi decisiva na expansão bandeirante....."

Mas a tarefa principal do negro nas bandeiras foi a sua ação como elemento fixador do solo. Assegurada a conquista de novas terras, competia ao negro consolidá-la, fixá-la pelo tratamento da terra. Na formação da cultura econômica, o papel do negro foi definitivo no movimento bandeirante".

Arthur Ramos menciona trabalho de Cassiano Ricardo sobre o Negro nas bandeiras, do qual se conclui:

— "Os negros (Tapuinas) que participaram das bandeiras paulistas à Bahia, em 1599, tiveram atuação relevante.

— Na bandeira do padre João Alvares só tomaram parte negros e índios sob o comando de um cafuso.

— Em 1719, Fernão Dias Falcão levou na sua entrada mais de 40 negros.

— Na bandeira de Anhanguera de 1725 pareceram 22 bandeirantes negros.

— Fernão Dias Paes Leme, "O Caçador de Esmeraldas", levou em suas bandeiras grande número de negros.

É possível que as primeiras lavouras de milho e feijão do Rio Grande do Sul tenham sido estabelecidas por bandeirantes negros e ao longo dos rios das Antas, Taquaríjacuí.

5 - Idem, idem nota 2. p. 53-54.

6 - História do Exército Brasileiro, p. 99-100, 175 e 170 v 1.

7 - Idem. p. 177.

8 - FREIRE, Casa Grande... p. 326, v 2.

9 - Idem, idem, idem.

10 - BENTO. As Batalhas de Guararapes, p. 18.

11 - Idem, idem, p. 17.

12 - Idem, idem. p. 89-90.

13 - Sinopse Histórica do Exército. (Surge a raiz negra).

14 - MONTEIRO. Colônia do Sacramento, p. 44, v 1.

15 - Idem, idem p. 48, v 1.

16 - Idem, idem p. 88, v 1.

17 - Idem, idem p. 99, nota 3, v 1.

18 - Idem nota 3, p. 10.

19 - Idem nota 4, p. 250-264.

20 - Idem nota 2. p. 53-54.

21 - WIEDERSPAHN. Os lagunistas e Silva Paes.

22 - FORTES. O Rio Grande de São Pedro. p. 21-22.

23 - Idem nota 1, p. 91.

24 - Gomes Freire ao sair do Rio Pardo para o passo de São Lourenço no Rio Jacuí, em 1754, proibiu que os membros do Exército se fizessem acompanhar de mulheres. Previu pesadas penas, para as de cor negra, o açoite e marca a fogo no rosto. Os mapas da força desse Exército nunca registraram a presença de mulheres.

25 - MONTEIRO. Dominação... p. 335.

26 - Vide quadro p. 107. Ilustração 16.

27 - FORTES. Tropeiros, p. 31.

28 - RAMOS. O negro como soldado, p. 179-

29 - SANTOS. Carta ao autor.

CAPÍTULO III

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

(Da fundação do Rio Grande à Independência do Brasil) 1737-1822

O Negro na fundação do Rio Grande do Sul em 1737

Segundo Guilhermino Cesar, "negros participaram, conforme prova documental, da expedição comandada pelo Brigadeiro Silva Pais 1737, o fundador do presídio militar do Rio Grande." (1)

Ali desembarcou na cidade de Rio Grande atual, na tardinha de 19 fev 1737, e fundou o primeiro estabelecimento oficial português, início da definição de um Rio Grande do Sul brasileiro.

O Negro e descendentes estiveram presentes entre os 160 homens do grande sertanista e tropeiro, coronel de Ordenanças, Cristóvão Pereira de Abreu, que aguardavam o desembarque em terra, e entre os 260 homens desembarcados com o Brigadeiro Silva Pais.

Entre os primeiros, como peão de estância, tropeiro e, talvez, es-tancieiro recrutado na faixa litorânea, entre Laguna e Colônia do Sacramento, por eles trilhada há mais de 12 anos, desde o tempo da Frota de João de Magalhães, à qual alguns por certo pertenceram.

Entre os segundos, como negros e mulatos libertos pertencentes às tropas do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, que desembarcaram no Rio Grande para fundá-lo ou como escravos e escravas de oficiais de maiores posses da expedição, coisa comum na época, conforme demonstrarei.

Os negros antes do desembarque de Silva Pais ajudaram a manter a segurança do Rio Grande, guarnecendo, ao lado do branco e do índio, trincheiras portuguesas em São Miguel, no Chuí, no Taim e no arroio Bolacha, e participaram da ereção do fortim de Cristóvão Pereira, construído antes do desembarque de Silva Pais, para "segurar" a posição.

Após trabalharam, exaustivamente, na construção do Forte Jesus-Maria-_"osé e fortaleza de N. S. de Santana do Estreito, alimentando-se como os demais, somente de churrasco e de pescado.

Após a fundação de Rio Grande, segundo o consagrado historiador e sociólogo militar General Francisco de Paula Cidade, "desce, a partir dessa época, uma onda de pretos e mulatos sobre as campinas do sul.

Em menos de um século já equivalem, em número, à metade dos habitantes brancos.

Cruzam-se as três raças, e uma delas, a indígena, entra logo a ser absorvida, notadamente, pela raça branca, o que se explica pela beleza das chinas, mulheres que nascem da união de brancos com índias." (2)

Estes pretos vieram, principalmente, com os casais mandados para o Presídio de Rio Grande, da Colônia do Sacramento, Rio de Janeiro e Minas Gerais, ou com os povoadores paulistas que, por conta própria, desceram ao Rio Grande à procura de "estância própria" e se estabeleceram entre os rios do Sinos e Taquari e, temporariamente, entre o rio Grande e o arroio Chuí.

*Claramente está provada a presença do negro entre as tropas do Brigadeiro José da Silva Paes, que fundou Rio Grande em 1737, e as do coronel Cristóvão Pereira, que asseguraram, em terra, condições para o desembarque de Silva Paes (vide texto).
(Fonte: CDCEX-Arquivo Iconográfico).*

— DESEMBARQUE DO BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES EM RIO GRANDE - RS, NA TARDE DE 19 FEV 1737, PARA DAR INÍCIO AO POVOAMENTO OFICIAL PORTUGUÊS DO RIO GRANDE DO SUL. FOI AGUARDADO, EM TERRA, PELO CORONEL DE ORDENANÇAS, CRISTÓVÃO PEREIRA DE ABREU, A FRENTE DE LAGUNISTAS, ESTANCIEREIROS DE VIAMÃO E PAULISTAS QUE ASSEGURARAM, EM TERRA, CONDIÇÕES MILITARES PARA O DESEMBARQUE DO BRIGADEIRO.



pesquisas de CHEB e FORTES, O Brigadeiro Silva Paes
— MEX - EME
COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO - 1973

desenho de ALVARO ALVES MARTINS
pesquisa, texto e orientação
maj. CLAUDIO MOREIRA BENTO

O NEGRO NA GUERRA GUARANÍTICA

Em 1750 foi celebrado o Tratado de Madri, entre Espanha e Portugal. Este receberia os Sete Povos das Missões em troca de Colônia do Sacramento.

Os índios missioneiros, liderados pelos jesuítas, se recusaram a entregar os Sete Povos a Portugal.

Organizaram-se exércitos de Espanha e Portugal para, no Rio Grande do Sul, expulsarem, à força, os índios missioneiros.

Os índios reagiram militarmente, dando lugar à Guerra Guaranítica (1754-56).

Os imigrantes açorianos, em grupos de 60 casais, com menos de 40 anos cada cabeça de casal, deveriam povoar os Sete Povos, em substituição aos índios que deveriam abandoná-los.

Para auxiliar na demarcação do Tratado de Madri, veio ao Sul um Exército que, somado com tropas locais, atingiu 1633 homens em Rio Pardo, em 24 ago 1754. Passou à história como Exército Demarcador.

O Negro no Exército Demarcador

O Exército era composto de 1633 homens, dos quais. 190 escravos, assim distribuídos:
(3)

Do Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro	22
Do Regimento de Infantaria Velha do Rio de Janeiro	25
Do Regimento de Infantaria Novo do Rio de Janeiro	13
Da Infantaria de Santos	7
Do Regimento dos Dragões do Rio Grande	70
Das companhias de aventureiros paulistas	3

Escravos do General Gomes Freire e de particulares	44
Outros escravos com distribuição não declarada	6

Não estão computados nesse número mulatos e negros forros (alforriados, libertos), que integravam o Exército Demarcador.

A presença da mulher negra no Exército

A presença da mulher, na retaguarda dos exércitos em marcha no Rio Grande do Sul, foi sempre uma constante.

No Exército Demarcador elas seguiram até pelo menos Rio Pardo.

Gomes Freire, visando proibir a presença das mesmas, na pretendida marcha do Exército de Rio Pardo para as Missões, através do Passo São Lourenço no rio Jacuí, baixou a seguinte ordem, em 28 ago 1754, quatro dias após iniciar marcha com destino ao passo São Lourenço, e no primeiro acampamento, chamado de São Luiz.

"O General Gomes Freire baixou uma ordem para que mulher nenhuma seguisse o Exército.

Como penas pela inobservância de sua ordem estabeleceu:

Se forem casadas seriam condenadas a um ano de prisão. Se mulher nobre, à multa de 400 réis. Se mulatas e negras forras (livres) seriam marcadas no rosto. Se escravas, submetidas a leilão em praça pública." (4)

Isto prova a presença de mulheres acompanhando o Exército e de negras libertas e escravas, e mulatas, de igual forma.

Em 1864, quando o Exército Brasileiro internou-se no Uruguai na Guerra contra Aguirre, o General Osório levantou proibição de que mulheres seguissem seus maridos ou companheiros, na retaguarda do Exército.

Dionízio Cerqueira, veterano da Guerra do Paraguai, contou a seguinte passagem, quando o Exército Brasileiro marchava com destino a Corrientes, para invadir o Paraguai.

"Não era muito raro ouvir-se à noite, depois do toque de silêncio, um vagido de criança que nascia.

Na manhã seguinte, fazia a sua primeira marcha amarrada às costas de alguma china caridosa ou da própria mãe, que com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava magro matungo (5) cuja sela era uma barraca dobrada, presa ao lombo por uma guasca. (6)

Esses filhos do regimento criavam-se fortes e livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com gorro militar velho na cabeça e comendo a magra boia (7) que com eles e as mães repartiam os pais, brutais às vezes, mas, quase sempre, amorosos e bons." (8)

O Visconde de Taunay, que participou da Retirada de Laguna e da Campanha do Paraguai, em sua fase final, chamada Campanha da Cordilheira, deixou-nos diversos testemunhos interessantes sobre a presença da mulher na guerra.

Quando a coluna deixava Uberaba, Taunay refere ao envolvimento do Chefe da Repartição Fiscal, encarregado de alimentar a tropa, com uma mulher conhecida como Cuiabana e assim descrita:

"Já trintona, acaboclada, magra, quase descarnada, mas com feições regulares e nariz fino, inspirara esta mulher não pequenas paixões no tempo do seu maior viço."

E prossegue Taunay:

"Como esta mulher, não poucas "farpelas" seguiam a coluna, vindas de São Paulo e Ouro Preto, ou saídas de Uberaba, em geral muito feias ou repulsivas, com exceção de três ou quatro que tinham pitorescos apelidos: Francesa (ruiva, sardenta e bochechuda), Solda-China e Buscapé, esta a mais viva e espirituosa de todas, e outras.

Duas senhoras casadas com oficiais acompanhavam os maridos. E a do alferes Melchiades não era de todo desengonçada. Engravidou em marcha, montou a cavalo até os últimos dias de gravidez e teve o filhinho com toda a felicidade." (9)

O General Carlos de Meyra Matos, ilustre oficial do Exército Brasileiro, perguntado sobre o possível motivo de, nos relatos comuns sobre guerras, serem omitidas informações sobre a presença da mulher em campanha, respondeu-me mais ou menos assim:

"Creio seja por prudência, em respeito às esposas, às noivas, às namoradas e aos filhos dos soldados que ficaram na retaguarda.

A revelação desses fatos poderia criar diversos transtornos, além de gerar diversas pressões sobre o Governo, inclusive o aumento do número de mulheres na frente, em percentagem insuportável para as operações militares."

Fizemos estas considerações para provar que a mulher sempre esteve junto às operações militares no Rio Grande do Sul.

E dentre elas, não só a mulher branca, como a índia e a mulata e a negra. Esta, liberta ou escrava.

Presenças, favorecendo à miscigenação intensa, dando origem, no RGS, a uma variante de gaúcho, O FILHO DE REGIMENTO, nascido e criado nos acampamentos militares e afeiçoado e adestrado, desde cedo, na profissão das armas.

Os negros do EXÉRCITO DEMARCADOR aumentaram de 186 para 250, quando o Exército marchou de Rio Grande, através do forte São Gonçalo, no rio Piratini, para encontrar-se com o Exército de Espanha nas cabeceiras do Rio Negro, em Bagé, para prosseguirem, juntos, para as Missões.

IMPORTANTE PROVA ICONOGRÁFICA

O coronel Engenheiro Miguel Angelo Blasco, Quartel Mestre General do Exército Demarcador, uma espécie de subcomandante de Gomes Freire, deixou-nos importante testemunho iconográfico sobre o Exército acampado no passo São Lourenço do rio Jacuí, durante cerca de 2 meses e meio, de 7 set-18 nov. 1754. (10)

Trata-se de 3 (três) mapas panorâmicos originais, por ele executados, com auxílio de seu ajudante de campo Jerônimo Mattos.

Estes preciosos documentos têm sido conservados pelo Exército Brasileiro e integram a Mapoteca do Centro de Documentação do Exército, em Brasília.

Estes desenhos constituem fonte primária valiosíssima.

Desenhistas, sob a orientação da extinta Comissão de História do Exército, reproduziram, ampliados, diversos detalhes das mesmas. (11)

Nelas aparecem os negros cuidando da alimentação ou operando canoas e pelotas. (Vide ilustrações 10 e 11).

DRAMAS NEGROS QUE A HISTÓRIA REGISTROU

Compulsando-se o DIÁRIO DA EXPEDIÇÃO DE GOMES FREIRE DE ANDRADA ÀS MISSÕES DO RIO URUGUAI, de autoria do capitão Jacinto Rodrigues da Cunha, retiramos dessa valiosa fonte primária os seguintes tópicos que registram dramas vividos por alguns escravos que integravam esta expedição.

Em 6 set 1754, em marcha, faltando um dia para chegar-se ao passo São Lourenço, o coronel Angelo Blasco assistiu à execução à forca, por ordem de Gomes Freire, de um negro ladrão. (12)

Em 22 de mar 1756, próximo à Santa Maria atual, encontram, trucidado por índios, um escravo que havia fugido 4 dias antes, por ter sido açoitado por seu amo, um oficial da Expedição.

"Seu corpo estava perfurado no peito por 27 lanças, e com as solas dos pés e palmas das mãos em carne viva, após raspadas como tortura." (13)

Esta informação, além de atestar a maldade indígena para com o inimigo, comprova que oficiais portugueses possuíam escravos para servi-los em campanha, desde que tivessem posses para adquirir um.

Em 18 de maio, após os Exércitos de Espanha e Portugal entrarem em São Miguel, abandonada por seus defensores, um negro escravo de um soldado português foi morto com sete lanças, por índios missioneiros que o emboscaram. (14)

No dia 26, nos arredores de São Miguel, foram encontrados um espanhol e um negro, chacinados por índios quando colhiam alimentos nas roças indígenas.

Ambos foram mortos a lanças e em suas feridas os índios enfiaram pedaços de aipim, bem como os corpos das vítimas foram cercados com as batatas e aipins que haviam colhido. O espanhol foi lanceado 70 vezes. (15)

Em 18 de junho de 1756 morreu afogado um escravo, ao virar sua canoa, quando atravessava um rio em São Miguel. "O seu dono, um oficial português, ficou muito consternado por ser pobre e não possuir outro escravo." (16)

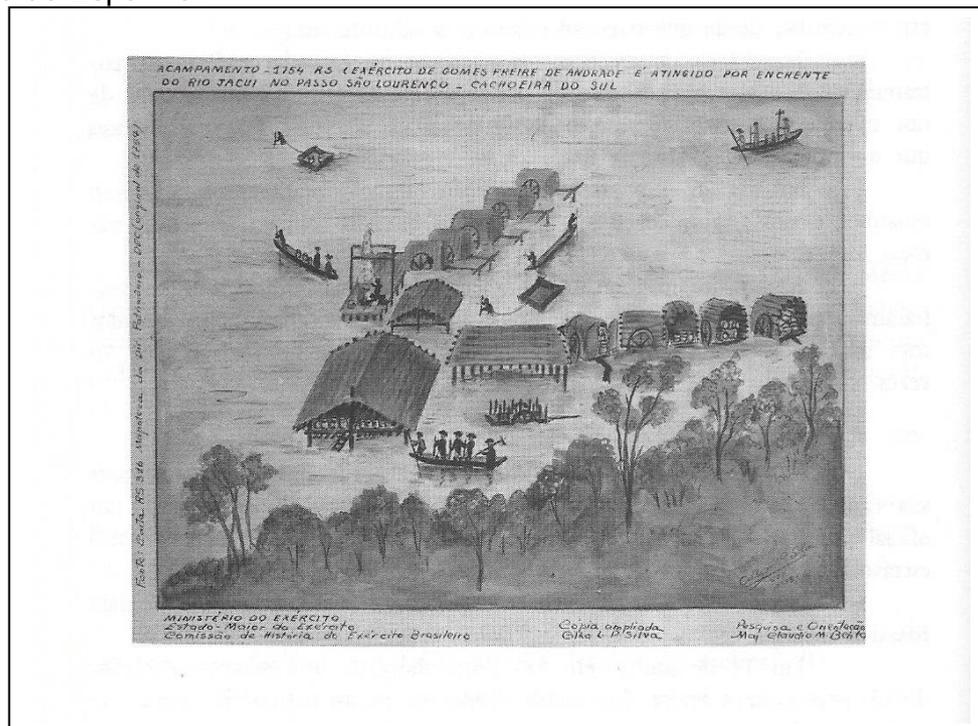
Nesta ocasião todo o Exército marchava para Santo Angelo, para passar o inverno.

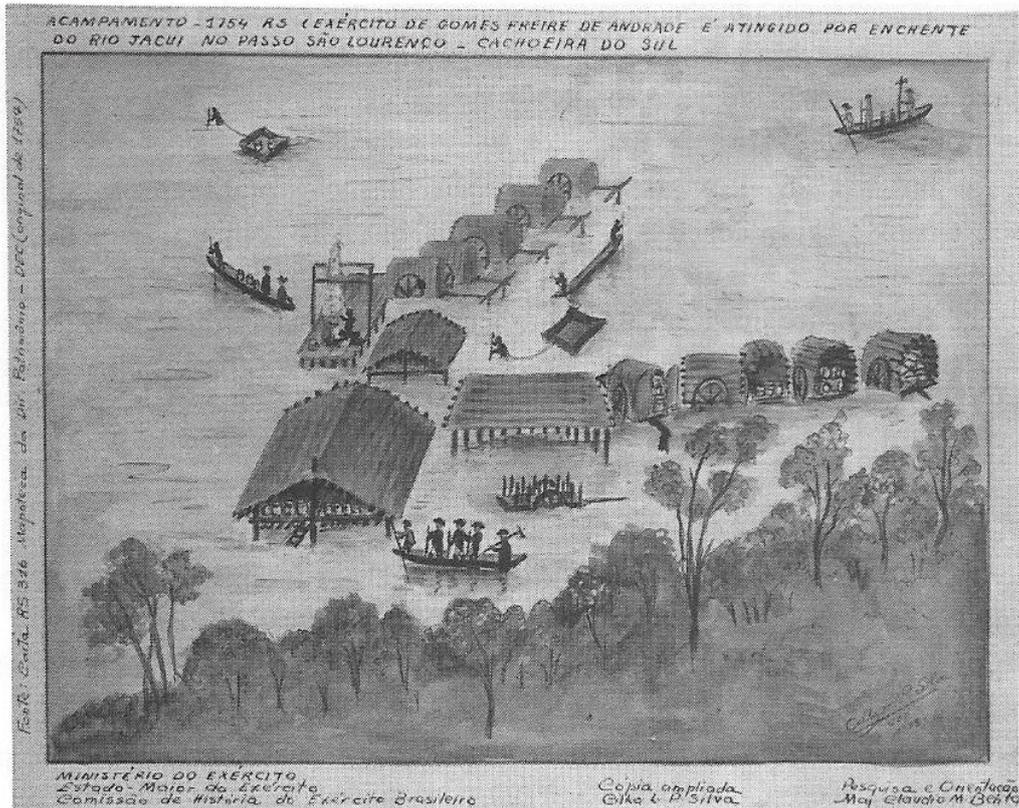
Em 14 de junho, em São Borja, faleceria um escravo cozinheiro do General Gomes Freire. Ele estava doente há muito tempo. Foi sepultado no interior de uma capela, junto ao rio Uruguai. (17)

MISCIGENAÇÃO INTENSA NEGRO-ÍNDIA

Quando o Exército Demarcador penetrou nas Missões, ele encontrou diversas índias sem maridos. Sejam as viúvas dos 1400 índios mortos na Batalha de Caiboaté, de 10 fevereiro de 1756, sejam as dos índios que fugiram e se esconderam em matos à aproximação dos Sete Povos, dos Exércitos de Espanha e Portugal.

É preciso lembrar que iam 250 negros escravos somente no Exército Português, afora os do Exército de Espanha.





Acampamento do Exército Demarcador-1754, no Passo do São Lourenço-rio Jacuí (margem esquerda), durante uma enchente. Na gravura aparecem 5 homens negros cozinhando ou servindo como remadores ou tracionando pelotas de couro.

(Fonte: CDOCEx-Arquivo Iconográfico-cópia de documento da época).

Por, outro lado, não seguiram com os exércitos mulheres, pelo menos em número expressivo. Era natural, após 6 meses de campanha, desde a saída de Rio Grande, que os soldados, inclusive os escravos, estivessem ansiosos por confraternizar com as índias missioneiras.

E isto se verificou de modo intenso, durante os próximos 10 meses que o Exército Português ficou em Santo Angelo, antes de retornar para Rio Pardo e aí permanecer mais 18 meses.

Acresce, segundo observação de August St.Hilaire, ao viajar pelas missões 63 anos após, que as índias tinham preferência em ligar-se sexualmente aos negros. (18)

"Ao cair do dia aqui chegou um dos meus hospedeiros desta viagem, com o qual palestrei muito a respeito das Missões. Disse-lhe admirar-me dos estancieiros dos Sete Povos não possuírem negros escravos ao invés de terem de alugar peões de 8 a 12 patacas por mês.

Respondeu serem a isso forçados devido à predileção das índias pelos negros, pondo-lhes em perdição, transmitindo-lhes doenças venéreas que os vitimavam.

Afirmou que as índias preferem os negros aos brancos e aos próprios índios."

Noutra ocasião Saint - Hilaire entrevistou uma índia missioneira sobre suas preferências amorosas, tendo esta lhe respondido:

"Que se entregava ao índio por obrigação, ao branco por interesse e ao negro por prazer."

Se, por um lado, as índias manifestavam grande atração pelos negros, elas despertavam grandes paixões nos brancos (encantamento, feitiço, rabicho). E depõe o sábio francês:

"Diariamente vêem-se brancos fazerem caprichos por paixão pelas índias, mas em geral elas são infiéis. O notável é que os velhos brancos mostram-se mais apaixonados que os jovens. (19)

Isso é devido à insensibilidade moral das índias, às quais os velhos não repugnam, como acontece entre as brancas e as negras."

Do depoimento de Saint Hilaire conclui-se que o escravo negro era numeroso em todas as estâncias do RGS, exceto nos Sete Povos.

A história não registra, mas é lícito admitir-se o nascimento de muitos cafusos na região dos Sete Povos, no período de abril-dezembro 1757.

O NEGRO NA PRIMEIRA GUARNIÇÃO MILITAR DE PORTO ALEGRE

Em 1752 foram recrutados em São Paulo 200 sertanejos com a missão de apoiar os trabalhos de demarcação do Tratado de Madri. Destes, 58 ficaram, temporariamente, em Porto Alegre (então Porto do Dornelles).

Tinham por missão construir canoas para transportar o Exército Demarcador rumo a Santo Amaro e Rio Pardo, rio Jacuí acima.

Do grupo recrutado, mais uma vez pelo intrépido coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, 58 ficaram algum tempo na região de Porto Alegre, dando origem à primeira guarnição militar ao comando do capitão Francisco Pereira Pinto, um dos fundadores do Presídio Jesus-Maria-José, fundado 15 anos antes.

Este integrava as forças de Cristóvão Pereira e, juntamente com Francisco Pinto Bandeira, fora aproveitado como oficial do Regimento de Dragões do Rio Grande.

Esta pequena tropa era integrada de 14% de negros, dos quais:

Antônio, preto forro (livre), 6 escravos do capitão Mateus de Camargo:

Clemente, Manoel e Felix, nascidos no Brasil, bem como o mulato Inácio.

Damião, nascido em Angola, e Francisco, em Moçambique e 2 escravos de Francisco de Camargo. (20)

É mais um argumento a comprovar a presença do Negro nas bandeiras do RGS, entre os primeiros tropeiros RGS-São Paulo, e entre os que abriram o primeiro caminho terrestre, ligando o litoral do RGS a Sorocaba.

Walter Spalding publica a relação dos 58 paulistas que constituíram a origem da guarnição militar de Porto Alegre. (21)

Entre eles destacou ilustres descendentes de bandeirantes paulistas, como os irmãos Mateus e Francisco de Camargo, donos de 8 escravos; Bartolomeu Bueno da Silva e outros.

Na época, Porto Alegre possuía cerca de 800 almas, representando os negros paulistas cerca de 1%. No ataque de Sepé Tiaraju a Rio Pardo, em Jul 1754, morreram 3 dos 6 escravos do capitão Mateus de Camargo.

O NEGRO NA GUERRA 1763-77

Em 1763, os espanhóis, após conquistarem Colônia de Sacramento, bem como os fortes portugueses de Santa Tereza e São Miguel, no atual Uruguai, invadiram e conquistaram a vila de Rio Grande, que dominariam nos próximos 13 anos.

Os negros, nesta ocasião, tiveram destacada atuação para a reconquista da vila de Rio Grande e, principalmente, para a reconquista de grande parte da campanha gaúcha dentro dos limites do Tratado de Madri, atuando como AUXILIARES das tropas do Capitão Francisco Pinto Bandeira, e a partir de jun 1771, do capitão de Dragões Cypriano Cardoso, ao norte de Camaquã, e das do lendário tenente de dragões do Rio Pardo, Rafael Pinto Bandeira, ao sul do rio Camaquã.

OS SOLDADOS NEGROS DE PINTO BANDEIRA (22)

Sob este título o competente e preciso historiador Guilhermino Cesar publicou artigo no CORREIO DO POVO, de Porto Alegre.

O assunto central prende-se à poesia de um sargento espanhol em 1778, relatando a conquista da Ilha de Santa Catarina e de Colônia por D. Pedro Ceballos, Vice-Rei do Prata.

O sargento referiu em poesia, após chegar à Colônia:

"ALLI NOS DESEMBARCAMOS COM SUMO GUSTO Y PLACER, COMO SE DEXA ENTENDER SEGÚN LOS SUSTOS QUE PASSAMOS MAS APENAS ACAMPAMOS, QUANDO YA MI COMPANIA COM OTRAS QUATRO TENIA ORDEM DE SALIR CORRIENDO CONTRA UM FIDALGO TREMENDO QUE HURTAR CAVALLOS VÉNIA.

PINTO BANDEYRAS LLAMADO ERA EM EFECTO ESTE TAL FIDALGO DE PORTUGAL Y ERA CORONEL GRADUADO: LLEVA SIEMPRE A SU LADO SEGÚN VOCÊS DIFERENTES HORROR DE NEGROS VALIENTES QUE EL TEMOR NO CONOCIAM MAS POR DIOS QUE NO QUERIAM HACER-SE NUNCA PRESENTES."

Procurando o sentido dessa poesia, diríamos:

"Desembarcamos em Colônia do Sacramento com grande gosto e prazer, como não poderia ser de outra forma, após os grandes sustos que rasamos. Apenas acampamos, minha companhia e mais 4 receberam ordens ne marchar de encontro a um fidalgo tremendo que vinha furtar cavalos. Este fidalgo de Portugal era o coronel graduado Rafael Pinto Bandeira. Ele trazia sempre a seu lado, SEGUNDO DIVERSOS TESTEMUNHOS, UMA QUANTIDADE GRANDE DE NEGROS VALENTES QUE NÃO CONHECIAM O MEDO, mas por Deus, não queriam nunca oferecer combate convencional."

O fato de não oferecerem combate convencional era natural. Como guerrilheiros, levavam a efeito uma guerra de desgaste contra o inimigo, através, principalmente, de arreadas. (23) e (24) Estas consistiam em tirar, dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, o gado cavalariço e vacum.

O primeiro, como meio de transporte dos exércitos inimigos, o segundo, como alimentação autotransportável, ambos essenciais ao êxito do deslocamento de uma tropa, nas campanhas uruguaias e sul-rio-grandenses.

A socióloga norte-americana Madaline Wallis Nichols transcreve em sua obra O GAÚCHO prova da existência nas campanhas uruguaias, em 1773-74, de negros e mulatos gaudérios.

SITUAÇÃO DO NEGRO NO RGS EM 1763

Em 1763, o Regimento dos Dragões do Rio Pardo guarnecia toda a fronteira do Rio Grande até o Rio Pardo. As estâncias gaúchas atingiram Rio Pardo pela margem esquerda do rio Jacuí e se multiplicaram entre Rio Grande e Chuí.

Aventureiros, espanhóis e portugueses, brancos, pretos, e índios e mestiços destas três raças, partindo de Rio Grande, Forte São Gonçalo e Rio Pardo, passaram a penetrar, fundo, nas outrora 11 estâncias jesuíticas que existiram até 1756 no quadrilátero Lagoa dos Patos-Jacuí-Ibicuí-Quaraí e Camaquã, para abaterem o gado bovino alçado, nelas abundante, e dele tirar o couro e o sebo, para venderem aos portugueses no forte São Gonçalo, Rio Grande e Rio Pardo. (25)

Recordo: Durante a Guerra Guaranítica o Regimento de Dragões possuía 70 escravos, ou cerca de 15% do seu efetivo, afora mulatos e negros livres.

Em 1780, dois anos após esta guerra, escravos no Rio Grande do Sul eram em número de 5.102, ou 29% da população total levantada, não computando os mulatos e negros livres, em época que no centro do País existiam unidades militares constituídas de negros forros. (26)

No período 1754-63, de quase 9 anos, muitos negros foram introduzidos nas estâncias e na agricultura do trigo.

No ano de 1780, foram plantados, no Rio Grande do Sul, 6.990 alqueires de trigo, ou cerca de 17.000 hectares, não computando o que foi semeado nas regiões atuais de Vacaria e São Francisco de Paula.

Isto equivale a cerca de 1 hectare por habitante, ou cerca de 3,53 por escravo, independente de sexo, ou cerca de 5,3 hectares para cada escravo homem. (27)

Primeiro: Ao longo da tradicional entrada de tropas balizadas por RIO GRANDE-MOSTARDAS-VIAMÃO-PORTO ALEGRE - GRAVATAÍ - SANTO ANTÔNIO e VACARIA, onde se localizavam as maiores estâncias depois da guerra, existiam cerca de 3280 escravos ou cerca de 65% do braço escravo.

Segundo: No eixo PORTO ALEGRE-CAÍ-TAQUARI-SÃO JERÔNIMO-SANTO AMARO-RIO PARDO e CACHOEIRA, por terra e, ao longo do JACUÍ, localizaram-se 35% dos escravos, notadamente em São Jerônimo, ao sul do Jacuí, onde os escravos eram em número maior que o restante da população 640-1277.

Nesta região, creio, já era aproveitada em grande escala a mão de obra escrava para o fabrico do charque ou carne salgada.

Em Pelotas, ainda em 1763, não se havia iniciado o ciclo povoador.

De Torotama e Povo Novo, por ordem do Vice-Rei do Prata, foram retirados seus povoadores, após a conquista do Rio Grande, para fundarem o povoado espanhol de São Carlos, próximo a Maldonado, no Uruguai.

Entre eles foram 16 escravos, conforme relação publicada por Rego Monteiro (28) e de Povo Novo:

Povo	2 do casal Bento José
Novo	2 do casal Francisco Chaves
	2 do casal Thomé Teixeira

Deixaram Povo Novo, em 22 abr 1764, num comboio de 30 carretas, para formarem a povoação de São Carlos, idealizada por Ceballos.

Em 17 out, partiu nova remessa com 3 escravos, do casal sem filhos Francisco Pacheco.

Nesta relação inclui-se Miguel Brito, escravo mulato do Padre Lemos, do Convento dos Dominicanos.

Partiram, por certo, alguns pretos e mulatos livres, entre os soldados e civis solteiros, o que não é possível identificar, como o escravo mulato Miguel Brito.

Repare-se: possui o mesmo sobrenome. Talvez Luiz Brito fosse mulato livre e seu irmão.

Os casais açorianos começaram a entrar em 1747. Após 16 anos, alguns já possuíam escravos, como os que aponteí, embora não fosse comum, dado seu alto custo. Isto deita por terra que o açoriano não teve escravos.

Os casais Francisco Pacheco e Francisco Chaves não possuíam filhos.

Os demais possuíam 1 filho, exceto Manoel Leite, que possuía 10. A maioria dos casais sem escravos possuíam três ou mais filhos.

Rego Monteiro registra que, ao término da guerra 1763-78, continuavam as escaramuças e hostilidades entre luso-brasileiros e espanhóis.

E que na região do Jacuí (Cachoeira e Santa Maria atuais), "índios das Missões, influenciados pelos jesuítas, atacaram a casa do lavrador Manoel Teixeira, ferindo um mulato chamado BRAZ, O NEGRO PEDRO E UMA MULATA DA CASA, A QUEM ROUBARAM AS ROUPAS, DEIXANDO-A NUA." (29)

ISTO PROVA A PRESENÇA DO NEGRO EM NÚMERO SIGNIFICATIVO, EM 1778, NA CASA DE UM PLANTADOR, LAVRADOR OU AGRICULTOR, COMO QUISEREM, PRÓXIMO DA REGIÃO MISSIONEIRA.

Nesta região, conhecida como Jacuí e distante de Rio Pardo, seriam semeados, dois anos após, cerca de 500 hectares de trigo.

Em 17 abr 1777, o coronel Marcelino recomendava como fator de êxito para a vitória na expulsão dos espanhóis:

"Devemos mandar buscar gado e cavalos e fazer plantar muito trigo e milho por alguns soldados lavradores para os Armazéns." (30)

Três anos antes, o coronel Marcelino relacionava como munição de boca existente no Rio Grande do Sul:

"20.000 alqueires de farinha de trigo, dos quais 8.000 em Porto Alegre, 8.000 no Rio Grande e 4.000 no Rio Pardo." (31)

Este trigo era produzido no Rio Grande do Sul.

DESFAZENDO UM EQUÍVOCO HISTÓRICO

Aqui é preciso desfazer um equívoco do brilhante pesquisador coronel Jonathas do Rego Monteiro, um dos mais precisos historiadores militares e o que mais fontes primárias reuniu e publicou sobre a História Militar do Rio Grande do Sul, de 1680-1778. E isto é fundamental para prosseguir o trabalho.

Sua obra - DOMINAÇÃO ESPANHOLA DO RIO GRANDE DO SUL - 1763-77 - talvez seja o melhor trabalho de reconstituição histórica realizado sobre o Rio Grande do Sul, com

base em documentos. Não era seu forte a reconstituição de fato histórico através da interpretação. No Exército, ainda não foi superado e, creio, no Rio Grande do Sul.

No entanto, equivocou-se ao afirmar, por interpretação, que ENCRUZILHADA DO DURO e GUARDAS DA ENCRUZILHADA ficavam ambas ao norte do rio Camaquã, na Serra do Herval, bem como o sítio do Duro, ou seja, a estância do cabo Antônio Lopes Duro, companheiro de Rafael Pinto Bandeira.

Pesquisando, cheguei à conclusão de que o SÍTIO DO DURO e a ENCRUZILHADA DO DURO ficavam na Serra dos Tapes, no atual município de Canguçu, no local denominado Coxilha do Fogo.

Para Encruzilhada do Duro, como para a Guarda da Encruzilhada, convergiam muitos divisores com início em diversos passos do Camaquã. (Vide ilustração explicativa a seguir. Mapa do Marechal Funck).

Os elementos para desfazer este equívoco estão em MONTEIRO. DOMINAÇÃO, pgs. 185-187 e ANTUNES. DRAGÕES. (32) Diário de Marcha do Patrício Correia Câmara, onde ele refere o arroio da ENCRUZILHADA DO DURO.

Rego Monteiro, segundo o general Paula Cidade, foi rigoroso demais em relação ao trabalho do "Pai da História" do Rio Grande do Sul, Visconde de São Leopoldo, ao escrever sobre seus ANAIS DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO.

Sobre a História do Rio Grande "quem mais dela disse, o venerando São Leopoldo, está cheia de confusões e de uma escassez de datas, de forma tal que, dificilmente, senão impossível, é concatenar-se a sucessão dos fatos." (33)

Rego Monteiro também foi rigoroso no julgamento do coronel Thomaz Luiz Osório, que concordou com a rendição da Fortaleza de Santa Tereza ao general espanhol D. Ceballos.

Thomaz Luiz Osório era bisavô do Marechal Luiz Osório.

Monteiro travou uma grande polêmica com o escritor pelotense Fernando Luiz Osório, neto do Marechal Osório, acusando o bisavô deste de traição, covardia e incapacidade. Culpa-o de ter sido responsável pela invasão do Rio Grande em 1763 e pela dominação espanhola da vila de Rio Grande por 13 anos.

O general Paula Cidade, no entanto, referiu em 1959:

"Não é possível compartilharmos das idéias relativas ao valente soldado da guerra guaranítica - coronel Thomas Luiz Osório. No fim de contas, bode expiatório, foi levado ao patíbulo, onde pagou culpas que não eram suas, mas da época de decadência portuguesa que estava vivendo

Note-se que Thomaz Luiz Osório foi, mais tarde, reabilitado em memória, pelos tribunais de Portugal. Aliás uma cópia da sentença que o levou à forca acha-se há vários anos em poder de quem escreveu este verbete, para ser anotado e publicado." (34)

Esta sentença, creio, encontra-se na Academia Militar das Agulhas Negras, junto com o arquivo histórico do General Paula Cidade, por ele doado àquela escola de formação da juventude militar do Exército.

Como vimos, apesar de brilhante, Rego Monteiro era passível de erro, principalmente por interpretação, mostrando, mais uma vez, que a reconstituição histórica resulta de aproximações sucessivas, através do trabalho paciente de diversas gerações de historiadores.

Na falta de verdades absolutas, estabelecem-se verdades provisórias.

Exemplo: — Já não se aceita que tenha sido um cearense o fundador das charqueadas em Pelotas.

Paulo Xavier já fez prova em contrário.

— Já não aceito que a retirada de Vertiz y Salcedo defronte de Rio Pardo tenha sido por um ardid do coronel Marcelino de Figueiredo.

Mas, sim, uma vitória militar de Pinto Bandeira em Santa Bárbara, com a colaboração de seu **HORROR DE NEGROS VALIENTES QUE EL TEMOR NO CONOCÍAN**. Negros que nesta batalha ajudaram a lançar a sorte de um Rio Grande do Sul brasileiro.

—Já não aceitou, até prova em contrário, que a Real Feitoria de Linho - Cânhamo do Rincão de Canguçu tenha sido na ilha, hoje conhecida por Feitoria, e sim em Canguçu Velho, no município de Canguçu.

Mas não será pelas imprecisões do trabalho do Visconde de São Leopoldo que ele perderá seu imenso valor, ainda mais se considerarmos que ele realizou esta tarefa junto com o exercício de outras de grande responsabilidade, além de absorventes: Auditor Militar, Deputado às Cortes de Lisboa e a Constituinte em 1824, 1º Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Senador e Conselheiro e Ministro do Império.

O Visconde nasceu há 200 anos atrás. Pelo que de relevante ele fez em favor da historiografia do Rio Grande do Sul, merece incontestavelmente o título que lhe deram: Pai da História do Rio Grande do Sul.

SERRA DOS TAPES, BASE DE OPERAÇÕES DE RAFAEL E SEU "HORROR DE NEGROS VALIENTES"

Para dizermos da enorme contribuição de Rafael e seus bravos gaúchos e, dentre eles, seus "NEGROS VALIENTES QUE EL TEMOR NO CONOCÍAN", para a definição de um Rio Grande do Sul brasileiro, é necessário uma síntese para situarmos o prezado leitor.

Em 1763, na ameaça de invasão do Rio Grande do Sul, os Dragões de Rio Pardo marcharam através da Serra do Herval e Tapes, em direção ao Chuí. Após, ergueram a trincheira de Santa Tereza. O Rio Grande estava despreparado para enfrentar uma invasão. Disponha somente do REGIMENTO DOS DRAGÕES DO RIO PARDO e duas companhias de Milícias na Fronteira do Rio Pardo.

Após a Guerra Guarânica foi estabelecido um caminho terrestre ligando as três mais importantes bases militares do RGS: Rio Grande-Forte São Gonçalo e Rio Pardo, através das Serras dos Tapes e Herval. Este caminho tinha pontos obrigatórios de passagem: ENCRUZILHADA DO DURO (Coxilha do Fogo-Canguçu-na serra dos Tapes), PASSO DO CAMAQUÃ DE

BAIXO (Vão dos Prestes no rio Camaquã) e GUARDA DA ENCRUZILHADA (cidade de Encruzilhada do Sul atual na serra do Herval).

Com a conquista da vila de Rio Grande, em 1763, pelos espanhóis, muitos povoadores da região, inclusive escravos fugidos, estabeleceram-se, ao longo desse caminho.

Rio Pardo, temendo um ataque espanhol, seja da vila do Rio Grande, seja de Montevideu, através da campanha, na direção BAGÉ (atual)-RIO PARDO, mandou ocupar militarmente as serras dos Tapes e do Herval e estabeleceu vigilância nos passos dos rios Jacuí e afluentes, e do Camaquã.

A vigilância na Serra do Herval e passos dos rios Jacuí e afluentes ficou a cargo do capitão Francisco Pinto Bandeira, auxiliado, por certo, por alguns escravos de sua estância em Sapucaia e de outros aventureiros da área.

Com sua morte, em Rio Pardo, em 15 Jun 1771, esta vigilância ficou a cargo do capitão paulista Cypriano Cardoso.

A vigilância na Serra dos Tapes e nos passos do canal São Gonçalo e do rio Piratini ficou a cargo do tenente de dragões Rafael Pinto Bandeira.

O rio Camaquã dividia as áreas de responsabilidade entre os dois Pinto Bandeira, pai e filho e, após, entre Cipriano Cardoso e Rafael.

Rafael Pinto Bandeira e seus bravos cumpriam as seguintes missões militares em suas bases, no atual município de Canguçu:

DURANTE A OCUPAÇÃO ESPANHOLA DA VILA DO RIO GRANDE

— Cobrir, à distância, a base militar de Rio Pardo, de um ataque espanhol partido de Rio Grande.

— Atuar na retaguarda do inimigo em Rio Grande, fazendo-o desviar valiosos meios militares para a vigilância do canal São Gonçalo, facilitando a reconquista da margem norte 6 jun 1767 e da Vila de Rio Grande, em 1^o abr 1776.

— Enviar patrulhas até as imediações de Maldonado e Montevidéu, com o objetivo de colher informações sobre movimentos do inimigo e enfraquecê-lo, privando-o de seus cavalos e vacuns, fundamentais para uma operação militar sobre o Rio Grande (TRANSPORTE E ALIMENTAÇÃO).

— Não permitir o estabelecimento, impune, em território português pelo Tratado de Madri, de estâncias espanholas, abrigo de numerosos vacuns e cavalos arreados aos espanhóis.

— Ficar em condições de reforçar operações na Serra do Herval, de defesa da base do Rio Pardo de um ataque espanhol partido; seja da direção BAGÉ-RIO PARDO, seja das MISSÕES-RIO PARDO, ou de um ataque combinando estas duas direções, como o tentado em 1774 pelo governador de Buenos Aires, Vertiz y Salcedo.

APÓS A EXPULSÃO DOS ESPANHÓIS DA VILA DO RIO GRANDE

— Cobrir, à distância, no corte do rio Camaquã, um ataque espanhol sobre Rio Grande, através do rio Camaquã.

— Base de partida de patrulhas e arreadas em território inimigo, até as imediações de Maldonado, Montevidéu e Colônia, para colher informações sobre o inimigo e arrear gado vacum e cavalos.

— Cobrir a direção MELO-HERVAL-CANGUÇU de um ataque sobre esta região, base de partida de ataques sobre RIO GRANDE ou RIO PARDO.

80 ESCRAVOS NO ATAQUE DE SANTA TECLA

A seguir transcreverei, de Rego Monteiro, ordenados, alguns trechos que provam minhas afirmativas, partindo do pressuposto de que ENCRUZILHADA DO DURO era na Serra dos Tapes.

O governador do Rio Grande de São Pedro "só a 16 é que mandou instruções para a marcha de Rafael, expedindo-as para ENCRUZILHADA DO DURO".{05)

Eram instruções para o ataque ao Forte de Santa Tecla.

"Tinha Rafael partido de seu posto, na ENCRUZILHADA DO DURO, neste dia, e, encontrando-se com as forças de Patrício, foram todos acampar no arroio Piquiry às 4 horas." (36)

Isto foi no dia 17 de fevereiro.

Seguiam com Rafael... "180 peões e ESCRAVOS. Ao todo, 619 pessoas." (37)

Somente Patrício Correia Câmara havia entrado com mais de 300 homens, dos quais 100 auxiliares computados anteriormente nos "180 peões e ESCRAVOS"

Daí se conclui que os ESCRAVOS eram em número de 80 e trazidos de Encruzilhada do Duro por Rafael, com cerca de mais de 220 homens.

Aqui podemos dizer que 80 NEGROS VALIENTES DE RAFAEL tomavam parte do ataque de Santa Tecla, afora outros NEGROS e MULATOS auxiliares ou peões e soldados de 1ª Linha.

NEGROS NA LEGIÃO DE CAVALARIA LIGEIRA DE RAFAEL

O sargento-mor Patrício Correia Câmara, após Santa Tecla, marchou para o Taim, através de Guarda da Encruzilhada, Camaquã de Baixo (Vão dos Prestes) e Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo, em Canguçu), conforme seu Diário de Marcha (38) no qual referiu Guarda da Encruzilhada na Serra do Herval e a Encruzilhada do Duro na Serra dos Tapes. Patrício marchou com 80 auxiliares. Deduz-se que os 80 ESCRAVOS ficaram com Rafael.

"Rafael foi criado coronel da Legião de Tropas Ligeiras que devia ser composta de AVENTUREIROS, exclusivamente do RIO GRANDE, VIAMÃO e RIO PARDO." (39)
Aventureiros - subentende-se que podia incorporar democraticamente qualquer tipo de voluntário.

Em novembro, entre as providências tomadas por Bohn, foi organizada em Rio Grande a "Legião de Voluntários de Rafael... 600 homens, anexando-lhe a COMPANHIA DE GARCIA DOS VOLUNTÁRIOS PAULISTAS, a melhor armada, e a COMPANHIA DE INFANTARIA DE ÍNDIOS DE ALDEIAS DOS ANJOS." (40)

Misturavam-se brancos, pretos, índios e mestiços de todos os matizes, para formar a primeira tropa autenticamente gaúcha brasileira, raiz da atual 8ª BRIGADA DE INFANTARIA MOTORIZADA DE PELOTAS. Nela incorporaram os 80 escravos de Santa Tecla.

TROPA DE HENRIQUES DE PERNAMBUCO NO RIO GRANDE

A ilha de Santa Catarina foi atacada por Ceballos. "E a debandada de gente da ilha foi de tal ordem que vieram bater em Viamão 60 PRETOS do contrato de Azeite de Baleia" (41), da Armação em SC.

Nesta ocasião encontravam-se em Santa Catarina diversos valorosos NEGROS do Regimento dos Henriques de Pernambuco, e, os que recusaram render-se, vieram ter no RGS, onde foram acolhidos.

O Vice-Rei, sabedor do desastre de Santa Catarina, decidiu mandar, de Minas Gerais para o Rio Grande do Sul, um forte contingente que, segundo opinião do coronel Marcelino, ao governador de São Paulo: "SÃO PRETOS, BRANCOS, MULATOS, O QUE HÁ DE MAIS INDIGNO NAQUELA CAPITANIA". (42)

"Desta gente", PRETOS, BRANCOS, MULATOS, "chegaram a rs... 400 homens, devendo o capitão-mor daquela vila, por ordem de José Marcelino, Fazê-los esperar pelos mais, e fazer seguir a Cavalaria auxiliar de :LO Paulo sua viagem, pois iria estacionar na ENCRUZILHADA DO DURO. (43)

SERRA DOS TAPES, BASE DE PARTIDA DE ARREADAS DE RAFAEL

Nesta ocasião tinha havido uma notícia de invasão do Rio Grande Sul por Rio Pardo. (44) Rafael deslocou-se para a Serra dos Tapes, na Encruzilhada do Duro, com sua Legião. "Durante os primeiros dias de maio ele esteve à morte, sendo preciso transportá-lo de padiola, por seus companheiros. Mas, mesmo assim, se manteve

vigilante, enviando os cabos Bernardo Antunes e Antônio Lopes Duro com soldados e castelhanos à BUSCA DE INFORMAÇÕES" (45) em território inimigo.

Antônio Lopes Duro emprestara seu nome ao Sítio do Duro e Encruzilhada do Duro, localizados na Serra dos Tapes. Desta era muito fácil informar Rio Grande sobre o inimigo. E prossegue o relato: "E por eles vieram as primeiras informações das forças de Ceballos, sua marcha para o ataque de Colônia do Sacramento, do reforçamento de Santa Tereza, não deixando de trazer seus ESCULCAS (46), o gado e cavalos arrebanhados nas estâncias espanholas da Campanha de Montevidéu, como era hábito na época; sendo todas as notícias transmitidas ao general Bohn, em carta de 5 Jun."

"As notícias trazidas pelos esculcas determinaram a Rafael, já então restabelecido só pela mudança de acampamento, a mandar gente à busca de mais informações, vindo desta feita pelas partidas que andaram pelos campos de Maldonado, informações da queda da Colônia e marcha das forças para Montevidéu, notícias essas enviadas logo por cartas a José Marcelino que as transmitiu ao general Bóhn a 9 de julho". (47)

Em 27 ago foram suspensas as hostilidades entre Espanha e Portugal aqui na América.

"Sem conhecimento das hostilidades, ainda em fins de agosto, tinha Rafael enviado o Sargento Bernardo Soares com uma partida para os lados de Maldonado que aprisionou um alferes mui ladino (esperto)... trazendo na mesma ocasião 1600 cavalos chucros apresados na mesma zona." (48)

E aqui cremos haver fornecido elementos suficientes para justificar na poesia do Sargento espanhol a expressão: "UM HORROR DE NEGROS VALIENTES QUE EL TEMOR NO CONOCIAN".

É provável que o militar espanhol tenha referido à partida do sargento Bernardo Soares que, segundo ele, em sua poesia, "HURTAR CAVALOS VÉNIA".

Esta arreada conseguiu trazer 1600 cavalos chucros.

Por um dever de justiça, aqui reconhecemos, como pesquisador de História Militar, o que já foi reconhecido pelo inimigo de ontem, a imensa contribuição militar de Rafael Pinto Bandeira e seus bravos legionários, incluindo-se seus NEGROS VALIENTES, para a manutenção portuguesa do Rio Grande do Sul.

De sua coragem, bravura e habilidade, dependeu todo o EXÉRCITO DO SUL, quanto às importantíssimas informações militares sobre o dispositivo e decisões do inimigo.

Mas não ficou aí a contribuição desses bravos heróis anônimos, aos quais se deve em grande parte um Rio Grande do Sul brasileiro, pela grande repercussão estratégica da decisiva vitória de Santa Bárbara, de 2 jan 1774.

COMBATE DE SANTA BÁRBARA, DEFINIÇÃO DE UM RIO GRANDE DO SUL BRASILEIRO

Em 1773, o general espanhol Vertiz y Salcedo, à frente de poderoso Exército, invadiu o Rio Grande do Sul para, em síntese, expulsar dali os portugueses em definitivo.

Pretendia, na altura do Rio Pardo, operar junção com uma coluna proveniente das Missões, trazendo-lhe 1100 cavalos, 300 bestas de carga e 100 bois mansos para carreta. Enfim, remonta para seu Exército ganhar maior impulsão.

Em 2 jan 1774, Rafael comandava a seguinte tropa:

— 40 companheiros seus que trouxe da Serra dos Tapes, de Encruzilhada do Duro, provavelmente muitos pretos seus escravos ou gaudérios.

— 55 auxiliares do capitão Cypriano Cardoso, provavelmente muitos negros escravos seus e de outros estancieiros, entre o Jacuí e o Ca-

maqua.

— 10 dragões do Rio Pardo ao comando do tenente Francisco Álvares de Oliveira.

Com estes 100 bravos ele surpreendeu, em Santa Bárbara, a tropa do capitão D. Antônio Gomes e Velasco, que tinha a seguinte constituição:

- 80 homens de 2 companhias de Milícias de Corrientes.
- 310 índios missioneiros armados com lanças e flechas sendo:
 - 75 de São Miguel.
 - 75 de São João.
 - 40 de São Lourenço.
 - 70 de São Luiz.
 - 50 de São Nicolau. (49)

E mais cavalhadas, bestas e bois de carga.

Caiu em poder de Rafael toda tropa miliciana e o gado. Os índios dispersaram em sua maioria.

REPERCUSSÃO DESSA VITÓRIA

O RGS estava em péssima situação militar quantitativamente. Vertiz y Salcedo, com os 1200 cavalos, 300 bestas de carga e 100 bois mansos, poderia prosseguir no seu objetivo que assim interpreto:

Conquistar, sucessivamente, Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e .—preisar contra os espanhóis, em Rio Grande, as forças portuguesas que r-axneciam São José do Norte. Após, limpar as serras dos Tapes e do Herval ios guerrilheiros de Rafael e Cipriano.

Vertiz y Salcedo, sentindo-se a pé, marchou célere na direção da base mais próxima, Rio Grande, através das serras do Herval e dos Tapes, perseguido de perto por Rafael e seus bravos, inclusive seu "HORROR DE NEGROS VALIENTES".

Nesta sua incursão, Vertiz y Salcedo deixou plantados no Rio Grande do Sul dois fortes espanhóis: Santa Tecla, em Bagé, e o de São Martinho, em Santa Maria. Ambos foram construídos para conter incursões de guerrilheiros portugueses das serras dos Tapes e do Herval, em território espanhol.

Segundo Vertiz y Salcedo, da Serra dos Tapes partiam, através de Santa Tecla, os homens de Rafael, para as campanhas do Uruguai, de Corrientes e Entre Rios, para arrear gado, ou da Serra do Herval, para as Missões, através da picada de São Martinho, com a mesma finalidade.

Rafael e seus bravos, inclusive NEGROS e MULATOS de suas tropas, conquistaram esses fortes em 1775 e 1776.

Nesta guerra, para suas incursões de informações e de arreadas de gado, Rafael explorou outro caminho de penetração no Uruguai que passava entre os fortes de Santa Tereza e Santa Tecla.

Foi o caminho CANGUÇU-PIRATINI-HERVAL-CERRO LARGO (no Uruguai), através do passo Centurion (antigo N. S. da Conceição, no rio Jaguarão).

Por esta razão, uma das primeiras providências dos espanhóis, em 1801, foi a construção do Forte de Cerro Largo, defronte a Herval do Sul, ponto inicial de concentração da Fronteira do Rio Grande na Guerra de 1801. O local onde foi decidida a guerra é o Passo Centurion (N. S. da Conceição na época).

Rafael e seus "negros valientes que el temor no conocian", que ajudaram a definir o destino brasileiro do Rio Grande do Sul na Guerra 1763-1777 (ver texto).
(Alegoria com apoio em CESAR. Os negros de Pinto Bandeira).



"NUNCA TANTOS DEVERAM TANTO A TÃO POUCOS"

Hoje, os milhões de filhos do Rio Grande do Sul devem muito, mas muito mesmo, à obra épica realizada pelos bravos guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira e de Cipriano Cardoso, que não chegaram a numerar 100 homens.

Decorridos 200 anos do decisivo combate de Santa Bárbara, esquecemo-nos de tipos de homens assim definidos pelo governador do Rio Grande de então:

"HOMENS PRETOS, BRANCOS E MULATOS DO QUE HÁ DE PIOR NAQUELA CAPITANIA" e lembramos somente da grande repercussão, hoje, de suas magníficas obras militares para milhões de gaúchos brasileiros e 100 milhões de brasileiros.

E creio que podemos, hoje, afirmar, repetindo Winston Churchill sobre Hitler:

NUNCA MILHÕES DE GAÚCHOS DEVERAM TANTO COMO AOS 100 BRAVOS MILITARES E AVENTUREIROS GAÚCHOS, ESCRAVOS, BRANCOS, NEGROS, ÍNDIOS E MESTIÇOS, VENCEDORES DE SANTA BÁRBARA , HÁ 200 ANOS ATRÁS.

O NEGRO ERA NUMEROSO NO RIO GRANDE DO SUL ANTES DE 1780

A seguir, através da gravura 16 (na pag. 107), mostraremos a distribuição dos escravos no Rio Grande do Sul em 1780, provando que o Negro era numeroso na área, numa proporção de cerca de 29% de toda a população, não computados os pretos e mulatos libertos ou militares.

Isto, creio, lança por terra conceitos firmados, tais como:

— "O Negro não era numeroso no Rio Grande do Sul antes de 1780."

— "Assim, nunca houve condições favoráveis à introdução de grandes levas de gente, africana nestas paragens, até 1780, pelo menos."

— "Que os açorianos não utilizavam escravos na lavoura."

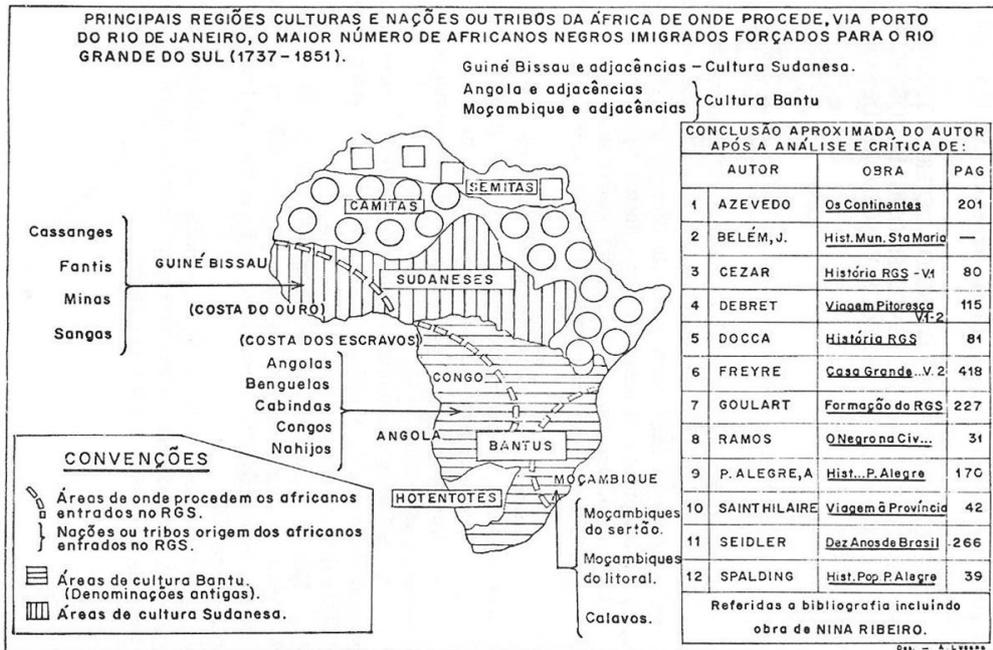
— "Que o escravo não foi necessário ao desenvolvimento das estâncias nos primeiros tempos."

Até a Guerra Guaranítica ele foi importante no desenvolvimento das estâncias em torno de Viamão, e após, nas estâncias compreendidas na Bacia Ocidental, onde a presença do índio foi pequena.

Nas da Bacia Oriental, composta pelos rios Quaraí, Ibicuí, Ica-maquã, Piratini e outras estabelecidas, entre 1801 e 1822, a contribuição maior foi do peão índio e a presença do negro escravo ou livre, pequena. (Ilustração 25 p. 127).

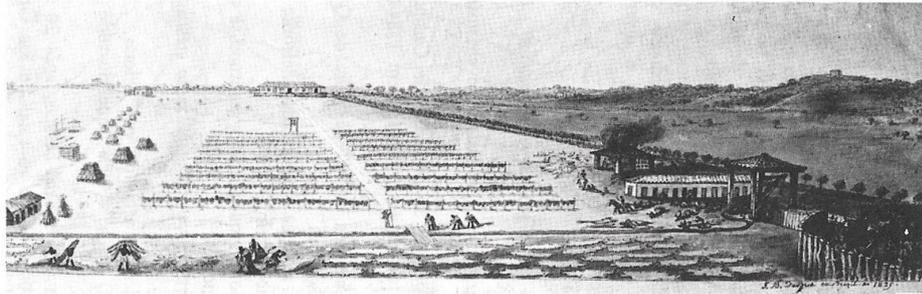
Nos últimos 3 anos antes da Abolição, não existiam escravos na Bacia Oriental, ou então em número expressivo, conforme dados colhidos em Almanaque da época, editado em Porto Alegre.

PRINCIPAIS REGIÕES CULTURAS E NAÇÕES OU TRIBOS DA ÁFRICA DE ONDE PROCEDE, VIA PORTO DO RIO DE JANEIRO, O MAIOR NÚMERO DE AFRICANOS NEGROS IMIGRADOS FORÇADOS PARA O RIO GRANDE DO SUL (1737 - 1851).



*Este documento deita por terra conceito firmado de que a presença do africano negro e seus descendentes passou a ser expressiva com as charquadas.
 Computando-se a população negra e seus descendentes livres, poderíamos estimar de 35 a 40% os negros e descendentes sobre a população total.*

*Charqueada em Pelotas-1825, segundo desenho de Debrét. Aparecem na gravura cerca de 20 homens negros acionando uma unidade do complexo industrial saladeiro gâncbo sob o qual repousou a riqueza do Rio Grande do Sul (1780-1920).
(Fonte: Raymundo de Castro Maya-Rio de Janeiro).*



O NEGRO NA ECONOMIA DO RIO GRANDE

O Negro contribuiu decisivamente com seu esforço para a grandeza econômica do Rio Grande do Sul.

Seja como agricultor de trigo, milho e linho-cânhamo, seja como industriário de charque, a maior riqueza do sul, no período de 1780, até por volta do início do século XX, seja como peão de estância na bacia Ocidental do Estado e regiões de Vacaria e Lagoa Vermelha, onde executou, com grande habilidade, dentre outros, os seguintes ofícios: domador, carreteiro, tropeiro, laçador, agricultor de trigo e milho, pedreiro, carpinteiro, guasqueiro, compositor e corredor de carreiras, hortelão e diversos ramos de artes e ofícios.

O NEGRO NAS CHARQUEADAS

Segundo a tradição, a indústria do charque teve início na região de Pelotas, em 1780.

No entanto, mapa do Marechal de Campo Jaques Diogo Funck levantado em 1775 e o de limites levantado em 1784-88 não confirmam essa tradição.

O primeiro assinala ao sul da praia de Quintão a "Charqueada Velha" e a "Charqueada Nova".

O segundo, algumas charqueadas defronte ao forte São Gonçalo na margem direita do rio Piratini. (50)

A procura do charque gaúcho acentuou-se cada vez mais no mercado nacional e internacional.

Para movimentar sua industrialização crescente foi preciso importar cada vez mais escravos.

Em 1814 eles numeravam, em Pelotas, 2.226 ao lado de igual número de brancos (51) ou seja 50%, quando todo o Rio Grande possuía 29% de pretos escravos.

Em 1833, os escravos em Pelotas, após 20 anos, haviam mais que duplicado, atingido 5.000, ou seja, o total do Rio Grande do Sul, cerca de meio século atrás.

As charqueadas em Pelotas chegaram a atingir 33 que transformaram, em 15 anos, 5.000.000 de cabeças de gado em charque. Todo este trabalho foi realizado pelos escravos. (52)

Mas as charqueadas não foram só em Pelotas, como também ao longo do rio Jacuí, em São Jerônimo, Triunfo e outros locais.

A região de Charqueadas onde foi construída a usina de Aço Finos Piratini, lembra aqueles tempos.

Em 1821, Saint-Hilaire ao navegar pelo Jacuí assinalou a charqueada do Curral Alto de S. João da Fortaleza. (53)

Com o enriquecimento de muitos estancieiros, estes passaram a introduzir em suas estâncias, em grande número, o braço escravo.

Debret fixou em aquarela, sem nunca ter vindo ao sul, duas cenas de charqueadas que reproduzo neste trabalho, testemunhas eloqüentes do trabalho do negro nas mesmas. (54)

Em Piratiní, em 1814, que compreendia os atuais municípios de Canguçu, Pinheiro Machado, Pedro Osório, Bagé até o Piraí, os negros somavam 1870 ou mais da metade dos brancos em número de 1535 e 10 vezes superior ao número de índios – 183.

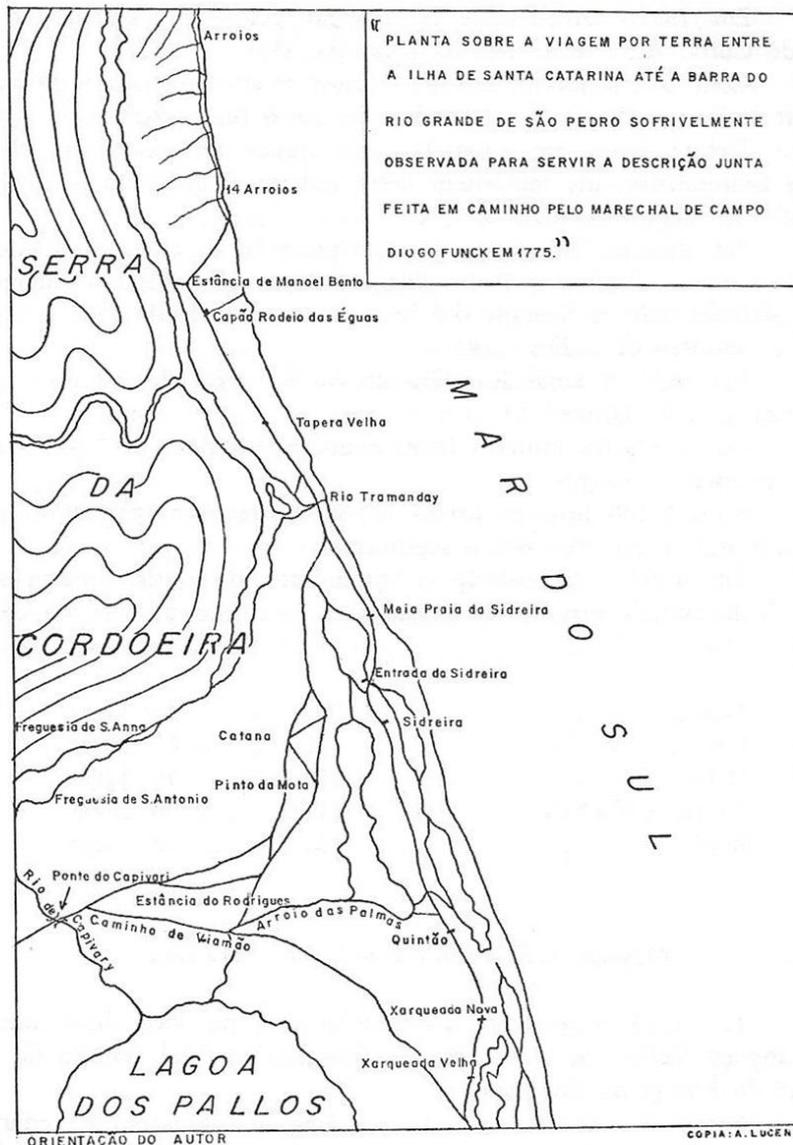
Em todo o atual Rio Grande do Sul existiam cerca de 26.000 negros para 32.300 brancos. (55)

Os negros ou mulatos livres eram em número de 5.400 ou mais de 20% do total de negros.

Estes 5.400 homens pretos livres emprestaram, por certo, grande contribuição militar nas campanhas seguintes.

Em 1887, os municípios formadores do antigo município de Piratiní da Revolução Farroupilha possuíam o seguinte número de escravos: (56)

Canguçu.....	739	2.º lugar
Piratiní.....	391	6.º lugar
Herval.....	258	10. lugar (57)
Pinheiro Machado	112	26. lugar
Bagé.....	82	28. Lugar



Ao sul de Quintão aparecem duas charqueadas, estabelecidas desde 1754, para apoio logístico do Exército Demarcador de Gomes Freire em sua marcha rumo a Rio Pardo. Foi estabelecida pelo coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira.

(Fonte: Anais do 2º Congresso de História e Geografia Rio-Grandense).

O NEGRO NA REAL FEITORIA DO LINHO - CÂNHAMO

Em 1783 o governo mandou instalar no local hoje conhecido como Canguçu Velho, no município de Canguçu, a Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão do Canguçu.

Situou-se na serra dos Tapes, área de operações e cenário das glórias militares imortais, no período 1770-78, de Rafael Pinto Bandeira e seus bravos, entre eles seu "horror de negros valientes que el temor no conociam", que contribuíram decisivamente, como demonstrei, para a definição de um Rio Grande do Sul brasileiro.

Para acioná-la foi escolhido como administrador o padre Rodrigues Prates, filho do capitão-mor de Laguna João Rodrigues Prates, desde 1733 estancieiro em Viamão e que na Guerra 1763-77 comandara uma Campanha de Aventureiros Paulistas.

O proprietário das terras onde se instalou a Feitoria, foi o capitão-mor Paulo Xavier Rodrigues Prates, irmão do padre administrador.

Auxiliaram o padre o sargento do Regimento Novo do Rio de Janeiro, José Morais Sarmiento, e dois irmãos João e Matias Martins, soldados do Regimento de Bragança, que se destacou na conquista da vila de Rio Grande, em 1 de abril de 1776, ao comando do então coronel Veiga Cabral.

A Feitoria foi acionada por 72 ESCRAVOS. (58)

- 43 transferidos do atual Estado de GUANABARA da antiga Feitoria de Santa Cruz,
dos quais 28 ESCRAVOS HOMENS E 15 MULHERES.
- 29 provenientes da interceptação de um contrabando a Montevideú,
dos quais 16 homens e 13 mulheres.

Em 1889, ano da transferência da Feitoria para São Leopoldo, já haviam nascido em Canguçu 23 crianças escravas, das quais 12 meninos e 11 meninas.

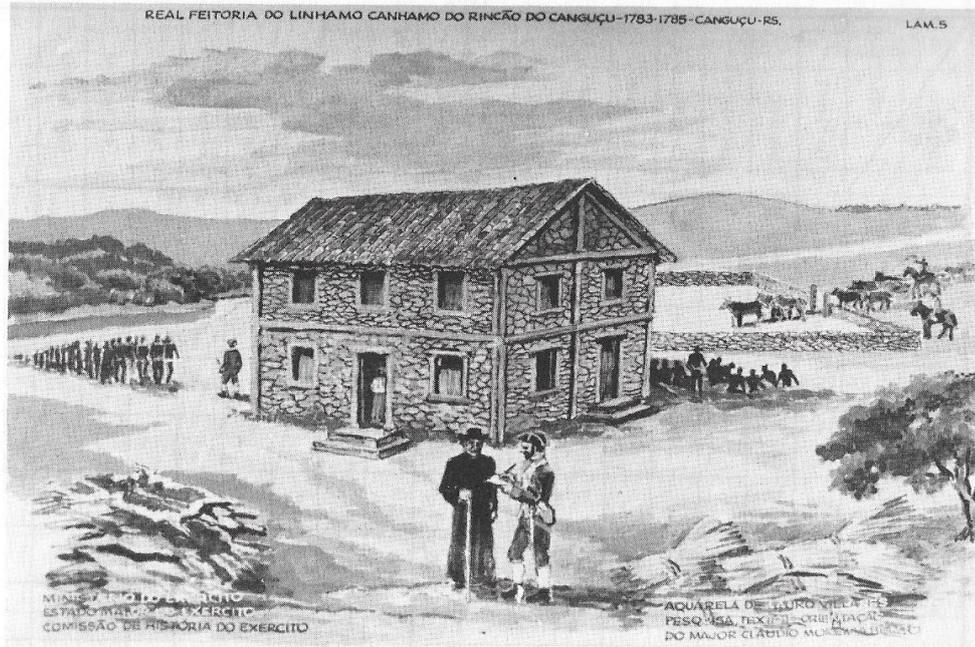
Em 1807, os escravos da Feitoria, em São Leopoldo, chegaram a numerar 238, distribuídos segundo quadro que publico neste trabalho.

A Feitoria em Canguçu e São Leopoldo funcionou durante mais de 40 anos (1783-1824) até sua extinção, para cessão de suas instalações para abrigar os primeiros imigrantes alemães chegados ao Rio Grande do Sul. (59)



Ruínas do sobrado sede da Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão de Canguçu 1783-1788 em Canguçu Velho-Município de Canguçu-RS 1972 (vide texto).

(Fonte: Foto de Jesus Bento Martins e pesquisa do autor)



*Real Feitoria de Linho-Canhamo do Rincão do Canguçu-RS. Reconstituição com apoio nas ruínas existentes em Canguçu Velho-Município de Canguçu-RS.
(Fonte: CDOEx-Arquivo Iconográfico).*

DISTRIBUIÇÃO POR IDADES, DESTINOS OU FUNÇÕES DA MÃO-DE-OBRA ESCRAVA NA REAL FEITORIA DO LINHO-CÂNHAMO DO FAXINAL DA COURITA (MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO)
1801

Quadro organizado pelo autor com base em CRUZ. Exposição sobre linho cânhamo. (vide bibliogr.)

IDADES	DESTINOS													T O T A L				
	Inválidos	Doentes	Ferreiros	Carpinteiros	Aprendizes	Alfaiates	Oleiros	Campeiros	Sota Feitores	Empregados na Fazenda	Idem na Cult. de Sustento	Idem na Cult. de linho	Em Galés		Fiadeiras	Tecedeiras	Costureiras	Cozinheiras
1 a 5	55																	55
5 a 10	17													15				32
10 a 15	1			1	2		1	9						16				30
15 a 20			1	2	2			6			2			11	1	2		27
20 a 30		1				1	4	1			9		1		5	3		25
30 a 40	2						1	1	2	2		25	1					34
40 a 60	1	1	1	1					2			11	1					18
60 a 100	3	2	2	1			1			3	4						3	17
TOTAL	79	4	4	5	4	1	7	17	4	5	15	36	3	42	6	5	3	238

23 - O autor do relatório, do qual foram extraídos estes dados, era administrador da Feitoria, na época. Segundo Leopoldo Petry, foi assassinado por um dos escravos da Feitoria.

FAMÍLIAS DE AFRICANOS NEGROS E SEUS DESCENDENTES QUE EXISTIAM NA FEITORIA DO LINHO-CÂNHAMO DO FAXINAL DA COURITA EM SÃO LEOPOLDO ATUAL, EM 18 JAN. 1824, SEGUNDO INVENTÁRIO DESTA DATA.

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS POR SOBRENOMES	IDADE
1	1	ALMEIDA, Feliciano de	49
2		ALMEIDA, Joana Maria de (esposa)	35
3		ALMEIDA, Ricardo de (filho)	-
4		ALMEIDA, Ponciana de (filha)	6
5		ALMEIDA, Cândida de (filha)	4
6		ALMEIDA, Manoel de (filho)	1
7	2	ALVES, José	39
8		ALVES, Catharina Fernandes (esposa)	31
9		ALVES, Paulo (filho)	16
10		ALVES, Luciana (filha)	14
11		ALVES, Izabel (filha)	12
12		ALVES, Joaquina (filha)	7
13		ALVES, Leopoldina (filha)	3
14	3	ALVES, Theodório	26
15		ALVES, Florinda Gomes (esposa)	25
16		ALVES, Marcelina Gomes (filha)	1
17	4	ANDRADE, Benedito de	41
18		ANDRADE, Angela da Lapa (esposa)	23
19		ANDRADE, Joao de (filho)	9
20		ANDRADE, Maria de (filha)	3
21		ANDRADE, Iñez de (filha)	1
22		ANTUNES, Matheus (viúvo)	81
23	5	ASSUMPÇÃO, Prudêncio de	70
24		ASSUMPÇÃO, Ana Santa Ana (esposa)	53
25		ASSUMPÇÃO, Theodósia (filha)	24
26		ASSUMPÇÃO, João (filho de Theodósia)	6
27		ASSUMPÇÃO, Fidellis (filho de Theodósia)	3
28		ASSUMPÇÃO, Estefânia (filha de Theodósia)	1
29	6	BRITO, Luiz de	31
30		BRITO, Damazia do Carmo (esposa)	23
31	7	CARDOSO, Ancelmo	41
32		CARDOSO, Angélica Rosa (esposa)	34
33		CARDOSO, Joaquim (filho)	13
34		CARDOSO, Maria (filha)	9
35		CARDOSO, Leonardo (filho)	7
36		CARDOSO, Hipólito (filho)	5
37		CARDOSO, Bárbara (filha)	3
38		CARDOSO, Francisca (filha)	1
39	8	CARDOSO, Felix	31
40		CARDOSO, Sebastiana Fernandes (esposa)	29
41		CARDOSO, Florentino	
42	9	CORREA, Bento	75
43		CORREA, Maria Pereira (esposa)	58
44		DIAS, Manoel (neto)	17
45	10	CORDEIRO, Francisco	27
46		CORDEIRO, Agostinha dos Anjos (mulher)	31
47		CORDEIRO, Delfina dos Anjos (filha)	4
48		CORDEIRO, Zezuino (filho)	2
49	11	CORDEIRO, João	
50		CORDEIRO, Arcângela de Souza (esposa)	25
51		CORDEIRO, Francisco (filho)	3
52	12	COSTA, Antônio de	47
53		COSTA, Quitéria de Andrade (esposa)	31
54		COSTA, Agustinho (filho)	10
55		COSTA, Inácio (filho)	7
56		COSTA, Anna (filha)	2

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS POR SOBRENOME	IDADE
112		LEMOS, Luiza (filha)	14
113		LEMOS, Maria (filha)	9
114	28	LEMOS, Boaventura de	41
115		LEMOS, Esmênia Joaquina (esposa)	33
116		LEMOS, Serafim de (filho)	8
117		LEMOS, Anna de (filha)	6
118		LEMOS, Francisco de (filho)	5
119		LEMOS, Custódio de (filho)	3
120	29	LUIZ, Felisberto	22
121		LUIZ, Feliciano Cardoso (esposa)	20
122		LUIZ, Unibelina (filha)	3
123		LUIZ, Pulqueria (filha)	1
124	30	MACIEL, João	
125		MACIEL, Gertrudes Maria (esposa)	
126		MACIEL, Claudio (filho)	
127		MACIEL, Felicidades (filha)	
128		MACIEL, Florisbela (filha)	
129		MACIEL, Laurinda (filha)	
130		MACIEL, Eufrazia (filha)	
131	31	MARTIUS, Manoel (viúvo)	50
132		MARTIUS, Jacinto (filho)	19
133		MARTIUS, Rosa Maria (filha)	16
134		MARTIUS, José (filho)	14
135		MARTIUS, Vicente (filho)	11
136		MARTIUS, Justiniana (filha)	9
137		MARTIUS, Domiciana (filha)	3
138	32	MACHADO, João Rodrigues	61
139		MACHADO, Francisca da Conceição (esposa)	41
140		MACHADO, Maria (filha)	22
141		MACHADO, Ignácio (filho)	13
142		MACHADO, Florêncio (filho)	10
143		MACHADO, Joaquim (filho)	7
144		MACHADO, Maximiano (filho)	3
145		MACHADO, Manoel (filho)	1
146	33	MASCARENHAS, Francisco	41
147		MASCARENHAS, Laura Joaquina (esposa)	37
148		MASCARENHAS, Maria (filha)	17
149		MASCARENHAS, Josefa (filha)	12
150		MASCARENHAS, Prudêncio (filho)	10
151		MASCARENHAS, Francisco (filho)	7
152		MASCARENHAS, Genoveva (filha)	5
153		MASCARENHAS, Belmira (filha)	3
154		MASCARENHAS, Henriqueta (filha)	1
155	34	MARQUES, Bernarda (viúva)	30
156		MARQUES, Ignácio (filho)	14
157		MARQUES, Fermino (filho)	12
158		MARQUES, Pedro (filho)	10
159		MARQUES, Joaquim (filho)	6
160		MARQUES, Antônia (filha)	5
161	35	NASCIMENTO, José do	33
162		NASCIMENTO, Efigênia Aleluia (esposa)	25
163		NASCIMENTO, Carlinda (filha)	1
164	36	NOGUEIRA, José	20
165		NOGUEIRA, Vicença Martins (esposa)	17

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS POR SOBRENOME	IDADE
112		LEMOS, Luiza (filha)	14
113		LEMOS, Maria (filha)	9
114	28	LEMOS, Boaventura de	41
115		LEMOS, Esmênia Joaquina (esposa)	33
116		LEMOS, Serafim de (filho)	8
117		LEMOS, Anna de (filha)	6
118		LEMOS, Francisco de (filho)	5
119		LEMOS, Custódio de (filho)	3
120	29	LUIZ, Felisberto	22
121		LUIZ, Feliciano Cardoso (esposa)	20
122		LUIZ, Unibelina (filha)	3
123		LUIZ, Pulqueria (filha)	1
124	30	MACIEL, João	
125		MACIEL, Gertrudes Maria (esposa)	
126		MACIEL, Claudio (filho)	
127		MACIEL, Felicidades (filha)	
128		MACIEL, Florisbela (filha)	
129		MACIEL, Laurinda (filha)	
130		MACIEL, Eufrazia (filha)	
131	31	MARTIUS, Manoel (viúvo)	50
132		MARTIUS, Jacinto (filho)	19
133		MARTIUS, Rosa Maria (filha)	16
134		MARTIUS, José (filho)	14
135		MARTIUS, Vicente (filho)	11
136		MARTIUS, Justiniana (filha)	9
137		MARTIUS, Domiciana (filha)	3
138	32	MACHADO, João Rodrigues	61
139		MACHADO, Francisca da Conceição (esposa)	41
140		MACHADO, Maria (filha)	22
141		MACHADO, Ignácio (filho)	13
142		MACHADO, Florêncio (filho)	10
143		MACHADO, Joaquim (filho)	7
144		MACHADO, Maximiano (filho)	3
145		MACHADO, Manoel (filho)	1
146	33	MASCARENHAS, Francisco	41
147		MASCARENHAS, Laura Joaquina (esposa)	37
148		MASCARENHAS, Maria (filha)	17
149		MASCARENHAS, Josefa (filha)	12
150		MASCARENHAS, Prudêncio (filho)	10
151		MASCARENHAS, Francisco (filho)	7
152		MASCARENHAS, Genoveva (filha)	5
153		MASCARENHAS, Belmira (filha)	3
154		MASCARENHAS, Henriqueta (filha)	1
155	34	MARQUES, Bernarda (viúva)	30
156		MARQUES, Ignácio (filho)	14
157		MARQUES, Fermio (filho)	12
158		MARQUES, Pedro (filho)	10
159		MARQUES, Joaquim (filho)	6
160		MARQUES, Antônia (filha)	5
161	35	NASCIMENTO, José do	33
162		NASCIMENTO, Efigênia Aleluia (esposa)	25
163		NASCIMENTO, Carlinda (filha)	1
164	36	NOGUEIRA, José	20
165		NOGUEIRA, Vicença Martins (esposa)	17

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS POR SOBRENOMES	IDADE
57	13	CRUZ, Ignácio	49
58		CRUZ, Francisca Narcisa (mulher)	44
59		CRUZ, Ponciano (filho)	19
60		CRUZ, Miguel (filho)	15
61		CRUZ, Maria (filha)	11
62		CRUZ, Januária (filha)	7
63		CRUZ, Miguel da	81
64	14	CRUZ, Joana da (viúva)	61
65		CRUZ, José da (filho)	22
66		CRUZ, Ignácio da (filho)	13
67		CRUZ, Manoel da (filho)	9
68	15	CRUZ, Elena da	68
69		CRUZ, Antonia (filha)	25
70		CRUZ, Carlota (filha)	4
71	16	CUNHA, Antônio da	61
72		CUNHA, Maria do Nascimento (esposa)	41
73		CASSIQUE, Manuel	20
74	17	DIAS, Francisco	29
75		DIAS, Paula Maria (esposa)	27
76		DIAS, Damião (filho)	5
77		DIAS, Antônio (filho)	3
78		DIAS, Celustiano (filho)	2
79	18	DIOGO, Antônio	43
80		DIOGO, Disidéria (esposa)	31
81		DIOGO, Ildefonso (filho)	19
82		DIOGO, Policena (filha)	11
83	19	FARIA, Antônio de	23
84		FARIA, Leocádia Joaquina (esposa)	22
85	20	FERA, Manoel de Jesus	61
86		FERA, Joana Marques (esposa)	51
87	21	FERNANDEZ, Fausto	25
88		FERNANDEZ, Mariana (esposa)	22
89		FERNANDEZ, Faustino (filho)	2
90	22	FERNANDEZ, Salvador	47
91		FERNANDEZ, Maria Quaresma (esposa)	39
92		FERNANDEZ, Florência (filha)	18
93		FERNANDEZ, Manoel (filho)	14
94		FERNANDEZ, Fernando (filho)	12
95	FERNANDEZ, João (filho)	12	
96	23	GLÓRIA, José da (viúvo)	81
97		GLÓRIA, Antônio (filho)	20
98		GLÓRIA, Maria da (filha)	17
99		GLÓRIA, João da (filho)	14
100		GLÓRIA, André da (filho)	12
101	24	HONORATO, João	71
102		HONORATO, Francisca Maria (esposa)	65
103	25	IGNACIO, Francisco	23
104		IGNACIO, Francisca Rosa (esposa)	20
105		IGNACIO, Francisco (filho)	2
106	26	IGNACIO, Adriano	24
107		IGNACIO, Rosária de Lima (esposa)	21
108	27	LEMOS, Ignácio	64
109		LEMOS, Maria da Glória (esposa)	56
110		LEMOS, Fermiano (filho)	19
111		LEMOS, Innocêncio (filho)	17

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS POR SOBRENOME	IDADE
166	37	NOVO, João	51
167		NOVO, Simoa Dias (esposa)	31
168		NOVO, Esmenia (filha)	15
169		NOVO, Duarte (filho)	14
170		NOVO, Joaquim (filho)	11
171		NOVO, Maria (filha)	6
172		NOVO, Rafael (filho)	1
173	38	PEREIRA, Antônio	61
174		PEREIRA, Maria Rosa (esposa)	66
175		PEREIRA, Graciano (filho)	19
176	39	PEREIRA, Clemente	61
177		PEREIRA, Ana Tavares (esposa)	51
178		PEREIRA, Manoel (filho)	17
179		PEREIRA, Generoza (filha)	13
180	40	PEREIRA, Gordiano	91
181		PEREIRA, Joana Baptista (mulher)	52
182		PEREIRA, Geraldo (filho)	19
183	41	PEREIRA, Joana (viúva)	55
184		PEREIRA, Roberto (filho)	13
185	42	PESTANA, Joaquim	41
186		PESTANA, Micaella da Cruz (esposa)	35
187		PESTANA, Brígida (filha)	12
188		PESTANA, Claudina (filha)	8
189		PESTANA, Rita (filha)	3
190		PESTANA, Ignácio (viúvo)	91
191	43	PESTANA, Marcos	41
192		PESTANA, Leonor Joaquina (esposa)	36
193		PESTANA, Laurinda (filha)	15
194		PESTANA, Faustina (filha)	13
195		PESTANA, Demétrio (filho)	11
196		PESTANA, Fabiano (filho)	9
197		PESTANA, Margarida (filha)	7
198		PESTANA, Maria (filha)	5
199		PESTANA, Antônio (filho)	3
200		PESTANA, Bernardino (filho)	1
201		44	PINTO, Antônio
202	PINTO, Joaquina Rosa (esposa)		26
203	PINTO, Manoel (filho)		5
204	PINTO, Feverona (filha)		3
205	PINTO, Rafael (filho)		2
206	45	RAMOS, Maria (viúva)	61
207		RAMOS, Vitória (filha)	38
208		RAMOS, Florentina (filha)	4
209		RAMOS, Manoel (filho)	1
210		RODRIGUES, João (viúvo)	82
211	46	RODRIGUES, José	31
212		RODRIGUES, Joana Dolorosa (esposa)	30
213		RODRIGUES, Eufrazina (filha)	5
214		RODRIGUES, Venâncio (filho)	2
215		RODRIGUES, Anna (filha)	1
216	47	RODRIGUES, Manoel	31
217		RODRIGUES, Custódia do Sacramento (esposa)	29
218		RODRIGUES, Reginalda (filha)	6
219		RODRIGUES, Manoela (filha)	4
220		RODRIGUES, Venância (filha)	3
221		RODRIGUES, Miquilina (filha)	1

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS POR SOBRENOME	IDADE
222	48	ROSÁRIO, Domingos	61
223		ROSÁRIO, Manoel (filho)	15
224	49	ROSÁRIO, Maria (mãe-solteira)	61
225		ROSÁRIO, Eugênia (filha)	15
226	50	SANTOS, Pedro dos	45
227		SANTOS, Áurea Ferreira (esposa)	36
228		SANTOS, Amândio (filho)	14
229		SANTOS, Francisco (filho)	12
230		SANTOS, Lauriano (filho)	7
231		SANTOS, Manoel (filho)	9
232		SANTOS, Severino (filho)	4
233		SANTOS, Juliana (filha)	3
234	51	SIQUEIRA, José de	49
235		SIQUEIRA, Izabel Maria (esposa)	31
236		SIQUEIRA, Apolinária (filha)	13
237		SIQUEIRA, Estevão (filho)	9
238		SIQUEIRA, Rafaela (filha)	6
239		SIQUEIRA, Benta (filha)	4
240	52	SIQUEIRA, Felipe	51
241		SIQUEIRA, Anna de Aleluia (esposa)	41
242		SIQUEIRA, Bibiana (filha)	24
243		SIQUEIRA, Liberata (filha)	19
244		SIQUEIRA, Claudina (filha)	18
245		SIQUEIRA, José (filho)	8
246		SIQUEIRA, Emília (filha de Bibiana)	2
247	53	SILVA, Antônio da	55
248		SILVA, Maria da Luz da (esposa)	61
249		SILVA, Constância da (filha)	12
250	54	SOUZA, Domingos de	80
251		SOUZA, Maria Luiza (esposa)	75
252		SOUZA, Lourenço (viúvo)	78
253	55	SOUZA, Joaquim de	33
254		SOUZA, Clara Ignacia (esposa)	27
255	56	USÁ, Antônio	51
256		USÁ, Emerenciana Caetana (esposa)	29
257		USÁ, Thomé (filho)	5
258		USÁ, Domiciano (filho)	2
259		USÁ, Bonifácio (filho)	1

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS PELO NOME PRÓPRIO	IDADE
260	57	MANOEL FRANCISCO	41
261		DOMINGAS RAMOS (esposa)	33
262		JERONIMA (filha)	17
263		VICTORIANO (filho)	12
264		ZEFERINA (filha)	6
265		THOMÁZIA (filha)	4
266		ÂNGELA (filha)	1
267	58	MARIA CAETANA (Viúva)	49
268		DIONÍZIO (filho)	18
269		BEATRIZ (filha)	17
270		FRANCISCO (filho)	16
271		JOÃO (filho)	13
272		FELISBERTO (filho)	12
273		ROSA (filha)	4

Nº DE ORDEM PESSOAL	Nº DE ORDEM DA FAMÍLIA	IDENTIFICÁVEIS PELO NOME PRÓPRIO	IDADE
274		MARIA INOCÊNCIA	81
275	59	MATHEUS ANTÔNIO	26
276		FELIZARDA MARIA (esposa)	21
277		JUSTINA (filha)	3
278		RAFAEL (filho)	1
279		PAULA FRANCISCA (viúva)	65
280	60	THEREZA DE JESUS (viúva)	56
281		BERNARDO (filho)	10
282	61	SEBASTIÃO JOSÉ	41
283		MARIA DA PAIXÃO (esposa)	46
284		FRANCISCO (filho)	15
285		MARIA (filha)	12
286		EULALIA (filha)	6
287		JOSÉ (filho)	3
288		AUGUSTO (filho)	1
289		SIMINIANA (viúva)	93
290	62	VICTORINO ANTÔNIO	40
291		SIMPLICIANA (esposa)	31
292		ZEFERINO (filho)	10
293		JOSEFA (filha)	6
294		MARIA (filha)	4
295		LEANDRO (filho)	2

FONTE - SANTOS, Carlos. Deputado. Dados coligidos por seu Gabinete Parlamentar sobre o Negro no RGS. Porto Alegre, Assembléia Legislativa, 30 Jun.1974.

Os dados originais foram trabalhados e apresentados pelo autor na forma acima, para maior facilidade de exposição do assunto de pesquisas e referências futuras sobre os mais variados aspectos e abordagens do assunto.

Este grupo de 293 africanos negros e descendentes grupados em 62 famílias seriam substituídos, 6 meses após, nas instalações da Feitoria de São Leopoldo, que ocupavam durante cerca de 35 anos, pelos 48 primeiros imigrantes alemães desembarcados em São Leopoldo atual, em 24 Julho 1824, a bordo do "Protector", que deram origem à pujante e progressista colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Para maiores detalhes sobre a Feitoria consultar:

BENTO. Tropeada Cultural. A Zona Sul.

(-). História da Real Feitoria... do Rincão do Canguçu.

PETRY. SÃO LEOPOLDO, v. 1.

CAPÍTULO III

No período de 1783-1807, ou de 25 anos, 6 em Canguçu e 19 em São Leopoldo, os agricultores negros produziram cerca de 32 toneladas de linho-cânhamo que representaram uma economia de 3.744.000 réis.

Sobre a importância estratégica dessa produção para Portugal veja-se artigo no DIÁRIO POPULAR de Pelotas de 20 agosto e 6 setembro 1970, abordando a História da Feitoria em Canguçu.

O NEGRO NA GUERRA DE 1801

Segundo depoimento do furriel de dragões Gabriel Ribeiro de Almeida, caboclo gaúcho, irmão do general Bento Manoel Ribeiro, prova-se que o negro participou desta guerra.

A certa altura ele refere:

"O mesmo espírito de patriotismo que havia feito com que os povos preferissem entrar voluntariamente em guerra, fez com que, em poucos dias, se vestisse a tropa, pois os que não podiam dar dinheiro, davam panos, bois, cavalos, carros e ESCRAVOS, oferecendo tudo em benefício da tropa e do Estado, e isto se continuou a praticar em toda a guerra". (60).

Os relatos de guerra não distinguem a cor dos combatentes. Sabe-se, por exemplo, que eram mestiços de índio: Manoel dos Santos Pedroso e Gabriel Ribeiro, já citado, que participaram da conquista dos Sete Povos das Missões.

Nesta aventura participaram 42 homens, em sua maioria aventureiros que viviam dos recursos que a campanha oferecia.

A constituição deste grupo ao qual o Brasil deve a incorporação de toda a rica região mencionada era a seguinte:

- Soldado de dragões José Borges do Canto - Comandante e mais 14 companheiros das estâncias da região.
- Furriel de dragões Gabriel Ribeiro de Almeida e mais 6 companheiros, soldados dragões do Rio Pardo destacados em São Martinho.
- Antônio dos Santos, aventureiro, e mais 5 companheiros, dos quais não se sabe o nome e a cor.
- Tenente Antônio Almeida Lara e mais 11 homens. Este grupo era paulista e estava a negócios no Sul.

Neste grupo, possivelmente, teríamos negros e mulatos, vindos de São Paulo na empresa chefiada ou promovida pelo tenente Lara, consistente em tropear gado para São Paulo.

A maior parte do grupo era de desertores, o menor crime, na época no Rio Grande do Sul em tempo de paz, segundo o governador Sebastião Veiga Cabral em 1780.

É possível mesmo que entre esses aventureiros se encontrassem negros e mulatos fugidos de seus patrões em troca da vida de liberdade nos pampas, ou vida gaudéria sem peias ou maneias.

Na Fronteira do Rio Pardo e na do Rio Grande, o Negro esteve presente como miliciano e na primeira linha, nas operações que resultaram na conquista de territórios, onde se encontram, hoje, as seguintes cidades: Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Arroio Grande, Herval do Sul, Bagé, São Gabriel e D. Pedrito. (61)

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL EM 1808

Em 1807, o Rio Grande do Sul foi elevado à categoria de Capitania com o bonito nome de Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Notícias sobre a situação do Negro nos chegam através do seguinte trabalho:

MAGALHÃES, Manoel Antônio. Reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande de São Pedro. RIHGB, Rio de Janeiro, 1867, tomo 30, p.43-64.

Seu autor recomendava ao Príncipe D. João a proibição da exportação de escravos do Brasil para as colônias espanholas, pois isto significava enfraquecer militarmente o Brasil, e por outro lado, "DAR FORÇAS AO INIMIGO".

O autor achava que o escravo era de importância militar como "OS ARTIGOS DE GUERRA: PÓLVORA, BALAS, ARMAS, CHUMBO, FERRO, COBRE, AÇO, ESTANHO, SALITRE E TODA A SORTE DE MASSAMES NÁUTICOS".

Denunciava que desde mais de 20 anos atrás haviam sido exportados do Brasil para Montevidéu, de contrabando, cerca de 60.000 escravos, com graves prejuízos para nossa agricultura.

Este contrabando era o responsável pela duplicação do preço do escravo no Brasil desde 1783, quando, "comprando-se 4 escravos a dinheiro, o mesmo vendedor confiava quatro a prazo de um ano ao AGRICULTOR, o que era de grande vantagem".

Mas, depois do início do contrabando para Montevidéu, "jamais o POBRE AGRICULTOR pôde comprar um escravo fiado, além de terem subido 100%".

O NEGRO NO EXÉRCITO PACIFICADOR

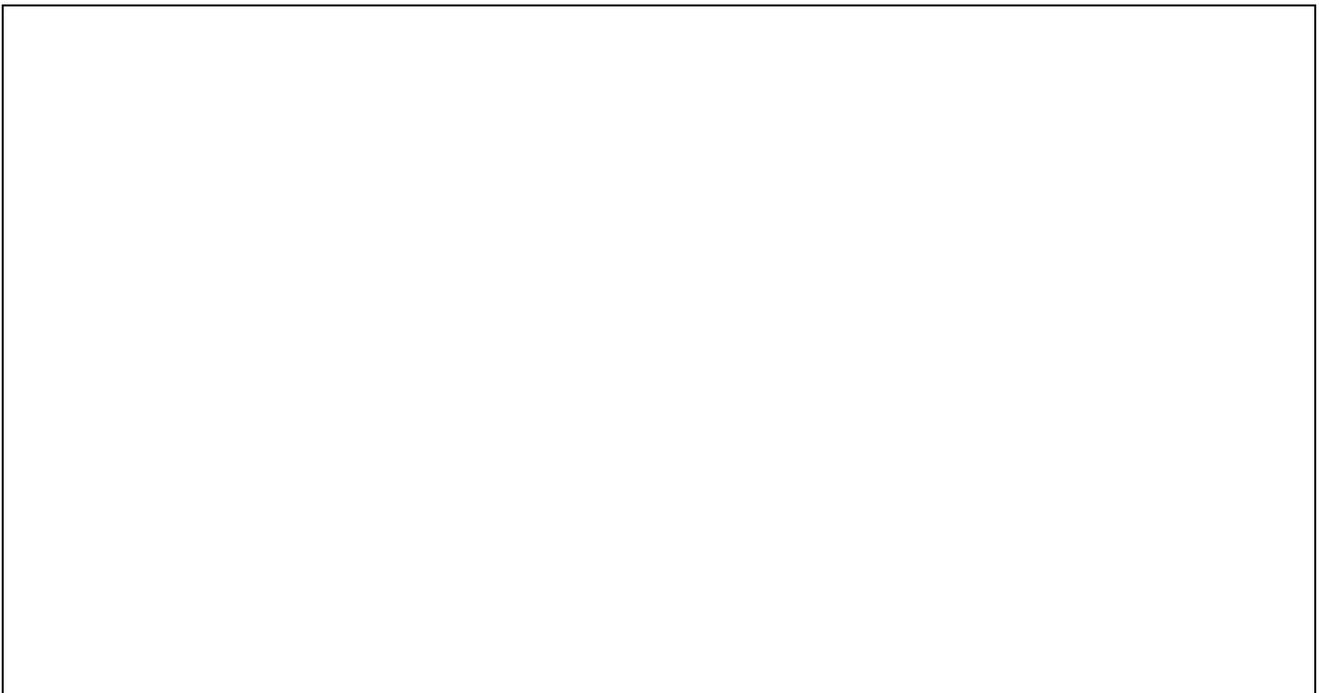
Na campanha do EXÉRCITO PACIFICADOR, quando o Marechal de Campo Manoel Marques de Souza retornava na noite de 23/24/julho de 1811 do ataque sobre Cerro Largo, para incorporar-se ao grosso de Exército, sua tropa perdeu-se.

O guia errou o caminho por causa da forte cerração. A coluna teve de passar a noite sob frio intenso, debaixo de chuva, em várzea desabrigada e destituída de lenha, com os cavalos presos pelas rédeas.

Ao amanhecer, foram encontradas diversas sentinelas mortas de frio.

Entre elas alguns negros livres, intrépidos soldados da Legião de Cavalaria Ligeira da Fronteira do Rio Grande, criada em 1776, por Rafael Pinto Bandeira.

Eles morreram de frio, mas não abandonaram seus postos. Esse episódio, registrado pelo Visconde de São Leopoldo em seus ANAIS, chegou-nos através de histórias de galpão.



EM 1817, EM PELOTAS, UM PRECURSOR DO ABOLICIONISMO

EM 1817, EM PELOTAS, GONÇALVES CHAVES CONDENOU SOCIAL, ECONÔMICA E POLITICAMENTE A ESCRAVIDÃO, JÁ ESCANDALOSA À RELIGIÃO DE JESUS CRISTO E ÀS LEIS NATURAIS.

Em 1817, José Antônio Gonçalves Chaves elaborou discurso, "demonstrando os terríveis inconvenientes do Sistema de Escravidão e necessidade absoluta, em que estamos, de vedar a introdução de mais escravos no Brasil".

Acredito que esse trabalho tenha sido apresentado em alguma loja maçônica de Pelotas por seu autor, rico estancieiro e charqueador, atividades desenvolvidas à base do braço escravo.

Seu discurso de 20 páginas divide-se em 5 artigos: (63)

ARTIGO I

"ORIGEM, PROGRESSO E ESTADO DA ESCRAVATURA NA AMÉRICA".

Após analisar a escravidão no mundo e denunciar algumas contradições religiosas e de alguns países europeus:

"Eu admito que conviesse a Portugal conservar o sistema da escravidão no Brasil, enquanto a sede do governo lá estava. Mas depois que se transplantou para o Brasil é ruinoso, de qualquer modo, que o queiram considerar. E isso me propus demonstrar neste discurso se assim o permitirem meus fracos talentos".

ARTIGO II

A ESCRAVATURA É INCONCILIÁVEL COM A ECONOMIA POLÍTICA E JÁ É DEMASIADA NO BRASIL E COM ELA NÃO PODE MELHORAR SUA CONSTITUIÇÃO POLÍTICA.

Gonçalves Chaves defendeu com muita propriedade seus pontos de vista ao condenar economicamente a escravidão que já é "escandalosa à Religião de Jesus Cristo e à Lei Natural, por isso um ponto reconhecido em todo o mundo".

Entre suas afirmações sobre a escravidão destaco:

Prejudica o crescimento e o aperfeiçoamento da população do

Brasil.

Impede ao homem livre, por preconceito, dedicar-se à agricultura e às artes pesadas, tarefas que competem aos escravos.

Incentiva o escravo a consumir, ao invés de produzir, na falta de perspectiva de recompensa.

Conclui que, caso ela fosse abolida, ocorreriam duas coisas:

1 - Imigração de famílias européias para o Brasil, que enriqueceriam bem depressa com o produto de seu trabalho e com isto atrairiam mais imigrantes, que se miscigenariam com a população do Brasil, do que resultaria uma população livre, briosa, industriosa, afoita e laboriosa. (Decorridos sete anos de seu discurso teve início a colonização alemã no Rio Grande do Sul).

2 - Teríamos, nos antigos escravos, quantos operários quiséssemos e trabalhadores de toda a espécie.

Noutro trecho fala em problemas de Segurança Interna do Brasil com uma população 2/3 escrava.

Refere que na Bahia, desde 15 anos atrás, vinham descobrindo conspirações de escravos.

Citou o Conde da Ponte que em seu governo na Bahia, teve de passar diversas noites à frente de tropas, para prevenir revoluções de escravos.

Sobre a limitação de filhos dos escravos, responsável pela continuação do tráfico da África, ele atribuiu as seguintes causas:

- Ao senhor que não consente no casamento de seu escravo porque isso o iria incomodar.
- Outro, por não ter dinheiro para comprar uma mulher para seu escravo e julgar inconciliável com seus interesses casá-lo fora de casa.
- Outro, por achar que não vale a pena, economicamente, criar crianças escravas .
- Outro, no caso da ocorrência de procriação entre seus escravos, deixar seus descendentes morrerem "à míngua".

ARTIGO III

A ESCRAVATURA SE OPÕE À CONSTITUIÇÃO, FOCO AUTÊNTICO DE UNIÃO, UNIDADE E PROSPERIDADE DAS NAÇÕES.

Gonçalves Chaves, nesse artigo, defende que o Brasil deve até fazer sacrifícios para se manter em amizade com Portugal, desde que "seja governado como irmão e não como órfão".

Conclui fazendo este apelo em prol da eliminação do tráfico escravo, e de uma espécie de "Lei do Ventre Livre", mais de meio século antes que fosse promulgada.

"O prazo de 18 meses para disporem de seus fundos os interessados neste tráfico, seguindo-se logo alguma lei em favor da liberdade dos cativos existentes, parece, seria um bom passo, filantrópico, digno de nosso João VI".

ARTIGO IV

A PROIBIÇÃO DO TRÁFICO ESCRAVO NÃO OFENDE AO DIREITO DE PROPRIEDADE PÚBLICA OU PARTICULAR.

Tece consideração sobre que qualquer traficante de escravos poderia abandonar sua profissão e inverter noutra empresa mais lucrativa, "mais digna da Nação Portuguesa e mais própria ao bem do Estado, da Moral e da Religião".

Criticou os que protestavam que a Inglaterra possuía 600 barcos transportando cargas brasileiras, quando nós usávamos 300 "neste escandaloso tráfico que só serve de nos estuporar."

ARTIGO V

O SISTEMA DE ESCRAVIDÃO OFENDE À MORAL E À FORÇA DO ESTADO.

Gonçalves Chaves afirmou que a Escravidão afetava a educação das crianças brasileiras por habituá-las a ver seres humanos maltratados diariamente com horrorosos castigos, além de serem tratados com palavras pouco edificantes.

Preocupado com os reflexos de tolher-se o desenvolvimento das faculdades intelectuais dos escravos, 3/4 da população do Brasil, lançou estas perguntas:

"Calcula-se a população do Brasil em 4.000.000 de habitantes. Mas de que porção deve sair a classe instruída se os escravos têm tolhidas as faculdades intelectuais e formam 3/4 da população?"

Como poderá de tão pequeno número obter-se "homens de gênio e aplicação que possam fornecer suficiente massa de conhecimento para bem dirigir a Nação"?

OBSERVAÇÕES GERAIS

Nesta parte preconizava nossa aproximação com os Estados Unidos como fundamental para a implantação da Indústria no Brasil, ao invés da monopolista Inglaterra.

Defendeu que, se o tráfico escravo fosse abolido, a "INDÚSTRIA IRÁ APARECENDO ENTRE NÓS".

CAPÍTULO ÚNICO

O EXCESSIVO NÚMERO DE ESCRAVOS FAZ QUE NÃO O POSSAMOS TRATAR COMO TEMOS OBRIGAÇÃO.

Neste capítulo, muito interessante, ele conclui fazendo 7 sugestões com vistas a minimizar os efeitos da Escravidão no Brasil.

PRIMEIRA:

Concessão de 18 meses aos negociantes ou traficantes de escravos em África.

SEGUNDA:

Ao fim de 18 meses proibir-se o tráfico de escravos fora do Brasil.

TERCEIRA:

Regulamentar a permuta de escravos no Brasil.

QUARTA:

Promover a emancipação dos cativos por meio de associações filantrópicas, quando a força da raça branca exceder a da negra.

QUINTA:

Emancipar-se a segunda e, no muito, a terceira geração em que, consecutivamente, tenha entrado mistura da cor branca.

SEXTA:

Todo o filho de escravo ficará livre automaticamente aos vinte e cinco anos. Na falta de certidão será emancipado aos 20, louvando-se sua idade em pessoas de bem, ou em juizes de fato.

SÉTIMA:

Nenhum barco poderá despachar em qualquer parte do Brasil se ri ver a bordo mais de 2 marinheiros escravos. Os excedentes a este número serão colocados em liberdade imediatamente.

UM GAÚCHO PRECURSOR DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Sabíamos até agora das idéias visando à abolição gradativa da escravidão no Brasil, pedidas pela Revolução Pernambucana de 1817.

Acreditamos que a José Antônio Gonçalves Chaves venha a caber papel destacado como destemido precursor da abolição da escravatura no Brasil, somente concretizada 71 anos após este histórico discurso.

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL POR OCASIÃO DA INDEPENDÊNCIA

(Na obra de Saint-Hilaire)

As principais informações retiramos de Saint-Hilaire, que percorreu a então Capitania de Rio Grande de São Pedro em 1820-21, e de Gonçalves Chaves, através de suas *Memórias*, cujos dados sintetizamos num quadro.

Saint-Hilaire foi hóspede, em Pelotas, de Gonçalves Chaves e colheu informações hoje valiosas sobre o comportamento dos escravos desse rico e culto charqueador.

O sábio francês percorreu, por terra, todo o litoral gaúcho.

Proveniente do Uruguai, ele penetrou nos Sete Povos das Missões.

Daí atingiu Santa Maria e após Rio Pardo por terra.

Dali viajou, por água, até o Rio Grande, de onde seguiu para o Rio de Janeiro.

A seguir transcreverei as principais observações por ele feitas sobre

o Negro.

Saint-Hilaire é, com muita justiça, "*O Pai da Sociologia*" do Rio Grande do Sul.

Em Osório a vista da Serra

"Em vista da má qualidade das terras, quase todos os proprietários fazem suas plantações ao pé da Serra, apesar de sua longínqua localização, cerca de três léguas daqui.

Este distrito pertence ainda à freguesia da Serra. Nesta região vi alguns NEGROS ESCRAVOS, porém nenhum MULATO". (64)

Nesta região plantava-se cana de açúcar; até hoje se encontram ao longo da BR-101, nesta área, muitos negros puros. A cultura da cana de açúcar ainda persiste.

Na estância de José Egídio, Barão de Santo Amaro, entre Osório e Viamão, e no local denominado Boa Vista, o cientista registrou:

"Os meus hospedeiros tiveram a feliz idéia de me mandar, por um NEGRO, mate e um prato cheio de biscoitos e fatias de queijo". (65)

Refere que a estância possuía 28 léguas e era capaz de abrigar 30.000 bois e que nas estâncias daquela região, essencialmente pastoril, "não são precisos TÃO NUMEROSOS ESCRAVOS como acontece nas regiões açucareiras ou na exploração de minérios (Bahia, Pernambuco, Minas Gerais).

"Cerca de 80 NEGROS, APENAS, ocupam-se da construção do curtume e depois nele trabalharão.

Quase todos os ESCRAVOS do Barão são NEGROS MINAS, nação bem superior a todas as outras, por sua inteligência, fidelidade e amor ao trabalho". (67)

Aqui temos uma importante referência sobre a origem do negro gaúcho para juntar a outras, para o fim de conclusão aproximada.

Em Porto Alegre observou:

"Aqui vêem-se pouquíssimos MULATOS. A população compõe-se de NEGROS ESCRAVOS e de brancos. Estes, em número mais considerável".

Entre os prisioneiros capturados de Artigas em Taquarembó e trabalhando em obras públicas em Porto Alegre, "vêem-se cerca de 12 espanhóis de Montevidéu e alguns NEGROS FUGIDOS DAS ESTÂNCIAS do Rio Grande do Sul.

Os demais pertencem às tribos dos Guaranis". (68) E a seguir o sábio faz uma revelação importante sobre outra causa da evasão do negro para a Banda Oriental, onde a escravidão havia sido abolida.

Negros, os mais valentes soldados de Artigas

"É voz geral que os mais valentes soldados de Artigas são negros fugidos, o que é natural, porque eles se batem por sua liberdade. Além disso, o NEGRO é mais bravo que o índio, porque possui melhor noção do dia de amanhã, de onde sua coragem de tudo sacrificar em busca de um futuro melhor." (69)

Aqui podemos adiantar uma importante conclusão sobre uma das maneiras mais comuns do Negro obter sua LIBERDADE no Brasil. Foi como soldado de espada, lança e fuzil em punho.

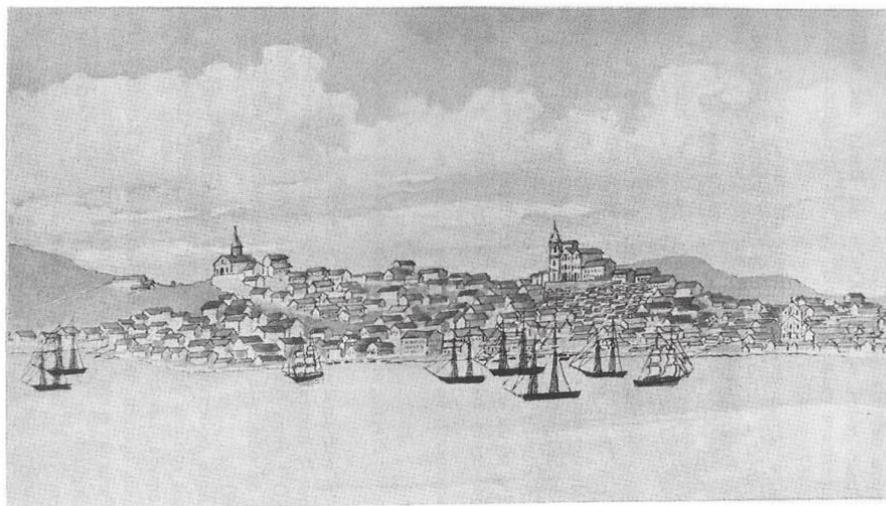
Isso ocorreu na Guerra Holandesa, na Revolução Farroupilha, na Guerra do Paraguai e em outros conflitos intermediários.

Segundo o General Lyra Tavares, para organizar-se o Exército Brasileiro, em 1824, foi necessário alforriar-se muitos negros para obter um efetivo compatível que substituísse os soldados portugueses. (70)

No Exército, o Negro encontrou um lar, um protetor e um grande aliado para a libertação total de todos os seus irmãos de cor. Isto iremos demonstrando daqui por diante, sempre que oportuno.

Mais adiante Saint-Hilaire opinou como uma das causas da guerra de 1816 e 1820 com Artigas, "a proteção que este dava aos NEGROS FUGIDOS" do Rio Grande do Sul. (71)

*Porto Alegre, por ocasião da Revolução Farroupilha. Possuia menos escravos do que Pelotas e Rio Grande, conforme testemunho de viajantes estrangeiros (1821-1857).
(Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico).*



Clima e nutrição no Rio Grande do Sul modifica tragos dos negros gaúchos

"Não há quem não tenha observado que os NEGROS CRIoulos (negros nascidos no Brasil) são menos diferentes da raça branca que os da costa da África.

Pode-se atribuir à educação a superioridade que mostram em relação à inteligência. Mas, ao mesmo tempo, o crioulo é de um negro mais escuro, sua testa é menos arredondada, seus lábios menos grossos, seu nariz menos chato. Enfim, não existe pessoa que, com um pouco de prática, não saiba distinguir um NEGRO CRIULO DE UM AFRICANO". (72)

5399 negros livres na Capitania

Saint-Hilaire falou em Porto Alegre com um guarda alfandegário que seria, 4 anos após, o lo Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul - o Visconde de São Leopoldo.

Este lhe forneceu os seguintes dados estatísticos: População do Rio Grande do Sul na época (1819):

Branços	32.000
Negros escravos	20.611

NEGROS LIVRES	5-399
índios	8.655
Total	66.665 (73)

Conforme ilustração 30, p. 147 deste trabalho, Gonçalves Chaves não concordou com estes dados. Avaliou em cerca de 106.000 hab. e os negros em cerca de 45.000 a 50.000.

O interessante dessa estatística é o número de NEGROS FORROS, mais de 60% do total de índios, e mais de 1/5 do total de homens pretos.

O negro escravo era mais feliz e mais considerado no Rio Grande do Sul

Em Palmares, em 31 de julho de 1820, Saint-Hilaire fez importante e reveladora observação sociológica:

"Tive já oportunidade de referir o fato de serem aqui vendidos os negros imprestáveis do Rio de Janeiro.

Quando no Rio querem meter medo num NEGRO ESCRAVO, ameaçam-no de enviá-lo para o Rio Grande.

Entretanto, não há, creio, em todo o Brasil, LUGAR ONDE OS ESCRAVOS SEJAM MAIS FELIZES DO QUE NA CAPITANIA DO RIO GRANDE. Os senhores trabalham tanto como os escravos.

Mantêm-se lado a lado com estes e os tratam com maior CONSIDERAÇÃO.

O escravo come carne à vontade. Não é mal vestido. Não anda a pé. Sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, cousa mais sadia do que fatigante". (74)

Vemos aqui a comprovação do peão escravo negro nas estâncias do litoral.

Na paróquia do Estreito

Na paróquia do Estreito "2/3 de sua população compõe-se de ESCRAVOS, o que não é de estranhar, dada a proximidade do porto de Rio Grande. (75)

Em Rio Grande negros combatem as dunas

"Para apanhar água os negros usam chifre de boi, fixo à ponta de uma longa vara...

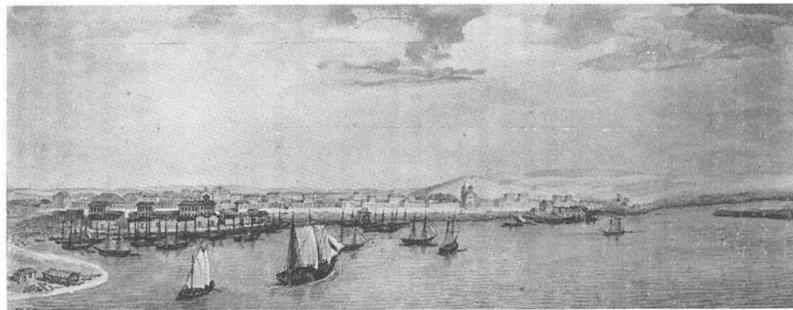
...Vi negros ocupados em desentulhar de areia os arredores das casas de seus donos". (76)

Até aqui não existem colégios para as "MENINAS que são criadas no MEIO DE ESCRAVOS e tendo, sob suas vistas, desde a mais tenra idade, o exemplo de todos os vícios deles".

Aqui parece haver uma contradição de Saint-Hilaire, pois afirma logo a seguir:

"Aqui as mulheres se escondem menos do que nas capitâneas do interior e possuem maior visão. São menos acanhadas, conversam um pouco mais". (77)

*Vila de Rio Grande, segundo Debret, 1820-55 - grande concentração de negros e descendentes numa proporção aproximada de 2 x 1 branco.
(Fonte: Fundação Ruy Mauro de Castro Mayz)*



População da Paróquia do Rio Grande, 2/3 negra

"Esta paróquia conta 2.000 almas, das quais cerca de 2/3 ou 1330 HOMENS DE COR, NEGROS E MULATOS LIVRES OU ESCRAVOS".

O vigário de Rio Grande forneceu a Saint-Hilaire os seguintes dados com base no ano de 1819:

Paróquia de Rio Grande,
Largura — 20 léguas
Comprimento — 60 léguas
População — 5-125 sendo:

2563 brancos (1195 homens e 1338 mulheres)
1770 negros e mulatos escravos (1391 homens e 379 mulheres)
173 mulatos livres (61 homens e 98 mulheres)
70 negros livres (38 homens e 32 mulheres)
43 índios (17 índios e 26 índias) (79)

Até setembro de 1820 registraram-se em Rio Grande:

- Nascimentos - 253
- Óbitos - 163, dos quais:

63 brancos (38 homens e 25 mulheres)
 71 negros escravos (44 homens e 27 mulheres)
 10 mulatos (6 homens e 4 mulheres)
 9 negros livres (4 homens e 5 mulheres)
 2 índias

Em Pelotas, hóspede de Gonçalves Chaves

"O charque é exportado principalmente para o Rio de Janeiro, Bahia e Havana, onde serve de alimentação para os negros". (80)

"Nas charqueadas os negros são tratados com rudeza.

O Sr. Chaves, tido como um dos charqueadores MAIS HUMANOS, só fala a seus escravos com exagerada severidade, no que é imitado por sua mulher.

Os escravos parecem tremer diante de seus donos.

O negrinho do Sr. Chaves

"Há sempre na sala um negrinho de 10 a 12 anos, cuja função é chamar os outros escravos, servir água e prestar outros serviços caseiros.

Não conheço criatura mais infeliz que esta criança. Nunca senta, nunca sorri e brinca. Passa a vida tristemente encostado à parede e é freqüentemente maltratado pelos filhos do Sr. Chaves. À noite chega-lhe o sono e cai de joelhos para dormir quando não há ninguém na sala.

Não é esta casa a única a usar este impiedoso sistema. Ele é freqüente em outras". (81)

Saint-Hilaire reproduz dados sobre importação de escravos fornecidos pelo Sr. Chaves e já mencionados noutra lugar.

Confirmou que os negros entrados no Rio Grande do Sul provinham em sua esmagadora maioria do Rio de Janeiro.

Isto é importante para estudar-se o Negro no Rio Grande do Sul com base em estudos idênticos sobre o Rio de Janeiro.

Pomar cuidado por negros

Próximo à Vila do Rio Grande, o sábio deparou com um grande pomar pertencente ao Sr. Justino, no qual praticava-se a enxertia e, "além de frutas diversas, plantava-se couves, alfaces e ervilhas...

...É de notar que para cuidar este pomar se empregam 12 NEGROS.

Certamente três jardineiros franceses cultivariam melhor um espaço de terreno semelhante". (82)

Entre o Rio Grande e o Chut

"Ao sair da estância do Caiova um dos negros da carroça informou-me que estivera ocupado em abater uma vaca. Deu-me de bom grado grande pedaço de carne e não quis aceitar retribuição em dinheiro." (83)

"Pousei numa estância onde apenas encontrei um negro. Este se alimentava só de carne, sem farinha e sem pão, conforme é useiro tratar-se escravos nesta região. (84)

"A estância de José Bernardes compõe-se "como todas as outras" da casa do dono e ALGUMAS CASAS DE NEGROS, de uma cozinha em pequena choupana à parte, segundo o costume de todo o Brasil.

Ponchos de lã para os negros

Na estância de uma viúva, o sábio testemunhou sua proprietária tecendo ponchos grosseiros de lã para os negros.

Este artigo tinha o nome de *bichará* e era usado à guisa de *chiripá*.

Um mulato das Guerrilhas de Bento Gonçalves, Capitão e comandante do Forte de São Miguel.

O capitão das guerrilhas, comandante do Forte de São Miguel, "é um GRANDE MULATO de cabelos brancos, de figura muito curiosa. Cumulou-me de gentilezas.

...O Capitão fez-me servir mate e em seguida levou-me ao fortim situado a alguns passos de sua casa...

— Os soldados acantonados em São Miguel são guerrilheiros, corpos de voluntários formados, no correr da guerra atual, pelo estancieiro Bento Gonçalves". (85)

Em 3 de outubro, no Chuí, Saint-Hilaire, após almoçar com o capitão mulato *Manoel Joaquim de Carvalho* e receber deste todas as gentilezas, escreveu:

"Este homem era apenas um simples soldado, mas fez tais prodígios de valor que numa região onde quase só há brancos, guindaram-no, apesar de sua cor, ao posto de capitão". (86)

Foi por certo pensando também em outros negros e mulatos do valor do capitão Manoel Joaquim Carvalho, que o sábio escreveu:

"Em geral os homens desta Capitania são extremamente corajosos.

Contam-se deles milhares de feitos que demonstram sua intrepidez.

Estão sempre dispostos às mais árduas lutas...

...Para guerrear deixam, sem pesar algum, suas famílias, mas após a vitória procuram retornar para suas casas.

Nunca desertam por covardia. Fazem-no, com freqüência, quando os deixam inativos.

Quando antes da batalha de Taquarembó o Conde da Figueira convocou os habitantes da Capitania, foram os desertores <que, em maioria, atenderam ao chamado.

Apresentaram-se, não somente porque viam o país ameaçado, mas porque o Conde prometera devolvê-los aos lares logo após a vitória". (87)

Este depoimento é importante para que se tenha o exato sentido da palavra desertor no Rio Grande do Sul.

Deserção, como referi, era o menor crime que podia ser cometido. O próprio Saint-Hilaire menciona:

"As tropas estacionadas na fronteira da Capitania são em número de 3.000 homens, compostas de milicianos da região e de uma legião de paulistas.

O soldo destes homens está atrasado há 27 meses e faz três anos que eles vivem unicamente de carne assada, SEM PÃO, SEM FARINHA E SEM SAL...

...Os oficiais comem fígado com carne à guisa de pão". (88)

Saint-Hilaire nas Missões

Após penetrar na então Província Cisplatina, Saint-Hilaire retornou ao Rio Grande do Sul em 27 de janeiro de 1821, remontando a margem esquerda do rio Uruguai.

Das Missões dirigiu-se a Santa Maria e Rio Pardo, por terra.

Deste local ele desceu o rio Jacuí e Lagoa dos Patos até Rio Grande, de onde seguiu, por água, até o Rio de Janeiro.

Nas Missões observou que os negros eram em pequeno número. Predominava o elemento índio.

"Os estancieiros desta região, não tendo escravos negros, aproveitavam a imigração dos índios para conseguir alguns que pudessem servir de peões". (89)

Mais uma observação que nos permite concluir que o Negro era o peão por excelência no restante do Rio Grande do Sul, exceto na região das Missões.

Isto não queria dizer que fosse ausente.

Exemplos:

Na região de Toropi Chico, Saint-Hilaire parou em duas estâncias onde existiam negros.

Numa delas encontrou "um negro velho muito interessante e imberbe. Pelo tamanho de suas nádegas pode rivalizar com a Vénus hotentote. Tem andar gingado e todos os modos de mulher. Sua voz é entretanto máscua e ele me disse possuir todos os órgãos do sexo masculino, porém de extrema pequenez". (90)

Noutra estância encontrou negros zeladores.

Em Santa Maria e Rio Pardo

Entre Santa Maria e Rio Pardo observou: "Todos os proprietários cultivam a terra, ao mesmo tempo que se dedicam à criação de gado.

O dono da terra e os filhos cuidam do gado e os NEGROS tratam da plantação. Contudo nesta região ninguém se envergonha de trabalhar."

Nesta zona não se planta só para o consumo. Vários agricultores vendem trigo, milho, etc..." (91) Aqui aparece a confirmação do Negro como encarregado da agricultura de subsistência das estâncias.

Em Rio Pardo, em 29 de abril de 1821, Saint-Hilaire registrou: "As índias dizem que se entregam aos homens de sua cor por dever, aos brancos por interesse e aos negros por prazer". (92)

Defronte à foz do Capivari no rio Jacuí

"Apenas vimos uma casa, na qual pernoitamos.

Antes de aí chegarmos o patrão mandou içar o corpo de um escravo que se afogara.

Quando avistamos o seu cadáver seu dono gritou:

— Ah! Meu dinheiro! Meu dinheiro, que me custa tanto ganhar.

Sua mulher foi em uma piroga presidir o enterramento do escravo. Sobre o túmulo foi colocada uma cruz de bambu. Quando regressou estava banhada de lágrimas. Mas a rudeza com a qual trata os escravos fez-me crer que ela não chorava por outra coisa senão por seu dinheiro". (93)

De Porto Alegre a Rio Grande, Saint-Hilaire viajou num barco cuja tripulação era de 6 homens, dos quais um branco, o dono, e 5 escravos. (94)

Essas, as principais observações de Saint-Hilaire sobre o Negro no Rio Grande do Sul por ocasião da Independência. Delas podemos concluir, entre outras coisas:

- Pouca a presença do africano e descendentes em Porto Alegre.*
- Concentração de 80 africanos próximo a Osório com operários de uma indústria de couro (um curtume).*
- Que os africanos e descendentes escravos se sentiam mais felizes no Rio Grande do Sul e mereciam maior consideração, particularmente nas estâncias.*
- Que os descendentes de africanos, nascidos no Rio Grande do Sul, tinham os traços fisionômicos alterados para melhor.*
- Que os negros predominavam como peões na Bacia Ocidental do Rio Grande do Sul e os índios nas Missões.*
- Que a população do Rio Grande era 2/3 de sangue africano negro. Que nessa época muitos negros escravos do Rio Grande do Sul fugiram de seus patrões para lutar com os soldados de Artigas, que lhes assegurava a liberdade.*
- Que um dos motivos da guerra contra Artigas (1816 e 1820) foi ele ter atraído para suas tropas diversos negros escravos do Rio Grande do Sul sob promessa de liberdade, e estes homens eram os seus mais bravos soldados.*
- Para evitar isto o Conde da Barca havia criado, por Decreto de 10 maio 1817» em Montevideu, um Batalhão de Caçadores de Pretos Livres composto de 759 homens distribuídos em 6 companhias e integrado por 21 oficiais e 738 praças. (95)*

ESCRAVOS ENTRADOS OFICIALMENTE NO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO DE 1816-1822

ANO	PORTOS DE ORIGEM								TOTAL ANO
	RIO DE JANEIRO	BAHIA	PERNAMBUCO	SANTA CATARINA	SÃO PAULO (SANTOS)	PARANÁ (PARANAGUÁ)	ESPIRITO SANTO	MONTEVIDEU	
1816	628	12	4	38	11	2	1	1	696
1817	570	55	-	810	1	-	-	30	1466
1818	630	7	3	14	4	-	1	6	665
1819	789	11	-	22	5	-	-	9	836
1820	751	102	6	8	-	-	-	2	872
1821		Não específica, mas o Rio de Janeiro continua a preponderar.							861
1822									1548
TOTAL DO PERÍODO									6944

CHAVES, José Antônio Gonçalves: Memórias econômico-políticas. RIHGRGS, Porto Alegre, 1922. II e III Trimestre. p. 290, 290 e 299 - 321.

Este demonstrativo dá uma proporção de africanos negros e descendentes na população da então Província de Rio Grande de São Pedro do Sul de mais de 50%, o que refuta por terra os que minimizam a contribuição do negro no processo histórico do Rio Grande do Sul, bem como prova que mais de 90% dos escravos provinham do porto do Rio de Janeiro.

Antônio Gonçalves Chaves estimou a população do Rio Grande do Sul, por ocasião de nossa Independência, em 106.196 habitantes, dos quais cerca da metade, ou 50%, de escravos. (Op cit: p 290).

No período de 1815-1822, inclusive os dois, ou seja de 8 anos, coincidente com o Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve, Gonçalves Chaves estimou a entrada de 15.000 escravos (Op cit p 290).

Nos anos de 1816 e 1820, o Rio Grande do Sul sofreu invasões de tropas de artífias. Ambas foram derrotadas, respectivamente, em Catalan e Taquarembó.

Em 1817, o atual Uruguai foi invadido pela Divisão de Voluntários Reais de Portugal ao comando do general Lecor. Este, em consequência, mandou fechar as charqueadas orientais. As seselotas tomaram grande impulso.

O charque era consumido por escravos e pretos livres nos locais de grande produção de algodão, açúcar, fumo e café, onde não se desviava mão-de-obra para a agricultura de subsistência.

Segundo Gonçalves Chaves: "Os escravos entre nós são considerados cousas" (Op cit p 293).

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO III

(Referidas à bibliografia)

- 1 - CÉSAR. História do RGS, p. 29.
- 2 - CIDADE. Dois ensaios de História, p. 25.
- 3 - CUNHA. Expedição de Gomes Freire às Missões; RJHGB, p. 175-182.
- 4 - *idem, idem*, p. 183-4.
- 5 - matungo, s.m., cavalo velho muito manso ou arruinado sem préstimo ou valor, *idem*, p. 298.
- 6 - guasca, s.f., qualquer tira de correia de couro, in: VOCAB. SUL-RIO-GRANDENSE, p. 238.
- 7 - bóia, s. comida, refeição, qualquer alimento, *idem*, p. 67.
- 8 - CERQUEIRA. Reminiscências..., p. 128.
- 9 - TAUNAY. Memórias, p. 136.
- 10 - BENTO. Síntese Histórica FT RGS. RMB. p. 67.
- 10 - *idem* nota 10, p. 45, 57, 67, 69, 70 e 71.
- 11 - *idem* nota 3, p. 188.
- 12 - *idem, idem*, p. 258.
- 13 - *idem, idem*, p. 294.
- 14 - *idem, idem*, p. 307.

- 15 - *idem, idem, p. 321.*
- 16 - *idem, idem, p. 322.*
- 17 - HILAIRE. *Saint; Viagem ao Rio Grande do Sul. p. 367.*
- 18 - *idem, idem, p. 311.*
- 19 - SPALDING. *Pequena História de Porto Alegre, p. 39-*
- 20 - *idem, idem, p. 39-*
- 21 - CÉSAR. *Os soldados negros.... Correio do Povo. (PA-RS) 23/3/1974.*
- 22 - *Arreada: Operação militar, consistente em retirar, dos possíveis caminhos de invasão do inimigo ao Rio Grande do Sul, o gado vacum e cavalariças neles existentes, com vistas a diminuir a MOBILIDADE do inimigo e os seus recursos locais de ALIMENTAÇÃO encontrado pelo caminho, representados pelo gado vacum selvagem ou das estâncias espanholas. Na guerra de 1763-1777, ela teve caráter oficial, surgindo os corsários dos pampas, diferentes dos piratas que roubavam gado português e espanhol por conta própria, em operação chamada razzia. O produto da arreada era distribuído entre o apresador chefe do grupo, componentes do grupo e governo em frações diversas. Ao final da guerra, Rafael Pinto Bandeira respondeu a rumoroso processo," acusado de aplicar, em benefício próprio, legislação reguladora da arreada.
Rafael Pinto Bandeira reuniu, no atual município de Canguçu, no vale do rio Camaquã, milhares e milhares de cabeças de gado vacum e cavalariças dos espanhóis. Vide MONTEIRO, Dominação.*
- 24 - BENTO. *art. no Correio de Bagé.*
- 25 - MONTEIRO. *Dominação Espanhola do RGS. p. 339-*
- 26 - BARROSO, *Uniformes do Exército, p. 17, Estampa 18.*
- 27 - *idem, nota 25, p. 341.*
- 28 - *idem, idem, p. 121.*
- 29 - *idem, idem, p. 279-*
- 30 - *idem, idem, p. 334.*
- 31 - *idem, idem, p. 321.*
- 32 - ANTUNES. *Dragões do Rio Pardo.*
- 33 - CIDADE. *Síntese de três séculos de literatura militar, p. 387.*
- 34 - *idem, idem, p. 381.*
- 35 - *idem, idem, p. 235.*
- 36 - *idem, idem, p. 236.*
- 37 - *idem, idem, idem.*
- 38 - *idem, nota 32.*
- 39 - *idem, nota 24.*
- 40 - *idem, nota 25, p. 261.*
- 41 - *idem, idem, p. 265.*
- 42 - *idem, idem, p. 267.*
- 43 - *idem, idem, idem.*
- 44 - *idem, idem, idem.*
- 45 - *idem, idem, p. 268.*
- 46 - *esculca, s.m., sentinela, vigia, guarda avançada, segundo HOLANDA. Pequeno Dicionário..., p. 490.*
- 47 - *idem, nota 25, p. 269.*
- 48 - *idem, idem, p. 270.*
- 49 - *idem, idem, p. 288.*
- 50 - *Carta RS-102 da Mapoteca da Diretoria de Patrimônio do Exército - Demarcação no RGS. Tratado de Santo Ildefonso. Contém assinatura do General Veiga Cabral ano 1872.*
- 51 - BENTO. *Charqueadas de Pelotas, DP, 1 e 8 Mar 70.*

- 52 - *idem, idem.*
53 - *idem, nota 18, p. 385.*
54 - BENTO. *Debret pintou Pelotas...*, DP, 4 Fev 73.
55 - ANAIS do II CONGRESSO DE HIST. e GEO. do RGS, v. 2, p. 56.
56 - ALMANAQUE DA PROVÍNCIA DO RGS - 1883.
57 - *idem, idem, nota 51, também publicado na revista ITAYTERA n.º 14*
- Crato - CE.
58 - BENTO. *História da Real Feitoria...* DP, 30 Ago e 6 Set 70
59 - PETRY. *São Leopoldo.*
60 - CESAR: *Primeiros cronistas, p. 194.*
61 - BENTO. *Contribuição aos festejos...*, Defesa Nacional, n.º 647, 1973-
62 - SAO LEOPOLDO. *Anais da Província.*
63 - CHAVES. *Memórias Ecónomo-Políticas.*
64 - *idem nota 18, p. 40.*
65 - *idem, idem p. 40.*
66 - *idem, idem.*
67 - *idem, idem p. 42.*
68 - *idem, idem p. 54.*
69 - *idem, idem p. 59-*
70 - TAVARES, *O Exército.*
71 - *idem, nota 18, p.*
72 - *idem, idem, p. 73*
73 - *idem, idem, p. 84.*
74 - *idem, idem, p. 87.*
75 - *idem, idem, p. 93.*
76 - *idem, idem, p. 100.*
77 - *idem, idem, p. 101.*
78 - *idem, idem, p. 116.*
79 - *idem, idem, p. 123.*
80 - *idem, idem, p. 127.*
81 - *idem, idem, p. 137.*
82 - *idem, idem, p. 153*
83 - *idem, idem, p. 158.*
84 - *idem, idem, p. 163*
85 - *idem, idem, p. 177.*
86 - *idem, idem, p. 181.*
87 - *idem, idem, p. 182.*
88 - *idem, idem. p.*
89 *dem, idem, p. 214.*
90 - *idem, idem, p. 329.*
91 - *idem, idem, p. 355.*
92 - *idem, idem, p. 370.*
93 - *idem, idem, p. 385*
94 - *idem, idem, p. 402.*
95 - LEIS DO BRASIL REINO. *Rio, Imprensa Nacional. 1893 p. 26-27.*

C A P I T U L O I V

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

(Da Independência à Revolução Farroupilha)

O Negro e o Serviço Militar após a Independência

Para que se compreenda a relevante contribuição militar do negro e do mulato no Rio Grande do Sul após a Independência, para a manutenção da Integridade e Soberania do Brasil, é preciso que se considere:

— *Que eles numeravam de 50.000 a 53 000, ou a metade da população da Província, dos quais cerca de 18.000 livres, segundo estimativa de Gonçalves Chaves. (1)*

— *Sua situação face ao Serviço Militar.*

Após a Independência o Exército ficou dividido em 1.^a Linha e 2.^a Linha (ou milícias).

A 1.^a Linha era constituída de voluntários, recrutados e mercenários, sem distinção de cor, desde que livres ou libertos previamente; se escravos, para fins de ingresso no Exército.

Os voluntários provinham sistematicamente das classes mais pobres. Dessa forma, muitos negros e mulatos libertos ingressavam no Exército à procura de um emprego modesto e, na maioria dos casos, de um lar. Isto, a partir dos 15 anos de idade.

"Se é de cor, há de provar com pessoas que o conheçam que não é escravo". (2)

Foi voluntário o Brigadeiro Antônio de Sampaio — o Bravo dos bravos de Tuiti e atual patrono da Arma de Infantaria do Exército., -

Sampaio, nas horas de lazer na Campanha do Paraguai, lia as Campanhas de Napoleão, segundo testemunho de Dionízio Cerqueira. (3)

Os recrutados o eram forçados. Verdadeiras expedições organizavam-se para apanhar os desocupados, os desapadrinhados, os distraídos e os vadios.

Daí a expressão gaúcha: "Foi recrutado a maneador". (4) Logo após a Independência, para elevar-se o efetivo do Exército desfalcado de tropas portuguesas, recorreu-se ao sistema de recrutamento de escravos que após alforriados, ingressavam no Exército.

Outro sistema para elevar-se o efetivo da 1.^a Linha foi a contratação de soldados mercenários alemães.

Segundo Paulo Cidade, os soldados da 1.^a Linha do Exército, exceção dos mercenários, "pobres, paupérrimos, comendo pouco e mal, dormindo sobre o chão duro, foram modelares na sua dedicação aos chefes e no amor ao Brasil". (5)

A segunda linha era constituída de milícias.

Nesta podiam entrar os negros e mulatos livres, desde que casados, de bom comportamento, especialistas em algum ofício-chave de alguma comunidade ou fábrica, arrimo de mãe ou pai idoso, caixeiro de comércio e por fim, com alguma influência política.

Compreendiam homens de 16 a 36 anos. (6)

Em época de guerra entravam para corpos de milícias quase todos os homens válidos das estâncias e alguns escravos como criados dos donos.

E o Negro era numeroso nas da Bacia Ocidental do Rio Grande, mais ou menos abrangida pela Fronteira do Rio Grande e grande parte da Fronteira do Rio Pardo.

Eram pouco numerosos nos Sete Povos das Missões e antigo Distrito de Entre-Rios (quadrilátero formado pelos rios Ibicuí, Uruguai, Quaraí e Santa Maria).

Após a reorganização do Exército de 1824 a guarnição militar da Província do Rio Grande de São Pedro passou a ser a seguinte (7):

1ª Linha:

- 9º Batalhão de Caçadores de 1.ª Linha do Exército.
- 5.º Regimento de Cavalaria de 1.ª Linha do Exército (Rio Pardo).
- 3.º Corpo de Artilharia Montada da 1.ª Linha do Exército.
- 46.º Batalhão de Caçadores de 2.ª Linha do Exército.
- 21.º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2.ª Linha (Rio Grande).
- 22.º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2.ª Linha (Rio Pardo).
- 23.º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2.ª Linha (Alegrete).
- 24.º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2ª Linha (São Borja).
- 25.º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2.ª Linha (Guarani das Missões).

Nesta organização do Exército foi abolida a distinção de tropas pela cor, e, em 1831, abolidos terminantemente o exclusivismo racial, de fato e de direito.

Já em 1802, pelo Alvará de 17 de Dezembro, Portugal havia acabado, no Brasil, com a diferença entre tropas brancas e de cor. (8)

O Negro na Guerra Cisplatina 1825-28

Recordemos que por ocasião da Independência, a Província do Rio Grande de São Pedro do Sul possuía, segundo estimativa, cerca de 18.000 habitantes negros e mulatos. (9)

Por imposição da guerra, esta cifra cresceu em decorrência do recrutamento. Foi necessário alforriar-se muitos negros e mulatos gaúchos para ingresso, não só na 1.ª linha como nas milícias.

Paula Cidade refere "que testemunhas oculares da Guerra Cisplatina e vários escritores platinos afirmam que argentinos e uruguaios, na Batalha do Passo do Rosário, enfrentaram, principalmente, BATALHÕES DE ALEMÃES E DE NEGROS". (10)

Nessa batalha predominaram tropas de 1.ª linha do Rio de Janeiro.

Fizeram-se presentes, em menor número, tropas de 1.ª linha da Bahia, Pernambuco e São Paulo, áreas geográficas onde a população negra e mulata atingia 2/3.

Do Rio Grande do Sul participaram nesta batalha as seguintes tropas:

Provenientes de áreas onde a população negra era expressiva, conforme temos comprovado até agora:

- 4.º Regimento de Cavalaria de 1.ª linha - Jaguarão.*
- 5.º Regimento de Cavalaria de 1.ª linha - Rio Pardo.*
- 6.º Regimento de Cavalaria de 1.ª linha - Porto Alegre.*
- 20.º Regimento de Cavalaria de Milícias - Porto Alegre.*
- 21.º Regimento de Cavalaria de Milícias - Rio Grande.*

Proveniente de área onde a população negra e mulata era inexpressiva, segundo Saint-Hilaire:

24.º Regimento de Cavalaria de Milícias de São Borja.

Paula Cidade admitiu que a população da Província, na época, já possuía muitos mulatos mais ou menos bem colocados e, por esta razão, nos regimentos milicianos predominassem os mulatos e os brancos. (11)

Eu vou mais adiante ao admitir que, nos 20.º e 21.º Regimentos de Cavalaria Milicianos de Rio Pardo e Porto Alegre, dois importantes polos econômicos, políticos e sociais da época, existissem muitos negros libertos, dispensados da 1.ª linha, principalmente como técnicos em diversos ofícios, por prestígio social decorrente de situação econômica e ligações sentimentais com pessoas influentes, e enquadrados na legislação específica. Paula Cidade admitiu a presença do negro e do mulato livre, em grande número, em Passo do Rosário e arrematou em síntese inspirada:

"E FOI ESSA MASSA, APARENTEMENTE INFORME, DE UM POVO EM FORMAÇÃO COMPOSTA DE PRETOS, MULATOS, MULATOS CLAROS, QUASE BRANCOS E BRANCOS QUE NOS CAMPOS DO ROSARIO, ATENDENDO A VOZ FIRME DE SEUS CHEFES, SALVOU A HONRA DE NOSSAS ARMAS, E A INTEGRIDADE DO IMPÉRIO DO BRASIL". (12)

O Exército e a valorização do homem negro

O general Aurélio de Lyra Tavares, destacado escritor militar brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, assim se referiu às servidões impostas, com vistas à organização do Exército Brasileiro após a Independência: (13)

"Recorreu-se ao voluntariado, ao recrutamento forçado, AO APROVEITAMENTO DE ESCRAVOS ALFORRIADOS e aos sentenciados, mediante concessão de liberdade condicional, além de tropas mercenárias contratadas...

...Foi assim que as fileiras do Exército se abriram a toda a sorte de elementos, fundamentalmente heterogêneos.

O Exército Brasileiro devia, antes de tudo, RECUPERÁ-LOS, EDUCÁ-LOS E INTEGRÁ-LOS, dando a todos a condição de soldados do Brasil.

Através desse novo Exército que então surgia, GRANDE NUMERO DE ESCRAVOS ADQUIRIA OS DIREITOS QUE SOMENTE ÀS VÉSPERAS DA REPÚBLICA seriam conferidos por lei... à grande MAIORIA DE NEGROS DO BRASIL".

Isto cerca de 65 anos antes da Lei Áurea.

E prossegue o general Lyra:

"Foi assim, o Exército Brasileiro, desde o início, uma grande e insubstituível escola de educação e valorização do homem brasileiro no quadro da Nacionalidade Brasileira em formação.

E foi por obra desse Exército, constituído de grande número de negros e mulatos livres, "improvisado para a missão de defender e preservar a Integridade Nacional e a ordem interna em todo o vasto território do novo Império que pôde o Brasil enfrentar e vencer as graves vicissitudes, que puseram em perigo a sua Integridade no Século da Independência". (14)

E, neste caso, sobre o negro e o mulato livres do Rio Grande do Sul recaiu pesado ônus para superar os perigos à nossa integridade, representado pela Guerra da Independência na Província Cisplatina, Guerra Cisplatina 1825-28, Guerra Contra Oribe e

Rosas 1851-52, Guerra contra Aguirre em 1864 e Guerra da Tríplice Aliança, principalmente durante o crucial período da invasão do Rio Grande do Sul, por São Borja, até a rendição do inimigo em Uruguaiana.

Disso faremos prova sempre que oportuno.

Paula Cidade, ao analisar a Batalha de Passo do Rosário, exalta a bravura, a dignidade e o valor da Infantaria grandemente composta de negros e mulatos brasileiros livres.

Complementa dizendo que o soldado negro e o branco do Exército, nesta ocasião, eram mais dóceis.

O índio, pelo que se conclui da análise de Moysés Vellinho, não gozava de bom conceito como soldado, além de pouco expressivo quantitativamente e medíocre em contribuição. (15) Não concordamos com essa apreciação, se extensiva ao caboclo gaúcho.

O autor citado menciona que, ao sugerir alguém, na Revolução Farroupilha, estamparem-se nos célebres lenços farroupilhas dois lanceiros índios, foi violentamente ridicularizado. (16)

No entanto, criou-se o mito do índio do Rio Grande do Sul como grande guerreiro.

Estão aí a comprovar os nomes Minuano, Charrua, tão abundantes no Rio Grande do Sul.

O Negro, de tão destacada contribuição e presença quantitativa no Rio Grande do Sul, tem sido esquecido. Não passam de duas estátuas ao Negrinho do Pastoreio as homenagens recebidas.

Existem estátuas do laçador, do colono alemão e do italiano e agora dos açorianos.

Falta uma homenagem ao Negro. Nada mais justo seria que uma estátua ao Lanceiro Negro Farroupilha, já por mim reclamada em 1970. (17)

Gilberto Freyre, o primeiro entre nós a estudar e a valorizar, perante o mundo, a magnífica contribuição cultural do negro brasileiro, cuja emancipação foi tão corajosa e brilhantemente defendida por outro grande brasileiro de Pernambuco — Joaquim Nabuco, assim sintetizou o papel do Exército e das Forças Armadas na valorização, não só do negro mas do homem brasileiro.

"A melhor lição das Forças Armadas do Brasil às demais é esta:

A da valorização do homem e não apenas das máquinas; a da valorização do TODO e não apenas parte de seu elemento humano; do soldado e não apenas do oficial". (18)

Seveloh, testemunha presencial da Batalha do Passo do Rosário, não registra nenhuma atitude de covardia e pânico de parte das tropas em que o negro e o mulato participaram. Registrada a covardia do comandante da Artilharia Brasileira ao lado da bravura do tenente Luiz Emílio Mallet.

ANEXO - REQUISIÇÃO DE MILITARES PARDOS E PRETOS LIVRES DE PORTO ALEGRE PARA A DEFESA DA FRONTEIRA NA GUERRA CIS-PLATINA 1825-28.

(Documento do Barão do Cerro Largo, Mal. José de Abreu, Governador das Armas da Província, do Arquivo Histórico do Estado (RGS), mandado paleografar na Bahia pelo General Heitor Fontoura de Moraes, parente do Barão e que gentilmente nos cedeu cópia).

REQUISIÇÃO QUE AO EXM ^o SR. PRESIDENTE DESTA PROVÍNCIA FAZ SUA EXCIA. SR. BARÃO GOVERNADOR DAS ARMAS PELO CONDUTO DO MAJOR SECRETÁRIO MILITAR.	
	1a. - O resto da Companhia, dos homens Pardos da Capital para marchar para a Campanha, anexando-se-lhe como adidos os pretos forros, que estiverem em circunstâncias de servir na crise atual; bem como as duas Companhias de Milícias dos Distritos de Cima da Serra e Vacaria.
	2a. - Todo o Armamento de Cavalaria que houver disponível.
	3a. - Uma Botica sortida para a 2a. Brigada do Exército.
O Comissário pagador não (palavra ilegível) na Província.	4a. - Vinte contos de réis para suprimento do Almoxarifado do Depósito de S. Gabriel, e Caixa Militar da 2a. Brigada.
P.P. ao Intendente em 7 de Janeiro para mandar fazer 400 fardamentos a saber: 100 para o Regimento N ^o 21.	5a. - Mil e setecentos Fardamentos completos a saber: 500 para o Regimento N ^o 22 de Cavalaria de 2a. linha. 500 para o Regimento N ^o 23. 200 para o Regimento N ^o 21. 200 para as Guerrilhas da Fronteira do Rio Pardo. 200 para as do Rio Grande. 100 para as de Entre Rios.
200 para Guerrilhas da Fronteira do Rio Pardo e 100 para as d'Entre Rios.	6a. - Suprimento de Papel e mais artigos para a Secretaria Volante do Governo das Armas, e conforme a Relação que deverá ser apresentada pelo Secretário Militar.
	Porto Alegre, 5 de Janeiro de 1826.
	JOSÉ JOAQUIM MACHADO D'OLIVEIRA Secretário Militar.

DOCUMENTO N.º 150 DE 5/01/1826 (S/N.º 173/1)

O NEGRO DO RIO GRANDE DO SUL NA OBRA DO ALEMÃO CARLOS SEIDLER

Em 1827-28, integrando o 27.^o Batalhão de Caçadores Alemães que lutou na Guerra Cisplatina, andou pelo Rio Grande do Sul o tenente Carlos Seidler, que, após retornar à Alemanha, escreveu um livro intitulado: Dez Anos de Brasil.

Em suas andanças, Carlos Seidler esteve em Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão (Cerrito), Triunfo, São Leopoldo, Piratini, Viçosa, Osório e Torres e diversos outros locais da campanha.

De sua obra, referente ao Rio Grande do Sul, é possível retirarmos alguns subsídios sobre o africano negro e descendentes na paisagem humana da então Província, no centenário do retorno à Laguna, da frota de João de Magalhães, que abordamos em local próprio.

O Negro e a hospitalidade gaúcha

"O tipo dos habitantes de São Pedro do Sul é bem diferente dos das outras províncias.

Aqui não se vê a cor amarelo-pálida dos habitantes do Rio de Janeiro.

Encontram-se em geral tipos altos, bonitos e fortes, notadamente, as senhoras têm a tez tão branca que muitas européias, mesmo das regiões árticas, gostariam de trocar com elas.

A fisionomia não tem a malícia e a malignidade como é comum nas regiões mais setentrionais do Brasil.

É franca, aberta, sem falsidade nem reserva, nem se nota a mentalidade de escravos, substituída que é, por uma certa enérgica consciência própria".

O viajante pode confiadamente parar e bater à primeira porta que encontrar, seja de casa rica ou pobre.

Logo há de aparecer alguém, que perguntará pelo que deseja, e, em geral, o próprio dono da casa não cede esta honra.

Dito o desejo vem em palavras o convite para apeiar e entrar, um homem negro desencilha o cavalo e o toca para o potreiro.

Depois da refeição do fim do dia, suposto que o hóspede esteja cansado, deixam-no a sós e logo lhe indicam um quarto com uma cama meticulosamente asseada.

Um homem negro, ou se o dono da casa quiser mostrar-se muito galante, uma mulher negra traz uma tina com água morna, para, á maneira oriental, lavar-lhe os pés e lhe desejar cordialmente uma boa e agradável noite". (19)

Com este testemunho, Seidler evidenciou, em 1826-28, a presença obrigatória do homem e da mulher negros em serviços relacionados com a casa da estância.

Origem dos negros

Seidler refere que a origem dos escravos era o *Congo, Moçambique* ou a *Costa do Ouro* (20), o que de certa forma coincide com o depoimento de Aquiles Porto Alegre: "Gongo, Moçambique e Guiné". (21)

Seidler não é benevolente ao tratar do comportamento dos escravos .

Quer explicá-la como uma característica racial ao invés de consequência do tratamento imoral e desumano que recebiam, contrário à lei natural.

Negros salvam a vida de soldados alemães em Jaguarão

"Terminada a nossa viagem, Cerrito (Jaguarão) estendia-se aos nossos olhos à margem do Jaguarão, e mesmo defronte ficava a bela Província Cisplatina, pela posse da qual íamos recomeçar a luta.....

.....

Diversas canoas reunidas às pressas acostaram aos nossos navios e os soldados saltaram de bordo com mochilas para os oscilantes barcos, sem se lembrarem de que estas canoas, além de pouco seguras, são feitas só de troncos escavados (caíques), sem borda, sem quilha, e que bem poderiam emborcar pela agitação e peso dos homens a saltar para dentro delas armados e equipados.

Antes que acudissem os oficiais para prevenir os imprudentes e evitar um desastre, uma das canoas virou e todos os soldados nela embarcados caíram n'água e os que não sabiam nadar bem, foram arrastados pela forte corrente.

Felizmente, alguns canoeiros negros, prevendo acidente com aquele processo de embarque, haviam-se afastado um pouco com suas canoas e agora puderam rapidamente acudir para pescar os homens mortalmente assustados e que por esta vez se salvaram ao custo de um banho.

Perderam-se porém seis espingardas". (22)

O Negro como criado de milicianos em Campanha

"Finalmente veio a tão almejada ordem. Ficou marcado o dia 7 jan 1828 para o início da campanha

Ninguém das tropas de 1.^a linha tinha ousado desta vez levar muita coisa para a campanha, pois ainda estava fresca a lembrança da perda de nossa bagagem em 20 fev 1827 (Batalha do Passo do Rosário).

Mas as milícias novas, que agora se nos ajuntaram, traziam não só cargueiros, cavalos e mulas, superlotados de malas, caixões, caixas e sacos, *mas ainda muitos levavam negros para servir de criados na campanha". (23)*

E prossegue o autor em preciosa descrição dos arreamentos, usados pelos gaúchos na época, cujas pratarias, como enfeites, constituíam verdadeira carga para o cavalo.

Este costume de levar escravos para servirem de criados em campanha era praxe entre os milicianos do Rio Grande do Sul e tradição mesmo na 1.^a linha no tempo do Exército Demarcador de Gomes Freire e na Guerra 1763-1777, conforme já fizemos prova.

Seidler referiu-se mais adiante a uma força brasileira constituída de índios guaranis.

"Os guaranis (índios das Missões) tinham um destacamento em nosso Exército, *com mulheres e crianças.*

Têm por hábito sepultar seus mortos no alto da elevação, provavelmente para ficarem mais perto do céu e terem uma mais rápida viagem para lá". (24)

As observações de Seidler não só confirmam a presença do escravo junto ao Exército como a de mulheres e crianças índias.

Negro domador guia Seidler a uma estância

Seidler, em viagem de Piratini a Pelotas, perdeu-se cerca de duas a três léguas após sair de Piratini.

"Tratei de procurar novamente o caminho perdido, mas sempre em vão.

Eis que em boa hora chega um jovem negro, num cavalo negro quase totalmente redomão (25) em louca disparada, e à promessa de pequena gorjeta se dispõe a me acompanhar.

Acedi com prazer, pois eu já duvidava de ainda este dia avistar viva alma que pudesse indicar-me o caminho certo.

Meio patacão que meti na mão do jovem negro despertou, pelo seu som de prata, uma tal alegria nesse filho dos desertos africanos que ele se prontificou, não só a me acompanhar um pedaço de caminho, mas até à estância do capitão Romão, distante quatro léguas de Piratini

.....

O cavalo do jovem negro, mal domado, mas fogoso e forte, ao invés de freio na boca trazia apenas uma tira de corda trançada de couro de boi.

O animal, ao longo do caminho, ia corcoveando de modo que a cada instante eu temia que meu companheiro negro fosse arremessado longe, por cima da cabeça do cavalo selvagem, especialmente porque o cavaleiro não se mantinha direito, mas se entregava ao balanço, como um bêbado a dançar na corda.

Mas foram baldados todos os esforços do redomão. O ginete negro, em movimentos balanceados, mantinha-se a cavalo e se bem que não pudesse acompanhar-me, ao passo, ele recuperava, na corrida, a distância que perdia durante os debates cavalo e cavalheiro.

Ora encurtando ora dando rédeas, ele ficava constantemente para trás, mas quase sempre passava a minha frente, até que avistamos a estância do capitão Romão....,apontando-ma com o dedo e logo retornando como um pé de vento, pelo ínvio caminho por onde viemos". (26)

Este ginete negro lembra o jovem escravo João Batista do conto regionalista de Barbosa Lessa intitulado "Cabos Negros", que se desenvolve na mesma região geográfica e que é transcrito ao final desse trabalho.

Tradicionalmente, a profissão de domador, pelo menos nas Serras do Sudeste, tem sido quase monopólio dos africanos negros e descendentes.

Quando escravos, como uma forma de através da vitória sobre o perigo e o medo, ao domarem um cavalo bagual, conhecerem momentos de respeito, admiração e ,principalmente, de liberdade mais ampla na largueza dos horizontes do Rio Grande do Sul, como foi o caso do jovem guia de Seidler, vagando distante das casas da estância, no exercício de seu ofício.

A hospedaria em Capão do Leão

Prosseguindo sua viagem Seidler hospedou-se em Capão do Leão na única hospedaria ali existente. "O dono, um mulato alto e forte, em que, pelo rosto e barriga cheios, se via claramente o bom humor e a íntima satisfação, aproximou-se de mim amavelmente e, como se já me conhecesse de outrora, a minha chegada lhe pareceu benvinda, pois logo me prometeu hospedar-me o melhor que pudesse e gratuitamente".....

Seidler ficou hospedado junto com diversas pessoas na hospedaria que só possuía uma peça.

Entre os hóspedes dessa noite de medo para o tenente alemão, encontrava-se um que ele assim descreveu:

"E, na verdade, não precisava ser um Lavater ou um Hogarth para ter, pela fisionomia desse homem, a idéia que mais de um europeu já havia de ter vertido seu sangue naquelas mãos rudes, sempre inquietas.

Era um sujeito alto, esbelto, *cruza de mulato com negro*, evidenciada em sua epiderme.

Usava capa espanhola de pano grosseiro, castanha, arregaçada para trás (poncho). Encobria a cara traiçoeira, até acima do nariz, um chapelão preto desabado por cima da testa angulosa arqueada, que mal deixava adivinhar os olhos negros, sombriamente reluzentes.

Do cano da bota direita fulgia o cabo de larga faca, bem afiada.

À ilharga, pendia-lhe uma espada, que lembrava os velhos tempos da Cavalaria de Rolando e da Távola Redonda. E no cinturão vermelho, de lã, viam-se duas pistolas que toda a vez que ele afastava a capapara comer apareciam mais do que o necessário". (27)

Apesar desta figura e de outras cenas que compuseram um ambiente horrível na imaginação do tenente Seidler, ele dormiu com medo infundado, pois não foi molestado.

"Logo que nasceu o dia encilhei o cavalo, agradei com uma piastra o *negrinho* que me servira e depressa ganhei distância.

Que contraste entre a casa do capitão Romão e essa caverna de ladrões"! (28)

Seidler foi injusto, hospedou-se de graça, não foi molestado e nem roubado.

Foi alvo da hospitalidade gaúcha na melhor forma possível e grátis, conforme prometeu-lhe seu hospedeiro.

Um casamento trágico

O navio em que viajava Seidler, rumo a Porto Alegre, foi atingido por violentos ventos próximo à entrada do Canal São Gonçalo, na Lagoa dos Patos.

Nas imediações do Laranjal, acreditamos, Seidler encontrou a venda de uma família de negros:

"Aí fomos recebidos com alegria invulgar e insistentemente solicitados a passar a tarde, pois que chegaria numerosa companhia para celebrar casamento

Mal era meio-dia, surgiram os esperados hóspedes, na maioria negros e mulatos, em geral enfeitados com panos multicores e toda a espécie de bugigangas, além disso trazendo máscaras negras de papel que aplicavam ao rosto, apenas com aberturas para os olhos e o nariz.

Dois homens fortes carregavam um pedaço de tronco oco, revestido de couro, no qual um deles logo entrou a bater com os pés como num tambor.

Outros instrumentos de sons, em harmonia com o do tambor, apareceram, pouco a pouco, e rompeu uma música pela qual certamente teria manifestado respeito o próprio tambor-mor Rossini (talvez o tambor-mor do 27.º Batalhão de Caçadores alemães).

Acompanha a música uma gritaria de alegria, muito maior que a de mil papagaios na floresta virgem brasileira, e ameaçava romper nosso, aliás rijo, tímpano.

Começou depois, ao ar livre, um baile que regulava com a música e a cantoria.

Imaginem-se as mais imorais contrações musculares, os mais indecentes requebros de braços e pernas semi-nus, os mais ousados saltos, as saias esvoaçantes, a mímica mais direta, reveladora da mais crua volúpia carnal — tal era a dança em que, desde o seu início, as graças se transmudavam em bacantes e fúrias.

Ao mesmo tempo eram constantemente servidos cigarros de papel e grandes guampas cheias de cachaça.

Tanto os homens como as mulheres bebiam em abundância e, ao cabo de poucas horas, a maior parte cambaleava e mesmo caía, desnudando os baixos relevos de seus corpos.

Verdadeiro ímpeto bestial dominava, sem exceção, os grupos selvagememente abraçados, como numa mitologia índia-cristã.

Não escapavam nem os donos da casa.

Sem saber como e porque, rompeu entre o dono e a dona da casa tremenda briga e como aquele quisesse tenazmente sustentar o seu direito, a sua companheira

deu-lhe com um porrete tal pancada na cabeça que ele caiu ensanguentado e sem sentidos.

A custo conseguiu-se levar para dentro de casa a mulher feita hiena e a encerraram num quarto escuro.

Nem aí sossegou. A toda hora ouviam-se .seus gritos:

— Eu quero matar este filho da p...!!!

Finalmente o homem recobrou os sentidos, e ao escutar as ofensas da mulher danada, levantou-se furioso do chão imundo e precipitou-se de faca na mão contra a porta do quarto onde estava encerrada a megera.

Era de temer que a fraca fechadura cedesse aos esforços do homem enfurecido e musculoso, pelo que logo uma parte dos presentes, sobretudo mulheres, acudiram para demovê-lo à força.

Outra parte, sobretudo de homens, tomou partido do homem agredido, e pediu que o deixassem em liberdade.

De ambas as partes, forte discussão que depressa se tornou pancadaria generalizada.

Nenhum de nós (Seidler e companheiros) queria imiscuir-se.

Eis que cambaleantes aproximam-se de nós alguns feridos e ao mesmo tempo vemos luzir facas até então ocultas nos bolsos das calças ou nos cintos.

Era tempo de intervir para evitar-se horrível sangueira. Nós, passageiros, em número de 6, todos oficiais, puxamos as espadas.

O capitão do navio, o piloto e os marinheiros presentes muniram-se de espingardas e varas e assim atacamos de rijo o bando exaltado.

Um terror pânico os invadiu às primeiras pranchadas de espada e, como tangidos por um raio, dispersaram-se aos quatro ventos, sem oferecer a menor reação.

Acabou-se a dança e a música, os instrumentos destroçados estavam esparramados pelo chão e quem sabe onde foram reencontrar-se os festejados do dia, noivo e noiva e onde passaram a noite esponsalicia precedida de tão infelizes auspícios". (29)

Paula Cidade, anotador da tradução brasileira da obra de Seidler realizada pelo então general Bertoldo Klinger, referiu sobre este fato:

"É uma legítima cerimónia africana. No Rio Grande do Sul, pelo menos até 1902, estes festins não eram raros e os brancos davam-lhes o nome de *Batuques*.

Em Porto Alegre o autor desta Nota, quando criança, viu coisa semelhante". (30)

O local era próximo às charqueadas de Pelotas, onde continuamente chegavam mais e mais africanos negros como escravos.

Pelotas nesta época era a maior concentração escrava do Rio Grande do Sul e com sua indústria saladeiril no período áureo, desde o fechamento das charqueadas da Banda Oriental, fazia cerca de 7 anos, por ordem do General Lecor.

Ao longo deste trabalho apresentaremos outras manifestações de tradições trazidas da África, para colocá-las a serviço de pesquisadores especializados que melhor possam aproveitar o material.

No final deste capítulo, explicaremos as viagens ao Rio Grande do Sul feitas por Arsène Isabelle, Nicolau Dreys antes e por ocasião da Revolução Farroupilha.

Um negro, o canoeiro do Capivari

Em sua viagem a cavalo, Porto Alegre-Torres, Seidler teve de atravessar o rio Capivari, entre Viamão e Osório, que estava em cheia.

"Uma canoazinha, mais parecendo massadeira de pão e apenas dirigida *por um homem negro meio paralítico*, nos levou vagarosamente para o outro lado..." (31)

Seidler. passou em Conceição do Arroio (atual Osório), onde nascera 20 anos atrás o então alferes de Cavalaria Manoel Luiz Osório, e atual Patrono da Cavalaria do Exército.

Um mulato salva a vida de Seidler

A um dia de viagem além de Torres, Seidler e seus companheiros de viagem pernoitaram" numa venda miserável, única habitação encontrada num raio de muitas léguas" e pertencente a um mulato.

"Só ficara em Torres o cadete de Artilharia, brasileiro, insidioso tipo de 26 a 28 anos de idade".

Após deixar a venda, Seidler diz que a certa altura da viagem distraiu-se a fitar o mar, perdendo-se de seus companheiros.

"Eis que de repente me desperta de meus sonhos infantis um vivo tropel de cavalos.

Voltei rapidamente a cabeça e vi o cadete com mais 4 ou 5 negros e mulatos, todos de espada desembainhada, em galope puxado, surgindo dos cômodos que acompanhavam o caminho, em direção a mim".

Seidler, sozinho e dispondo de um bom cavalo, disparou de seus assaltantes na direção da venda.

"Diante da venda, saltei depressa do cavalo no momento em que uma bala bem apontada roçou o meu gorro.

E logo o mulato dono da casa, conhecido de ontem à noite, apareceu com um par de pistolas carregadas, no limiar da casa, em atitude corajosa, meio nu, qual incivilizado Antínoo.

Os ladrões, assim que o viram, rodaram à direita e em poucos minutos desapareceram atrás dos cinzentos cômodos de areia, convergentes no horizonte escuro"

O heroico vendeiro mulato, transbordante de amabilidades, não sabia o que mais fazer para me agradar.

Mostrou-me em seus braços e pernas as "batatas" características de músculos muito desenvolvidos e de grande força física, completa por claros indícios de órgãos de grande animalidade.

Asserverou-me que sua mulher, mulata sempre balouçante, possuía igualmente extraordinários seios, que os podia jogar às costas ou com eles alcançar a cintura e que suas três filhas possuíam ainda outras curiosidades para um *botânico*. (32)

Em resumo, todos me divertiram e me hospedaram durante as poucas horas de minha estada, tão bem como puderam.

Especialmente a mais moça, de 15 anos, pelo seu desembaraço na viola e pela dança ligeira se esforçava para distrair os meus aborrecimentos". (33)

Cerca de nove anos antes passara pelo local, na direção do Rio Grande do Sul, o sábio Saint-Hilaire, renomado botânico, daí talvez a confusão do hospedeiro de dizer que sua família possuía anomalias físicas, dignas de serem vistas por um botânico, quando queria dizer cientista.

Próximo desta região, seria acolhido na casa de homem negro, cerca de dez anos após, Garibaldi e os demais sobreviventes do Lanchão "*Farroupilha*" da Expedição a Laguna que naufragou na fezdô Araranguá.

Pela exposição de Seidler ele foi muito bem uatado, ou melhor, grandemente beneficiado pela hospitalidade, honestidade, gentileza e bondade do africano negro e seus descendentes do Rio Grande do Sul, ao ponto de dever sua vida a um deles.

O NEGRO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Tráfico de homens africanos, um açoite ao Rio Grande do Sul

Segundo Moacyr Flores, surgiu em 1820, em Pelotas, a *Loja Maçônica Sociedade Defensora*, como foco do liberalismo no Rio Grande do Sul.

As lojas de Rio Pardo e Rio Grande adotaram o lema IGUALDADE, LIBERDADE e FRATERNIDADE.

Isto, aplicado aos negros escravos, significava considerá-los irmãos, iguais e, portanto, merecedores, por lei natural, da Liberdade.

Essas lojas conseguiram prestar relevantes e notórios serviços à causa da Independência.

"Em Porto Alegre surgiu o Gabinete de Leitura Continentino. Em 24 dez 1831, seu Presidente, em ofício, dizia que a principal finalidade dessa sociedade secreta era "auxiliar o ingresso de seus sócios maçons na Assembléia Provincial, em cargos importantes e empregos subalternos"...

"Nas questões políticas, religiosas e sociais havia sempre elementos da Maçonaria, já que para tornar-se político e ocupar altos cargos devia-se pertencer a uma loja secreta".

E prossegue Moacyr Flores em sua interessante análise:

"O trabalho braçal e as profissões de pedreiro, carpinteiro, cozinheiro, condutor de carro e agricultor pertenciam às tarefas dos escravos..."

...Os ofícios técnicos só tinham crédito do povo quando executados por estrangeiros".

Isto continuou por muito tempo no Rio Grande do Sul e talvez continue esta credibilidade na capacidade dos estrangeiros.

Durante os anos de 1957-66 trabalhei no 1.º Batalhão Ferroviário do Exército, nos vales dos rios das Antas e Taquari.

Observei que os mestres-de-obras estrangeiros, como Steigel e Jorge Kamberg, um austríaco e outro lituano, gozavam de um prestígio muito grande, além de exercerem grande liderança sobre os trabalhadores, o que não era conseguido pelos nacionais.

Isto em detrimento de outros mestres, prata de casa, de igual ou maior capacidade.

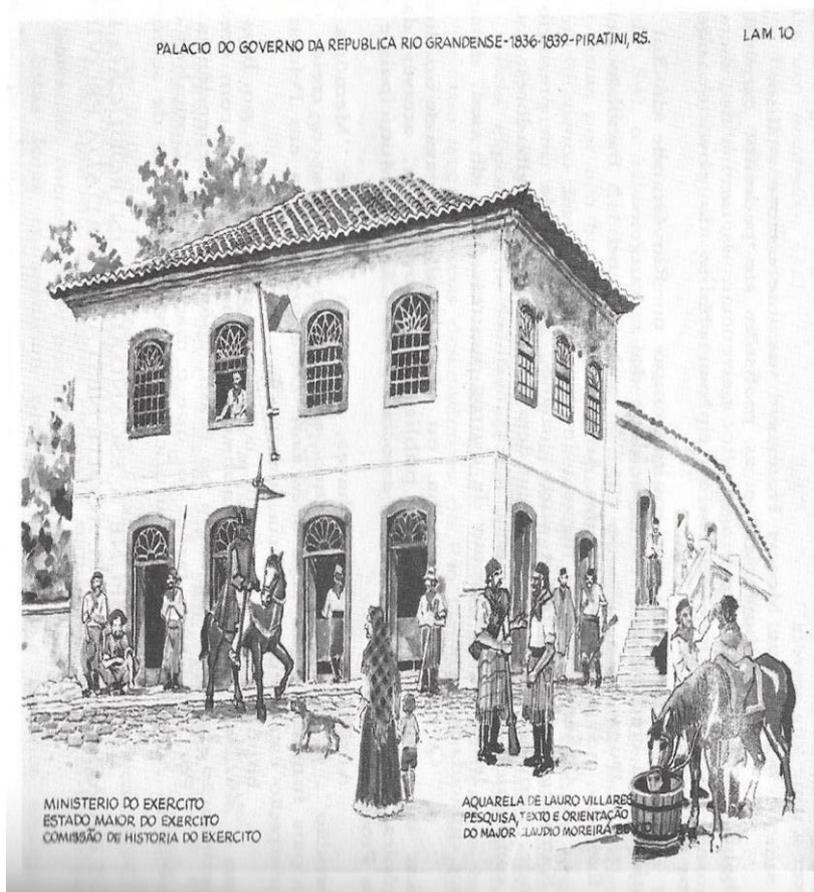
"O partido farroupilha, ou ultraliberal, arrogava-se ao direito de indicar o provimento de cargos públicos na Província e, através das lojas maçônicas, facilitar o ingresso de associados nas Câmaras Municipais e Assembléia Provincial". (34)

Antônio Gonçalves Chaves, autor em 1817 de "Memória sobre a Escravidão", já citada anteriormente, era maçom fervoroso e, creio, um dos principais fundadores da *Loja Sociedade Defensora*, criada em Pelotas, maior concentração escrava da Província, na época.

Hipólito José da Costa, o patrono da Imprensa no Brasil e ardoroso e *destacado meçom internacional*, condenou em 1822, com veemência, a continuação da escravidão negra no Brasil, após nossa Independência.

Por todas essas razões foi que o maçom Bento Gonçalves da Silva escreveu no *Manifesto* em que justificava a Revolução de 20 de setembro de 1835:

"E VIMOS IMPUNE A ESCANDALOSA INTRODUÇÃO DE HOMENS DA AFRICA, TERRÍVEL AÇOITE NESTA MALFADADA PROVÍNCIA". (35)



Deste prédio, durante a Revolução Farroupilha, emanaram leis que libertaram escravos para servirem à República, como “soldados, artífices e colonos”, e de proteção contra medidas repressivas, tomadas pela Regência contra aquele. (Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico)

Contribuição Militar Expressiva

No "*Decênio Heróico*" ou "*Epopéia Farroupilha*", denominação da Revolução Farroupilha 1835-45, o Negro libertado pela República Rio-Grandense para servi-la "**COMO SOLDADOS, ARTÍFICES E COLONOS**" (36), prestou-lhe assinalados serviços que se projetarão, cada vez mais, pelos tempos a fora.

Entre eles destaca-se a valiosa e decisiva contribuição militar terrestre e marítima.

Ficaram célebres os *Corpos de Lanceiros Negros Farroupilhas*, principalmente o comandado pelo intrépido Joaquim Teixeira Nunes, o "Coronel Gavião", reconhecido pelo general Tasso Fragoso, "o pai da História do Exército Brasileiro" (37), como a "*maior lança farrapa* e o Bravo dos bravos de Porongos". (38)

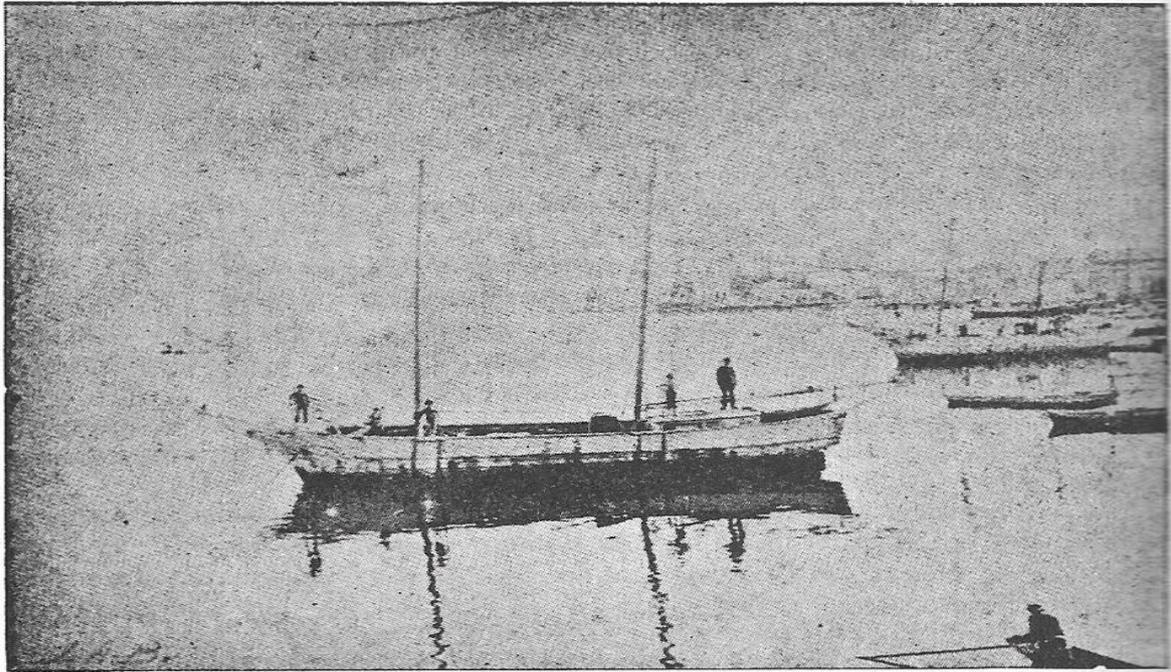
Outro que realizou feitos admiráveis como guerrilheiro, em razão de sua grande mobilidade e capacidade de surpreender e evitar surpresas, foi o general Davi Canabarro.

Segundo o próprio Barão de Caxias este general "baseava sua maior força" em tropas constituídas de homens negros. (39)

O Negro contribuiu de modo expressivo na Marinha da República Rio-Grandense.

Dentre os setenta homens de diversas nacionalidades que participaram da construção e guarnição dos lanchões "Seival" e "Farroupilha" da épica expedição a Laguna, "muitos eram negros e mulatos e, estes, os MELHORES E MAIS FIÉIS". (40)

Foi o negro Procópio que atingiu com um certo tiro, um dos braços, do célebre guerrilheiro imperial Chico Pedro (41) frustrando seu ataque sobre o Estaleiro Farroupilha na barra do rio Camaquã, além de tornar possível a expedição de Garibaldi a Laguna. Os negros Rafael e Procópio morreram por ocasião do naufrágio do lanchão "Farroupilha" defronte à foz do Araranguá.



Lanchão farroupilha "Seival", que ajudou a escrever, sob a liderança de Garibaldi e John Griggs, uma das mais belas epopéias rio-grandenses em sua histórica expedição a Laguna, Santa Catarina-julho 1839. Na sua tripulação, muitos eram negros e mulatos, estes os mais "fiéis", segundo Lindolfo Collor.

(Fonte: FRAGOSO. Revolução Farroupilha).

Na Europa, Garibaldi referiu-se à fidelidade invulgar do negro Procópio.

No Estaleiro Farrapo do rio Camaquã foi um mulato que forjou as ferragens dos dois célebres barcos.

Hoje, parte das que pertenceram ao legendário lanchão "Seival" encontram-se expostas no Museu de Anita Garibaldi em Laguna-SC

Lindolfo Collor ao descrever um acampamento de tropas farroupilhas escreveu a certa altura:

"Rostos bronzeados pelas intempéries, emoldurados de grande barba ou fisionomias ainda glabras de adolescentes; mestiços índios, **TAMBÉM NUMEROSOS NEGROS**, escravos de oficiais republicanos ou fugidos das senzalas imperiais". (42)

Bento Gonçalves foi acompanhado, até partir de sua prisão no Rio de Janeiro para a Bahia, pelo seu fiel amigo Conguinho, companheiro fiel de todas as horas, desde o tempo da Guerra Cisplatina.

Este preto escravo guardou o dinheiro de Bento Gonçalves até o embarque de seu amo para o forte São Marcelo, na Bahia. (43)

Os operários que acionaram as máquinas das oficinas do jornal farroupilha O POVO em Piratini e Caçapava, eram negros livres.

Um deles, de nome Ricardo, acionava em 1857 em Canguçu Velho-(Canguçu) a Tipografia O *Campones*, instalada no antigo sobrado sede da Real Feitoria do Linho-Canhâmo do Rincão do Canguçu. (44)

A música do Hino da República Rio-Grandense, e hoje, a do Hino do Estado do Rio Grande do Sul, é de autoria do maestro Joaquim Mendanha, ' *homem de cor, mulato carregado, liberto*', segundo Walter Spalding. (45)

Mendanha era maestro da Banda Imperial do Exército capturada pelos farroupilhas, em 1838, no vitorioso ataque a Rio Pardo.

Em 1840 esta banda voltou às mãos dos imperiais.

Neste espaço, Mendanha compôs, a pedido, o Hino da República Rio-Grandense.

Aquiles Porto Alegre dedica uma bela página a este mineiro que muito jovem, radicou-se no Rio Grande do Sul.

Esta página sobre o título — "O velho Mendanha" é reproduzida no último capítulo do presente trabalho.

O major do Exército Mariano de Matos era mulato quase branco.

Era natural do Estado do Rio de Janeiro. Foi Ministro dos Negócios da Guerra e da Marinha da República Rio-Grandense e alguns anos mais tarde Ministro da Guerra do Império do Brasil.

Lanceiros negros farroupilhas

Em 1970, encarregado da Coordenação da Construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, fomos convidados a difundir na imprensa do Recife algo que atestasse, historicamente, a contribuição militar do Negro no Rio Grande do Sul. Contribuição que se aproximasse, como epopéia, à prestada por Henrique Dias e seus bravos negros crioulos, da Guerra Holandesa.

Pesquisando, deparamos com os Lanceiros Negros Farroupilhas de Teixeira Nunes.

Fizemos, então, um pequeno ensaio e o difundimos em alguns jornais e revistas. (46)

Em 10 de junho de 1970, véspera da decisão da Copa do Mundo no México, através dos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Comércio* do Recife, dedicávamos outro ensaio sobre os *Lanceiros Negros Farroupilhas* aos maravilhosos lanceiros negros da Seleção Brasileira de Futebol: Pele, Jairzinho, Paulo César, Everaldo, Marco Antônio e outros.

Em 18 de abril, por ocasião da inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, a Universidade Federal do Recife lançava, em dependências da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes, dois livros de nossa autoria: *As Batalhas dos Guararapes* e *A Grande Festa dos Lanceiros*. O último, alusivo ao Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, trazia três páginas dedicadas aos lanceiros negros farroupilhas.

Unidades negras históricas

O terço de Henrique Dias da Guerra Holandesa e o Corpo de Lanceiros Negros da República Rio-Grandense não foram as únicas unidades da História do Brasil compostas, exclusivamente, de soldados patriotas negros livres.

Tivemos Terços de Henriques em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro já referidos em outra parte deste trabalho e muito respeitados pelo seu valor, entre os espanhóis.

No Nordeste, durante a Guerra da Independência, celebrizou-se a *Legião dos Henriques*, composta de alguns batalhões de milicianos negros e mulatos que tiveram atuação decisiva na libertação da Bahia e na conseqüente consolidação da Independência do Brasil naquela parte do Império.

Em todos os locais do Brasil, batalhões milicianos de negros e mulatos libertos contribuíram decisivamente para a Independência, desde o célebre episódio do Dia do Fico.

A História do Exército Brasileiro-Perfil Militar de um Povo, lançada pelo Estado-Maior do Exército, em três volumes em 1972, estampa, a cores, no início e fim de cada volume, quadro célebre de Debret, representativo da Independência do Brasil. (47)

Nesta alegoria aparece um soldado brasileiro negro, ao lado de sua esposa, entregando aos cuidados de sua jovem pátria seu filho, para que o casal pudesse lutar, na Bahia, pela Independência.

Antes da 1.^a organização do Exército, em 1.º de dezembro de 1824, existiam as seguintes unidades de homens negros libertos surgidas durante as guerras da Independência.

De 1.^a Linha e integrados, em grande número, por negros e mulatos libertos da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:

1.º Batalhão de Infantaria de Libertos de Montevidéu.

2.º Batalhão de Infantaria de Libertos de Montevidéu.

Na 2.^a Linha ou Milícias.

Regimento de Infantaria de Libertos de Sabará.

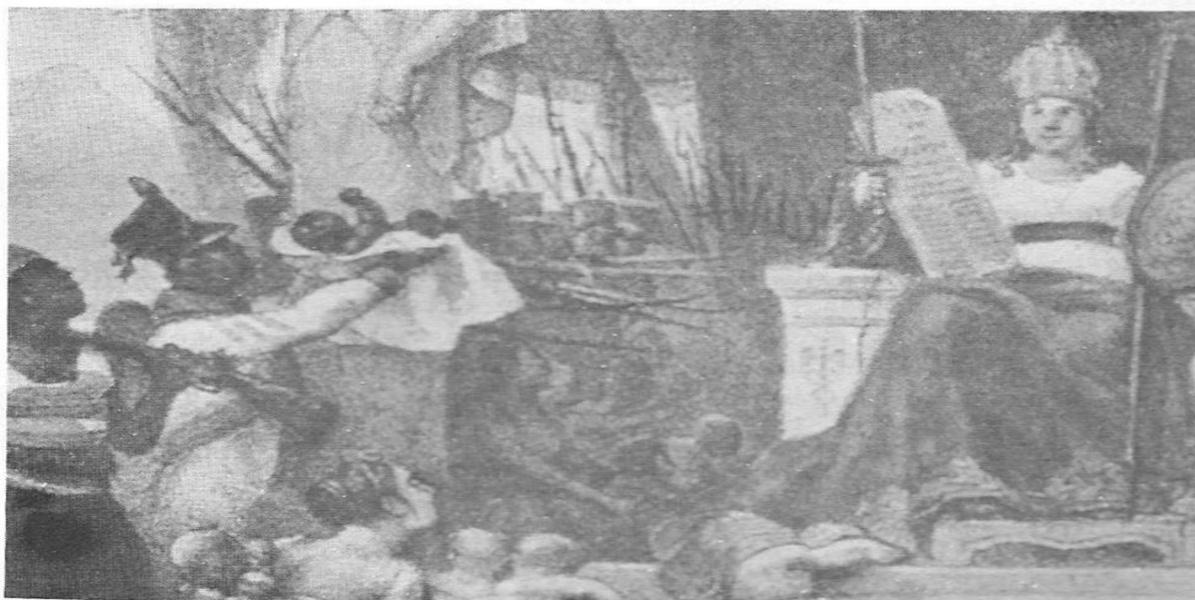
Regimento de Infantaria de Libertos de Paracatu.

Batalhão de Infantaria de Libertos de Ouro Preto.

Companhia de Infantaria de Libertos de Ouro Preto.

Estas unidades transformaram-se, com a organização de 1824, em Batalhões de Caçadores de 2.^a Linha ou de Milícias do Exército, tomando respectivamente os seguintes números: 29.º, 30.º, 23.º e 31.º. (48)

Vide decreto de criação do 1.º de Montevidéu no anexo a este capítulo.



*Demonstração de fidelidade à Nação Brasileira, de uma família brasileira negra. Soldado brasileiro negro confia à Nação seu filho, por ter de partir para defender a Independência na Bahia. Sua esposa porta um machado destinado a abater as florestas para implantar lavouras e a defendê-las contra usurpação. Esta cena pertence ao pano de boca do Teadro da Corte para o coroação de D. Pedro I, Imperador do Brasil.
(Fonte: DEBRET. Viagem Pitoresca... tomo 2. prancha 49 p. 275).*

Na República Rio-Grandense tivemos os *Corpos de Lameiros Negros*, a primeira tropa de Cavalaria no Brasil constituída de negros libertos.

Na guerra do Paraguai, foi, da Bahia para a capanha, um Batalhão de Negros Zuavos, todo constituído de homens de cor. (49)

Na Revolução de 1932, de São Paulo, tivemos a Legião Negra de São Paulo, que prestou àquela causa assinalados serviços militares, segundo Arthur Ramos. (50)

O NEGRO NO JORNAL FARROUPILHA "O POVO"

A seguir, através de algumas transcrições do jornal O POVO da República Rio-Grandense, daremos idéia ao leitor de como a República tratava o negro escravo e o negro livre.

Recrutamento de escravos - notícia

Sobre o recrutamento de escravos para o Exército da República Rio-Grandense a transcrição a seguir nos permite uma ideia:

"Ao Juiz de Paz de Piratini ordenando-lhe faça sentir a Manoel Pereira da Silva Batalha quão digno de censura é seu procedimento acerca do ESCRAVO de propriedade do dissidente José Ferreira, permitindo o coito (refúgio, homizio) do mesmo em casa de seu agregado... e que, em consequência disso, com o seu agregado ficarão responsáveis pelo citado ESCRAVO, ou pelo valor, caso, ao término de 30 dias, a partir de hoje, não apresentarem dito ESCRAVO no DEPOSITO DE RECRUTAMENTO".

(Secretaria da Fazenda, 26 outubro 1838)

Laço Farroupilha, dispensa ao escravo

"Artigo 1.º - Todos os cidadãos e súditos da República, com exceção dos ESCRAVOS, serão obrigados a trazer em seus chapéus o Laço da Nação (tope nacional)... (51)

Medidas da Regência contra os escravos farroupilhas transformados em soldados da República Rio-Grandense,
Pelo aviso dirigido ao Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, temos uma idéia de como o recrutamento de escravos para o Exército Farroupilha preocupava a Regência:

"limo. e Exmo. Sr. — O Regente, em nome do Imperador, houve por bem ordenar o seguinte a respeito dos ESCRAVOS que os rebeldes têm armado e com os quais hostilizam as Forças Imperiais:

Artigo 1.º

— Todo o ESCRAVO que for preso e tiver feito parte de forças rebeldes será ali, ou no lugar mais oportuno, PUNIDO COM 200 a 1000 AÇOITES, por ordem da autoridade militar ou civil, independente de processo.

Após castigados, serão remetidos a Porto Alegre, publicando-se seus NOMES E SENHORES, a fim de que saibam o destino de seus escravos e possam dispor deles como lhes convier, CONTANTO QUE NÃO RETORNEM À PROVÍNCIA DO RIO GRANDE, ENQUANTO NÃO ESTIVER PLENAMENTE PACIFICADA.

E por si ou por seus procuradores se obrigarão, por termo, perante o Juiz de Direito ou Chefe de Polícia encarregado de fazer a entrega aos que se legitimaram.

Artigo 2.º

— Os ESCRAVOS que ao tempo da publicação desta providência fizerem parte da FORÇA ARMADA DOS REBELDES e, que abandonando o seu partido, se apresentarem ao General-em-Chefe ou às autoridades que este designar, FICAM ANISTIADOS E ISENTOS DE TODO O SERVIÇO FORÇADO A SER-LHE-Á PASSADA CARTA DE ALFORRIA PARA FICAREM GOZANDO DE SUA PLENA LIBERDADE.

E, para que não fiquem expostos À REAÇÕES E VINGANÇAS, ou por alguma funesta casualidade a recairem nas mãos dos rebeldes, serão à custa do Governo, transportados para fora da Província.

Artigo 3.º

— Os ESCRAVOS que se apresentarem e estiverem nas circunstâncias da disposição antecedente, serão avaliados por dois louvados. Um nomeado pelo Procurador Fiscal, ou pelos fiscais que suas vezes fizerem e, o outro, por seu dono se estiver presente. Na falta deste, pelo que designar ou tiver designado a respectiva Câmara Municipal, ou pelos fiscais desta, devidamente autorizados.

Esta avaliação será sumária. V. Excia. expedirá as precisas ordens para que não deixem de haver os louvados.

Se os ESCRAVOS pertencerem aos súditos do Imperador, fiéis ao seu juramento, ao Trono e à Pátria, ser-lhe-á o preço da avaliação pago logo que o requererem.

Se esses ESCRAVOS pertencerem á rebeldes ou a seus COLABORADORES e PROTETORES, só terá lugar o sobre dito pagamento final, depois da devida indenização e da liquidação final, sendo para este fim depositados no Cofre da Tesouraria Provincial as quantias que forem avaliadas.

Transmitindo a V. Excia. esta ordem do Regente, em nome do Imperador, espero que se desvelará em adotar as medidas, e fazer todas as diligências que POSSAM PRODUZIR O RESULTADO QUE DELAS SE ESPERA, para o que dará toda a PUBLICIDADE pelos PERIÓDICOS e EDITAIS NAS CIDADES, VILAS E POVOAÇÕES e quaisquer outros meios que oportunamente ocorrerem.

Deus guarde V. Excia. (52)

Palácio do Rio de Janeiro a 15 de Novembro de 1838."

Nesta ocasião os farroupilhas estavam em boa situação militar, preparando-se para a expedição a Laguna por mar, com os barcos "Farroupilha" e "Seival" e, por terra, ao comando de Davi Canabarro, tendo como vanguarda o Coronel "Gavião", Francisco Teixeira Nunes, à frente de parte de seu célebre Corpo de Lanceiros Negros.

Caxias, próximo à pacificação, referiu em ofício: "Davi Canabarro é hoje o chefe em cuja boa fé mais confio. Ele me promete ser o primeiro passo logo que chegue ao ponto marcado (Ponche Verde), MANDAR ENTREGAR TODOS OS ESCRAVOS QUE AINDA CONSERVA EM ARMAS E QUE FORMAM A SUA PRINCIPAL FORÇA." (53)

Isto, seis anos após o expediente que acabamos de transcrever de O POVO e que evidencia a grande contribuição armada do NEGRO pelos ideais da República no Brasil, forma de governo há 85 anos implantada no Brasil.

Represálias da República Rio-Grandense

contra medidas tomadas pela Regência

em relação a seus soldados negros.

O jornal farroupilha, após transcrever o expediente da República, já mencionado, publicou o seguinte decreto:

"Caçapava, 11 de maio de 1839 - 4^o da Independência e da República Rio-Grandense.

Tendo o tirânico Governo do Brasil, por aviso da Repartição da Justiça, de 15 de novembro de 1838, determinado ao intruso e intitulado Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro, A APLICAÇÃO DE 200 A 1000 AÇOITES A TODO HOMEM DE COR, QUE LIVRE DO CATIVEIRO, EM CONFORMIDADE COM AS LEIS DESTA REPÚBLICA, TIVER FEITO PARTE DE SUA FORÇA ARMADA e vier a cair prisioneiro das tropas chamadas legais, despreza aquele imoral governo roda a espécie de processo e formalidade judiciária para a qualificação daquele suposto crime.

Foi em obediência às sagradas LEIS DA HUMANIDADE, LUZES DESTE SÉCULO e aos verdadeiros interesses dos cidadãos de Estado, é que o Governo (da República Rio-Grandense) passou a LIBERTAR OS CATIVOS APTOS PARA A PROFISSÃO DAS ARMAS, OFICINAS E COLONIZAÇÃO, A FIM DE ACELERAR, DE PRONTO, A EMANCIPAÇÃO DESSA PARTE INFELIZ DO GÊNERO HUMANO.

E, isso, com o grave sacrifício da Fazenda Pública, pois os que exigiram a indenização desses cativos, a receberam de pronto ou, receberam documento para indenização oportuna. O Presidente da República para rein-vindicar os direitos inalienáveis da HUMANIDADE, NÃO CONSENTIRA QUE O HOMEM LIVRE RIO-GRANDENSE, DE QUALQUER COR COM QUE OS ACIDENTES DA NATUREZA O TENHAM DISTINGUIDO, SOFRA IMPUNE E NÃO VINGADO, O INDIGNO, BÁRBARO, AVILTANTE E AFRONTOSO TRATAMENTO, que lhes prepara o infame Governo Imperial.

Em REPRESÁLIA à provocação decreta:

Artigo Único:

Desde o momento em que houver notícia certa de ter sido açoitado um homem livre de cor a soldo da República, pelo Governo do Brasil, o General COMANDANTE de Exército ou o comandante de qualquer Divisão tirará a sorte entre os oficiais imperiais, de qualquer patente, nossos prisioneiros e FARÁ PASSAR PELAS ARMAS AQUELE OFICIAL QUE A SORTE DESIGNAR.

Domingos José de Almeida - Ministro e Secretário de Estado de Negócios do Interior, Fazenda e Justiça." (54)

***Rio Grande do Sul, pioneiro na prática da luta
em defesa dos direitos humanos dos negros***

Isto nos leva a meditar sobre o pioneirismo do Rio Grande do Sul na redenção dos homens negros do Brasil pela alforria e luta com _____ práticos, em defesa dos seus direitos e valorização como ser humano.

Conclui: que os farroupilhas libertaram muitos escravos desde que ingressassem no Exército e nele lutassem de espada ou lança em punho pela sua liberdade bem como os republicanos; que os negros que combatiam pelos ideais eram homens livres e não escravos, conforme os designava sistematicamente a correspondência imperial;

Que nem todos os negros da República Rio-Grandense eram livres, conforme casos demonstrados anteriormente.

Atente o prezado leitor em que esse decreto data de 49 anos e 2 dias antes que fosse promulgada a Lei Áurea no Brasil.

Note-se, por outro lado, a disposição do Império de alforriar . suas expensas os negros livres farroupilhas e a preocupação de retirá-los do Rio Grande para que não caíssem em tentação.

No início da Revolução Farroupilha, com base em Gonçalves Chaves, a população negra e mulata, livre e escrava, representava cerca de metade da população total, e a escrava, cerca de 1/3 daquela. Isto é, 53.000 negros e mulatos e 18.000 negros e mulatos escravos.

Escravidão no Uruguai

Através de anúncio estampado em O POVO, concluímos da existência da escravidão no Uruguai.

"ANÚNCIO"

Manoel Borges, oriental (uruguaio), anuncia que fugiu-lhe um ESCRAVO PRETO de nome Luciano, CRIOULO e natural de CERRO LARGO: 18 anos, estatura regular, delgado de corpo, rosto meio cheio, e possui um sinal de golpe sobre uma das maçãs do rosto. Levou vestido:

- 1 Poncho de pano azul e forro da mesma cor.
- 1 chiripá de baeta azul.
- 1 chapéu de pelo, preto e já velho.
- 1 jaqueta de pano azul usada.

Roga-se à pessoa que o achar no território Rio-Grandense o entregue a Marçal Dias ou a Anastácio Rodrigues nesta Capital (Caçapava) e no Estado Oriental ao dono, em Cerro Largo... (55)

Acreditamos tenha o jovem escravo imigrado para o Rio Grande para conquistar a liberdade ingressando no Exército Republicano.

Este anúncio, por outro lado, nos fornece importante subsídio sobre o vestuário escravo da época. Subsídio importante para o cinema.

Parece ter havido uma inversão. Recordemos que em 1816 e 1820 Artigas dava guarida a escravos brasileiros e a promessa de liberdade aos que lutassem em seu Exército.

Punição aos desertores libertos farroupilhas

A República Rio-Grandense, cinco dias após o Decreto de represália já transcrito, tratou de legislar sobre os negros e mulatos livres que aceitassem as propostas de alforria do Império. E, por esta razão, decretou:

"Caçapava, 16 de Maio de 1839 4^o da Independência e da República Rio-Grandense.

Podendo acontecer que ALGUNS DOS HOMENS DE COR, SOLDADOS DA REPÚBLICA, seduzidos pelas pérfidas insinuações e ameaças do infame e mil vezes imoral governo do Império, COMETAM A INSIGNE 1LEZA DE SE PASSAREM AS LINHAS INIMIGAS, e cumprindo não deixar impune um ato semelhante, de extrema degradação e ingratidão, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Ministros, decreta:

Artigo Único

TUDO O HOMEM DE COR SOLDADO DA REPÚBLICA, E POR ELA LIBERTADO, QUE DESERTAR PARA O INIMIGO, VOLVERA A SITUAÇÃO DE ESCRAVO, sempre que cair prisioneiro das Forças Republicanas.

Por que, tendo sido LIBERTO DA ESCRAVIDÃO COM A CONDIÇÃO TÁCITA DE SERVIR À REPÚBLICA, é justo fique rescindido aquele trato condicional, uma vez que rompido.

E que lhe seja aplicada a pena cruel que manda volver o FORRO liberto, alforriado) ao domínio de senhor que o LIBERTO, sempre que este puder convencer-lhe da INGRATIDÃO por tão INAPRECIÁVEL BENEFÍCIO. Ass. Domingos José de Almeida.

Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Justiça, Fazenda e Interior".(56)

O NEGRO NA CORRESPONDÊNCIA DE CAXIAS

O então Barão de Caxias, durante o tempo em que esteve à frente da Província do Rio Grande de São Pedro e do Exército em Operações contra os farroupilhas, fez algumas referências, em ofício, aos soldados negros republicanos. Estes considerados juridicamente ESCRAVOS para o Império e LIVRES para a República.

Em 8 set. 1844, em seu Quartel-General em Caçapava, Caxias, em ofício ao Comandante da 6^o Brigada, referiu a certa altura:

"Eu, nestes 4 dias, marcho deste ponto a procurar junção com V. Mce, tendo antes feito marchar o tenente-coronel Charão, com 100 homens de Cavalaria e outros 100 de Infantaria para Encruzilhada a procurar Bento Gonçalves que ali anda com pequena força, tirando (requisitando) cavalos e ESCRAVOS..." (57)

Nesta ocasião fazia pouco tempo que o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, numa incursão muito feliz em Piratini, aprisionara duas importantes personalidades da República e as guardava em prisão que mandara erigir em Canguçu. (58)

O primeiro era antigo major do Exército Imperial, José Mariano de Matos, então Ministro de Exército e da Marinha.

Segundo alguns, era mulato, quase branco, natural do Rio de Janeiro.

Posteriormente foi Ministro da Guerra do Império. A ele é atribuída a autoria de escudo hoje adotado pelo Rio Grande do Sul.

O segundo, Joaquim Pedro Soares, o organizador e primeiro comandante do CORPO DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS, recrutados em sua maioria na Serra dos Tapes e do Herval (Canguçu, Piratini, Caçapava, Encruzilhada, Arroio Grande).

Em 19 de dezembro de 1844, Caxias, ao oficial ao Comandante de Bagé, em marcha entre Candiota e Piratini e com destino à Coxilha do Fogo em Canguçu (antiga Encruzilhada do Duro da Guerra 1763-77), escreveu em certa altura:



O soldado negro também lutou bravamente na Revolução Farroupilha, integrando as tropas imperiais, conforme os representou Watth Rodrigues neste óleo.

"Davi (Canabarro) fez junção com Bento Gonçalves e MARCHOU SOBRE AS CHARQUEADAS DE TRIUNFO A TIRAR ESCRAVOS.

De lá, perseguido por 100 homens do Brigadeiro Fernandes e 700 de Francisco Pedro, seguiu em direção a Dores (Camaquã), talvez com o projeto de passar o Camaquam na Barra ou no Mendonça (junto às estâncias de Bento Gonçalves e de suas irmãs).

Eu vou marchar para a Coxilha do Fogo (Município de Canguçu) e dali guarnecer o passo do Camaquam e sair-lhe à frente". (59)

Em 15 de janeiro de 1845, de Bagé, Caxias, em certos trechos de ofício a Chico Pedro, refere que os republicanos...

"...pediram-me, por intermédio do Fontoura, licença para se reunirem todos em um ponto que eu quisesse marcar, a fim de aí deliberarem a sua dispersão e A ENTREGA DOS ESCRAVOS...

...quero também estar com as nossas forças reunidas para lhes sair de perto, no caso de que não CONCORDEM ENTREGAR-ME OS ESCRAVOS".

Nas instruções do Ministro da Guerra do Império a Caxias (18 dez. 1844), constava o seguinte: (60)

"5º Os escravos que fizeram parte das forças rebeldes apresentadas serão remetidos para esta Corte à disposição do Governo Imperial que lhes dará conveniente destino".

Mas estas condições não foram aceitas pelos farroupilhas, e pelo que se conclui, Caxias, como plenipotenciário, concordou com a seguinte disposição constante de cláusula dos termos de Paz de Ponche Verde.

"4º SÃO LIVRES E COMO TAL RECONHECIDOS TODOS OS CATIVOS QUE SERVIRAM NA REPÚBLICA" (61).

Por esta cláusula conquistaram a liberdade todos os negros e mulatos que, alforriados pela República Rio-Grandense, a serviram no campo de batalha, nos arsenais e fábricas e em projetos de Colonização (estâncias farroupilhas e outros projetos).

Não sabemos quantos homens foram beneficiados pela paz de Ponche Verde. Paz que se insere também como um marco luminoso, como medida concreta, na árdua luta pela Abolição da Escravatura no Brasil e que pouca atenção tem merecido em âmbito nacional, dentro do contexto abolicionista.

Em ofício de 4 mar. 1845 de seu Quartel-General em Bagé, Caxias comunicou ao Ministro do Exército, entre outros assuntos, o seguinte:

Os negros libertos "que eles ainda conservavam armados, foram entregues com suas armas.

Seu número já excede de 120. Mandei-os adidos aos corpos de Cavalaria de Linha" (62).

Comandava um desses corpos - o 2^o RC - o tenente-coronel Manoel Luiz Osório.

Com a assinatura da paz, Osório foi o único oficial do Exército a ir até Ponche Verde para abraçar e confraternizar com seus conterrâneos pacificados. (63)

Nesta ocasião, por recomendação de Bento Gonçalves, recrutou antigos e valorosos lanceiros farroupilhas.

Acreditamos tenha incorporado em sua unidade, pelo menos 50 lanceiros negros libertos.

Decorridos sete anos, esta unidade se tornaria eternamente célebre por sua atuação na Batalha de Monte Caseros em 1852. (64)

CAPÍTULO IV CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS

Organização militar da República Rio-Grandense

Os farroupilhas possuíram um efetivo militar de 9-372 homens, assim repartidos:

4.296 homens de 1^a linha

5.076 homens da Guarda Nacional

Este efetivo distribuía-se por diversos corpos conforme quadro que publicamos neste trabalho sob o título: EFETIVO TOTAL DO EXÉRCITO DA REPUBLICA RIO-GRANDENSE (65).



Farroupilha, segundo quadro existente no Museu de Bolonha-Itália. Representa um dos célebres lanceiros negros farroupilhas que acompanharam Garibaldi e Rosseti no retorno de Santa Catarina, após o malogro da República Juliana. (Fonte: Atlas Histórico e Geográfico do MEC).

EFETIVO TOTAL DO EXÉRCITO DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE

FONTE: O POVO de 23 de outubro de 1839 (Pág 471 da coleção O POVO referido na bibliografia)

ESPECIE	Nº DE CORPOS	UNIDADES DE 1ª LINHA E TIPOS DE CORPOS DA GUARDA NACIONAL	OFI- CIAIS	Nº DE	Nº DE HOMENS POR COMPANHIAS	EFE- TIVO TOTAL	TOTAL POR ARMA
2º	Corpo de Cavalaria	18	8	51	426		
1º	Corpo de Lanceiros (Negros)	18	8	51	426		
2º	Corpo de Lanceiros (Negros)	18	8	-	426		
Esqd	de SÃO LEOPOLDO	-	2	-	123		
1º	Corpo de Artilharia	18	4	51	222	ARTILHARIA 222	
1º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	INFANTARIA 2247	
2º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749		
3º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749		

TOTAL DA TROPA DE 1ª LINHA: 4.296 homens.

GUARDA NACIONAL							
5 (1)	Corpos de Cavalaria GU	11	8	40 Cias	403	Total destes 5 corpos - 2418	
7 (2)	" " "	11	6	45 Cias	305	Total destes 7 corpos - 1830	
4 (3)	" " "	11	4	16 Cias	207	Total destes 4 corpos - 828	

TOTAL DA TROPA DA GUARDA NACIONAL : 5.076
TOTAL DO EXÉRCITO FARROUPILHA: 9.372

OBSERVAÇÕES:

- (1) Corresponde aos 5 Corpos de Cavalaria de TRIUNFO, CACHOEIRA, RIO PARDO, S.ANTONIO E (VIAMÃO)
(2) Corresponde aos 7 Corpos DE PIRATINI, CANGUÇU, PELOTAS, CAÇAPAVA, ALEGRETE, SÃO BORJA e CRUZ ALTA
(3) Corresponde aos 4 Corpos de JAGUARÃO, {ENCRUZILHADA, TAPES (Dores), CAMAQUÁ (São João), ESTREITO e VACARIA

Organização dos corpos de lanceiros negros

Os dois corpos de lanceiros eram constituídos, basicamente, de negros livres ou de libertos pela República Rio-Grandense, enquadrados por valorosos oficiais brancos.

Possuíam 8 companhias a 51 homens cada, totalizando 426 lanceiros. (66)

Tornou-se célebre o 1º *Corpo de Lanceiros Negros* organizado e instruído, inicialmente, pelo coronel Joaquim Pedro Soares, antigo capitão do Exército Imperial, que se destacara nas guerras platinas. (67)

Secundou o coronel Joaquim Pedro, nesta tarefa, o major Joaquim Teixeira Nunes, veterano e com ação destacada na Guerra Cisplatina.

Este bravo, à frente deste *Corpo de Lanceiros Negros, libertos, prestaria relevantes serviços militares à República Rio-Gradense.*

O 1º *Corpo* foi recrutado, principalmente, entre os negros do então município de Piratini (atuais Canguçu, Piratini, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Herval do Sul, Bagé, até o Pirai e parte de Arroio Grande).

Foram seus oficiais, entre outros:

Coronel Joaquim Pedro Soares

Coronel Joaquim Teixeira Nunes

Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira

Capitão Vicente Ferrer de Almeida

Os três últimos foram ligados a Canguçu.

Teixeira Nunes nasceu próximo à atual cidade de Canguçu. Caldeira era da região de Vila Freire e foi o biógrafo de Teixeira Nunes, conforme revelação de Otelo Rosa, em *Vultos Farroupilhas*, ao basear-se em carta deste bravo, publicada pela Revista do IHGRGS - 1927.

Vicente Ferrer de Almeida foi o primeiro funcionário público de Canguçu, por ocasião da instalação deste município, em 1857.

Caldeira foi o fundador do primeiro Clube Republicano de Canguçu, em 1884. (68)

2º Ten. Caetano Gonçalves da Silva

Cap. Marcos d'Azambuja Cidade

2º Ten. Ezequiel Antônio da Silva

1º Ten. Antônio José Coritiba

2º Ten. Antônio José Pereira (69)

O Corpo de Lanceiros Negros em Campo do Menezes

O 1º *Corpo de Lanceiros Negros*, ao comando do tenente-coronel Joaquim Pedro Soares e subcomandado pelo então major Teixeira Nunes, teve atuação decisiva na batalha de Seival, de 11 de setembro de 1836.

"Joaquim Pedro Soares... foi o organizador e instrutor do famoso 1º *Corpo de Lanceiros* (libertos ou negros) Farroupilhas.

As tropas para o combate de Seival foram dispostas por Joaquim Pedro, na qualidade de imediato de Antônio Neto.

Deixou um esquadrão em reserva que fez operar em momento oportuno, decidindo a sorte da luta". (70)

Segundo Souza Docca, coube a este bravo e a Manoel Lucas de Oliveira convencerem Antônio N-jto da proclamação da República Rio-Grandense, bem como "a grande satisfação de ler, a 11, no campo do Menezes, a frente da garbosa tropa por ele instruída, a Proclamação da República Rio-Grandense. " (71)

Segundo depoimento de testemunha dos acontecimentos:

"Em 6 de novembro de 1836, menos de dois meses após Seival, Teixeira Nunes era major do *Corpo de Lanceiros Negros*, a esse tempo comandados pelo Ten. Cel. Joaquim Pedro Soares. (72)

A testemunha referiu-se a *Corpo* e não a 1º *Corpo*, pois o 2º ainda não havia sido criado.

Participaram do combate do Seival 430 homens, e o efetivo de um *Corpo de Lanceiros Negros* era de 426 homens a oito companhias. (73)

Este corpo teve suas origens na Legião de Guardas Nacionais do Termo do Piratini, criado por Carta de 14 out 1835. Era composto de dois esquadrões ou quatro companhias (duas companhias por esquadrão).

Um dos esquadrões possuía uma campanha em Canguçu e outra em Vila Freire.

O outro esquadrão, duas companhias sediadas nos 1º e 2º distritos de Bagé. (74) Acreditamos que com o prosseguimento da luta, este corpo transformou-se na *Brigada Ligeira* de Neto e que após um ano de Revolução estivesse reduzida, em Seival, ao *Corpo de Lanceiros Negros*, como tentamos demonstrar.

Isto, assim provado, evidencia a grande contribuição do gaúcho negro e mulato para a vitória de Seival e para a proclamação da República Rio-Grandense, onde buscam inspiração as mais caras e legítimas tradições políticas e militares do povo gaúcho. República que enformou no gaúcho histórico do Rio Grande do Sul duas características sociológicas excelsas: *Firmeza e Doçura*. (75)

Recrutamento dos Lanceiros Negros

O Corpo de Lanceiros Negros era integrado por negros livres ou libertados pela Revolução e, após, pela República, com a condição de lutarem como soldados pela causa, ou por escravos pertencentes a imperiais.

Recorde-se que Artigas havia usado o mesmo expediente. Os lanceiros negros, em sua grande maioria, foram recrutados entre os negros campeiros e domadores da atual Zona Sul do Estado e nestas funções amavam a liberdade, acostumados que estavam a movimentar-se dentro da amplidão dos horizontes da terra gaúcha, nas lides pecuárias.

Armamento Individual

Excelentes combatentes de Cavalaria, entregavam-se ao combate com grande denodo, por saberem, como verdadeiros filhos da liberdade, que esta, para si, seus irmãos de cor e libertadores, estaria em jogo em cada combate.

Manejavam com grande habilidade suas armas prediletas - as lanças.

Estas, por eles usadas, eram mais longas do que o comum.

Combinada esta característica, com instrução para o combate e disposição para a luta, foram usados como tropas de choque, uso hoje reservado às formações de blindados.

Por tudo isto infundiam grande terror aos adversários.

Rusticidade e Obediência Eram rústicos e disciplinados.

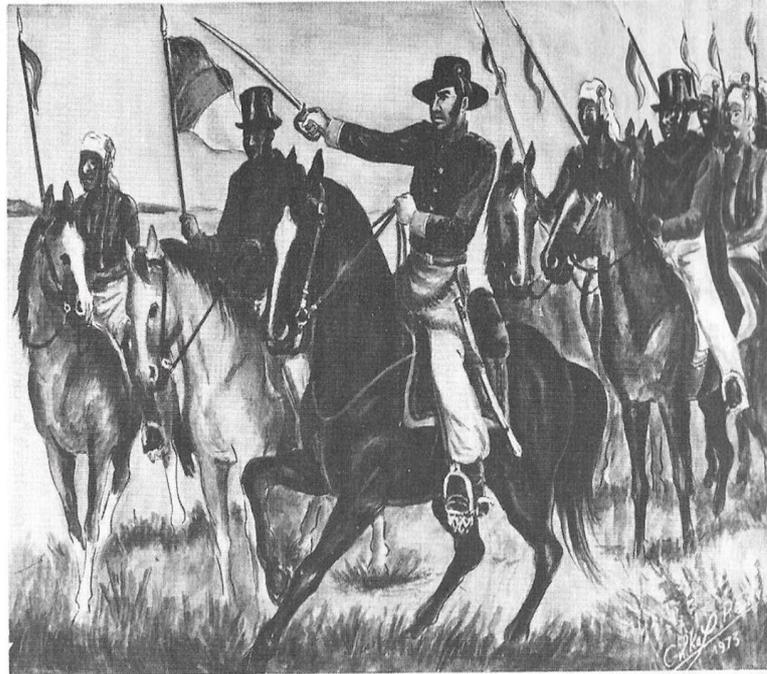
Faziam a guerra à base de recursos locais. Comiam se houvesse alimento e dormiam em qualquer local, tendo como teto o firmamento do Rio Grande do Sul.

A maioria montava a cavalo quase em pêlo.

Vestuário ou Uniforme

Seu vestuário era constituído de sandálias de couro cru, chiripá de pano grosseiro, um colete recobrindo o tronco e na cabeça uma VINCHA TRICOLOR com as cores da República (verde-vermelho-amarela).

Ten. Cel. Joaquim Teixeira Nunes e seu Corpo de Lanceiros Negros. Seus membros conquistaram a Liberdade, lutando pela República Rio-Grandense nos campos de batalha. O Império respeitou suas liberdades pela cláusula IV da Paz de Ponche Verde. "São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram à República". (Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico-estudo).



Como esporas utilizavam uma forquilha de madeira presa ao pé com tiras de couro cru. Esta forquilha acomodava-se ao calcanhar e possuía a ponta bem afiada.

Muitos usavam calças, cartola e *chilenas* (esporas), como o imortalizado em pintura no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no *Atlas Histórico e Geográfico do MEC - 1966* e aqui rerepresentado.

Eram armados também com adaga ou facão e, em certos casos, algumas armas de fogo, distribuídas entre os melhores atiradores do Corpo e para apoio de fogo em determinadas ocasiões.

Como lanceiros não fizeram uso de escudos de proteção, tão comuns na História Militar dos povos.

Os seus grosseiros ponchos de lã - *bicharás*, serviram-lhes decama, cobertor e proteção ao frio e à chuva.

Quando em combate a cavalo, enrolado no braço esquerdo, o poncho servia-lhes para amortecer ou desviar um lançaço ou um golpe de espada.

No corpo a corpo desmontado, servia para aparar ou desviar um golpe de adaga, em cuja esgrima eram habilíssimos, em decorrência da prática continuada do *jogo do talho*, nome dado pelo gaúcho à esgrima *simulada* com faca, adaga ou facão.

Eram habilíssimos no uso das boleadeiras como arma de guerra, principalmente para abater o inimigo longe do alcance de sua lança, quer em fuga, quer manobrando para obter melhor posição tática.

Parte do 1º *Corpo de Lanceiros Negros* participou da expedição a Laguna, ao comando de Davi Canabarro, que teve como comandante de vanguarda o tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes.

É bastante conhecido, na História da Revolução Farroupilha, o fato de que estes dois célebres, valorosos e intrépidos chefes e combatentes possuíam em suas forças lanceiros negros.

A retirada dos farroupilhas de Laguna para o Rio Grande do Sul, através de Lajes e Vacaria, contou com a presença de Teixeira Nunes, Garibaldi, Rosseti e Anita, e foi assegurada por muitos valorosos lanceiros negros. (76)

Foi por certo lembrando Teixeira Nunes e seus bravos lanceiros negros, que o acompanharam na expedição a Laguna, que Garibaldi escreveu:

"Eu vi batalhas mais disputadas mas NUNCA e em nenhuma parte HOMENS MAIS VALENTES NEM LANCEIROS MAIS BRILHANTES DO QUE OS DA CAVALARIA RIO-GRANDENSE, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada dos povos." (77)

Deve-se por certo a Garibaldi, no Museu de Bolonha, Itália, o quadro intitulado *Farroupilha*, que fixa e imortaliza um lanceiro negro da República Rio-Grandense.

Quando irrompeu a Revolução Farroupilha, no mesmo dia, em São Leopoldo, o Dr. Hillebrand lançou a seguinte proclamação:

"Convidado insistentemente pelo Presidente da Província, e autorizado pelo Juiz de Paz deste Distrito, passo a comunicar aos meus patrícios alemães que um partido, pela maior parte composto de negros e índios, está ameaçando as autoridades desta Província".

Esta proclamação difundida na Alemanha, segundo Walter Spal-ding, deu a impressão de que a "Revolução Farroupilha era uma violenta rebelião de negros e índios ou racial". (78)

Lanceiros negros salvaram a Revolução

Na Surpresa de Porongos, em 14 de novembro de 1844, os Lanceiros Negros de Teixeira Nunes salvaram a Revolução Farroupilha do desastre total.

Pelo modo como combateram, salvaram Canabarro, grande parte das tropas e tornaram possível a negociação de uma paz honrosa como e foi a de Ponche Verde, e a liberdade para todos os negros e mulatos que lutaram pela República.

(79)

Ao final do combate o campo de Batalha de Potongos ficou juncado de 100 mortos farroupilhas.

Dentre eles, 80 eram dos bravos lanceiros negros de Teixeira Nunes. (80)

Assim escreveu Canabarro Reichardt sobre a Surpresa de Porongos.(81)

"A situação é terrível. Os farrapos, passados os primeiros momentos de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando. Teixeira, o *Bravo dos bravos*, cujo denodo assombrou um dia o próprio Garibaldi, reúne os seus lanceiros negros.

O 4º Regimento de Linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos.

Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada é também repelida.

É este o sinal da debandada geral.

Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dando-lhes o exemplo.

Nada os contém e o exército, como por encanto, se dissolve, arrastando consigo ainda os que querem lutar.

Apenas alguns grupos mantêm-se resistindo e neles o combate se trava à arma branca.

Tombam os lanceiros negros de Teixeira, brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo".

Esta descrição do sacrifício dos LANCEIROS NEGROS para salvar ao máximo o Exército, o ideário da República Rio-Grandense, é comovente e deve emocionar todo o filho do Rio Grande do Sul, justificando uma homenagem póstuma, ainda que tardia, do Governo e Povo do Rio Grande do Sul.

Seria de erigir na praça da Matriz em Porto Alegre, o mais próximo possível dos Palácios Piratini e Farroupilha, uma estátua ao *Lanceiro Negro Farroupilha*, o gaúcho filho da Liberdade, por sua contribuição, como valoroso soldado, para a evolução social e política do Brasil, com reflexos na conquista dos objetivos Nacionais Permanentes de Democracia (República) e Paz Social. (82)

E. o melhor e mais autêntico modelo seria o do quadro existente no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no Atlas Histórico e Geográfico do MEC e neste trabalho com outros detalhes históricos de alto significado simbólico.

Em 28 de novembro de 1844, Teixeira Nunes e remanescentes de seu legendário *Corpo de Lanceiros Negros* travaram o último combate da Revolução em terras do Rio Grande do Sul.

A morte de Teixeira Nunes foi assim comunicada por Caxias, em ofício:

"Posso assegurar a V. Exa. que o coronel Teixeira Nunes foi batido no campo de combate, deixando dois tenentes prisioneiros e 8 praças de pré, e que toda a partida que constava de mais de 100 homens foi completamente dispersa, deixando o campo, por espaço de duas léguas, juncado de cadáveres". (83)

Eram seguramente de lanceiros negros.

Teixeira Nunes foi um dos maiores lanceiros de seu tempo, e como uma ironia do destino caiu mortalmente ferido por uma lança manejada pelo braço vigoroso do alferes Manduca Rodrigues. (84)

Segundo Dante de Laytano "sua morte foi sentidíssima".

Dos lanceiros negros acreditamos tenham restado mais de 120, quç após a paz de Ponche Verde foram mandados pelo Barão de Caxias adir aos três Regimentos de Cavalaria de Linha da Província. (85)

Dentre em breve iriam lutar no Uruguai e na Argentina na Guerra contra Oribe e Rosas, pela Integridade e Soberania brasileiras no Sul, ameaçadas por caudilhos platinos.

ANEXO A AO CAPÍTULO IV

DECRETO DE CRIAÇÃO DE UM BC DE PRETOS LIBERTOS BRASILEIROS PARA SERVIREM NA PROVÍNCIA CISPLATINA.

DECRETO — DE 10 DE MAIO DE 1817

*Cria um Batalhão de Caçadores de pretos libertos
para servir na Capitania de Montevideú.*

Julgando conveniente criar um Batalhão de Caçadores de pretos

libertos para servir na Capitania de Montevideo; hei por bem aprovar o Plano da formatura do mesmo Batalhão que baixa com este, assinado pelo Conde de Barca, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, encarregado inteiramente da Repartição dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, devendo ser o Comandante deste Batalhão o Governador da mesma Praça, assim como o Capelão, Cirur-gião-mor e seu Ajudante os mesmos que o são da referida Praça. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro de 10 de Maio de 1817.

Com a rubrica de Sua Magestade.

Plano para a organização de um Batalhão de Caçadores de pretos libertos, destinados a servir em Montevideo.

ESTADO MAIOR

Comandante o Governo da Praça	1
2º Comandante um Oficial superior	1
	2

PEQUENO ESTADO MAIOR

Ajudante.....	1
Quartel Mestre.....	1
Ajudante Sargento.....	1
Quartel Mestre Sargento.....	1
Capelão.....	1
Cirurgião-mor.....	1
Ajudante de Cirurgia	1
Coronheiro.....	1
Espingardeiro.....	1
Mestre de Música.....	1
Músicos.....	8
Cometa-mor.....	1
	21

UMA COMPANHIA

Capitão.....	1
Tenente.....	1
Alferes.....	1
1º Sargento.....	1
2º Ditos.....	4
Furriel.....	1
Cabos.....	6
Anspeçadas.....	6
Soldados.....	100
Cornetas.....	2
	123

RECAPITULAÇÃO

Estado-Maior	21
--------------------	----

Seis Companhias.....	738
Total de praças	759

Os Oficiais e Soldados deste Corpo vencerão os mesmos soldos que vencem os dos Regimentos de Infantaria de Linha desta Corte.

Palácio do Rio de Janeiro em 10 de Maio de 1817 - Conde da Barca.

TRANSCRITO de *Cartas de Lei, Alvarás, Decreto e Cartas Régias do Brasil*. Rio, Imprensa Nacional, 1893. p. 25-26 (Documento fornecido ao autor por SANTOS. Dados sobre o Negro no RGS - Vide bibliografia)

2

6

ANEXO "B" AO CAPÍTULO IV

O NEGRO DO RIO GRANDE DO SUL 1822 - 1839 NAS OBRAS DOS FRANCESES ARSÈNE ISABELLE E NICOLAU DREYS

Arsène Isabelle

Burguês francês nascido no Havre, liberal e republicano, possuía horror aos jesuítas por seu absolutismo em França. Esteve de passagem pela Província no verão de 1834, antes da Revolução Farroupilha, quando manteve contato e forneceu subsídios sobre os seguintes locais: São Borja, Alegrete, Santiago, Santa Maria, Cachoeira, Rio Pardo, Caçapava, Santo Amaro, Charqueadas, Porto Alegre, São Leopoldo, Rio Grande, São José do Norte e Pelotas.

Após sua viagem, editou em Havre, em 1835, obra sob o título o *Voy age à Buenos Aires et à Porto Alegre*. Manteve contato, no Rio Grande do Sul, com o Conde Tito Lívio Zambecari e o Dr. Hillebrand - patriarca da colónia de São Leopoldo.

Sua obra sobre o Rio Grande do Sul tem sido discutida. Nicolau Dreyes, seu patrício, o tachou de superficial e Abeillard Barreto o acusou de haver "sempre demonstrado aversão ao Rio Grande do Sul" (1)

Sua obra é valiosa fonte primária da História do Rio Grande do Sul, em que pesem algumas de suas observações, deficientes ou deformadas, registradas por Dreyes e Barreto.

Ao final do trabalho transcrevo suas observações sobre a escravidão no Rio Grande do Sul que, ao meu ver, comparadas às feitas por outros viajantes seus patrícios, Saint-Hilaire e Dreyes, mostraram o aspecto mais negativo do problema e ainda com exagero.

Isabelle percorreu o Rio Grande do Sul no verão de 1834.

Por terra: São Borja-Alegrete-Santiago-Santa Maria-Rio Pardo.

Por água: Rio Pardo-Porto Alegre-Rio Grande-Pelotas.

De sua obra retiramos alguns tópicos onde fixa o negro escravo na paisagem humana da Província.

Isabelle pouco se ocupou da paisagem humana do Rio Grande do e muito menos de seus aproximadamente, 20.000 africanos negros e des-dentes livres.

Negros carreteiros em São Borja

"Em São Borja, em 4 fev. 1834, despedimo-nos dos senhores In-e Serni, para aproveitar uma caravana (comboio) de carretas que voltava a Rio Pardo.

Compunha-se de 7 carretas, 4 cobertas e 3 descobertas, cada uma puxada por 8 bois e levando em tropa, para muda, mais 30 bois e 8 cavalos.

Além de mim e de meus companheiros, o pessoal se compunha de tropeiro ou capataz e de quatro arreadores (carreteiros), *dos quais 2 negros e um índio.*

O capataz e o outro arreador eram brancos.

Íamos ora a cavalo, ora a pé, ora de carreta" (2)

Negros em Porto Alegre, vendedores de peles de coatis e bugios

"Vi, além disso, no Jacuí, entre Rio Pardo e Porto Alegre, uma espécie de macacos muito pequena e muito comum, apesar do inverno ser muito frio naquela região.

Um amigo meu (o Conde Tito Livio Zambeccari) levou um exemplar vivo para Buenos Aires em pleno mês de junho.

Os coatis são também numerosos nos memos lugares.

Os negros de Porto Alegre vendem suas peles assim como as de bugio por uma ninharia." (3)

Negros no atendimento da Casa dos Hóspedes de Estância

"Na maior parte das estâncias ou fazendas, existe um rancho aberto, sem outros móveis a não ser um barril, uma talha de água, um chifre e, mais raramente, uma cama de cilha com correias de couro cru.

É o que os brasileiros (rio-grandenses) chamam de *Casa dos Hóspedes*.

O viajante a cavalo ou a pé aproxima-se da habitação principal, mas sempre do lado de fora da cerca, pois todas elas são cercadas, e diz:

- *Oh! de casa...* ou mais comumente, *Cristal* Aparece então o dono ou um capataz e diz:

Pode vossemecê appear, ou, bruscamente, Pode entrar

Mas há uma grande distância entre a urbanidade dos rio-grandenses, sobre o caminho das Missões a Porto Alegre, e a dos orientais (uruguaios).

Fazem passar o viajante à casa dos hóspedes e ali *ele é servido por um negro escravo ou por um índio, sem se comunicar com a família do estancieiro ou fazendeiro.*" (4)

Mais um depoimento a registrar a presença do africano negro e descendentes nas Missões, como peão de estância, antes da Revolução Farroupilha.

Uma rejeição em viagem

Em certa altura de sua viagem próximo a Santa Maria o naturalista observou:

"Às quatro da tarde, mais ou menos, juntávamos os bois e os cavalos; cada qual possuía nome.

Laçavam-se os que deviam trabalhar e marchava-se até 8 ou 9 horas da noite, para acampar de novo e preparar o jantar. Comíamos geralmente feijão preto e charque cozidos e misturados na panela com farinha (tutu).

Todos comiam no mesmo prato.

Nunca bebíamos durante o jantar, mas quando terminávamos, um negro trazia cheio de água um chifre de boi que ia correndo à volta, de boca em boca." (5)

E mais adiante observou:

"Os rio-grandenses da campanha nunca bebem durante a refeição.

Após terminar, um dos convivas, à falta de escravo, vai buscar água com um chifre num barril ou fonte próxima.

Bebe primeiro e, tornando a encher o chifre, oferece-o a outro conviva que, por sua vez, fará o mesmo com um terceiro e assim por diante.

Se há peões ou escravos, são eles que enchem o chifre, no qual bebem também.

Este costume de beber somente depois da comida era geral entre tribos índias de todo o Brasil, Paraguai e Buenos Aires." (6)

Por aqui observa-se um costume democrático ao beber-se água em que todos usavam o mesmo chifre de boi à guisa de copo, de igual forma que a bomba do mate ou o mesmo copo para ingestão de cachaça, costume até hoje observado na campanha do Rio Grande do Sul.

Negros garimpeiros de ouro em Lavras do Sul

"Perto da pequena vila de Caçapava encontram-se outras minas de-ouro em exportação (Lavras do Sul) que dão menos trabalho.

E um rio chamado Camaquã, um dos afluentes da Lagoa dos Patos, que se encarrega de desprender o ouro e transportá-lo com as areias e cascalhos de seu leito.

Uma infinidade de regatos e terrenos são auríferos nesta Província, mas os métodos de lavagem são píecários e o pó que se obtêm não dá grande lucro aos donos dos negros empregados neste trabalho.

Perde-se, aliás, a maior parte do ouro, aquela que é imperceptível." (7)

Negros remadores das gôndolas do rio Jacuí

"O comércio de Rio Pardo prospera, porque esse é o entreposto das cidades e vila do norte e do oeste.

Partem dali, continuamente, tropas de mulas e carretas para todas as povoações do interior.

As comunicações com Porto Alegre são rápidas.

O transporte de mercadorias pesadas é feito em embarcações de casco pontudo com capacidade de 20 a 50 toneladas.

As mercadorias leves e de pequeno volume e os passageiros são transportados em grandes pirogas armadas em gôndolas.

Essas pirogas, muito elegantes, são feitas de um tronco de árvore cavado e possuem 40 pés de comprimento por 4 de largura.

A sua forma é graciosa e cômoda e o viajante defende-se do sol e da chuva por meio de um teto chato que ocupa a metade posterior da gôndola.

Esse teto, do qual pendem pequenas cortinas de pano, é suportado por barrinhas de ferro ou de cobre, e o conjunto é pintado de cores vivas e conservado com bastante cuidado.

Algumas têm ainda, além do teto posterior, uma tenda recortada que se prolonga até a proa.

Esses barcos partem e chegam constantemente em Rio Pardo e o viajante pode ser transportado com rapidez, pois quando o vento não é favorável, 4 ou 6 escravos, semi-nus, remam sem descanso dia e noite." (8)

O Negro nas ruas de Porto Alegre

Arsène Isabelle, ao chegar em Porto Alegre, ao que parece, foi tomado de grande depressão.

Parece que estava sequioso de amor com uma porto-alegrense e não conseguiu seu intento, e por isso escreveu, entre outras coisas:

"Em Porto Alegre o forasteiro sente-se só na rua. Não pode sentir-se em sociedade, *em que pese seu alto grau de filantropia, no meio de negros embrutecidos que circulam misturados com bodes e cabras de que as ruas estão cheias.*

Ele se sente só consigo mesmo, vindo em torno tantas barricadas...." (9)

E prossegue com considerações a respeito do ciúme dos brasileiros em relação às suas mulheres, observando que em Porto Alegre, este ciúme era menos chocante.

O que não consigo vislumbrar é a origem de tantas cabras e bodes atravessando as ruas de Porto Alegre"

Os negros carregadores do porto de Porto Alegre

"Os navios podem atracar na Alfândega para carregar ou descarregar.

Os fardos, por pesados que sejam, são transportados por negros até o pátio da alfândega, para serem examinados.

Dali outros negros os transportam para seu destino.

Viajantes que tenham testemunhado a crueldade de colonos ingleses e franceses, acharam o jugo dos escravos mais suportável no Brasil.

Mas eu, que vi, na Argentina e na Banda Oriental, *os negros livres industriais na posição de homens, tenho o direito de achar deplorável a sorte deles no Brasil e de denunciar a infâmia de europeus que não têm vergonha de levar sua imoralidade até o comércio clandestino de carne humana.*

Oh, venerável abade de Pradt!

Terias também sofrido, vendo as cenas dolorosas de que fui testemunha, mas a tua indignação, os teus lamentos teriam reboado como o raio no meio desses homens que ousam chamar-se civilizados, enquanto que os meus só terão eco na alma de alguns homens sensíveis mas obscuros como eu" (10)

A Arsène Isabelle atribui-se o fato de, através desse trabalho, haver ertado, na Alemanha, a consciência sobre a existência de imigrantes ães no Rio Grande do Sul.

A obra de Carlos Seidler foi editada no mesmo ano que a sua, acreditamos tenha sido lançada após a de Isabelle para que lhe caiba primazia.

Nicolau Dreys

Francês, natural do Departamento de Meuthen, fabricante de viajante comercial e geógrafo amador, viveu durante 17 anos no Brasil, de 1817-1842, em sua maior parte no Rio Grande do Sul.

Em 1839, publicou no Rio de Janeiro sua *Notícia Descritiva da Índia do Rio Grande de São Pedro do Sul*, autêntico compêndio de geografia Geral daquela província, há 4 anos palco da Revolução Farroupilha, sobre a qual não fornece subsídios. Mas a obra contribuiu para que ela fosse entendida e a Província conhecida pelo restante do Brasil. Como Saint-Hilaire, ele sentiu e compreendeu melhor o Rio Grande do Sul, ao contrário de Arsène Isabelle, que emitiu conceitos superficiais distorceram a nossa verdadeira imagem, em grande parte, na opinião pública europeia, através de artigos nos jornais de Paris, Havre, Nantes, Bor-. Marselha, Caen, Orleans e Tours.

José Honório Rodrigues estuda-o no *Brasil Açucareiro*, Rio, v 19, 2. p. 351.

As observações de Dreys sobre o africano negro e descendentes Rio Grande do Sul limitaram-se a população escrava, cerca de 30.000 habitantes.

A parte principal de suas observações sobre a escravidão no Rio de do Sul será abordada no último capítulo.

Preferência do tigre em atacar o homem negro

Após ocupar-se longamente do tigre no Rio Grande do Sul, Dreys refere as preferências desse animal em atacar o índio, o negro ou o branco.

É opinião constante entre os viajantes que o tigre observa uma graduação no ímpeto de seus apetites cruéis. Dizem que, achando facilidade relativa, o tigre atirar-se-á *primeiro sobre o índio, depois sobre o negro e por último sobre o branco.*

Se há muitas experiências em que se fundamente semelhante distribuição, não o sabemos.

O que podemos afirmar é que, em nossas repetidas viagens através daqueles campos, *era custoso determinar a um homem negro air, só, cortar lenha no capão vizinho, alegando sempre aquela funesta preferência para ser acompanhado.*" (11)

Passo Rico ou dos Negros e as Charqueadas de Pelotas

O autor referiu-se em sua obra, em 1939, ao Passo dos Negros no rio São Gonçalo, defronte a Pelotas. Seu patrício Debret fixou, em aquerela em 1825, este passo, conforme ilustração no presente trabalho.

Diz o autor:

"A cidade parece tender a se aproximar do rio São Gonçalo, e quando chegar a estender seu cais sobre a margem daquele rio majestoso, com o qual está em comunicação pelo porto, onde descarregam as embarcações que lhe são destinadas, e pelo Passo Rico ou *Passo dos Negros*, que se pode considerar como um subúrbio, a cidade de Pelotas, que já tomou lugar entre as mais asseadamente edificadas no Brasil, poderá ser contada como uma das mais importantes praças de comércio na suposição

provável e desejada do restabelecimento da paz doméstica e da continuação dos progressos do país

A pouca distância de Pelotas e rodeando-a como um centro, estão as charqueadas do Rio Grande de São Pedro do Sul, prolongando-se pela maior parte, ao longo das margens do rio Pelotas, um dos afluentes do São Gonçalo.

Tão vizinhas estão as charqueadas da cidade que pouco mais de duas léguas a separam da mais apartada.

As outras charqueadas ocupam as margens do São Gonçalo e do rio de Santa Bárbara, formando cada uma delas um núcleo de população especial, tão vasto, às vezes, e encerrando um número tal de brancos, de agregados e **negros de serviço**, que parece, à primeira vista, uma verdadeira aldeia, com suas ruas, capelinha, cujo campanário domina em certas charqueadas as diversas moradas dos habitantes." (12)

Neste trabalho tivemos oportunidade de mostrar uma charqueada pelotense conforme Debret a fixou em aquarela.



Passo Rico do Canal São Gonçalo a. 1825, segundo Debret. Ao fundo, a cidade de Pelotas, maior concentração de escravos da então Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. Homens negros dedicam-se à tarefa de remadores. (Fonte: Fundação Raymundo de Castro Maya).

Estância no Rio Grande do Sul

"A estância é servida ordinariamente por um capataz e por peões debaixo de sua direção.

Às vezes os peões são negros escravos, outras vezes, e mais co-mumente, são índios ou gaúchos assalariados.

A ocupação do capataz e peões consiste em velar sobre os animais, contê-los nos limites da estância, reuni-los, guardá-los e apartá-los quando necessário." (13)

Por este relato conclui-se da existência de negros escravos como peões de estâncias do Rio Grande do Sul ao lado de peões índios ou gaúchos assalariados.

Esta diferença talvez pudesse ser assim estabelecida sem grande rigorismo.

Peões negros na Bacia Ocidental e índios e gaúchos assalariados na Bacia Oriental.

População do Rio Grande

"Como em todas as mais partes das duas Américas, a população da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul se divide em duas seções distintas:

A população livre, predominante pelo número e pela perfeição intelectual:

A população escrava, composta de africanos e seus descendentes na mesma condição social." (14)

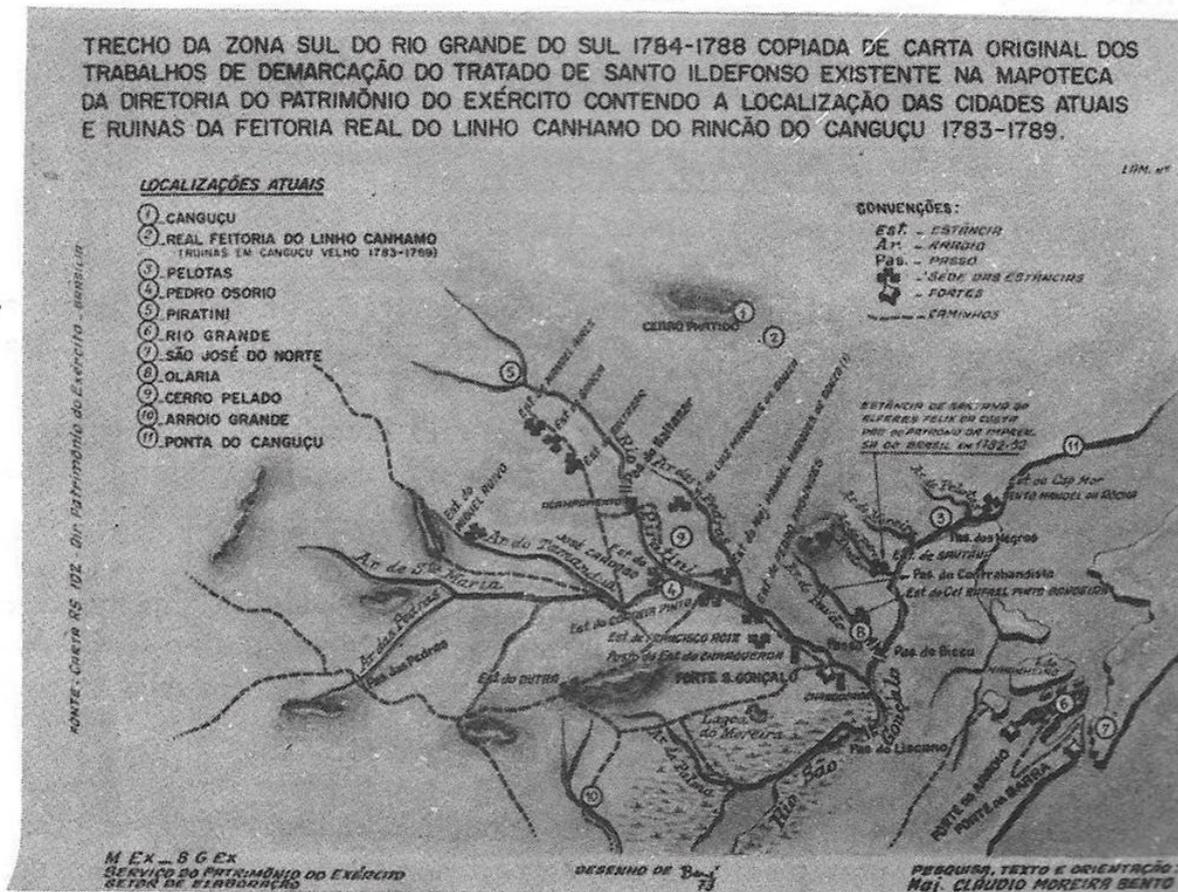
Dreys, ao final de seu trabalho, dedica 4 páginas à população africana negra e descendentes do Rio Grande do Sul. Nelas desfaz algumas idéias falsas sobre a escravidão no Rio Grande do Sul e transcreve depoimento de um oficial argentino, sobre o valor, como soldados, dos negros na Bacia do Prata, ao ponto de chamá-los *SUIÇOS DA AMÉRICA*.

O Cruz, o grande amigo de Martim Fierro, havia sido sargento.

Estas páginas de Dreys as transcrevo no último capítulo.

Notas ao anexo B do capítulo IV

1. ISABELLE. *Viagem...* p. 12
2. Idem nota 1 p. 231
3. Idem, idem p. 238
4. Idem, idem p. 245
5. Idem, idem p. 245
6. Idem, idem p. 246
7. Idem, idem p. 249
8. Idem, idem p. 264
9. Idem, idem p. 271
10. Idem, idem p. 275
11. DREYS. *Notícias Descritiva*. P. 84
12. Idem nota 11, p. 147-149
13. Idem, idem p. 142
14. Idem, idem p. 162



Zona Sul, 1784-1788. Aparece uma charqueada ao sul e junto ao Forte de São Gonçalo e não em Pelotas onde, segundo a tradição, o cearense Pinto Martins fundara a primeira charqueada pelotense, em 1780. Onde setá a verdade histórica? (Fonte: CDOCEx - Arquivo Iconográfico).

ANEXO C AO CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO SOBRE A PROCEDÊNCIA DOS AFRICANOS NEGROS

ENTRADOS NO RIO GRANDE DO SUL (1737-1833)

(Acompanhe a exposição pelo quadro em anexo)

Conclusão de pesquisa

Após análise e crítica dos elementos fornecidos por diversos pesquisadores e escritores constantes do quadro a seguir, conclui-se, aproximado, a respeito dos africanos negros e descendentes entrados no Rio Grande do Sul (1737-1853):

Pertenciam a duas culturas:

- 1) A SUDANESA PURA ISLAMIZADA

2) A BANTO (Esta foi estudada por CARNEIRO. *Os bantos*)

Os de cultura *sudanesa* provinham da região de Guiné Bissau e áreas adjacentes (Senegal, Gâmbia, Guiné, Serra Leoa, Mali, Libéria, Costa do Marfim, Togo, Daomé e Nigéria.)

Dentre as nações provenientes desta área destacavam-se os *minas*.

Existiam também os *fantis*, os *sanga* e os *cassanje*, conforme Sallis Goulart com apoio em pesquisa de inventários.

Os de cultura *banto* provinham das regiões de:

— *Angola* e adjacências (Congo, Gabão, Guiné Equatorial e Camarões). Dentre as nações provenientes dessa área destacavam-se os *angolanos* e os *congos*. Os angolanos recebiam outros nomes: benguelas, cabin: das e nahijos, etc.)

— *Moçambique* e adjacências (Rodésia, Zâmbia, Malawie, Tanzânia). As nações provenientes dessa área denominavam-se genericamente *moçambiques*, que possuíam subdivisões; moçambiques do litoral, maçam-biques do sertão e calavos.

Sintetizando, como apoio em fontes de História do Rio Grande do Sul, referidas no quadro, poderíamos dizer que os africanos negros imigrados à força para o Rio Grande do Sul, denominavam-se genericamente: *angolas*, *congos*, *minas* e *moçambiques*.

ESCRAVOS EXISTENTES NO RIO GRANDE DO SUL EM 07 OUTUBRO DE 1780
(NÃO COMPUTADA A POPULAÇÃO NEGRA LIVRE)

ESCRAVOS	LOCALIDADES DO RGS (Correspondência)		A T U A L													T O T A L S R G S	
	DA ÉPOCA		PORTO ALEGRE	RIO GRANDE	ESTREITO	MOSTARDAS	VIANÃO	SANTO ANTONIO	OSÓRIO	GRAVATAÍ	VACARIA	TRIUNFO	TAQUARI	SANTO AMARO	RIO PARDO		CACHOEIRA DO SUL
HOMENS	N. S. Madre de Deus de Porto Alegre		315	380	200	156	435	180	103	157	153	407	67	129	381	152	3.219
MULHERES	São Pedro do Rio Grande		230	216	77	35	310	90	55	98	95	233	42	79	238	85	1.883
T O T A L	N. S. da Conceição do Estreito		545	596	277	191	749	270	158	255	248	640	119	208	619	237	5.102
TOTAL POPULAÇÃO POR LOCAL	S. Luiz de Mostardas		1512	2421	1254	591	1891	1189	417	2395	571	1277	689	720	2374	662	17.923
ESCRAVOS POPULAÇÃO	N. S. da Conceição do Vianão		37	25	22	32	40	23	37	11	43	50	17	29	26	35	29
	S. Antonio da Guarda Velha																
	N. S. da Conceição do Arroio																
	N. S. dos Anjos da Aldeia																
	N. S. de Oliveira da Vacaria																
	Sr. Bon Jesus do Triunfo																
	S. José do Tabiquari																
	Santo Amaro																
	N. S. do Rosário do Rio Pardo																
	S. Nicolau da Cachoeira																

Mapa organizado com base em: MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. "Denominação Espanhola do RGS"
REVISTA MILITAR BRASILEIRA Nº 1 a 4 - 1953, pág. 339

Segundo o Gen Veiga Cabral, somente 2.000 eram capazes para o Serviço Militar.

Angolanos ou angolas

Muitos lutaram na Insurreição Pernambucana (1645-54), integrando o Terço de Henrique Dias, que os definiu como *"tão robustos que nenhum trabalho os cansa."*

Segundo Gilberto Freyre, "robustos e resistentes e bons para o trabalho do campo".

Como exemplo na História do Rio Grande do Sul temos o preto Damião de Angola que integrou a primeira guarnição militar de Porto Alegre e, presumo, tenha sido vítima do ataque ao forte do Rio Pardo em 1754, chefiado por Sepé Tiaraju.

Congos

Escravos predominantes no Brasil no século 16 ao lado dos ardas e dos angolas. Segundo Gilberto Freyre, também *"bons para o trabalho do campo"*.

Para Carlos Seidler: "Entre todos o maior, o mais belo e o mais musculoso, mas também o mais perigoso para seu senhor por causa do temperamento ardoroso e um grande e insufocado sentimento de liberdade.

Sua cor é mais clara que a maioria dos outros africanos. Seu caminhar e postura têm certa nobreza. Seu olhar é franco e aberto, dir-se-ia altivo".

Como exemplo desta nação temos o escravo e fiel amigo do Coronel Bento Gonçalves da Silva, líder da Revolução Farroupilha, o Congo ou Conguinho já citado.

Minas

Lutaram na Insurreição Pernambucana, em Guararapes e outras batalhas, integrando o terço de Henrique Dias, que deles disse, "Aonde não podem chegar com o braço, chegam com a fama".

Segundo Gilberto Freyre, "bravos guerreiros".

Eles foram muito comuns na História do Rio Grande do Sul.

Como exemplos históricos temos os quase 80 minas citados por Saint-Hilaire, existentes em 1820-21 na existência de José Egídio, Barão de Rio Pardo, que existia entre Osório e Viamão.

Deles escreveu o sábio: "superiores a todos, pela inteligência, fidelidade e amor ao trabalho".

Aquiles Porto Alegre dedica-lhes uma página sob o título os "Cangueiros".

Souza Docca assim os definiu em sua História do Rio Grande do Sul: "Eram dotados de temperamento dócil, extremamente afetuosos, amigos e leais. Dedicados a seus senhores e particularmente aos filhos destes".

Eles deixaram fama que atravessou os anos e chegou até o presente como única designação de nação africana por mim conhecida na infância, e sinônimo de qualidade.

Moçambiques

Segundo Debret, o moçambique do sertão era "negro de elite empregado nos armazéns da Alfândega" e distinto do moçambique do librai, de tez mais clara e menor estatura.

Segundo Carlos Seidler, o moçambique do litoral era de corpo pequeno, atarracado e forte. Sua cabeça ordinariamente quase implantada no peito, era muito grande em proporção ao corpo".

Seu olhar agudo buscava sempre arredio, o chão.

Seus movimentos eram desajeitados e o andar lento e desengonçado.

Suporta com estoicismo os castigos, e mesmo os mais fortes raramente lhe arrancavam um som de dor".

Como exemplos históricos de *moçambiques* temos o *Papai Quati* cia história verídica de J. Belém e o preto Francisco que integrou a primeira guarnição militar de Porto Alegre e que presumo, tenha morrido em 1754 no forte do Rio Pardo, por ocasião do ataque de Sepé Tiaraju a essa fortaleza.

Nosso ensaio não tem a pretensão de ser definitivo, e sim uma aproximação do assunto como o fizeram no Nordeste Nina Rodrigues, Gilber-: Freyre e Arthur Ramos e, no Rio Grande do Sul, Souza Docca e Salis Goulart, sem haverem esgotado o assunto e chegado a uma solução definitiva.

Testamentos antigos e anúncios de jornais poderão comprovar ou modificar minhas conclusões.

E isto acreditamos venha a ser esclarecido ao máximo até 1988, centenário da Lei Áurea.

ANEXO "D" AO CAPÍTULO IV
ALGUMAS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA COMUNS NO LINGUAJAR CORRENTE NO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

ANGICO	BURUNDUNGA	CALOMBO	MANDINGA	PITO
ANTA	CAÇAMBA	CANDONGA	MATUNGO	QUIBEBE
BAMBA	CACHIMBO	CANGA	MOCOTÓ	QUINDIM
BANZO	CAÇULA	CANJA	MONJOLO	QUITANDA
BUMBO	CACUNDA	CANJICA	MUCAMA	QUITUTE
BATUQUE	CAFAGESTE	DENGUE	MULAMBO	TANGA
BUDUM	CAFIFE	DENGOSO	MOLEQUE	TARIMBA
BUNDA	CAFUA	FULO	PINGUELA	TUNDA

Fontes: AZEVEDO, Thales. *Gaúchos*. Salvador, Liv Progresso, 1943. 2ª ed, p. 132

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. v 2

MACHADO, Antonio Carlos. *Voices da Querência*. Porto Alegre, Ed Globo, 1949. p.80
(cita trabalho de Dante de Laytano)

(As notas são referidas à bibliografia)

- 1 — CHAVES. *Memorias*
- 2 — CIDADE. *O Soldado de 1827*, p. 15
- 3 — CERQUEIRA. *Reminiscências*, p. 194. O autor citado refere-se ao Brigadeiro Sampaio, às páginas 76, 88, 96, 201 e 206.
- 4 — Recrutado a *maneador* - expressão que significa que o recruta foi pegado à força e amarrado (maneado) e levado para a caserna.
Maneador, s., tira inteira sem emenda, de couro cru, chata e sovada, destinada a manear (prender as patas) o cavalo xucro para amanseá-lo (amansar) e encilhá-lo.
- 5 — idem nota 2 p. 19
- 6 — idem, idem, idem
- 7 — idem, idem, p.49
- 8 — idem, idem, p.47
- 9 — ide, idem nota 1
- 10 — idem nota 2, p. 45
- 11 — idem, idem, p.47
- 12 — idem, idem, idem
- 13 — TAVARES. *O Exército... p. 42*
- 14 — idem, idem
- 15 — VELLINHO, ***Capitania Del Rey***, p. 162
- 16 — idem, idem, idem
- 17 — BENTO. Grande Festa dos Lanceiros. p. 61
- 18 — idem nota 13, p. 67
- 19 — SEIDLER. *Dez Anos de Brasil*, p. 91
- 20 — idem, idem, p.104
- 21 — PORTO ALEGRE, Os Cangueiros. p.169
- 22 — idem nota 14, p. 142
- 23 — idem, idem p. 148
- 24 — idem, idem p. 164
- 25 — Cavalo em processo de domesticação ou doma
- 26 — idem nota 14, p. 194-195
- 27 — idem, idem p. 188
- 28 — idem, idem p. 198
- 29 — idem, idem p. 205-206
- 30 — idem, idem p. 205 nota 120
- 31 — idem, idem p. 210
- 32 — idem, idem p. 219
- 33 — idem, idem
- 34 — FLORES. *Notas para a História...* p. 64-66
- 35 — SPALDING, *Epopéia Farroupilha*, p. 287
- 36 — O POVO.
- 37 — BENTO. *O Culto das Tradições no Exército*, p. 10
- 38 — FRAGOSO. *A Revolução Farroupilha*, p. 253
- 39 — CAXIAS, *Ofícios....* p. 167
- 40 — COLLOR, *Garibaldi...* p. 18
- 41 — idem, idem, p. 248
- 42 — idem, idem, p. 154

43— idem, idem, p. 165

44— SIMÕES LOPES NETO. Bosquejo Histórico de Canguçu 1912 - Revista do Centenário de Pelotas - RS, nº 4

45— idem nota 20, p. 225-236

46— JORNAL DO COMÉRCIO. Recife, 10 de junho de 1970; DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 10 de junho de 1970; Revista ITAYTERA. Crato 15: 74, 1971 e in: *A Grande Festa dos Lanceiros*. p. 59-60.

47— BENTO. Debret na História Militar do Brasil.

48— idem nota 2.

49— idem nota 3, p. 132

50— RAMOS. O negro como soldado.

51— O POVO. p. 104 - transcrição da ordem judicial mandando apresentar um escravo no Distrito de Recrutamento, e à p. 200, decreto dispensando os escravos do tope nacional.

Este jornal estampa no número 145, de 26 de fevereiro de 1840, anúncios de procurade escravos:

"Alferes Zeferino Teixeira de Carvalho, morador em sua fazenda no Distrito de Lavras. Fugiu no dia 9 do corrente um ESCRAVO DE NOME MIGUEL DE NAÇÃO, o qual terá 24 anos de idade, estatura ordinária, delgado de corpo, TEM NA TESTA RODAS MUI SALIENTES. E DOIS RISCOS EM CADA FACE, MARCA DE SUA NAÇÃO.

Quem dele souber ou tiver notícia, dirija-se a seu proprietário que ganhará boas alviças e nesta Capital (Caçapava) ao cidadão (ilegível) Gonçalves Meireles".

Era um oficial farroupilha com quatro anos de Revolução e de República mantendo um escravo.

"Fugiu, no dia 12 do corrente, um MULATO de propriedade de Evaristo Fernandes Sequeira: CARIOCA, de nome MIGUEL, com os seguintes sinais: ALTO, MAGRO, BARBA NO QUEICHOE BIGODE. TEM UMA BRECHA NO ROSTO; ESTÁ SURRADO DE POUCO TEMPO....."

Chama atenção neste anúncio a escravidão de um mulato e sua designação como CARIOCA de origem e a BRECHA NO ROSTO.

52— idem, idem p. 273

53— idem nota 24, p. 167

54— idem, nota 51, p. 274

55— idem, nota 51, p- 276

56— idem, idem, p. 285

57— idem, nota 24, p. 135

58— BENTO. Canguçu na Revolução Farroupilha.

59— idem, idem e CAXIAS, *Ofícios...* p. 160 (As observações em parêntesis são do autor)

60— idem, nota 39, P- 171

61— idem, nota 16, p. 61

62— idem, nota 39,

63— BENTO, Contribuição aos... do Centenário de D. Pedrito.

64— TITARA. *Memória do Grande Exército Libertador*, p. 173

65— idem, nota 31, p. 471

66— idem, idem, idem

67— DOCCA. *História do RGS*. p. 328

68— J. SIMÕES LOPES NETO. REVISTA DO CENTENARIO DE PELOTAS nº 4 — 1912.

69— idem, nota 51, p. 21-22

- 70— idem, nota 67, p. 328, Souza Docca na obra citada ensaiou biografias de Joaquim Pedro Soares p. 328 e de Joaquim Teixeira Nunes p. 342, organizadores e comandantes do Corpo de Lanceiros Negros
- 71— idem, idem, idem
- 72— idem, nota 17, p. 52
- 73— idem, nota 51, p. 471 e quadro publicado neste trabalho
- 74— idem, nota 17, p. 81
- 75— BENTO. Subsídios para revisão dos Símbolos do RGS.
- 76— idem, nota 17
- 77— idem, idem
- 78— idem, nota 35, p. 257
- 79— idem, idem, p. 161-162. Publica termos da Paz de Poncho Verde.
- 80— História do Exército, p. 478, v2(gravura)
- 81— TABORDA. Surpresa de Porongos. p. 13 *RMB* v95.
- 82— idem, nota 17, p. 16
- 83— idem, nota 39, P- 159
- 84— idem nota 67, p. 542 e veja-se biografia de Teixeira Nunes *in*: BENTO. *Grande Festa...*
- 85— idem nota 39 P- 167

CAPITULO V

CONTRIBUIÇÃO DO NEGRO GAÚCHO PARA A INTEGRIDADE E SOBERANIA DO BRASIL NO SUL 1851 - 70

O NEGRO DO RIO GRANDE DO SUL AO TEMPO DA GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS

Um historiador negro

Algumas informações sobre o Negro brasileiro nesta campanha nos é fornecida pelo major Ladislau dos Santos Titara, segundo Cidade "um homem de cor, provavelmente um mestiço... que foi para sua época, inegavelmente, um soldado culto, cheio de serviços ao país".

Sua obra sobre a Guerra contra Oribe e Rosas intitula-se:

Memórias do Grande Exército Aliado, Libertador do Sul da América na Guerra de 1851 a 1852 e dos acontecimentos mais notáveis que a precederam.

Foi editada, em 1852, em Porto Alegre pela Tipografia B. Berlink.

Titara era natural da Bahia e, creio, incomparável no sul, como preservador de suas fontes primárias de História, ao publicar, em 1852, as principais fontes referentes à Guerra Cisplatina 1825 - 28 e Guerra Contra Oribe e Rosas 1851 - 52.

Titara é o patrono da cadeira nº 40 do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e autor de diversos trabalhos de legislação militar.

Paula Cidade estudou Titara e sua obra.

Titara, ao analisar as causas da guerra, publicou documento re-lacinando, entre os 139 brasileiros assassinados na Banda Oriental, 7 pardos e escravos (2)

"1844...

Na estância Cerro das Conats foi assassinado o pardo (mulato) Isidoro, capataz da mesma".

"— Entre Sepa e Ararenguá foram atrozmente degolados um cunhado Maurício Matutina e um ESCRAVO." "1845...

José Jacinto Mendonça foi assassinado junto com um ESCRAVO junto à Vila de Cerro Largo."

"— Foram degolados com a maior desumanidade na fazenda dos Zorrilhos 30 brasileiros e 3 ESCRAVOS". "1846...

O pardo Antônio Caturey foi degolado junto ao Cerro Largo"

Por outro lado publicou tratado entre o Brasil e a República Oriental do Uruguai, para a entrega recíproca de criminosos e desertores e DEVOLUÇÃO DE ESCRAVOS DO BRASIL (3).

Por aqui conclui-se que o Uruguai, embora tendo abolido a escravidão, era obrigado a devolver os escravos do Brasil que para lá fugissem.

Esse tratado no tocante aos escravos brasileiros estipulava

"Art. 6º - O Governo da República Oriental do Uruguai reconhece o princípio de **devolução a respeito dos escravos pertencentes a súditos brasileiros**, que contra a vontade de seus senhores forem, por qualquer maneira, para o território da dita República, e aí se acharem.

Observar-se-ão, nesta devolução, as seguintes regras:

1º— Os referidos **escravos** serão reclamados diretamente pelo Governo Imperial, ou por meio do seu Representante na República.

2º — Admite-se que a reclamação possa ser feita pelo senhor, digo, pelo Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, **no caso em que o escravo ou escravos reclamados** pertençam a súditos brasileiros residentes, ou estabelecidos na mesma Província.

3º — Admite-se também que a reclamação possa ser feita pelo **senhor do escravo** perante a autoridade competente do lugar em que ele estiver, quando o senhor do escravo for em seguimento dele, para havê-lo, ao território Oriental, ou quando mandar também em seu seguimento, agente especialmente autorizado para o dito fim.

4º — A reclamação de que se trata deverá ser acompanhada de título ou documento que, segundo as leis do Brasil, sirva para provar a propriedade que se reclama.

5º — As despesas que se fizerem para a apreensão e devolução *do escravo ou escravos reclamados*, correrão por conta do reclamante." (4)

O Negro esteve em grande número presente nas tropas brasileiras que combateram em Monte Caseros, não só entre o 5º, 6º, 7º, 8º, 11º e 13º Batalhões de

Infantaria, como na Artilharia de Mallet ao comando do Major Fontes e do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira ao comando de Osório.

Os depoimentos argentinos mencionam a presença marcante do r.cgro entre nossas tropas, fato comum até então em todas as nossas lutas no Sul, e o que será confirmado por Eduard Siber, como se verá.

José Martins, um pardo herói de Caseros

Quando o tenente-coronel Osório carregou a trote com um regimento sobre uma bateria de artilharia inimiga, no entrevero resultante, o soldado mulato José Martins, natural de Mostardas, investiu com grande arrojo sobre o inimigo e conseguiu arrancar das mãos de um deles, após matá-lo, uma bandeira com a legenda: ROSAS ECHAGUE OU MORTE, pertencente ao Esquadrão da Guarda do General Echague.

Por seu feito heróico foi-lhe concedido passar três meses de licença em Mostardas, além de premiado com 400.000 réis (200 patações). (5)

Incidente brummer x pretos e mestiços

Em Pelotas esteve estacionada, antes de marchar para a Guerra contra Oribe e Rosas, uma unidade de artilharia de alemães mercenários :cnhecidos como os "brummer", que tão grande contribuição vieram dar à valorização social e cultural da colonização alemã no Rio Grande do Sul.

O general Bertholdo Klinger traduziu trabalho, do alemão, em que constam pormenores interessantes sobre a permanência dessa unidade de artilharia, mercenária em Pelotas. (6)

Seus integrantes, indignados por ter sido negada sepultura católica a um de seus camaradas alemães, revoltaram-se

"Sairam à rua. Grupos de soldados armados passaram a agredir os brasileiros, principalmente os NEGROS e os MESTIÇOS. (7)

Graças à ação do 4º *Batalhão de Guardas Nacionais* e de um esquadrão da mesma guarda vindo do retiro, a revolta foi sufocada.

O NEGRO DO RIO GRANDE DO SUL NA OBRA DO CAPITÃO ALEMÃO EDUARD SIBER 1851-52

Em 1851-52, o Brasil contratou na Alemanha uma tropa de mercenários alemães que atingiram cerca de 2.000, com a finalidade de lutarem a seu serviço contra Oribe e Rosas.

Entre eles veio, como oficial de Infantaria, o capitão Eduard Siber, que ao voltar a Alemanha, em 1854, produziu a seguinte obra:

SIBER, Eduardo, capitão. *Ruckblick auf den Krieg gegen Rosas un die Schicksale der deutschen Truppe im Dienrte Brasiliens, von einen Augenzenzen. Berlim Verlag von Veit und Comp, 1854, in 8º, 179 pp.*

Este trabalho foi traduzido em 1915 no Brasil por Alfredo de Carvalho e é assim referido:

SIBER, Eduardo, capitão. Retrospecto da Guerra contra Rosas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 78, parte 1º, 1915, p. 377-529 (tradução do alemão e prefácio de Alfredo de Carvalho)

A obra mencionada constitui valioso subsídio sobre o Brasil da época, embora visto distorcido, em pontos fundamentais, por um prisma europeu, além de deformado por uma série de mágoas e revoltas que o autor carregou consigo ao retomar, após 4 anos de serviço ao Brasil, e que as descarregou em seu livro.

Siber teve muitos contatos com o Rio Grande do Sul e seus filhos nos seguintes locais e circunstâncias:

Em Rio Grande, Colônia do Sacramento, Montevidéu, Jaguarão, Pelotas, Porto Alegre e Rio Pardo.

Viajou com soldados brasileiros de Rio Grande a Montevidéu por água e, por terra, de Montevidéu a Pelotas, via Jaguarão.

Sobre a presença do Negro na paisagem humana do Rio Grande do Sul da época, extraímos os seguintes subsídios da obra de Siber:

100.000 habitantes negros no RGS 1851 - 52 ou 1/3 da população

"Os rio-grandenses... hospitaleiros e obsequiosos, começam a compreender a vantagem, principalmente para eles próprios, que deve resultar de um maior progresso de sua opulenta terra.

Nas 4.000 mil léguas quadradas de superfície de sua Província existem mais de 300.000 hab., dos quais um terço (100.000) são negros.

Se bem que a escravidão, esta mancha que há séculos macula o nome do Brasil, não tenha poupado a mais meridional de suas províncias, resta ao menos a segura convicção de que aqui jamais, conforme poderia vir a suceder com as províncias do Norte, com a emancipação dos negros, fosse decretada a extinção dos brancos". (8)

Estâncias com 200 a 300 escravos

"A província do Rio Grande não tem a temer as conseqüências que as reflexões sobre semelhantes proporções de população podem sugerir.

Não obstante, a manutenção da escravidão permanece como um mal e a concorrência que para os colonos resulta da existência de estâncias com 200 e 300 escravos é um grande empecilho ao livre desenvolvimento da região, por pior que o brasileiro saiba usar esta força importante no amanhã da terra.

Mas consoladora é a certeza de que, após rigorosa repressão do tráfico de escravos, o número deles decresce a olhos vistos e tende a desaparecer com o tempo, diante do incremento da colonização". (9)

Nessa altura a imigração e colonização de alemães já estava no 30º ano e, incluindo seus descendentes, numeravam cerca de 20.000.

Em 1801, somente a Real Feitoria do Linho-Cânhamo de São Leopoldo possuía 238 escravos, número que ascendeu a 293 em janeiro de 1824, seis meses antes do início da imigração, conforme documentos que publicamos páginas atrás.' (10)

Negros do Uruguai sucumbiram na Guerra

Siber, ao referir-se ao Uruguai de 1851 - 52, escreveu:

"A escravidão foi extinta por completo neste país, com a conquista de sua independência (1828).

A totalidade da sua população negra, que na verdade nunca foi tão numerosa como na Província do Rio Grande de São Pedro, foi quase inteiramente aniquilada.

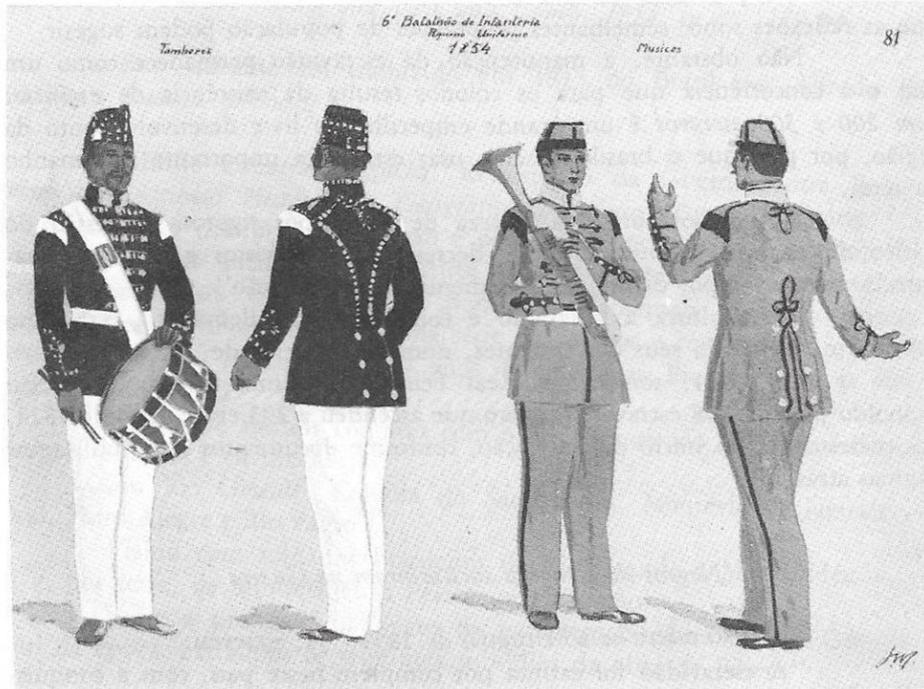
Os pretos livres tomaram parte, como soldados, nas prolongadas guerras civis e nelas sucumbiram na maioria". (11)

O Negro imigrou forçado para o Uruguai, para acionar suas im

portantes charqueadas. Além disso muitos deles fugiram do Rio Grande do Sul, no período 1810-21, para ingressarem nas tropas de Artigas.

A chegada e fixação do africano e descendentes no Uruguai, antecedeu, de 45 anos, fatos idênticos ocorridos no Rio Grande do Sul, e verificou-se por ocasião da fundação de Colônia do Sacramento em 1680.

No período 1828-1835, e após, no 1845-1850, verificaram-se muitas fugas de escravos do Rio Grande do Sul para o Uruguai, somente sustadas com acordo de devolução de escravos brasileiros, firmado em 1851 entre a República do Uruguai e o Império do Brasil e já abordado neste trabalho.



Em 1851-52 o negro brasileiro e seus descendentes eram expressivos no Exército Brasileiro na Guerra contra Oribe e Rosas, ao ponto de um oficial alemão a serviço do Brasil assim defini-lo: "A Infantaria é negra. A Artilharia branca e negra, e a Cavalaria predominantemente branca". (vide texto).

(Fonte: BARROSO UNIFORMES DO Exército Brasileiro - prancha 81).

O Exército Brasileiro, segundo Siber

"... o Brasil mantém um Exército permanente relativamente considerável, no qual notam-se principalmente homens negros livres, mulatos e índios, alistados, ou antes recrutados

Aqui se perfila um negro, com a sua chata e inexpressiva fisionomia africana, entre um feio mulato amarelo e um índio acobreado, cuja procedência é evidente nos traços do semblante"

Para Siber, de seu prisma de homem que cultiva o preconceito de raça, a miscigenação intensa no caldeirão de raças brasileiro e a responsável pela grande democracia e unidade étnica brasileira, "era uma repugnante mistura de raças". (12)

O valor do soldado brasileiro

"...Homens altos e baixos, velhos e moços, indivíduos esbeltos e outros curvados pelo antigo labor de escravo, formam ali, um ao lado dos outros, na mesma fila.

E, no entanto, estes pseudo-soldados são admiráveis em suportar privações, quer em marcha quer acampados.

Possuem uma rijeza de corpo, uma taciturna e indolente docilidade e uma sobriedade para comer e beber que os habilitam a transpor, como carregadores, as vastas paragens desertas da América Meridional, sem que jamais lhes ocorra indagar para onde são conduzidos ou o motivo real que os obriga a marchar". (13)

Siber julgava o nosso soldado dentro de padrões europeus e fora da realidade sul-americana a que ele não conseguiu se adaptar. Queria produzir soldados segundo tais moldes, para cumprir sua parte do contrato que o trouxe ao Brasil.

Nossa fopa era constituída nos mesmos padrões daquela que 200 anos antes havia vencido, em Guararapes, fração expressiva de um dos melhores exércitos do mundo, dentro das realidades operacionais das planícies européias.

O Negro e descendentes no Exército de 1851-52

"Salta aos olhos que, dadas as grandes diferenças existentes, tanto em relação aos habitantes como às próprias condições regionais, entre as províncias do Norte e do Sul do Brasil, as mesmas diversidades se manifestam no Exército.

Considerando-se que as populações negra e mulata preponderam nas províncias do Norte, não surpreende que quase toda a Infantaria seja recrutada nestas paragens, ao passo que a Cavalaria é principalmente recompleta no Sul, onde também se encontram suficientes reservas de homens brancos, para poder prescindir mais ou menos de homens negros.

Se, pois, quisermos classificar o Exército Brasileiro pela tez de seus soldados, poderíamos dizer que a Infantaria é "negra, a artilharia branca e negra e a Cavalaria predominantemente branca". (14)

Apreço de Caxias a seus soldados negros

Siber, com certa ponta de despeito, assim se referiu à atitude do Marquês de Caxias, em Jaguarão, após o término da Guerra contra Oribe e Rosas:

"Depois que o Conde de Caxias se despediu dos seus companheiros e amigos negros, brunos e amarelos e seguiu viagem para Pelotas no pequeno vapor que o esperava, o general Manoel Marques de Souza deu ordem para que na mesma tarde o batalhão alemão marchasse pela estrada para aquela cidade". (15)

O Duque de Caxias sempre teve a maior consideração por seus soldados desde que valorosos e patriotas.

Ao final do trabalho, em artigo de Aquiles Porto Alegre - O Velho Mendanha, veremos o testemunho de sua amizade por este homem de cor, uma das mais distintas e admiráveis personalidades da comunidade por-to-alegrense de 1845-81 e seu amigo de infância, além de testemunha, como músico da Capela Imperial, da cerimônia cívica na qual o jovem tenente Luiz Alves de Lima, representando o Exército Brasileiro, recebeu, das mãos de D. Pedro I, a primeira bandeira do Brasil Independente desenhada por Debret.

Escravos pelotenses morrem de cólera morbo

Após a guerra 1851-52, Pelotas foi atingida, em 1855, por uma epidemia de cólera morbo que atingiu, principalmente, os escravos das char-queadas pelotenses. Eles constituíram a quase totalidade dos óbitos, estimados * em cerca de 500, segundo se conclui de Fernando Osório (16), e 1/4 de todos os óbitos da Província.

A primeira vítima foi um escravo.

Seu óbito ocorreu no dia 9 de novembro de 1855. Seus restos mortais inauguraram o atual cemitério de Pelotas, na avenida 20 de Setembro.

Lá foram sepultados todos os coléricos devido a grande distância de Pelotas na época.

Na charqueada da Graça, em 6 dias, de 15 a 21 nov. foram fulminadas 62 pessoas, inclusive a viscondessa da Graça, D. Eufrásia Gonçalves Lopes, avó de João Simões Lopes Neto.

"A todas essas vítimas, na maioria escravos, prestou a mais desvelada assistência o abnegado e nobre varão pelotense Visconde da Graça". (17)

Trata-se de João Simões Lopes Filho.

Havia cursado humanidades no Seminário São José no Rio de Janeiro.

Fora militante farroupilha e, em consequência, preso e deportado para Pernambuco, em 1836.

Em 22 de outubro de 1887, foi escolhido pela comissão do manifesto abolicionista, nomeada pela Assembleia Geral, para fazer parte da comissão encarregada de promover, em Pelotas, a libertação dos últimos escravos desse município.

Por esta e outras razões, como vida dedicada ao Progresso e à Paz Social de sua cidade, segundo Fernando Osório, "seu venerando nome refulge entre os beneméritos de Pelotas". (18)

Suplício do escravo Belizário em Pelotas

O major Thomaz da Costa, delegado de Polícia de Pelotas, na época, assim descreveu a execução de um escravo de nome Belizário, ocorrida naquela cidade em 1857: (19)

"Foi levado à forca o preto Belizário, que vibrou grande número de punhaladas no senhor e na senhora, deixando-os caídos como mortos.

As vítimas foram D. Manoel Montano (espanhol) e sua esposa.

Este crime deu-se na área do prédio atualmente nº 164, à Praça da

República.

Julgado criminoso, Belizário foi condenado à morte. Sua execução teve lugar à esquerda da antiga ponte de madeira, hoje de cimento armado, à rua Riachuelo, além do Arroio Santa Bárbara, onde existe atualmente uma barraca de couro, LOCAL ONDE FOI LEVANTADA A FORÇA.

O condenado saiu da cadeia pela rua Sete de Setembro até a Marechal Deodoro e, por esta a Riachuelo, por onde desceu até o local da forca. Em seguida subiu ao patíbulo. Foi executado.

Para assistir ao horrível ato, o povo, ávido de curiosidade, em todo o trajeto desde a Cadeia até esse local, seguia o condenado, formando volumoso séquito, sob a cadência lúgubre do cerimonial, assim o acompanhando até seu último instante de vida, indo ELE REVESTIDO DA FATAL TÚNICA ALVA DOS ENFORCADOS O condenado era também acompanhado pelo Santíssimo Sacramento, pálio, sacerdotes que repetidamente entoavam o memento, irmandade com bandeira de misericórdia, carrasco e tropa".

Acreditamos que este fato tenha marcado profundamente a população negra de Pelotas.

Talvez uma injustiça pairasse no ar sem explicação.

O suplício de Belizário havia sido adiado durante mais de 6 anos, em razão de conflito de jurisdição surgido entre o delegado e o juiz.

O local de seu suplício passou a ser ponto de encontro nos domingos e dias santos, do meio-dia à noite, da população negra de Pelotas, segundo se conclui de relato do major Thomaz Costa a Fernando Osório. (20)

Fernando Luiz Osório refere-se a mais três execuções de escravos, ocorridas na Praça da Constituição, além do Santa Bárbara, de 1854-1857. (21) (21)

Leopoldo Petry registra em São Leopoldo 4 escravos que se tornaram criminosos no período 1835-1857, entre os quais Joaquim e Belchior, condenados à pena última, sendo enforcados em São Leopoldo". (22)

Pereceu assassinado por um dos escravos da Feitoria de São Leopoldo, em 1815, seu administrador desde 1801, o padre Antônio Gonçalves da Cruz (23), autor de relatório sobre o estabelecimento e mencionado na bibliografia.



Foto de três peças da Artilharia Brasileira no ataque a Humaitá, em 16 jul. 1868, guarnecida por soldados brasileiros negros. É a única foto conhecida de uma ação de combate neste conflito.

(Fonte: CDOCEX - Arquivo Iconográfico)

O NEGRO NA GUERRA DO PARAGUAI

É indiscutível a presença significativa do negro e do mulato brasileiro, no Exército e na Marinha, no período 1864-70, em defesa dos Objetivos Nacionais Permanentes de Integridade e Soberania.

Cronistas paraguaios enfatizam este aspecto. Atualmente chegam a exagerar uma obra ultra-pragmática intitulada:

Rugidos de liones. (24)

Ela empana o brilho, valor e bravura militar do soldado paraguaio, fato reconhecido e nunca negado por seus adversários de mais de um século atrás.

Esta obra apresenta o célebre cabo Chico Diabo como negro. (25)

Constava como uma das premissas do utópico plano de Solano Lopes, segundo alguns escritores, quando da invasão do Rio Grande do Sul, a adesão, ao Paraguai, dos escravos do Rio Grande do Sul.

O tenente argentino Cândido Lopes pintou 48 cenas de batalhas desta longa guerra das quais foi testemunha.

Sua pintura caracteriza-se pela fidelidade à verdade histórica. (26)

Elas são célebres na Argentina e agora serão difundidas no Brasil pela Editora Record.

Nelas se nota a grande densidade de homens negros e mulatos defendendo o Brasil.

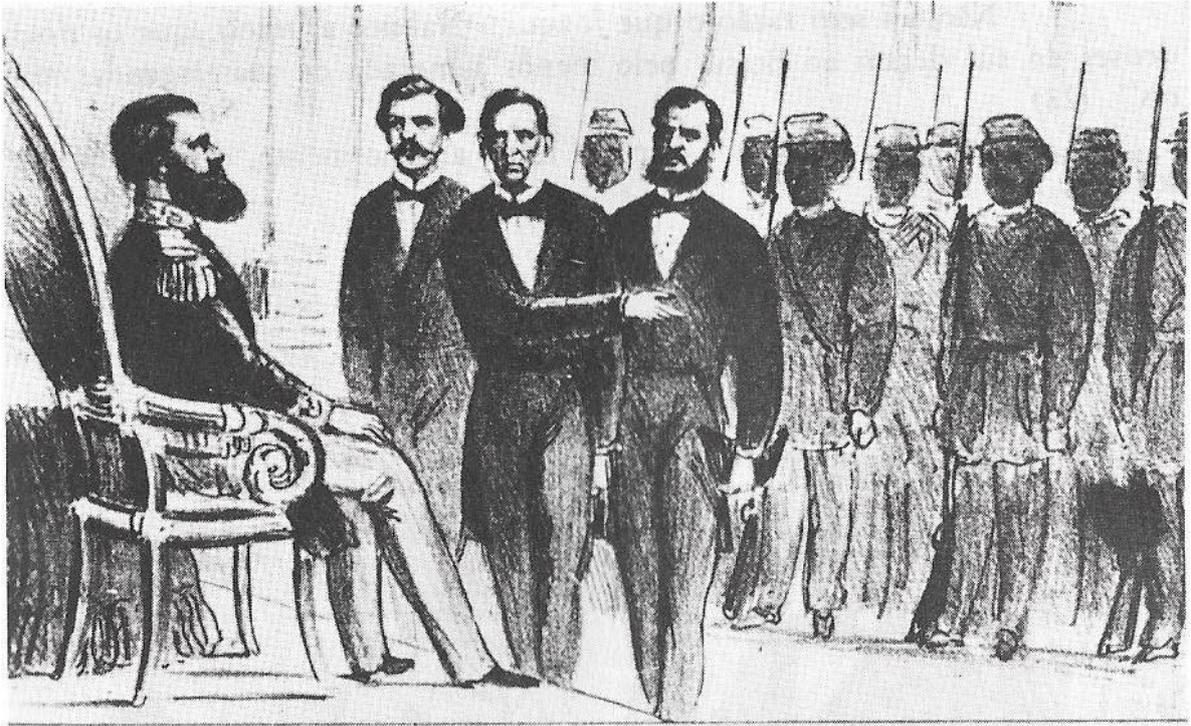
A única foto de tropas brasileiras atuando na guerra do Paraguai e reproduzida neste trabalho, apresenta no primeiro plano três peças de artilharia guarnecidas por homens negros.

Trata-se do ataque a Humaitá, em 16 de julho de 1868.

NEGROS QUE CONQUISTARAM SUA LIBERDADE COM A CONDIÇÃO DE LUTAR PELO BRASIL NA GUERRA DO PARAGUAI (1865/70)

CATEGORIA DA ALFORRIA PARA INGRESSO NO EXERCITO	ESCRAVOS LIBERTOS, POR PROVINCIA, PARA IREM PARA A GUERRA																			TOTAL POR CATEGORIA		
	ALAGOAS	AMAZONAS	BAHIA	CEARÁ	CORTE (GB)	ESP. SANTO	GOIÁS	MARANHÃO	M. GROSSO	M. GERAIS	PARÁ	PARAIBA	PARANÁ	PERNAMBUCO	PIAUI	R. G. NORTE	R. G. SUL	R. JANEIRO	S. CATARINA		S. PAULO	SERGIPE
LIBERTOS PELA NAÇÃO	-	-	-	-	274	-	-	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	287
LIBERTOS PELA CASA IMPERIAL	-	-	-	-	67	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	67
LIBERTOS POR CONVENTOS	-	-	12	27	27	-	-	16	-	-	17	8	-	9	-	-	-	-	-	-	6	122
LIBERTOS PELO GOVERNO	1	1	248	118	960	11	-	113	-	3	1	42	-	66	164	-	15	-	-	-	30	1773
LIBERTOS POR PARTICULARES	35	-	12	1	630	-	-	27	-	15	2	-	4	10	1	2	37	1	1	45	10	833
LIBERTOS PARA SUBSTITUIR OUTREM NA GUERRA	1	-	18	2	238	5	-	1	-	25	32	1	12	55	-	-	305	345	123	504	-	1667
TOTAL	37	1	290	148	2196	16	-	157	-	43	65	51	16	140	165	2	357	346	124	555	40	4749

FRAGOSO. História da Guerra entre a Tríplice...
Rio, Bibliex, 1960. v 5 pg.260 - 5.



Repercussão na Imprensa do Rio de Janeiro (1865-70) da libertação de escravos para lutarem como homens livres nas fileiras do exército na Guerra da Tríplice da Aliança.

(Fone: CDCEX-Arquivo Iconográfico – Semana Ilustrada – Rio)

Efetivo do Rio Grande

Participaram da Guerra do Paraguai, nas Forças Terrestres do Brasil 111.651 homens. (27)

Deste efetivo 4.483 foram recrutados no Rio Grande do Sul.

20.433 aí se encontravam antes do início da guerra e muitos gaúchos seguiram diretamente para a guerra, como a Brigada do General Antônio Neto ou para o exercício de funções civis junto ao Exército.

Poderíamos estimar a contribuição da Província do Rio Grande do Sul em mais de 30.000 homens, conforme afirmação de Moysés Vellinho, ilustre escritor sul-riograndense contemporâneo.

"Quanto a nossa contribuição em sangue, seria preciso lembrar que 30% das forças brasileiras lançadas contra Solano Lopes, saíram de nossas coxilhas, e isto quando fazia vinte anos que fora assinada a Paz de Ponche Verde?

Não foi sem razão o que Joaquim Nabuco afirmou: que os riograndenses do sul deram ao Brasil, pelo menos a metade de suas lendas militares". (28)

Os 4.483 homens a que me referi anteriormente, distribuíram-se da seguinte forma: (29)

Voluntários da Pátria	- 460h
Guardas Nacionais designados	- 3.387h
Voluntários e recrutas	- 279h
Libertos por particulares	- 37h
Libertos pelo governo	- 15h
Libertos (substitutos)	- 305h

4.483h

Destes, seguramente 357, eram ex-escravos libertos para o ingresso no Exército, ou cerca de 9%.

Poderíamos admitir que os negros e mulatos, livres ou libertos da província do Rio Grande do Sul, cooperaram para o esforço de guerra com cerca de 10.000 a 15.000 homens, respectivamente 1/3 e 1/2 do efetivo estimado para a participação do Rio Grande do Sul.

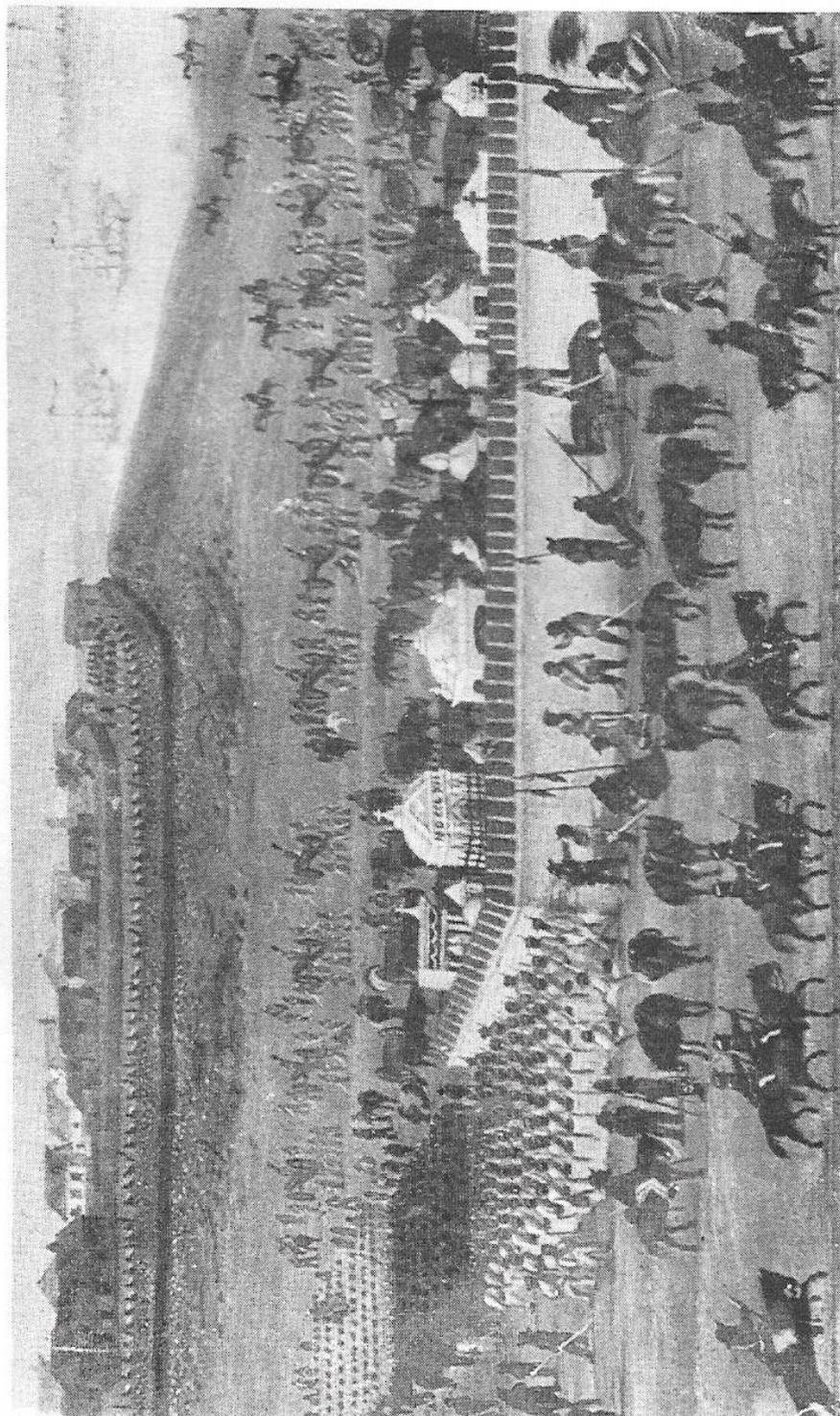
Isto equivaleria à contribuição da Guanabara (Corte) 11.467 h ou à da Bahia 15.227 h (30)

Estes foram os locais que mais combatentes enviaram para o Paraguai após o Rio Grande do Sul, segundo se conclui de João Nogueira Jaguaribe. (31)



Repercussão na Imprensa do Rio de Janeiro (1865-70) da libertação de escravos para lutarem como homens livres nas fileiras do Exército. Isto aceleraria a abolição, "pois antes de constituir-se uma desonra para o Exército este se tornou poderoso aliado dos escravos com vistas à Abolição da Escravatura", comovido com o patriotismo dos brasileiros negros e descendentes.

(Fonte: CDOCEX - Arquivo Iconográfico).



Rendição de Uruguaiiana (1865 set. 18). Óleo de Cândido Lopes. À esquerda junto ao cemitério observe-se a Infantaria Brasileira constituída predominantemente de soldados brasileiros negros e descendentes. A cena fixa tropas paraguaias cercadas em Uruguaiiana por tropas brasileiras, argentinas e orientais.

(Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico).

Patriotismo do negro

Joaquim Nabuco, em bela página relacionando o patriotismo com a Escravidão e esta como elemento degenerador do primeiro, escreveu:

"A Guerra do Paraguai é a melhor prova do que a escravidão fez ao patriotismo das classes que a praticavam, e do patriotismo dos senhores.

Muito poucos desses deixaram os seus escravos para atender o seu país.

Muitos alforriaram alguns "negros" para serem, eles, feitos titulares do Império.

Foi nas camadas mais necessitadas da população, descendentes de escravos na maior parte, nessas mesmas que a escravidão condena à dependência e à miséria, entre trabalhadores analfabetos cuja emancipação ela adiou indefinidamente, que se sentiu bater O CORAÇÃO DE UMA NOVA PÁTRIA.

FORAM ELAS QUE PRODUZIRAM OS SOLDADOS DOS BATALHÕES DE VOLUNTÁRIOS" (32).

Deste relato se conclui que os célebres batalhões de Voluntários da Pátria foram integrados por muitos negros e mulatos livres, além do Exército. Falta-nos a prova para a Guarda Nacional.

O General Tasso Fragoso, autor da mais completa história deste conflito e o que mais se ocupou, cientificamente, de nossas lutas com os descendentes de espanhóis no sul, assim viu e apreciou a presença do Negro no Exército:

"O Brasil foi acusado por libertar grande número de seus escravos e levá-los ao Paraguai como soldados do Exército em operações.

O FATO É REAL. Devemos envergonhar-nos menos disso, do que ainda conservarmos nessa época inúmeros de nossos compatriotas sujeito ao cativo". (33)

O Império libertou 4.749 escravos para ingressarem no Exército, conforme quadro publicado neste trabalho.

Isto muito antes de ser uma humilhação ao Exército, resultou em esta instituição "tornar-se a maior aliada da população negra e mulata escrava, com vistas a sua emancipação total". (34)

Atos de heroísmo do negro

Arthur Ramos, que entre nós estudou com maior profundidade a contribuição do negro neste conflito, afirma:

"O Negro teve brilhante atuação. Os batalhões negros distinguiram-se pelos seus atos de bravura, principalmente nos assaltos de infantaria, à baioneta

No assalto do forte de Curuzu, uma das mais importantes batalhas da guerra do Paraguai ... coube a maior glória às companhias de Zuavos Baianos, todas compostas

de negros, que fizeram debandar os adversários, hasteando no forte a bandeira brasileira. (35)

Em Curupaiti eles se comportaram com grande valor. Entre as 4.000 baixas aliadas deste cruento ataque frontal a uma posição fortificada, cerca da metade era de bravos soldados brasileiros negros e mulatos. (36)

Coincidência ou não, o comandante dessas batalhas, o Conde de Porto Alegre, é que daria, em 1869, importante passo para a Abolição da Escravatura.

Outro exemplo é de um corneteiro negro, chamado Jesus, a quem foi mandado dar o toque de avançar. Antes que começasse a executá-lo teve seus dois braços decepados por uma granada. Mesmo assim, sustentando o instrumento pressionado pelos lábios contra um ponto firme no chão, executou, em tempo oportuno, o toque de avançar, até desfalecer para morrer pouco após. (37)

No Rio Grande do Sul temos o imortal exemplo de seu valente filho, Marcílio Dias, símbolo, hoje, do marinheiro brasileiro heróico.

Seu retrato, inaugurado em todas as cobertas dos navios de guerra brasileiros, inspira todos os marinheiros do Brasil.

Foi um filho das generosas terras do Brasil Sul, que realizaria, mais de 220 anos após, feito comparável ao do herói que possuía o mesmo sobrenome - Henrique Dias.

Marcílio Dias, na batalha de Riachuelo, em 11 de junho de 1865, a bordo da corveta "Parnaíba", praticou atos inauditos de bravura e coragem em defesa do auriverde pendão - símbolo de nossa pátria.

Junto com Marcílio Dias celebrizou-se o cadete negro Antônio Francisco de Melo, natural da terra de Henrique Dias - Pernambuco.

Dionízio Cerqueira testemunhou a valentia de um intrépido e legítimo gaúcho histórico, magnífico produto da miscigenação do BRANCO -PRETO e ÍNDIO no Rio Grande do Sul.

Chamava-se capitão Manoel Rodrigues de Macedo, vulgo Folião.

Este bravo jurara laçar um trem inimigo pela chaminé quando ele aparecesse próximo de Luque, para disparar seus canhões sobre nossas tropas.

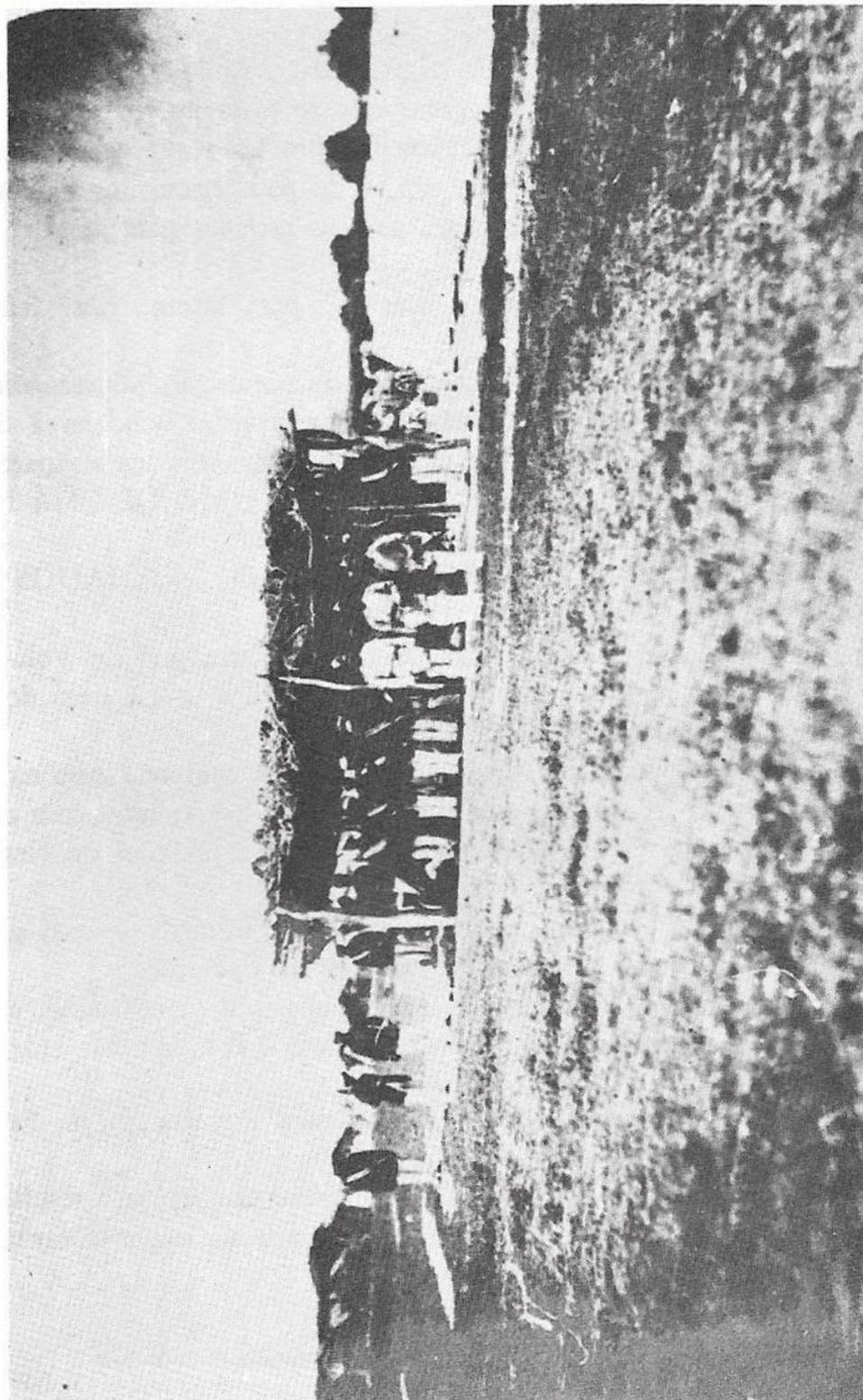
"Quando voltou de novo o trem, ele saiu à disparada em seu cavalo tordilho para cumprir o seu juramento, mas não pôde, porque a locomotiva desaparecera.

O Folião fora um dos ajudantes de Andrade Neves, e nas guerrilhas laçava os atiradores adversários e os arrastava ao galope do Branco (seu cavalo tordilho).

Nunca conseguiu, entretanto, molhar (38) a lança antes do general Andrade Neves.

Já era maduro naquela época.....

Mestiço de europeu, índio e africano, o atavismo deu-lhe os REQUINTES DA BRAVURA feroz dos seus antepassados. (39)



Guarda do Q. G. do Marquês de Caxias em Tuyu-Cuê, vendo-se grande número de soldados brasileiros negros.
(Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico).

Heroínas negras e mulatas do Rio Grande do Sul

A presença da mulher negra e mulata no Rio Grande do Sul foi marcante na campanha do Paraguai.

Muitas acompanharam seus maridos ou companheiros à guerra e os ajudavam em todas, as tarefas, inclusive no combate.

Dionízio Cerqueira assim descreveu a atuação da mulher brasileira na guerra. Não só da negra, como da branca e da índia, em número expressivo e naturais do Rio Grande do Sul, na maioria:

"Essas mulheres que seguiam o Exército não tinham medo de coisa alguma. iam às posições avançadas mais perigosas, levar a bóia (alimentação) dos maridos.

Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegaram-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancar o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los, no meio das balas, para os hospitais.

Algumas trocavam as amazonas (saias) por bombachas nos dias de combate E AS PONTAS DE SUAS LANÇAS FORMAVAM OS SALIENTES NAS CARGAS DOS SEUS REGIMENTOS" (40)

É um homenagem que está a dever-se à mulher do soldado da guerra do Paraguai. Talvez um dia esta descrição real seja imortalizada em bronze ou em óleo, como uma justa, embora tardia, homenagem à mulher rio-grandense, branca, preta, índia e mestiça, que atuou como combatente em nossas guerras do sul, em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil e da nossa Bandeira, síntese das mais legítimas aspirações e objetivos do povo brasileiro.

Dionízio Cerqueira referiu se a Anselmo Pureza, negro alto e musculoso que preparava sua comida e lavava sua roupa, além de afamado fabricante de cigarros.

Anselmo havia sido recrutado no Rio de Janeiro pelo Exército, por ocasião de uma revolta na qual o povo pedia ao governo:

"Carne sem osso, farinha sem caroço e toucinho do grosso". (41)

Pureza tinha como canção predileta "que entoava quando passava a cera nas correias e a tala nos metais, ou ENFIAVA O CHURRASCO NO ESPETO". (42)

Arrengo da vida solteira

Sempre deve casar o soldado

Deixar de fazê-lo é ser tolo

E por gosto perder bom bocado

Deve sempre cuidar o soldado

Em o cano da arma limpar

O gatilho trazer sempre limpo

Para não se enferrujar

A mulher trata tudo com mimo

Traz a chapa limpa com ouro

E a boneca de cera trabalha

Pra brunir esta coisa de oiro" (43)

Esta dupla soldado e mulher de soldado, ideal traduzido nesta cantiga entoada por Pureza, contribuiu para a maior eficiência de nossos soldados em ação.

O soldado cuidava do armamento e sua mulher da alimentação, de sua moral e de seu uniforme.

Ou, por outro lado, traduzindo em expressões muito usadas no Exército de hoje:

O soldado cuidava da atividade - fim e a mulher da atividade -meio.

UM E OUTRO NEGRO

O Negro esteve presente na Cavalaria da Guarda Nacional da então Província do Rio Grande do Sul, pelo que se conclui do relato abaixo, uma das mais belas páginas das Reminiscências (44) de Dionízio Cerqueira, cuja maior glória de sua vida foi a de ser comandado nesta guerra pelo então coronel Ti-búrcio, que tão destacada atuação teria, mais tarde, para que o Ceará fosse a Província que libertasse, em primeiro lugar, todos os seus escravos.

Dionízio Cerqueira foi deputado pela Bahia, Ministro do Exterior (1896-98) e interino da Guerra e da Viação.

Por este relato veremos que o negro e o mulato integraram, além de tropas do Exército e Voluntários da Pátria, a Guarda Nacional.

"Quando me fui postar à frente do meu contingente, aproximava-se da casa uma força de Cavalaria da GUARDA NACIONAL DO RIO GRANDE.

Montavam todos ã brida, (45) com as pernas estendidas e a ponta do pé apenas tocando o estribo.

Fizeram alto e apearam.

Havia oficiais, inferiores e soldados.

Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até o peito, e cabelos trançados que chegavam quase à cintura.

Seu guisamento (46) era digno de nota:

Longas adagas de fortes punhos com virotes em cruz e bainhas de prata lavrada.

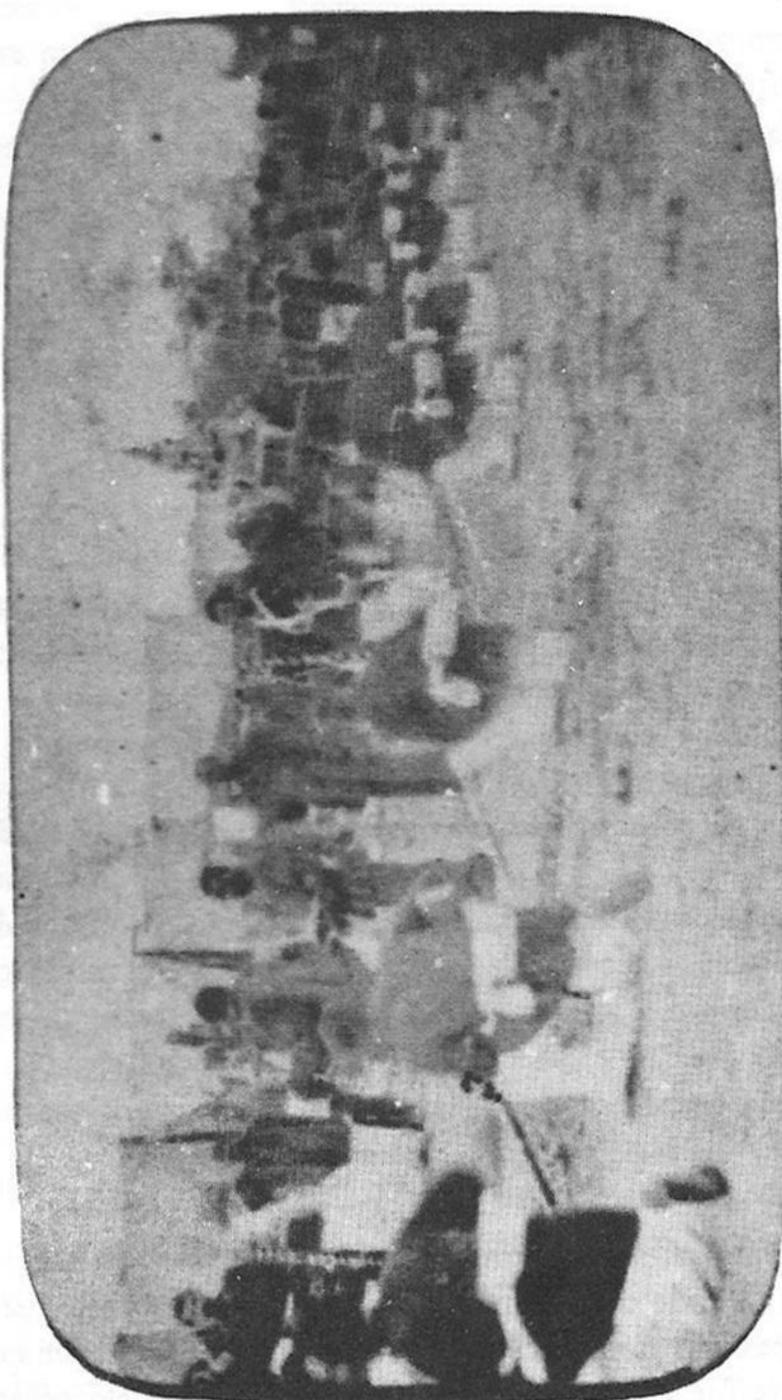


Foto de uma procissão durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-70), na qual aparecem soldados brasileiros negros e descendentes. (Foto: CDOCex-Arquivo Iconográfico).

Pesadas chilenas (esporas) também de prata, com tão longos copetes (47) que lhes chegavam aos artelhos, e cossouros (48) de tal diâmetro que lhes dificultavam a marcha. -

Chapéu de feltro de abas estreitas cobertos de ganga vermelha (49) e presos por barbicachos de borla à ponta do nariz.

Bombachas vermelhas ou negras e ponches de vicunha de cores vivas ou de outros estofos, bordados a seda e agaloados.

Espadas de ferradura, com três dedos de largura.

Lanças imensas de conto (50) de prata ou aço polido, de choupa (51) longa e brilhante, com galhos direitos ou em meias-luas invertidas, os cornos ponteagudos voltados para cima e para baixo, que mais pareciam lâminas de corregues e partazanas alemãs.

Um par de pistolas à cinta, na pistoleira (coldre) que era a larga guaiaca, espécie de bálteo coberto de chaparias e moedas, onde guardavam onças e libras de ouro, patações e bolivianos de prata.

Os cavalos tinham as crinas tosadas em gogotilho e as colas atacadas.

Cada cavalo tinha em cima um montão de prataria lavrada.

As cabeçadas com grandes meias-luas nas testeiras.

As rédeas de bombas ou passadores chatos ou esféricos.

As bridas de fortes caimbas, os florões e copas, os largos fiadores de chapas e filigrana, os bucais, os cabrestos, as cabeças dos serigotes (53), os estribos do século XVI (de grande picaria com longos bocais cilíndricos ou faceados), as cantoneiras das caronas de PELE DE TIGRE, os rabichos e os peitorais; tudo era de fina prata, lisa ou cinzelada.

Sobre os lombilhos e serigotes, pelegos negros, cobertos por uma badana e sobrecinha de couro de lontra, ou de veado, ou cinchões escarlates bordados e franjeados.

Todos tinham boleadeiras, (54) umas de marfim, outras de ferro retovadas de couro, presas debaixo dos pelegos do lado da garupa.

Em muitos, viam-se laços bem trançados e presos ao cinchador, do lado direito, enrodilhados sobre a anca e atados ao serigotes por um tento de lonca.

Poucos traziam na argola da sugigola ou do peitoral a chaleirinhade mate.

Era um quadro pitoresco.

Havia gaúchos altos e robustos, claros de olhos azuis e cabelos aloirados, outros morenos, musculosos, de cabeleiras negras e barba rarefeita (caboclos).

Alguns de LÁBIOS GROSSOS, DENTES ALVOS, MAÇAS DO ROSTO SALIENTES, NARIZ ACHATADO E CABELOS CACHEADOS CAINDO SOBRE OS OMBROS (mulatos), UM E OUTRO NEGRO.

Parecia uma cabila de guerreiros da Maurîtânia." (55)

Este relato atesta a intensa miscigenação branco, negro e índio, da qual resultou o gaúcho após 200 anos de mistura, desde a fundação da Colônia de Sacramento.

Esta força era possivelmente da região missioneira a julgar-se pela poeira vermelha (canga vermelha) que apresentavam na copa de seus chapéus.

Nesta região o Negro era pouco presente e os assinalados neste relato, numa proporção que estimamos de 15% sobre o total, eram o que poderíamos dizer, de posses, pela riqueza dos trajes, armamentos e arreamentos.

Esta página pode dar uma realidade aos tradicionalistas gaúchos de como se vestia e montava um filho do Rio Grande do Sul de 1865 — 70.

Fornece argumento valioso para uma reconstituição cinematográfica fiel, além de motivo para um pintor.

Negros amigos de Taunay e Diontizio Cerqueira

A julgar pelos relatos dos brilhantes escritores militares Visconde de Taunay e Dionízio Cerqueira, testemunhas e atores nesta guerra, grande parte dos oficiais possuíram soldados bagageiros e camaradas negros.

Taunay escreveu, ao referir-se à dedicação do soldado negro, Manoel Faria, camarada do seu companheiro de Comissão de Engenheiros, Chichorro da Gama, ambos colegas do grande engenheiro militar negro daquela comissão -André Re bouças: (56)

"Era incansável, sempre ao lado e à cabeceira do seu desventurado oficial. Entretanto OH! RAÇA NEGRA CAPAZ DE TANTOS SACRIFÍCIOS! esse homem muito tivera que sofrer por causa do próprio Chichorro da Gama. (57)

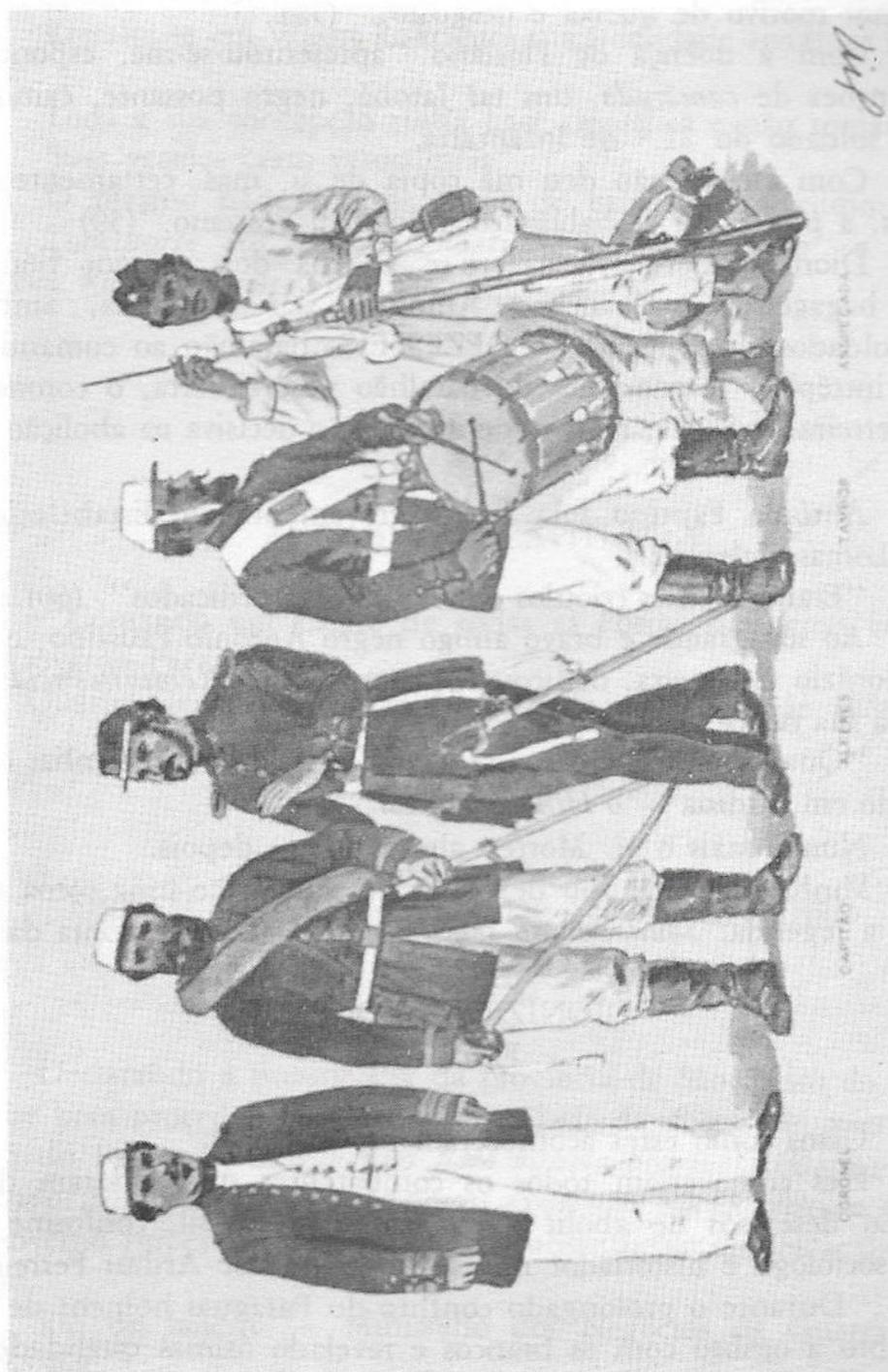
Taunay refere se a seu excelente camarada negro, soldado Floriano Alves dos Santos, que o "servia com extrema dedicação e de quem jamais teve'o menor motivo de queixa e desgosto." (58)

Com a doença de Floriano "apresentou-se-me, espontaneamente para as funções de camarada, um tal Jatobá, negro possante, caminhador incansável e soldado do 21.º de Infantaria.

Com efeito, não deu má cópia de si, mas, certamente, não tinha os desvelos, a presteza e as habilitações do meu Floriano."(59)

Dionízio Cerqueira refere-se a seus dois amigos fiéis, Antônio Faustino, bagageiro, e Francisco Antônio, seu camarada, ambos negros crioulos, soldados do

lengendário DEZESSEIS, batalhão ao comando do mais famoso e intrépido comandante de batalhão nesta guerra, o coronel Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, mais tarde de atuação decisiva na abolição no Ceará.



O Visconde de Taunay e Dionízio Cerqueira, militares brasileiros que participaram desta luta e sobre ela escreveram, testemunham o valor e a bravura dos soldados brasileiros negros e descendentes nesta guerra, confirmando a tradição dos bravos soldados negros da Guerra Holandesa que haviam ajudado, há 2 séculos, a salvar a Unidade e a Integridade ao Brasil em Guararapes. (Fonte: Uniformes do Exército).

Antônio Fautino fora ferido gravemente em Estabelecimento e o outro em Lomas Valentinas.

"Eram valentes crioulos e meus amigos dedicados". (60)

Ao seu grande e bravo amigo negro Antônio Faustino, o mais tarde general Dionízio Cerqueira, dedicou em suas célebres Reminiscência, as últimas palavras e a sua maior homenagem.

"Quando entrei em sua sapataria achei-o pondo tombas num sapato e assobiando em surdina — o Hino Nacional.

Nunca mais o vi. Morreu algun« meses depois.

Minha mãe mandou depositar no seu caixão uma coroa de sempre -vivas, com a legenda: Saudades do seu amigo, e, na outra ponta da fita, lia-se meu nome:

DIONÍZIO CERQUEIRA Fim" (61)

Casos como estes aconteceram aos milhares.

Eles comoveriam todos os combatentes que voltaram dos campos do Paraguai desejosos de abolir a escravidão no Brasil, conforme apreciação do ilustre sociólogo e historiador militar rio-grandense Arthur Ferreira Filho.

"Durante o prolongado conflito do Paraguai homens de cor haviam lutado ombro a ombro com os brancos e revelado ótimas qualidades militares, espírito de sacrifício, bravura e alto sentimento de compreensão na defesa da Pátria Comum." (62)

O escritor Gustavo Barroso e o pintor Washt Rodrigues realizaram uma grande pesquisa para a reconstituição dos uniformes das Forças Terrestres do Brasil, usados desde o início do século XVIII até 1922.

Em 1922, publicaram trabalho intitulado Uniformes do Exército Brasileiro, constante de 112 ilustrações, dentre as quais muitas dedicadas ao soldado brasileiro negro de 2 séculos. (63)

Algumas delas são apresentadas em local próprio neste trabalho

como fonte de prova histórica.

Ressalte-se em Washt Rodrigues sua fidelidade aos tipos humanos

Toda a sua concepção tinha base científica e não romântica. Suas versões eram verossímeis.

O mesmo não se pode dizer de quadros tais como: Carga Farroupilha - Transporte dos lanchões "Seival" e "Farroupilha" e Proclamação da República Rio-Grandense. (64)

ANEXO A AO CAPITULO V

"Comando em Chefe de todas as Forças Brasileiras em operações contra o Governo Paraguai.

Quartel-General em Surubí-hi, 16 de novembro de 1868.

ORDEM DO DIA N.º 263

.....

ORDEM DO DIA N.º 635 DE 12 DE SETEMBRO AVISO

Declarando à presidência da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, que bem procedeu o comando em Chefe das forças em operações contra o Governo do Paraguai, devolvendo para aquela província libertos que haviam sido remetidos como substitutos de praças existentes no Exército; e que só compete ao Governo Imperial resolver sobre as substituições de praças que estiverem ali servindo.

Rio de Janeiro — Ministério dos Negócios da Guerra em 24 de Agosto de 1868.

limo. e Exmo. Sr. — Acusando o recebimento do ofício dessa presidência n.º 136 de 9 de Maio do corrente ano, comunicando a este Ministério haver o comandante das forças em operações contra o Governo do Paraguai, devolvido para essa província dez libertos, que haviam sido remetidos para o Exército como substitutos de praças que ali se achão servindo em diversos corpos; declaro a V. Ex.a para seu conhecimento e execução, e em resposta ao mencionado ofício, que bem procedeu o mesmo comando em chefe, por quanto mais indivíduos, não possuindo as qualidades precisas para o soldado em tempo

de guerra, não podem preencher a falta que deixão nas fileiras aqueles a que são destinados a substituir, e bem assim que, achando-se os corpos em campanha fora da jurisdição das presidências de província a estas não compete, mas sim ao Governo Imperial, resolver sobre as substituições de praças que ali se achem servindo.

Deus guarde a V. Ex.a — Barão de Muritiba — Sr. Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul."

ANEXO B AO CAPÍTULO V

O NEGRO GAÚCHO NA OBRA DO VIAJANTE ALEMÃO, ROBERTO CRISTIANO
BERTOLDO AVÊ-LALLEMANT-1858

O viajante

Avê-Lallemant nasceu em Lubeck — Alemanha em 1812 onde veio a falecer em 1884. Estudou em Berlim, Paris e Kiel, onde se doutorou em 1837.

Viveu no Brasil cerca de 17 anos, principalmente como médico da Santa Casa de Misericórdia, no Rio.

Realizou importantes viagens pelo mundo. Em 1858 viajou pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Esta viagem consta da seguinte obra original:

AVÊ-LALLEMANT. Roberto Cristiano Bertoldo. Reise Durch Sud-Brasilien (Erster-THEIL). Alemanha-Leipzig-1859-

Em 1953 foi editada pelo Instituto Nacional do Livro com a seguinte denominação:

AVÊ-LALLEMANT, Roberto. Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858. Rio de Janeiro, I.N.L., 1953.

(Tradução, revisão ortográfica e estilística e cotejo do original realizados por equipe do Instituto Nacional do Livro).

Viagem ao Rio Grande do Sul

Dominando bem o Português, Avê-Lallemant realizou viagem na então Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, a cavalo e fluvial, atingindo, entre outras, as seguintes localidades atuais:

Rio Grande - São José do Norte - São Leopoldo - Novo Hamburgo - Rio Pardo - Candelária - Restinga Seca - Santa Mari - São Borja - Itaqui - Uruguaiana -Alegrete - São Gabriel - Caçapava - Cachoeira - Rio Pardo - Porto Alegre - São Jerônimo - Viamão - Rio Grande - Pelotas - Monte Bonito e Rio Grande.

Segundo Teodoro Cabral, por onde Ave-Lallemant ia "procurava ver tudo. O solo, a paisagem, a flora, a fauna, o homem, a economia, a vida social, os usos e costumes-tudo lhe merecia atenção". (1)

O autor ao prefaciá-lo seu livro sobre o Sul do Brasil registrou:

"Escrevi estas páginas debaixo de árvores, em choças, entre europeus, negros, índios e mestiços, às vezes em cômoda situação de vida, às vezes constrangido às mais duras privações, sem teto, sem cama, sem comida e sem bebida..." (2)

Suas observações, realizadas 37 anos após as de Saint-Hilaire, são mais completas, mais universais, mais precisas, mais comunicativas e portanto mais valiosas.

Foram feitas entre duas guerras externas, contra Oribe e Rosas (1851—52) e a do Paraguai ou da Tríplice Aliança, ou 6 anos após a primeira e igual período antes da segunda.

Ao autor, 6 anos antes, pareceu que a última era mais ou menos inevitável ao escrever:

"De Rio Pardo seguiram vários oficiais do Rio de Janeiro para a fronteira, onde por desmandos e duplicidade política de Lopes, do Paraguai, a guerra parecia mais ou menos inevitável". (3)

A leitura da obra desse grande viajante alemão emociona e a aconselho a todos que desejem ter uma idéia real do Rio Grande do Sul de um século atrás.

Não se arrependarão.

Ficarão devendo-me um favor, além de nostálgicos, por não terem podido viver naquela época áurea.

O autor refere algumas vezes à presença de africanos negros e descendentes na paisagem humana da Província.

Estes dados complementarão as observações de outros viajantes ou escritores estrangeiros.

O Negro em Porto Alegre

"Como em todas as cidades do Brasil, a população da Província não é uniforme, não possui coloração determinada.

Vêm-se, contudo, muito menos em Porto Alegre relativamente ao número de habitantes do que no Rio de Janeiro. Ao contrário, parece estar em extinção o elemento índio." (4)

Numa venda em Candelaria

O autor hospedado numa venda.

"Apareceram então algumas pessoas. Primeiramente um negro livre (forro) e sua esposa, ambos a cavalo.

Em seguida um velho brasileiro (branco) de simplicidade e modéstia quase infantis.

Depois dois caboclos - uma dupla impressionante.

Ambos altos e vigorosos, de cabelos longos, espessos e negros, barba crespa, perfeitas fisionomias de índios, mas atrevidos, com pequenos ponchos e grandes esporas.

Comportavam-se com desembaraço, mesmo atrevidamente e insultavam o velho até que ele se esgueirou.

Realmente horrorosos os dois homens, verdadeiros bandidos, e por isso mesmo me interessavam.

Davam-me a impressão de fantásticos centauros que tivessem amarrado seus corpos de cavalo à porta.

Fizeram alarido até a uma hora. DEPOIS SAÍRAM AO TROTE E AINDA, AO LONGE DELES SE OUVIA O RISO RELINCHADO". (5)

Na travessia do Jacuí próximo a Restinga Seca

Junto ao rio Jacuí, próximo a uma passagem particular do rio.

"Aqui vivia inteiramente isolada, num pequeno rancho, uma família morena, composta de negros e índios.

Sem nenhuma timidez e com certa alegria, prepararam-se os homens para passar-nos.

Minha chegada parecia-lhes um acontecimento inaudito.

Foram desselados os animais e conduzidos através do rio, nadando atrás das canoas muito estreitas.

Nós, os homens, fomos transportados após, um a um, pois ambas as canoas usadas eram muito estreitas e pequenas, de maneira que, além do remador, só podiam receber uma pessoa, que devia sentar-se ao fundo.

A borda da pequena canoa pouco se elevava acima da água e a gente devia apenas respirar e não se mexer, pois esta travessia de um rio largo e profundo e com certa correnteza, é um trabalho muito arriscado

Segui depois através da mata, com meus dois camaradas (expressão usada no original alemão), como é costume na Província do Rio Grande de São Pedro do Sul chamar-se os companheiros de viagem, sem distinção de classe e cor". (6)

Uma roda democrática de mate

Na frente de uma venda próximo a Santa Maria escreveu Avê-

Lallemant:

"Em menos de um minuto tem-se na boca o símbolo da paz, da concórdia, do completo entendimento — o mate!

Acontece com a cuia de mate como com a tabaqueira de rapé.

Esta anda de nariz em nariz e aquela de boca em boca.

Primeiro sorveu um pouco um velho capitão. Depois um jovem, um pardo (mulato) decente, depois eu (alemão) depois o "spahi" (francês), depois um mestiço de índio e afinal um português, todos pela ordem.

Não há nisso pretensão de precedência, nem senhor e criado.

E uma espécie de serviço divino, uma piedosa obra cristã, uma comunidade moral, uma fraternização verdadeiramente nobre, espiritualizada!

Todos os homens se tornam irmãos, tomam mate em comum!

Quem participa de uma roda de mate pela primeira vez, julga estar numa loja maçônica.

O erudito clássico vê, na pequena cuia, a edição in-doze da "mystica Vannus" dos tempos pré-cristãos e o domínio da loura Ceres". (7)

Hospitalidade de uma estância

Próximo do passo do rio Jacuí.

"O Sr. Davi Pereira Soares não estava em casa, mas breve voltaria com a família que fora à casa de um vizinho.

Entretanto uma mulher negra me trouxe uma cuia de mate; recebi-a e tomei um sorvo, declarando assim que desejava pousar.

Então ela abriu um quarto de hóspedes, bonito e asseado, com três espaçosas camas, como se a residência de um estancieiro fosse ao mesmo tempo um hotel.

Bem junto do primeiro quarto de hóspedes, descobri mais dois outros.

Num momento o Sr. Davi poderia transformar sua sólida estância Rincão da Tranqueira em bonitas "chambres garnies" de Montmorency e Enghien, embora das janelas não se pudesse ver Paris". (8)

Um negro gaudério entre "cossacos do Rio Grande"

Em São João - Mirim, nas Missões, Avê-Lallemant hospedou-se na venda do alemão Oberstein, que imigrara em 1824 para São Leopoldo, e mais

tarde, adulto, fora com o irmão radicar-se naquele local, acompanhados ambas as esposas.

Ali o viajante viu figuras típicas que lembram o gaúcho Martirr. Fierro e seu amigo, o gaúcho negro Cruz, do famoso poema campestre de José Hernandez, que no ano seguinte lutaria ao lado de Urquiza nas batalhas de Cepeda e Pavão.

"Da colina desceram, galopando, alguns cavaleiros.

Dois deles pareciam animais selvagens, mestiços de índio, robustos, rosto atrevido e barba crespa.

Toda a aparência lhes traía a mesquinhez, mas também uma certa originalidade.

Da cinta pendia-lhes a longa faca que, para eles, é tudo: o objeto predileto, seu ídolo, na verdade, o cris destes fronteiriços que eu poderia chamar Os cossacos do Rio Grande.



Estância do Cristal Município de Canguçu-RS. Tomou este aspecto em 1857, época em que Avê-Lallemant viajou pelo Rio Grande do Sul. Nela ainda se conservam alguns vestígios da escravidão, como a senzala, É testemunha da época áurea da vida pastoril da então Província do Rio Grande de São Pedro do Sul e está a necessitar amparo do poder público para que não desapareça por completo.

(Foto de Jesus Bento Martins-1972).

Afiar a boa e elástica lâmina na soleira da porta e experim tam-lhe o fio com os dedos, como se fossem um quadro de Salvador Rosa.

Enormes, como entre todos esses gaúchos-cossacos, as suas esporas. Tais mostrengos pesam cerca de meia libra. As rosetas medem até quatro polegadas de diâmetro e retinem no chão durante a marcha a pé.

Quase poderia compará-las a uma espécie de bicicleta em que passeiam esses cavaleiros da aventura.

Entrementes ficaram os cavalos arquejando diante da porta, carregados com a complicada sela e mais trastes.

Pois estes tártaros do rio Uruguai não têm casa. Levam vida nômade.

Acompanhavam-nos um jovem índio barrigudo e um negro. Compraram um bocado de pão e de mate.

Depois tudo foi metido num alforje, que o jovem índio carregou timidamente, aíris do semi-selvagem, pois estes semi-animais são nobres em relação aos índio, puro-sangue.

São genuínos cavaleiros, que vivem na sela e por isso não podem ter residência fixa.

Insolência, atrevimento e expressões vulgares são as suas canções de trovador e o tinido das esporas o seu tanger de guitarra.

São realmente típicos estes "gaviões", como são chamados, e do alto de minha pilha de madeira, divertia-me observando os atrevidos fronteiriços, teiriços.

Foi-se o grupo num galope louco e a poeira encobriu os animais".(9)

Na venda de Frederico Kruel em Carajazinho

"No armazém onde eu apeei por um momento, reinava muito boa ordem. Havia de tudo, mesmo para a vida do campo. Desde o sapato parisiense até a colossal espora do peão...

No sapato envernizado parisiense mete-se, amanhã ou depois, o pé de uma mulata, de uma índia ou de uma imigrante alemã e, no passeio a cavalo, a sombrinha protegerá tanto os cabelos louros de uma europeia, como a cabeça de uma negra africana ou de uma índia guarani sul-americana." (10)

Um capitão mulato comandante do Povo de São Miguel

Em São Miguel o autor encontrou-se com o capitão da Guarda

Nacional, Adriano José Bueno, para quem trazia uma carta de recomendação.

"O capitão nos fez a mim e meu "spahi" o amável convite de aceitarmos seu pobre teto ()

Era o capitão mulato alto, robusto, de aparência sadia.

Queixava-se, no momento, de uma contusão no joelho.

A seu lado, uma índia esbelta, de rosto oval e melancólico, boca silenciosa, muito encantadora, em torno da qual parecia haver um sorriso extinto para sempre

la e vinha uma índia mais velha, que parecia ser sua mãe(.....)

Ao lado deles estava "um alemão, um baixo-alemão do Meclemburgo.

Eu julgava a princípio que todo o europeísmo acabara nas Missões e agora tinha diante de mim o baixo-alemão da região de Lubeck! (.....)

Foi-se o alemão! E pareceu-me singular que quatro pessoas encontradas aqui numa casa modesta pertencessem às três raças principais, a branca, a negra e a amarela.

Conforme contou-me o capitão, o alemão, há longo tempo, matara à faca, um homem numa briga (.....)

Meu capitão mulato, que representa em São Miguel a polícia, contou-me algumas histórias sangrentas, muito curiosas, verdadeiras vinganças como na Córsega, às vezes, horripilantes". (11)

Uma estância próximo a Sao Borja—hospitalidade.

"Diante da segunda estância estava uma índia bem vestida que, quando lhe perguntei o caminho, pediu que apeasse e entrasse em casa.

É clássica esta hospitalidade nos longínquos campos da Província do Rio Grande de São Pedro.

Enquanto um indiozinho cuidava do meu cavalo, um homem negro punha a mesa e serviu-nos comida, de modo que tive de gozar um pequeno repouso, uma vez que a visita de um europeu desconhecido pareceu notável à boa dona de casa índia". (12)

Lavadeiras no passo do rio Icamaquã Embora provisoriamente, abundava intensa vida no rio Icamaquã.

Nos arroios cor de fez, algumas mulheres índias e negras lavavam suas roupas. A parte superior, desnuda, dos corpos das mulheres ficava bem sobre a massa de pedra vulcânica.

As mulheres pensaram que podíamos atravessar, mas a água vinha até a sela.

Veio finalmente um indiozinho de 9 anos numa pequena canoa para atravessar-nos.

O menino era interessante com seu chapéu de feltro no qual parecia residir todo o seu orgulho.

Conduziu a canoa para uma margem e a outra, com muita calma e habilidade.

Por fim montou um cavalo e atravessou o rio com grande afoiteza.

Com sua seriedade e fleuma de barqueiro de passo de rio, o piazinho era deveras curioso". (13)

Cadeia de São Borja em 12 de abril de 1858

Avê-Lallemant foi até a cadeia de São Borja para entregar a um preso "guasqueiro" peças de seus arreios para consertar. E assim nos descreveu a cadeia:

"Examinei na ocasião o longo salão dos presos e confesso que mesmo num jardim zoológico dificilmente teria visto mais heterogênea mistura de raças, começando com um negro retinto e terminando com um farsante francês de pele branquíssima, cujo destino o deixara somente com as calças no corpo.

Era músico das forças estacionadas e algum tempo antes assassinara uma índia com nove facadas.

As facadas em todas as suas modalidades eram a causa principal da entrada para a cadeia." (14)

Na estância Santana, de Rufino Rodrigues dos Santos "Pertencem à estância Santana 4 milhas quadradas de campos verdes.

Mais de 4.000 reses pastam nos amplos campos.

Há ainda numerosos cavalos para o uso da casa e obtenção de muares.

Tudo atesta abundância no meio de uma educação que se reconbezia até nos escravos.

.....

Por isso a visita casual à estância de Santana do senhor Rufino Rodrigues dos Santos foi e ficou sendo um momento feliz na minha viagem ao Rio Grande.

E diga alguém que nas solitárias coxilhas das margens do Uruguai não possa medrar a boa educação". (15)

Noite "sinistra" no Passo Limão

A caminho de São Gabriel, Avê-Lallemant teve de pousar numa miserável hospedagem no Passo São Simão. Passou então uma noite "sinistra", temeroso de ser assaltado ou assassinado, temor infundado, idêntico ao de seu patrício Carlos Seidler, 30 anos antes, numa hospedaria no Capão do Leão.

"E nisso moviam-se, umas para as outras, as estranhas fisionomias. *Um jovem mulato de rara fealdade, uma índia, um português, um caboclo escuro meio louco, com exagerada atenção e amabilidade para corn lon*

Na mesa e em todos os cantos, espingardas, pistolas, facas, espadas.

.....
Se quisesse acrescentar uma infinidade de pormenores para completar o quadro que me tocava, ficaria o leitor na minha situação e teria medo. Não me lembro, depois, de noite mais inquietante.

.....
Depois de ter tomado mate na mesma cuia e na mesma bomba que os moradores daquela estranha casa, apertei a mão de todos e viajamos com o negociante do Alegrete, em trote rápido, para fazer, até a noite, as 13 léguas de distância até São Gabriel". (16)

Um soldado negro da Artilharia de Mallet um dos maiores vaqueanos do Rio Grande do Sul em 1858.

Em São Gabriel "destaco especialmente minha recepção pelo major Emílio Mallet (atual patrono da Artilharia do Exército Brasileiro), francês ao serviço do Brasil e chefe da Artilharia em São Gabriel.

Pôs a minha disposição todos os auxílios desejáveis, cavalos e escolta militar, para a continuação da viagem, e eu tinha antes que declinar a sua amabilidade do que aceitar ou pedir qualquer coisa.

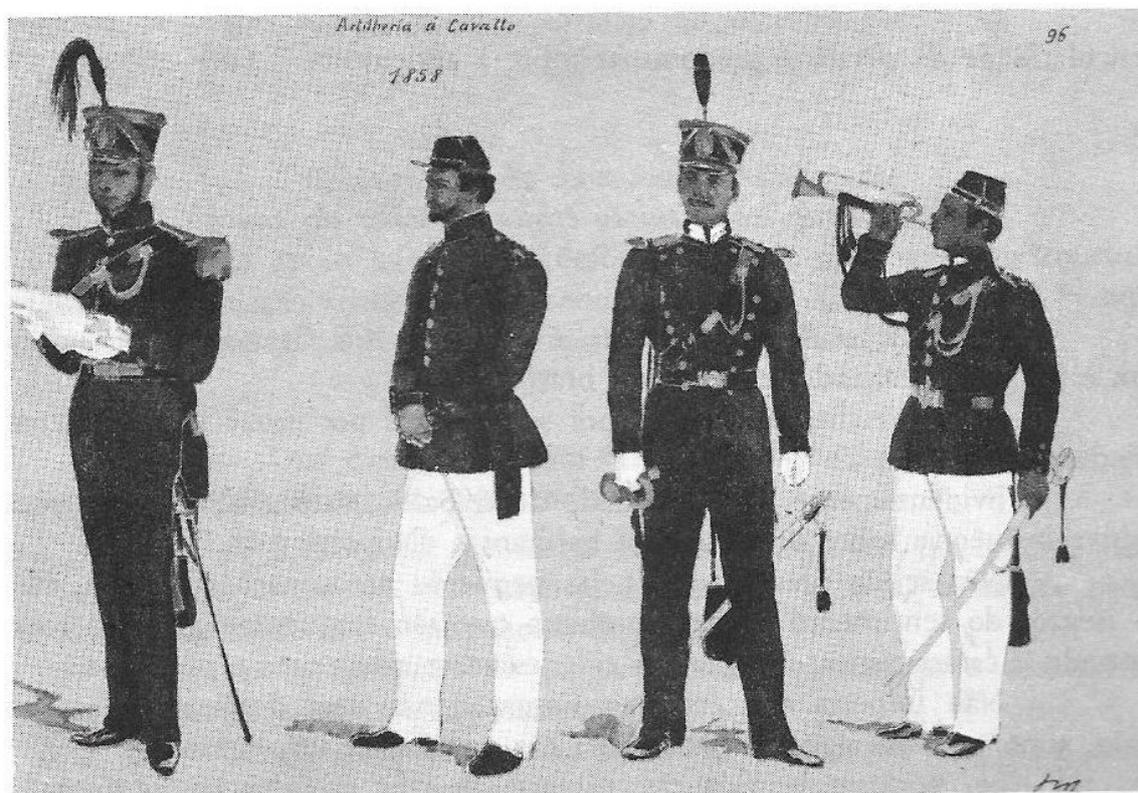
.....
E a 9 de abril de 1858, às 9,00 horas, chegaram os cavalos enviados pelo obsequioso major Mallet.

Em vez dos 3 que me eram necessários mandou-me, o honrado homem, 8 animais e *mais um artilheiro negro tido como um dos melhores tapejars {vaqueano conhecedor de caminho} de toda a Província. "* (17)

O guia negro de Lallemant o conduziu através de um atalho até Caçapava, e após Rio Pardo, onde se despediu.

Em certa altura observou:

"A propósito faço a despreocupada observação de que na verdade sou cavaleiro mais duro e obstinado que o *artilheiro negro* e o meu "spahi". (18)



Uniformes do Regimento do Major Mallet em São Gabriel - 1858. A essa unidade pertencia o soldado negro, cedido por Mallet, para guiar Avê-Lallemant até Rio Pardo, considerado o maior "tapejara" do Rio Grande do Sul, na época. (Fonte: BARROSO, Gustavo. Uniformes do Exército Brasileiro).

A escravidão na Província

"Pode-se estimar o número de habitantes da Província em 300.000.

Destes, menos de 200.000, sem distinção de cor, têm direitos de cidadãos livres. Menos de 100.000 são escravos.

Os restantes são estrangeiros, dos quais só alemães deve haver de 25.000 a 30.000 indivíduos.

A minha avaliação sobre o número de escravos é vaga.

Devo estimá-los para menos do que para mais.

É precisamente isto um dos fatores do desenvolvimento da Província, que já está em curso e do qual se espera muito mais.

O veneno da escravidão não penetra tão fundo no Sul como no restante do Brasil.

O menor número de escravos dessa Província explica-se por sua particularidade da pecuária predominar sobre a agricultura." (19)

Hospitalidade, constituição étnica e caráter do gaúcho do RGS — 1858

"A criação de gado, como é feita no Rio Grande, pede muita terra e pode ser realizada com poucos braços.

Aliás, geralmente é feita por si mesma e por isso é praticada com pouco cuidado.

Evidentemente essa facilidade do trabalho e de ganhar a vida teve decisiva influência sobre o caráter dos habitantes do interior da Província.

Não sendo pressionados pelas pequenas preocupações da vida, eles são isentos do sentimento de mesquinaria que tão frequentemente em todo o mundo é característica das grandes cidades entre merceeiros e operários.

Não importa em geral ao rio-grandense uma despesa, ceder um cavalo, uma vaca ou algumas libras de carne ou receber um estranho.

Se, por um lado, a circunstância de que nos imensos campos de sua terra as residências ficam distantes umas das outras e de que absolutamente não há hotel, obrigando, por amor ao decoro, a uma certa hospitalidade, por outro lado a hospitalidade espontânea, oferecida de boa vontade, / *um traço profundamente característico da maioria dos estancieiros e mesmo das pessoas pobres, se tais existem no país — hospitalidade na mais ampla escala.* Prova-o, quase todos os dias, o itinerário de minha peregrinação. Aliás, não há pior fama na Província do que a de inospitaleiro, como, por exemplo, a que possui em toda parte, aquele Couto Rico de Itapevi. (Istância do Comendador Jobim)

Dessa hospitalidade se origina uma série de boas qualidades.

Frequentemente acanhados, a princípio, logo se tornam francos, sinceros e sempre corteses, ávidos de saber, mas modestos em perguntar, impávidos e corajosos, sem provocação.

Essa é a característica dominante de todos os que conheci.

É difícil descrevê-los pela constituição física, pois são de variadas origens e em geral procedem das três raças, negra, índia e européia. Em minha peregrinação estive em contacto com todos esses elementos e entendi-me perfeitamente com todos eles.

Já é muito diferente nas cidades, vilas e freguesias da Província, onde a vida tende a desenvolver-se em todas as formas em que a própria Europa procura desenvolvê-la. Aqui é traço característico a cortesia e a amabilidade e, depois que a gente se identifica, a verdadeira bondade do coração, que eu, pelo menos, encontrei em toda a parte.

E não devo escrever coisa diversa do que encontrei". (20)

Conclusões com base em Avê-Lallemant

Com apoio nas observações de Avê-Lallemant podemos concluir c seguinte em relação ao negro e descendentes no Rio Grande de São Pedro dc Sul, decorridos 121 anos de sua fundação por Silva Pais.

1 — Que eles numeravam cerca de 50% da população, dos quais estimo em 60.000 livres e 90.000 escravos.

2 — Inexistência de linha de cor rígida ou preconceito racial. Exemplos: roda de chimarrão e o uso da palavra *camarada* para o tratamento de um companheiro de viagem.

3 — Apresentação de regular número de negros e descendentes nas Missões, conforme sua afirmação:

"Vêem-se numerosos negros em São Borja, não porém em mesma proporção com a população branca, como na parte oriental do Brasil". (21)

4 — Negros e descendentes nas mais variadas situações. Capitão da Guarda Nacional, soldado de artilharia e renomado vaqueano, gaudério, livre e casado, prisioneiro, lavadeira, empregados de estância, escravos em estâncias e pastor de ovelhas como este:

"Meu binóculo prestou um bom serviço. Num distante cerro descobri um rebanho de ovelhas brancas e pretas que desde a manhã tinham desaparecido da fazenda e que podiam ser buscadas imediatamente, grande alegria do negro encarregado do partorejo". (22)

Notas referidas à edição brasileira		
do INL v-1		
pág.	pág.	pág.
1.....Pref XII	9	215 16
2..... 1	10	211 17
3..... 143	11	223 18
4..... 143	12	245 19
5..... 176	13	248 20
6..... 186	14	264 21
7..... 191	15	265 22
8..... 192		257

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO V

(Referidas à bibliografia)

- 1 - CIDADE. *Síntese de três séculos de Literatura Militar*, p. 229
- 2 - TITARA. *Memórias do Grande Exército...*, p. 229
- 3 - idem, idem, p. 209
- 4 - idem, idem, p. 266
- 5 - idem, idem, p. 173
- 6 - SCHMID. *Os Resingões*, p. 21
- 7 - OSÓRIO. *A Cidade de Pelotas*, p. 54
- 8 - SIBER. *Retrospecto da Guerra contra Rosas*. p. 395
- 9 - idem, idem, idem
- 10 - Documentos às páginas
- 11 - idem, nota 8, p. 398
- 12 - idem, idem, p. 398
- 13 - idem, idem, p. 404
- 14 - idem, idem, p. 409
- 15 - idem, idem, p. 505
- 16 - idem, nota 7, p. 54
- 17 - idem, idem, p. 55
- 18 - idem, idem, p. 205
- 19 - idem, idem, p. 53
- 20 - idem, idem, p. 159
- 21 - idem, idem, idem
- 22 - PETRY. *São Leopoldo*, v 1, p. 92
- 23 - idem, idem, p. 33
- 24 - Obra ultrapragmática comemorativa do Centenário da Guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai. Consta em sua última página: "Este livro foi declarado Obra Útil para todos os integrantes das Forças Armadas do Paraguai por seu Comando-em-Chefe (Ordem Geral n.º 59, de 18 de julho de 1968) Registro Intelectual n.º 23.251".

A obra apresenta nos quadros 9, 12, 17, 28 e 29 a bandeira da República do Brasil ao invés da Imperial e mesmo assim fora das proporções. É lamantável esta forma de ultrapragmatismo histórico sob o incentivo oficial, quando no Brasil toma-se tanto cuidado em não ofender nossos adversários de ontem e irmãos de hoje, em detrimento, mesmo, do culto da memória dos bravos brasileiros que tombaram nesta guerra.

- 25 - idem, idem, quadro 37
- 26 - Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31/3/1974
- 27 - FRAGOSO. História da Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai, v 5,p.264
- 28 - VELLINHO. Capitania Del Rey. p. 219
- 29 - idem, nota 32, v 5, p. 203
- 30 - idem, idem, p. 260
- 31 - idem, idem, p. 204
- 32 - NABUCO. Abolicionismo, p. 187
- 33 - idem, nota 32, v 5, p. 218-219
- 34 - idem, idem, nota 37
- 35 - RAMOS. O Negro como soldado, p. 179
- 36 - BENTO. Evocação da Guerra do Paraguai, p. 133
- 37 - idem, nota 40, p. 170
- 38 - Molhar — No sentido de usar a lança no corpo do adversário
- 39 - idem, nota 17, p. 410
- 40 - idem, nota 17, p. 399
- 41 - idem, idem, p. 192.
- 42 - O autor observa o uso generalizado do churrasco até pelos baianos
- 43 - idem, nota 17, p. 192
- 44 - idem, idem, p. 402—403
- 45 - A brida — Com os estribos esticados e as pernas distendidas
- 46 - Guisamento — empregado no sentido figurado como equipamento,armamento e vestuário (aperos)
- 47 - Copetes — O Pequeno Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda não registra. Acreditamos tratar-se de correntes de prata para prender e enfeitar as esporas.
- 48 - Cossouros — Rosetas da espora.
- 49 - Mancha proveniente da mistura do suor com a poeira vermelha característica da região das Missões
- 50 - Conto — extremidade inferior da lança ou junto ao cabo da lança
- 51 - Choupa — ponta de ferro ou aço da lança
- 52 - Guaiaca — s. cinto largo de couro, usado pelos campeiros para guardar dinheiros e pequenos objetos, havendo também uma parte que serve para carregar armas, pistola, faca, etc. As antigas guaiacas eram todas ornadas de moedas de prata e ouro. Vide Vocabulário Sul-Rio-Grandense, p. 214.
- 53 - Serigote — Espécie de lombillo mais curto que o ordinário. Este nome, segundo Roque Callage, é corruptela da palavra alemã sehr gut = muito bom. Eles começaram a ser fabricados em São Leopoldo. E um dos seus fabricantes alemães, ao fazer propaganda para um gaúcho de seu produto disse: Das sehr gut.
- 54 - Boleadeira — Três esferas de pedra ou de ferro envolvidas por retovo (revestimento de couro). Estas esferas ligam-se. por meio de cordas de couro, denominadas sogas das boleadeiras. Duas bolas são de igual tamanho, e a terceira menor, chamada manicla ou manica, é a que o boleador empunha para manejar o conjunto. Sinônimo: bolas, três marias, pedras.
- Vide Vocabulário Sul-Rio-Grandense — 1970
- 55 - idem, nota 17, p. 402-3

- 56 - idem, nota 40, p. 117
 57 - Taunay, Memórias, p. 214
 58 - idem, idem, p. 231
 59 - idem, idem, p. 232
 60 - idem, nota 17, p. 395
 61 - idem, idem, p. 493
 62 - FERREIRA FILHO. História do RGS. p. 117
 63 - BARROSO. Uniformes do Exército Brasileiro. Este trabalho é analisado por CIDADE, Síntese de três séculos de literatura militar, p. 443—446
 64 - Vide Bento Gonçalves in: Grandes Vultos de Nossa História, Editora Abril Cultural.

CAPITULO VI

DO ABOLICIONISMO A ATUALIDADE

Precursos gaúchos

Rio Grande do Sul ocupa local de destaque no Brasil na luta pela abolição da Escravatura.

Em 1814, Hipólito José da Costa, que viveu no Rio Grande do Sul dos 4 aos 18 anos, abordou o problema da escravidão no Brasil, através do *Correio Braziliense* de março de 1814, que editava em Londres.

Hipólito assim se manifestou na ocasião:

"A escravidão é um mal para o indivíduo que a sofre e para o Estado aonde ela se admite". (1)

A seguir reconhecia que sua eliminação pura e simples, e não gradual, "produziria, talvez, outros males de maiores conseqüências".

Em outubro de 1815, em outro artigo declara:

"Está por fim chegado o tempo em que esta questão da escravatura deve ser decidida afinal". (2)

E sobre a reação popular que iria enfrentar no Brasil, contrária a sua campanha contra o *tráfico de escravos*, escreveu:

"Se em nossos escritos nunca tememos encontrar-nos com o poder do governo, menos devíamos hesitar em combater o prejuízo do povo."

Hipólito preconizou como medidas para superar dificuldades resultantes da extinção do tráfico negreiro:

— Introdução de máquinas capazes de suprir em certos casos a mão-de-obra escrava.

— Imigração européia para o Brasil, aproveitando populações que não possuíam trabalho.

Neste mesmo artigo condenou moralmente a escravidão nestes termos:

"A escravidão não é útil ao escravo porque este não obra nada por virtude, e não o é ao senhor porque ele contrai, com os seus escravos, todos os vícios inerentes à escravidão e *insensivelmente se acostuma a faltar com*

iodos os deveres morais, fazendo-se feroz, voluptuoso e insensível aos males dos outros". (3)

Em 1817, em Pelotas, José Antônio Gonçalves Chaves, amigo da família de Hipólito, elaborou sua *Memória sobre a Escravidão*, à qual nos referimos longamente neste trabalho. (4)

Em 1822, José Antônio Gonçalves Chaves e Hipólito José da Costa, o fundador da Imprensa do Brasil, condenaram com veemência a escravidão

O primeiro através de sua *Memória Ecônomo-Política*, o segundo através do *Correio Braziliense*.

Hipólito, ao criticar o silêncio sobre o assunto guardado pelos escritores e jornalistas brasileiros, sentencia corajosamente:

"E idéia contraditória querer uma nação ser livre, e se o "consegue ser, blasonar, em toda a parte e em todos os tempos, de sua liberdade e manter dentro de si a escravidão (.....)

... um homem educado com escravos não pode deixar de olhar para o despotismo como uma ordem de coisas naturais (.....)

... a maioria dos homenstque são educados com escravos, deve ser inclinada à escravidão e se habitua a olhar para seu inferior como escravo, acostuma-se também a ter um superior que o trate como escravo"...

"Da continuação da escravatura no Brasil deve sempre resultar uma educação que fará os homens menos virtuosos e mais suscetíveis de submeterem-se ao governo arbitrário de seus superiores." (5)

Acreditamos que estes dois gaúchos honorários ou espirituais, com grande vivência na área de Pelotas, maior concentração escrava do Rio Grande do Sul no século 19, tenham sido pioneiros, no Brasil, na condenação em bases científicas, espirituais, morais, políticas e econômicas da escravidão.

Abolicionismo

Em 18 de junho de 1869, 50 intelectuais gaúchos fundaram o *Partenon Literário*. (6)

Em 29 de agosto de 1869, o Conde de Porto Alegre, general Manoel Marques de Souza III, tornou-se o Presidente da *Sociedade Libertadora*, tündada no âmbito do Partenon Literário, atendendo à sugestão sua (7) (7)

Essa sociedade destinava-se a libertar crianças escravas. Ela foi a primeira sociedade no gênero na fase do abolicionismo brasileiro, 1869 — 88.

"Em 1870 a *Loja Maçónica Fé*, criada em Assunção, celebrou uma sessão magna em honra do Visconde do Rio Branco, por sua eleição ao cargo de Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira". (8)

Nesta ocasião falou o orador da Loja, o major de Infantaria do Exército Felipe Neri Monteiro (9), que apelou àquela alta autoridade civil e maçónica.

"Libertamos um povo, mas em nossa pátria geme ainda na escravidão um sem número de homens que nasceram no mesmo solo abençoado em

que nós nascemos e que são tão brasileiros como qualquer de nós é brasileiro (.....)

Vossa posição social, preclaríssimo Grão-Mestre, vossas luzes e vosso extremado patriotismo podem fazer com que para esses infelizes raie também o sol da liberdade.

É uma empresa digna de vossas virtudes patrióticas, de vossos sentimentos generosos". (10)

Ao responder ao apelo, Rio Branco fez esta promessa:

"Asseguro solenemente que empenharei todas as minhas forças para que triunfe quanto antes esta causa, que é da HUMANIDADE e também a causa do verdadeiro interesse e futuro engrandecimento de minha Pátria" (11).

A Sociedade Emancipadora de Escravos da Capital do Império instalou-se, em 20 de março de 1870, cerca de 7 meses após a de Porto Alegre e não podemos precisar se antes ou após a célebre reunião da Loja Fé em Assunção.

Em 28 de setembro de 1871, foi sancionada a Lei do Ventre Livre, apresentada e defendida com veemência por Rio Branco, que assim cumpria parte de sua promessa em Assunção.

Em 29 de outubro, em Pelotas, foi batizado o primeiro beneficiário da Lei Rio Branco.

Chamou-se *Setembrino*. Foram padrinhos o cônego Ignacio da Costa e D. Joaquina de Oliveira Ribeiro.

O batizado realizou-se com muita pompa, solenidades e repenicar de sinos da Igreja Matriz. (12)

O abolicionismo na Imprensa Gaúcha

Em 1814, Hipólito José da Costa, "o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira" (13) e por muitos considerado seu patrono, deu início através do *Correio Braziliense*, editado em Londres, por não haver liberdade de imprensa em Portugal e no Brasil, à luta pela abolição da escravatura no Brasil.

Em 1881, no Rio de Janeiro, José do Patrocínio assumiu a direção da *Gazeta da Tarde* e "expandiu seus ideais em prol da emancipação total dos escravos". (14)

Neste mesmo ano, em Pelotas, foi fundado o jornal *Discussão*.

Seus redatores: Drs. Fernando Luiz Osório, Epaminondas Pira-tinino de Almeida, Saturnino de Arruda e Marçal Escobar.

Este jornal incluiu em seu programa a libertação dos escravos, e foi o *primeiro no Brasil a banir de sua coluna anúncios relativos a fugas e negociações de cativos*. (15)

Este gesto foi secundado, a partir de 25 de março de 1883, pelo *jornal do Comércio*, na capital da Província, que tinha como redator Aquiles Porto Alegre.

O *Mercantil* de Porto Alegre, sob a direção de Cândio Gomes, mantinha uma caixa destinada a coletar dinheiro com vistas a comprar a alforria de escravos. (16)

Fizeram causa comum a favor do abolicionismo mais os seguintes jornais: *Penna*, em Pelotas, e *Reforma, Século, Evolução* e o *Atleta*, em Porto Alegre. (17)

Fernando Luiz Osório fez referência ao jornal *Voz do Escravo*, em Pelotas, que só funcionou em 1881. (18)

O Carnaval como meio de propaganda abolicionista

Sabe-se que pelo menos em Pelotas e Porto Alegre, principais centros de irradiação do abolicionismo no Rio Grande do Sul, o Carnaval foi utilizado como meio de propaganda abolicionista.

Em 21 de fevereiro de 1882, o Clube Democrático de Pelotas fez percorrerem a cidade dois carros alegóricos ao abolicionismo.

O primeiro apresentava Joaquim Nabuco — numa tribuna, ladeado por índios que desfaldavam a bandeira da liberdade, e no centro do carro "alguns negros protestavam contra o látigo do escravocrata e aplaudiam o agigantado tribuno abolicionista.

No outro carro, um orador encarregava-se de fazer a propaganda da extinção da escravatura em Pelotas". (19)

No ano seguinte, em Porto Alegre, Athos Damasceno refere a participação dos foliões denominados *Os Congos* que, além de se conduzirem muito bem nos desfiles, se mantiveram fiéis ao objetivo de sua fundação:

Usar o carnaval para angariar fundos destinados à libertação de escravos."(20)

Lançaram um convite, em meia língua de preto, convidando para uma cerimônia pública a realizar-se no Teatro São Pedro, consistente de ate de libertação da escrava Maria Delfina, que recebeu sua carta de alforria sobre uma salva de prata. (21)

O abolicionismo nas letras e nas artes

O Partenon Literário dedicou-se à causa da abolição e "por 10 anos viveu em torno de e sob a influência de Apolinário Porto Alegre, des tacado líder abolicionista." (22)

Em 1870 Castro Alves editava seu célebre livro *Espumas Flutuantes*.

Apolinário publicava em 1874 seu livro *Bromélias*, no qual cons tava o poema *A Africa*, datado de 1872, onde denotava a influência de Cas tro Alves (23). Neste mesmo ano teve proibida, segundo Spalding, a encenação da peça *Filhos da Desgraça*, considerada ofensiva aos escravagistas c ao Império.

Antes, em 1869, iniciou o romance histórico *Os Palmares*, focalizan do o célebre quilombo do mesmo nome, "símbolo da altivez e herói — cidadi do negro." (24)

Segundo Guilhermino Cesar, Apolinário seguiu muito de perto aí pegadas estilísticas de José de Alencar. (25)

Após escreveu *Mandinga*, que recebeu — acreditamos do majoi Felipe Neri Monteiro, o mesmo que apelara ao visconde de Rio Branco *ai Loja Maçónica Fé*, em Assunção, para que livrasse o Brasil da escravidão, — c seguinte comentário:

"Mandinga é o engeste de ouro da revista do Partenon Literário. (26)

Em 19 de outubro de 1884, na lesta dos netos da Africa, promovida pelo Centro Etiópico de Pelotas, o grande poeta pelotense, Lobo da Costa, declamou este lindo poema de sua autoria: (27)

GLORIA A LIBERDADE

Neste dilúvio de palmas,
Onde o rude escravocrata,
Onde o pérfido pirata,
Que abordo à barca da luz?
—Arredai, nem mais um passo
Que pela patria inspirada
O escravo salvaste a rir!
Assim, pois, com veemência!

Diante da rocha que desaba
— A escravidão que se acaba
Nas terras de Santa Cruz,
Cabe a glória a ti, ó povo
E a ti, imprensa elevada,
Povo! povo, de joelhos!
Crianças! beijai os velhos...]
Velhos! beijai o porvir."

Era uma alusão "à redenção total dos escravos de Pelotas realizada, em 16 de outubro de 1884, no Paço Municipal". (28)

Já no dia 7 de setembro, em Pelotas, foi utilizada uma cerimônia cívica, no Cassino Pelotense, para uma propaganda abolicionista de grande repercussão.

"D. Francisca Costa, acompanhada de 50 moças e mais de 30 cavalheiros pelotenses, cantou esta estrofe com a música do Hino da Independência" — Já podeis da Pátria filhos...

*"LIVRE POVO PELOTENSE
DAI EXEMPLOS À NAÇÃO
QUEBRAI FERROS E CADEIAS
SUPLANTAI A ESCRAVIDÃO" (29) bis*

Pelotas, o maior centro de escravos, em razão de sua indústria do charque, ocupou lugar de destaque na luta abolicionista.

Foi o pelotense Conselheiro Antônio Ferreira Viana que, na qualidade de Ministro da Justiça, foi incumbido da redação definitiva da Lei Áurea e da fala do trono da Princesa Isabel, realizada no dia 3 de maio, na abertura da Assembléia Geral. (30)

Integrou a diretoria do Clube Abolicionista de Pelotas, fundado em 1881, o ilustre negro pelotense Manoel Conceição da Silva Santos. (31)

Pelotas continuou a ter projeção nacional no esforço para a valorização integral do negro e de seus descendentes.

Em 1932, foi organizada em Pelotas a Frente Negra Pelotense.

Em seu manifesto assinado por Humberto de Freitas esta entidade definiu sua finalidade:

*"Promover o alevantamento moral, físico, social e intelectual do negro pelotense.
Em seu programa se propunha:*

—"Incentivar com vigor a campanha pró-alfabetização, instrução e educação dos negros.

—Prestigiar cada vez mais, no País, o espírito de cooperação interracial, ao invés de competição.

—Pleitear junto aos governos o ingresso gratuito, nos ginásios e cursos superiores, para os estudantes filhos de negros pobres que, por sua inteligência a isso fizessem jus.

—Defender a infância negra.

—Preparar a mulher negra para a luta pela vida.

—Ministrar à juventude feminina negra os mais sãos ensinamentos; quer de ordem doméstica, profissional ou intelectual. —Criar escolas.

—Organizar caixas de assistência para socorrer os estudantes pobres que, por motivos financeiros, vejam-se ameaçados de abandonar os estudos.

—Instituir prêmios de estímulo infantil ao gosto pela escola. (32)"

A Frente Negra Pelotense fez-se representar por Miguel Barros no Congresso Afro-Brasileiro do Recife de 1933, onde pronunciou inflamado discurso. (33)

Clubes abolicionistas gaúchos

A primazia da fundação de clubes abolicionistas e sociedades libertadoras de escravos no Rio Grande do Sul requer muitos estudos para que seja estabelecida sem o risco de injustiças.

As sociedades libertadoras, acreditamos, objetivavam a libertação de escravos menores, e os clubes abolicionistas a abolição total.

Exemplificando:

Em 1870, em Canguçu, no âmbito da maçonaria local foi criada uma Sociedade Libertadora.

Esta, por ocasião do retorno dos filhos do local da Guerra do Paraguai, os homenageou com a alforria de duas escravas menores, de nome Elvira e Maria Conceição, compradas de seus amos a 600 réis cada. (34)

A cerimônia foi realizada ao ar livre, sobre um cerro junto à cidade, que desde então passou a denominar-se Cerro da Liberdade.

Falou na ocasião o orador da loja maçônica local, Antônio Joaquim Bento, professor municipal régio. (35)

Este cerro, monumento natural, foi demolido e transportado para Rio Grande para aterrar áreas do SuperPorto, em completo desprezo ou ignorância às mensagens cívicas nele contidas. (36)

O Clube Abolicionista do local foi fundado em 1884, como repercussão do ato cearense de libertação total de seus escravos.

Foram os abolicionistas mais destacados deste clube Bernardino Pinto Ribeiro, Antônio Manoel da Costa e Enéias Gonzaga Moreira. (37)

Este município era o 2.º da Província em número de escravos em 1887 e os declarou todos livres, em 2 de abril de 1888. (38)

A seguir, o clube abolicionista local foi dissolvido em cerimônia ao ar livre no Cerro da Liberdade.

Dentro desta distinção entre Clube ou Centro Abolicionista e Sociedade Libertadora acreditamos que a Porto Alegre caiba a primazia na Brasil da organização de uma Sociedade Libertadora, e a Pelotas, no Rio

Grande do Sul, a da organização de um Clube Abolicionista em 21 de agosto de 1881

Souza Docca em sua História do Rio Grande do Sul fornece alguns subsídios de como transcorreu a campanha abolicionista naquele Estado, dentro dos fracos elementos de que pode dispor. (39)

Libertação antecipada de escravos

Em 1883, o Ceará e logo após a Amazônia declararam livres todos os seus escravos.

O primeiro local a seguir esses gestos, no Rio Grande do Sul, foi Quaraí, ao "declarar livres seus escravos em 3 de agosto de 1884" (40)

Seguiram-se a Quaraí, segundo se conclui de Souza Docca:

Caí (16 ago, 84), Viamão (21 ago, 84), São Leopoldo (26 ago, 84), Gravataí (agosto, 84), Porto Alegre, Alegrete, São Borja, Montenegro, Cama-quã, Torres e Santo Ângelo (7 set, 84), São Luiz Gonzaga (14 set, 84), Itaqui, Rosário, Santo Amaro e Vacaria (15 set, 84), Júlio de Castilhos (21 set, 84), Santana, São Gabriel, Taquara, Bagé, Passo Fundo, Soledade e Pinheiro Machado (28 set, 84), Pelotas (16 out, 84), Lavras (2 dez, 85), Uruguaiana (1.º dez, 85) e Canguçu (2 abr, 88). (41) "

Conclui-se que os municípios não citados só libertaram seus escravos por força da Lei Áurea de 13 de Maio de 1888.

O Almanaque da Província do ano de 1887 publicou o número de escravos da Província do Rio Grande do Sul por município.

Apresento estes dados em ordem decrescente de número de escravos:

Rio Grande — 844, Canguçu — 839, Encruzilhada — 645, Cachoeira — 464, São José do Norte — 408, Piratiní — 391, Pelotas — 341, Caçapava — 323, Gravataí — 279, Herval — 258, Santa Vitória — 255, Santo Antônio da Patrulha — 252, Rio Pardo — 232, São Jerônimo — 225, São Francisco de Paula — 225, Osório — 220, Santo Amaro — 109, São Martinho — 157, São Sepé — 153, Jaguarão — 142, Soledade — 140, Cruz Alta — 131, D. Pedrito — 117, Pinheiro Machado — 112, Lagoa Vermelha — 93, Bagé — 82, Arroio Grande — 73, e Porto Alegre 58.

O fato de terem sido declarados livres os escravos de determinados municípios não significou que, de fato, estes tivessem libertado todos os seus escravos.

Foi um poderoso instrumento de propaganda, no entanto permaneceram alguns escravocratas sem libertar seus escravos, conforme concluímos ao comparar dados.

Situam-se neste caso: Pelotas - 341, Gravataí — 247, Soledade — 140, Cruz Alta — 131, Bagé — 82 e Porto Alegre — 58.

"Neste ano foram libertados sem indenização 57.000 escravos.

Os escravos resultantes ficaram representando 1,12% da população do Rio Grande do Sul, verificando-se sensível queda da percentagem de 1872, 15,39%.

Em 1887, o Rio Grande do Sul era a província brasileira que menos escravos possuía. "(42)

Este assunto muito terá de ser pesquisado para ser reconstituído historicamente.

Incluimo-lo em nosso trabalho apenas como dado auxiliar para a compreensão geral do problema e não como uma das finalidades desta obra.

Em 1850, Lei Provincial proibiu a introdução de escravos nas colônias existentes (alemã) e nas que de futuro se formassem. (43)

Esta lei não foi observada no tocante a São Leopoldo, conforme se conclui de livro de registro de escravos existente no Museu Visconde de São Leopoldo, naquela cidade.

Escravos foram introduzidos, embora em pequeno número, nas colônias italianas que se formaram.

A presença do negro e do mulato, embora quantitativamente venha aumentando, percentualmente diminui sensivelmente no Rio Grande do Sul.

Uma das razões é a cessação da imigração forçada do Negro há mais de 120 anos e a intensificação da imigração européia dirigida para o Rio Grande do Sul e o progressivo branqueamento da população gaúcha pela absorção contínua do mulato.

Guilhermino Cesar publica em sua História do Rio Grande do Sul interessantes dados estatísticos sobre o negro. (44)

Poderíamos concluir, com bases reais, que em locais do Rio Grande do Sul a presença do escravo negro foi pequena e pouco significativa:

Região chamada antigamente de Sete Povos das Missões, conquistada na Guerra de 1801.

Região compreendida no quadrilátero formado pelos rios Uruguai, Ibicuí, Santa Maria e Quaraí, conquistada e incorporada ao Brasil Colônia, no período 1812 — 1821.

— Região colonial alemã, no vale do rio dos Sinos, iniciada em 1824.

Nesta área o negro já era presente nas estâncias da região, que por sinal se situam entre as primeiras estabelecidas no Rio Grande do Sul como é o caso da de Francisco Pinto Bandeira, a 2.ª estabelecida em solo rio-grandense, por volta de 1733, na região de Sapucaia. Por ocasião da extinção da Feitoria em 1824 nela existiam numerosa população negra, conforme documento que apresentamos.

— Região colonial italiana, nos vales dos rios da Prata, Antas e parte do Taquari e serras adjacentes, iniciada em 1875 e até então domínio dos bugres.

Muitas outras conclusões poderão ser tiradas com base nos dados alinhados neste trabalho que modificam conceitos errôneos até então difundidos e aceitos como dogmas.

Capitães-de-mato pelotenses

Esta triste figura dos tempos da escravidão foi preservada para a posteridade através da seguinte carta do major Thomaz Francisco da Costa, Delegado de Polícia em Pelotas, no início deste século:

"Esse cargo, exótico, surgido do atraso, remotamente importado com o africano, era cometido ao indivíduo, arguto, conhecedor dos matos, esconderijos ou coutos, onde comumente ocultavam-se os escravos fugidos.

Dada a fuga de um escravo o procedimento para sua captura era simplesmente incumbi-la ao capitão-do-mato e pela imprensa anunciá-la.

Invariavelmente esse anúncio estampava a figura de um preto descalço, tendo as calças e as mangas da camisa arregaçadas, com uma trouxa às costas, e assim redigido:

NEGRO FUGIDO

"Da casa de seu senhor, fugiu no dia... o negro ou mulato FULANO, de tantos anos, tal profissão, tais e tais sinais, vestindo roupa de riscado americano...

Gratifica-se com 100.000 réis a quem agarrá-lo.

Com todo o rigor da lei protesta-se contra quem tiver acoutado-o".

O lugar de capitão do-mato lembra-nos ter sido aqui desempenhado por Luiz Coxo, Libório Apolinário e Damásio de Tal, todos peritos e habilíssimos no exercício das "honrosas" funções.

E, tanto assim, e que por algumas vezes, tivemos ocasião de observar a sua entrada gloriosa e triunfal em Pelotas, a cavalo, trazendo a cabresto o negro fugido, mãos atadas para as costas, e por um maneador ou corda no pescoço, preso à argola da barrigueira dos arreios!

O último desses capitães-de-mato tinha na parede da casa em que residia, à rua Paissandu, este peregrino rótulo, em letras gordas como ele:

*AQUI MORA O SINHOR D AM AZIO...EMPREGADO
PÚBLICO DO GOVERNO CAPITÃO—DO—MATO ABEL
PARA DISCUBRIR NEGROS FUGIDOS DE
DIA E DE NOITE SEMPRE ÀS ORDENS". (45)*

Na história do Rio Grande do Sul, não se encontra referência à existência de quilombos de escravos fugidos.

Colhi da tradição oral, que no local denominado Rincão dos Cravos (corruptela de escravo), no município de Canguçu, existiu um quilombo chefiado por um ca/uso muito temido na região.

O esconderijo dos mesmos ficava próximo às ruínas de uma velha estância que pertenceu, em 1774, a Luiz Marques de Souza, irmão do mais tarde marechal Manoel Marques de Souza (I). (46)

Neste local, Rafael Pinto Bandeira teve sua base de guerrilhas de 1769 até a expulsão dos espanhóis da vila do Rio Grande, em 1.º de abril de 1776.

As ruínas desta estância ainda existem. (47)

Em sessão de 31 de março de 1798, a Câmara de Porto Alegre criou o cargo de Capitão-de-Mato da Freguesia e nomeou para ele Estácio Dutra. Na sessão de 18 de abril mandou fazer uma marca F para marcar os escravos apanhados em quilombos e um tronco para açoita-los antes do ingresso na cadeia. Estas são as primeiras referências à existência de quilombos no RGS. Existem no Rio Grande do Sul diversas localidades com a designação de Quilombo. Exemplos: em Pelotas, em Jaguarão, Venâncio Aires e outros locais que lembram talvez a existência no passado de um quilombo, o que somente a pesquisa confirmará.

Isto é o que se conclui do artigo A escravatura em Porto Alegre, in Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia. Porto Alegre, Ed. Globo, 1940. v 2, p 204.

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL — ATUALIDADE

Representação Numérica e Percentual

Nas fases mais críticas do processo histórico do Rio Grande do Sul. reconhecimento, vigilância, conquista e defesa do território, os negros e seus descendentes representaram cerca de 30% a 50% da população desse Estado, conforme demonstramos.

Com a interrupção do fluxo imigratório do Negro, em 1852. decorrente da proibição definitiva do tráfico de escravos e aceleração da imigração alemã iniciada em 1824 e da italiana em 1875, diminuiu acentuadamente, proporcionalmente, a presença dos negros e descendentes na composição percentual da população rio-grandense.

Deste modo, pelo Recenseamento de 1950, cerca de um século após o término do tráfico de escravos para o Brasil, os negros e descendentes rio-grandenses numeravam cerca de 483.694 (217.530 negros e 266.164 pardos ou mulatos) ou 10,65% da população do Estado.

Segundo dados coligidos pelo Gabinete Parlamentar do deputado CARLOS SANTOS, os negros e descendentes rio-grandenses foram estimados, em dezembro de 1973, em 763.540, ou 10,65% da atual população do Rio Grande do Sul.

De uma participação ativa dos negros no passado, na paz e na guerra, sob a forma de uma equipe eficaz, mas silenciosa, entre os seus descendentes rio-grandenses da atualidade começaram a despontar, faz algum tempo, algumas personalidades de destacada atuação na comunidade rio-grandense, nos mais variados campos de atividades. Na falta de um levantamento mais efetivo, recorreremos a uma mostra de 44 destacadas personalidades, levantadas e cedidas gentilmente por pessoas amigas.

Sabemos no entanto, e nos foi salientado pelas fontes, que a lista não abrange todos os que deviam figurar com muita justiça e, por esta razão, ela deve ser considerada uma amostragem.

Personalidades Negras Rio-Grandenses

- 1— ANGELOS, Eloi Dias dos. Dr. Bacharel em Direito, jornalista e Secretário da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI).
- 2— BARCELOS, Osmar Fortes. O célebre jogador de futebol Tesourinha, de grande projeção no mundo esportivo nacional, em certa época, uma espécie de Pele gaúcho.
- 3— BITTENCOURT, Dário. Professor. Foi catedrático da Faculdade de Direito da UFRGS; é membro da Academia Rio-Grandense de Letras e figura destacada nos meios intelectuais do Rio Grande do Sul.
- 4— BRASIL, Gilberto. Dr. Economista, professor da UFRGS e da Faculdade Porto-alegrense de Ciências Contábeis, Chefe do Departamento da Cia de Seguros Previdência do Sul, encampada pela APLUB, e Presidente da SubComissão de Relações e Intercâmbio da Comissão de Homenagem ao Negro.
- 5— BRASIL, Adão Assis. 1º tenente-médico e Chefe do Serviço Hospitalar do Hospital do Exército em Porto Alegre.

- 6— BRASIL, Crispin Assis. 1º tenente-médico do Exército servindo em Mato Grosso e Diretor do Laboratório São Bento em Campo Grande.
- 7— DIAS, Cláudio. Dr. Bacharel em Direito, professor universitário e Secretário Geral da Comissão Executiva de Homenagem ao Negro.
- 8— COLLARES, Alceu de Deus. Dr. Bacharel em Direito, Deputado Federal. Foi considerado pela Imprensa da Capital Federal em 1973 o melhor deputado brasileiro do ano e continua a desenvolver intensa e destacada atuação parlamentar.
- 9— COSTA, José Luiz Pereira da. Dr. Bacharel em Direito. Como jornalista visitou os Estados Unidos a convite daquele país. É consultor jurídico da Delegacia Regional da Câmara de Comércio Afro-brasileira.
- 10— GOMES, Maria da Graça Vitória. Professora de Inglês no Instituto Cultural Brasileiro-Norte Americano com curso de especialização na Inglaterra.
- 11— EVERALDO, Desportista de fama nacional. Foi o único rio-grandense a integrar a Seleção Brasileira de Futebol que conquistou, em 1970, o tri-campeonato mundial de futebol e com ele a vinda definitiva para o Brasil da Taça Jules Rimet. Morreu em outubro num desastre automobilístico.
- 12— IPONEMA, Luiz. Coronel. Professor e Secretário da Associação Cristã de Moços.
- 13— NERI, Sejalmo Sebastião de Paula. Dr. Bacharel em Direito. Diretor de Curso Supletivo. Vereador de São Leopoldo e Presidente da Comissão do Vale do Rio dos Sinos de Homenagem ao Negro.
- 14— MADRUGA (Neto) Júlio. Técnico-agricola. Diretor de Produção da CICASUL em Pelotas.
- 15— MADRUGA, Elberto. Contador e vereador na cidade de Pelotas.
- 16— MACHADO, Emani José. Dr. Bacharel em Direito. Exator Estadual. Membro do Gabinete de Assessoramento Superior da Assembléia Legislativa do Estado. É o Vice-Presidente da SubComissão para Assuntos Históricos e Culturais da Comissão de Homenagem ao Negro.
- 17— MACHADO, Isac dos Santos. Major de Artilharia do Exército com curso de Estado-Maior. Serve no Estado-Maior do Comando Militar de Brasília. Foi destacado desportista no Exército. É professor de Educação Física nos meios universitários de Brasília.
- 18— MARQUES, Antônio Vasconcellos. Dr. Bacharel em Direito e professor universitário. Bacharelou-se em idade madura, após formar seus dois filhos a seguir mencionados:
- 19— MARQUES, Angelo A.C. Engenheiro Industrial.
- 20— MARQUES, Antônio Carlos. É conceituado físicultor no Rio Grande do Sul.
- 21— MAGLIANINI, Maria Lídia. Professora. É artista plástica de renome nacional.

- 22— MORAES, Francisco de Paula. Vereador em Pelotas.
- 23— OLIVEIRA, Jorge Alencastre de. Coronel Veterinário do Exército.
- 24— PANATIERI, Lourdes. Dra. Bacharelada em Direito e Professora.
- 25— ROCHA, Israel Rodrigues da. Dr. Bacharel em Direito. Diretor do SENAC - Seção do RGS. Já desempenhou as importantes funções de SuhChefe da Casa Civil do governo do Rio Grande do Sul.
- 26— RODRIGUES, Maria Aracy. Professora Universitária.
- 27— RODRIGUES, Lupicínio. Funcionário aposentado da UFRGS. Faleceu em data recente quando eu preparava estas notas. Foi a maior expressão da música popular no Rio Grande do Sul e uma das maiores expressões da música popular brasileira. Ainda não foi dito tudo sobre sua importância e projeção na música popular brasileira.
- 28— ROMERO, Henrique da Costa. Professor. Vereador em Rio Grande onde preside o Centro Cultural Marcílio Dias que leva o nome do marinheiro brasileiro heróico.
- 29— SANTOS, Armando Hipólito. Dr. Figura destacada na Justiça Militar onde se tornou notável.
- 30— SANTOS, Carlos Marcelino Bolleto. Secretário da Comissão de Serviço Público da Assembléia Legislativa do RGS, Presidente do Centro Cívico Cultural Joaquim Messias da Silva, Delegado Regional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira. Coursou, com distinção, Administração de Pessoal na Fundação Getúlio Vargas - Rio. É Secretário Executivo da Comissão de Homenagem ao Negro.
- 31— SANTOS, Carlos. Dr. Bacharel em Direito. Deputado classista em 1934, estadual em cinco legislaturas e federal na atual legislatura, razão porque é considerado um dos mais antigos parlamentares do Brasil. Presidiu a Assembléia do Rio Grande do Sul. Nesta condição foi Governador substituto e interino do Estado, promulgou a Constituição de 1967 e inaugurou o Palácio Piratini, abrigo condigno e modelar dos representantes dos rio-grandenses. Possui diversos títulos e diplomas em reconhecimento a relevantes serviços prestados à comunidade. Duplamente Comendador da Santa Sé, em razão de comendas conferidas pelos papas João XXIII e Paulo VI. Título de Amigo da Marinha do Brasil que integrou no passado e que possui entre seus maiores vultos, dois de seus conterrâneos rio-grandinos — o Almirante Tamandaré e o marinheiro símbolo do Brasil — Marcílio Dias. Cidadão de São José do Norte e Benemérito da cidade de Rio Grande. Na Câmara Federal vem desenvolvendo o melhor de seus esforços, experiência parlamentar, inteligência e espírito cristão, em prol do Excepcional e do Menor Abandonado. Em seu discurso estréia na Câmara, em 29 mar 75, sobre A Problemática da Excepcionalidade, registre-se trechos dos seguintes apartes:

De Célio Marques Fernandes — "V. Excia. é um dos orgulhos do Rio Grande do Sul. Por onde tem passado como legislador primou sempre pela decência, dignidade, honradez, para orgulho de todos nós gaúchos".

De Aldo Fagundes: "Tudo que V. Excia. conquistou na vida não o foi com brasões da aristocracia nem com outorgas graciosas, mas sim, com o seu brasão cuja legenda é Dignidade e Honra", e prosseguiu ao referir-se a apartes recebidos por Carlos Santos, por deputados de outros Estados: "Eles são um testemunho público que o humilde operário de Rio Grande transcendeu em muito as fronteiras do Rio Grande do Sul, para ser hoje um nome nacional".

Tribuno vibrante e inspirado, coube-lhe saudar em Sessão Solene do Congresso Nacional, em 14 out 1975, o Presidente da República do Gabão, Albert-Bernard Bongo. Presidiu a Comissão Executiva de Homenagem ao Negro do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul 1974-75. Preocupado com a solução do problema do Menor Excepcional apresentou Projeto de Lei em 29 mar 75, no sentido da criação da Fundação Nacional para o Menor Excepcional, à semelhança e, em maior escala, do que a Fundação do Excepcional do Rio Grande do Sul, para cuja concretização concorreu "com seu trabalho heróico, desinteressado, decisivo e corajoso" no dizer de Nelson Marquesan, em aparte nesse dia.

Por sua preocupação com a Unidade Nacional e a solução de problemas sociais, poderíamos sintetizar: Carlos Santos — Apóstolo da Paz Social e da Unidade Nacional e Anjo Negro protetor dos menores abandonados e excepcionais do Brasil.

Até aqui falou o historiador. O amigo e admirador foi obrigado a calar por imposição expressa da simplicidade, humildade e modéstia do homem Carlos Santos.

- 32— SANTOS, Júlio César. Dr. Médico-pneumatologista.
- 33— SILVEIRA, Oliveira. Poeta. Destacada expressão da poesia negra no Rio Grande do Sul.
- 34— SILVA, Edgar. Engenheiro. Chefe do Serviço de Engenharia Eletrônica da CEEE do Rio Grande do Sul.
- 35— SILVA, Geraldina. Professora. Estudante de Direito, ocupa a Vice Presidência do Centro dos Professores do Rio Grande do Sul, onde desfruta de largo e merecido conceito. Preside a SubComissão Executiva de Homenagem ao Negro, instituída pelo Governo do Estado como parte do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul.
- 36— SILVA, Luci Amaro. Dra. Bacharel em Direito. É alta funcionária da Secretaria de Administração do Município de Porto Alegre.
- 37— SILVA, Orpheu Correia da. Coronel Reformado da histórica Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Integrou no passado a Corte da Justiça Militar do Rio Grande do Sul.
- 38— SILVA, Roberto. Padre. Pároco da Igreja Santa Terezinha em Pelotas.
- 39— SOUZA, Osvaldo Marques de. Capitão R/I do Exército. Jornalista colaborador da Imprensa Rio-grandense sob o pseudônimo de Abidul Ser-vus Christi.

40— SOUZA, João. Jornalista. Presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul e representante da entidade na Federação Nacional dos Jornalistas.

41— VITORIA, Flávio Nunes. Dr. médico-cardiologista e irmão de

42— VITÓRIA, Gilberto Nunes. DI odontóiügo.

Em tempo. Completam esta relação:

43— FERREIRA, João. Foi funcionário da Alfândega de Rio Grande e autoridade em assuntos alfandegários.

44— SANTOS, João Pedro dos. Assessor abalizado do jurista Dr. Geraldo Brochado da Rocha. Historiador premiado com a monografia "História do Fórum de Porto Alegre" e orador de grandes méritos.

Nesta pequena amostra, abrangendo parcialmente Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, predominam profissionais ligados ao Direito, seguidos de oficiais do Exército, médicos e professores. Nela destacam-se dois deputados federais de grande projeção e operosidade, dois desportistas de renome internacional, um compositor de música popular consagrado nacionalmente e dois jornalistas com posições de destaque nos órgãos que congregam a classe no Rio Grande do Sul.

Peço escusas aos ilustres componentes da amostra, pelo fato de haver-me alongado nas referências a Carlos Santos, contrariando seu desejo expresso.

Creio, porém, que todos concordarão que procurei ser justo, coerente e oportuno ao estender-me em considerações sobre aquele ilustre homem, distinguido pelo Povo, Governo e Comunidade Afro-brasileira do Rio Grande do Sul, para presidir a SubComissão Executiva de Homenagem ao Negro, em cujo contexto se inseriu minha monografia. Esta seria incompleta, não fora seu Prefácio, acompanhado de importantes e sobretudo abalizadas observações, emitidas com a autoridade moral de seus 71 anos de idade, nos quais ascendeu por seus grandes méritos, da condição de operário humilde em Rio Grande à condição de Governador interino e substituto do Rio Grande do Sul e, agora, como um de seus representantes no Congresso Nacional.

HOMENAGEM JUSTA

Por tudo isto que acabamos de ver, foi que o Governo e Povo do Rio Grande do Sul decidiram, pelo Decreto n.º 23.027 de 21 de março de 1974, comemorar como parte das festividades do Biênio da Imigração e Colonização do Rio Grande do Sul a contribuição do Negro na integração sócio-cultural sul-rio-grandense, após considerarem:

— "A relevância da presença do Negro na composição étnica e espiritual do homem sul-rio-grandense.

— Que a contribuição no trabalho, nas expressões de cultura e vida social, na conquista e consolidação do nosso território, formação, desenvolvimento e integração do Rio Grande do Sul tem sido inestimável".

Como testemunhas mudas desta participação e presença, encontram-se, a desafiar os séculos, em diversos locais do Rio Grande do Sul e em especial nas St .s do Sudeste e regiões do restante da Bacia Ocidental, alicerces de antigas casas de estância, mangueirões e cercas de pedra seculares, construídas pelo braço de rio-grandenses

negros e seus descendentes. Apresentar argumentos práticos, de natureza histórico-científica, para comprovar estas considerações, foi a preocupação deste ensaio que aqui encerro, fruto de longa e profunda pesquisa histórica nas principais fontes disponíveis.

Como historiador e rio-grandense sentimos grande prazer cívico em ajudar a resgatar parte da imensa dívida de gratidão dos rio-grandenses aos seus conterrâneos negros e descendentes, pelo muito que contribuíram para a formação do Rio Grande do Sul.

Alguém já escreveu:

'A alma de um grande povo é expressa pela vida de sua gente mais simples'.

Sem dúvida nenhuma, os rio-grandenses são reconhecidos como um grande povo dentro da comunidade brasileira. Apreciável parte de sua alma é expressa pela vida dos africanos negros e descendentes que ajudaram a torná-lo grande e admirado, e a formá-lo, durante mais de três séculos, na paz e na guerra.

FIM

UMA VALIOSA LIÇÃO DE TOYNBEE PARA REFLEXÃO

ARNOLD TOYNBEE, considerado o maior historiador do mundo ocidental, após profunda análise do passado da Humanidade/Ensaia seu destino na obra *A Sociedade do Futuro*. Sobre a questão racial nos ministra esta importante lição, além de colocar o Brasil em posição de destaque como Democracia Étnica ao lado do México, Paquistão e Havaí.

"Consideremos os principais problemas que terão de ser enfrentados antes que os seres humanos possam conviver como uma única família. Além dele a questão racial. Os antropólogos afirmam não existir nenhuma "raça pura". Mesmo nas regiões mais segregadas e remotas há mistura de raças. No entanto, o sentimento racial existe e nos toca a todos. É um perigo para o mundo e a maioria dos homens envergonha-se desse sentimento. Os cães não têm nem um preconceito racial em relação aos outros. Um cão branco brincanormalmente com um cão preto.

No entanto, infelizmente, entre o homem preto e o homem branco, surge, por vezes, uma grande hostilidade, o que não se verifica entre as crianças. As chamadas diferenças raciais são apenas de superfície e não podem ser levadas em consideração visto que a única coisa que distingue os homens é o espírito e não o físico.

A meu ver, o sentimento racial é uma ameaça à paz mundial e um obstáculo à unidade da humanidade. No entanto, espero que o resto do mundo siga o exemplo do Brasil, México, Paquistão e Havaí e venha abandonar esse preconceito em relação às diferenças físicas raciais. Já referi ao fato das diferenças culturais terem um papel muito mais importante no sentimento racial que as diferenças de cor de pele ou outras variedades no aspecto físico."

TOYNBEE, Arnold. *A SOCIEDADE DO FUTURO*. Rio, Zahar Editores, 1974, pág. 158 a 160.

ANEXO AO CAPÍTULO VI

ATA DE FUNDAÇÃO DE UMA SOCIEDADE
DE LIBERTADORES DE ESCRAVOS
EM CRUZ ALTA-RS-EM 02, SET, 1870

Após o término da guerra do Paraguai, muitas comunidades do Rio Grande do Sul fundaram sociedades libertadoras de crianças escravas.

Muitas, na chegada das tropas locais de retorno da guerra do Paraguai, libertaram, em regozijo, crianças escravas, como foi o caso de Canguçu quando do retorno do Coronel da Guarda Nacional Antonio de Souza Matto: à frente do 14.^o Batalhão de Voluntários da Pátria de Canguçu.

Em Cruz Alta a coisa passou se do mesmo modo, conforme se conclui da ata abaixo, transcrita de: ROCHA, Prudêncio. A HISTÓRIA DE CRUZ ALTA — Cruz Alta, 1964. p. 101 — 102.

"Aos dois dias de setembro de 1870, no Paço da Câmara Municipal da Vila do Divino Espírito Santo da Cruz Alta, da Província de São Pedro do Sul, na ocasião em que os habitantes desta Vila festejavam a chegada do Sr. Cel. Francisco Antônio Martins, em seu regresso da campanha do Paraguai, achando-se reunido numeroso concurso de pessoas gradas, de ambos os sexos, depois de serem proferidos diversos discursos, destacando os relevantes serviços prestados ao País pelo Coronel Martins, na Guerra contra o Governo do Paraguai, pelo Sr Izidro Corrêa Pinto foi dito que aproveitava essa ocasião, que supunha muita azada, para propor a criação de uma sociedade que, neste município, agenciasse donativos e promovesse a libertação de crianças escravas no dia 7 de setembro de 1870 e continuasse a solenizar, assim todos os anos, o aniversário da Independência e do Império, pedindo para coadjuvá-lo na sustentação dessa humanitária idéia, ao Sr Dr Antônio Antunes Ribas.

Tomando a palavra, o Dr. Antonio Antunes Ribas, pronunciou um eloqüente discurso, abundando em considerações favoráveis a fundação dessa humanitária associação e concluiu propondo que fosse aprovada a proposta do Sr Izidro Corrêa Pinto, sendo êle aclamado Presidente e declarado instalada a Sociedade Libertadora Cruzaltense, o que foi unanimemente aprovado.

Aceitando a presidência da Sociedade, o Sr. Izidro Corrêa Pinto, resolveu-se nomear para a comissão que terá de formular os estatutos, aos Srs Dr Antonio Antunes Ribas, Izidro Corrêa Pinto e Veríssimo Lucas Anes, Tesoureiro Sr Francisco Cardoso de Carvalho, Procurador o Sr José Pedro de Araujo e para membros da comissão protetora os Srs. Dr. Antônio Antunes Ribas, Fernando Bonorino, João Batista da Silva e Mota & Cia, o que foi aprovado, ficando os senhores propostos empossados em seus respectivos cargos.

Por proposta do Sr Francisco Cardoso de Carvalho e Veríssimo Lucas Anes a sociedade resolveu agenciar donativos, por meio de subscrição, a fim de solenizar, dia 7 de setembro do corrente ano, remindo da escravidão as crianças que for possível.

Nada mais havendo a tratar, o Sr Presidente marca o dia 4 do corrente, para ter lugar a primeira conferência para o fim de verificar qual a quantia que houver produzido a

subscrição. E, para constar, lavrei a presente ata, que será assinada depois de lida e aprovada.

Eu, Veríssimo Lucas Anes, Secretário a escrevi, (a) Francisco Antônio Martins, Izidro Corrêa Pinto, Diniz Dias, Antônio Bonorino, Francisco Cardoso Carvalho, José Pedro de Araújo, Fernando Bonorino, Mota & Cia, João Baptista da Silva Lima, Antônio Antunes Ribas e José Joaquim da Silva Lima".

Esta sociedade libertou em 7 Set 1870, 13 crianças escravas: João, Maria, Dinéria, Maria, Virgínio, Anália, Bibiana, Auta, Januária, Maria Vicente, Maria e mais uma escrava de Amabila Soares da Silva.

ANÚNCIOS DO DIÁRIO DE PORTO ALEGRE-1827, ENVOLVENDO FUGAS E TRANSAÇÕES COM ESCRAVOS

Em 1827 nascia a Imprensa do Rio Grande do Sul com a tipografia do Exército do Sul ao comando do Marquês de Barbacena.

Após a Batalha de Passo do Rosário, parte dessa tipografia foi transferida para o Palácio do Governo em Porto Alegre para imprimir o primeiro jornal do Rio Grande do Sul — o DIÁRIO DE PORTO ALEGRE.

Ainda este ano ele publicou diversos anúncios, envolvendo escravos, os quais se constituem, hoje, em valiosos subsídios históricos, como amostragem do escravo na sociedade do Rio Grande do Sul de 1827.

Acreditamos que eles sejam valiosos para estudos antropológicos sobre o negro no Rio Grande do Sul.

FUGA DE ESCRAVOS

- 1— "Quem souber de um moleque de nome Xavier, nação *moçambique*, oficial de barbeiro, idade 18 a 20 anos, magro e beiços grossos, meio zambro das pernas, dirija-se à rua de Bragança na loja de Joaquim de Souza para falar com Manoel Francisco Moreira que é seu senhor, o qual lhe dará umas boas alvissaras" (Terça—Feira, 12 junho 1827).

- 2— "Fugiu da Vila da Cachoeira, no dia 8 do corrente, um escravo *crioulo* de nome Manoel, pertencente a João Nunes.
Quem o encontrar, conduza-o à cadeia desta cidade e após à casa nº 12 do Caminho Novo, aonde se lhe dará de gratificação 12\$800 réis, além da despesa ordinária que com ele fizer". (Terça—Feira, 16 Julho 1827).

- 3— "No dia 23 do corrente mês, desapareceu da casa de seu senhor, um mulatinho de nome Vicente, nação CRIOULO, aprendiz de sapateiro, idade 10 anos, cheio de corpo, estatura baixa, rosto redondo, olhos grandes, lábios grossos, com calças e camisa de algodão fino, sujas no ofício de sapateiro. Que dele souber dirija-se à rua da Praia no Beco do João Inácio Teixeira (rua da Ladeira) para falar com José Luiz Vicente da Costa que é o seu senhor, o qual lhe dará boas alvissaras". (Terça—Feira, 26 junho, 1827 e foi repetido em 3 outubro 1827).

- 4— "No dia 24 do corrente desapareceu do morro do Coco, de bordo de um hiate, um escravo marinho de nome Manoel.
Alto, beiços grossos, quem souber do mesmo e o levar a rua da Praia n.º 123, ali receberá boas alvissaras": (Terça—Feira, 5 julho, 1827).
- 5— "Um escravo por nome Caetano, de nação BENGUELA, idade 60 anos, cabelos brancos, cambaio das pernas e um dedo do pé direito tono para dentro, de boa estatura, com falta de dentes.
Fugiu no mês de abril. Quem o trazer receberá boas alvissaras". (Sexta—Feira, 13 julho 1827).
- 6— "Uma escrava por nome Francisca de nação REBOLA, idade 25 anos, estatura ordinária, beiços grossos, e um sinal na testa como o círculo de um vintém. Fugiu em março. Quem a trazer dirija-se à rua do Cotovelo n.º 70 que ganhará boas alvissaras". (Quinta-Feira, 19 julho 1827).
- 7— "No dia 17, pelo meio-dia, fugiu um escravo marinho de canoa grande, que foi de José Gomes da Freguesia Nova (Triunfo). Seu nome João CONGO, estatura ordinária, grosso de corpo, rosto redondo, um tanto queichudo. Quem souber dele e o trazer à praia do Arsenal na casa de sobrado n.º 2, receberá boas alvissaras". (Terça—Feira, 24 julho 1827)
- 8— "Fugiram em 29 de julho os seguintes escravos de João Francisco Vieira Braga:
GASPAR — NEGRO DA COSTA, (do Ouro ou Escravos?), ofício calafate, 50 anos, baixo, cheio de corpo e um pouco calvo.
JOAQUIM — NEGRO DA COSTA. Carpinteiro, cerca de 35 anos, estatura regular, nem gordo nem magro, pés grandes e grossos. MANOEL. NEGRO DA COSTA. Cerca de 30 anos, pequeno e bem retinto, fala acastelhanado por estar entre eles bastante tempo. Nas pernas tem sinal de ferros em que estava. Tem a boca grande e beiços grossos. Quem trazer estes escravos, seu proprietário os gratificará generosamente. É também um serviço prestado \ nação evitar que eles aumentem o número de nossos inimigos espanhóis, para onde forcejarão ir, em razão do escravo Manoel ser vaqueano nos caminhos para a Província Cis-platina". (Sexta—Feira, 24 agosto 1827). Estávamos em plena Guerra Cisplatina 1825—28.
- 9— "Desapareceu de uma casa de sobrado na rua da Ponte, junto ao Pântano, no dia 20 passado, uma preta de nome Clemência de idade 10 anos, meia FULA. Levava um vestido de chita branco, de algodão riscado americano e várias roupas que ia lavar, como lençóis, toalhas, fronhas. Quem dela tiver notícia, queira fazer o obséquo, avisar na referida casa que será recompensado". (Quinta—Feira, 6 setembro 1827).
- 10— "Na noite de 11 fugiu da Freguesia Nova (Triunfo) uma mulata de cerca de 20 anos por nome Mariana, levando uma caixa com todas suas roupas. É de boa estatura, clara alguma coisa, cabelo um tanto bem encarapinhado. Possui buço e é cabeluda por todo o rosto. Quem dela tiver notícia, dirija-se à rua da Graça na loja de

Alvaro José de Araujo que receberá boas alvissaras. (Segunda-feira, 17 setembro 1827).

- 11— "Fugiram de José Maria de Sá, morador na Vila de Rio Grande, um mulato meio cabra por nome Luiz, oficial de pedreiro, Levou juntouma escrava de nome Rita, baixa, cose muito bem e faz doce. Quem os agarrar e entregar a seu dono em dita Vila e nesta cidade a Marcos Alves Pereira Salgado, terá o prêmio que é devido pelo empenho que fez em os agarrar."
(Segunda-feira, 17 de setembro de 1827).

VENDA DE ESCRAVOS

- 1— "Vende-se uma muleca nova de nação rebola, boa figura, idade 13 a 14 anos. Quem pretender, dirija-se à rua da Praia n.º 74 num armazém defronte ao Correio". (Sábado, 9 junho 1827)
- 2— "Quem quiser comprar uma escrava de nação cabinda de 10 anos, muito saudável, sem vício algum, com princípio de costura, lava e engoma, procure na rua Nova casa n.º 5 que ali achará com quem tratar". (Terça—feira, 26 junho 1827).
- 3— "Na praça do Paraíso n.º 15 se vende, dando primeiro a contento por poucos dias, uma escrava CRIOULA, de boa idade, vistosa, sadia, cozinha e engoma bem, costura e lava e fia sofrivelmente. Tem o vício de beber sem muito excesso". (Quarta—feira, 27 junho 1827).
- 4— "Vende-se uma escrava de 26 anos, que sabe cozinhar, lavar, engomar e alguma coisa de costura e todo o arranjo de casa. Quem dela necessitar, dirija-se à rua da Ponte, casa n.º 67". (Segunda—feira, 2 julho 1827).
- 5— "Vende-se uma escrava PARDA, cozinheira, costureira, engomadeira e rapariga. Quem a quiser comprar procure na rua de Igreja n.º 25 à direita, na esquina dos Pecados Mortais". (Quarta—feira, 4 julho 1827).
- 6— "Quem quiser comprar uma escrava ainda moça, cose liso, hábil para o arranjo de casa e sem vícios. Dirija-se à rua da Praia n.º 72 que achará com quem tratar". (Sexta—feira, 3 agosto 1827).
- 7— "Quem quiser comprar uma escrava, cose; engoma e lava sofrivelmente. Dirija-se à rua da Praia a um bilhar defronte à rua Clara n.º 70". (sexta—feira, 8 agosto 1827).
- 8— "Quem quiser comprar uma escrava para ama de leite, sem cria, procure na rua da Ponte, na casa n.º 76". (Sábado, 25 agosto 1827).

9— "Quem quiser comprar uma escrava que sabe lavar e vender quitanda, por 150\$000 réis, dirija-se à rua da Igreja, casa n.º 6 defronte ao armazém de N. Senhora que achará com quem tratar". (Sábado, 25 agosto 1827).

10— "Vende-se uma escrava meio boçal, de nação BENGUELA, ÀT boa idade, sabe lavar, cozinhar o ordinário de uma casa e sem vícios conhecidos. Quem pretender comprá-la dirija-se à rua dos Pecados Mortais, esquina dos Nabos a doze, n.º 1 que lá achará com quem tratar"

(Quinta-feira, 30 agosto 1827)

11— "Lopo Gonçalves Bastos na Rua da Praia n.º 25 tem para vender (...)
Uma escrava MINA ainda boçal, lava já sofrivelmente.

.....
(Quinta—feira, 6 de setembro de 1827).

12— "Quem quiser comprar uma negra MINA, boa quitandeira e lavadeira, cozinha sofrivelmente, sem vício, dirija-se à rua do Rosário aonde foi o Trem Velho (antigo arsenal de guerra), na casa n.º 8 que achará com quem tratar". (Quinta—feira, 6 setembro 1827).

13— "Vende-se uma escrava ladina (esperta), moça sadia, lava e engoma bem, cozinha e costura pouco, faz doces de várias qualidades e refina açúcar. Quem quiser comprar fale com Guilherme Ferreira de Abreu na rua da Igreja n.º 3".
(Quinta—feira, 6 setembro 1827).

14— "Quem quiser comprar um molequinha nova (escrava criança), cozinha o ordinário. Quem pretender comprar, dirija-se à rua do Arvoredo a casa n.º 13 e ali achará com quem tratar". (Terça—feira, 11 setembro 1827).

15— "Na rua da Laria, casa n.º 3 deseja-se vender uma CRIOULA de cerca de 14 a 16 anos, muito sadia, engoma, lava, fia sofrivelmente e sabe cuidar bem uma criança Quem pretender comprá-la dirija-se à casa mencionada ou anuncie a sua residência para ser procurado a fim de se fazer o ajuste." (Segunda—feira, 24 setembro 1827)

ALUGUEL DE AMAS DE LEITE ESCRAVAS

1— "Quem tiver para alugar uma ama de leite, sadia e capaz de tratar com asseio uma criança, declare por este Diário a sua moradia para ser procurado".

(Sábado, 9 junho 1827)

2— "Quem quiser alugar uma ama de leite sem cria, fale na rua da Praia n.º 131"
(Sexta—feira, 27 julho 1827)

3— "Quem tiver para alugar uma ama de leite capaz de tratar com asseio uma criança, dirija-se à botica (farmacia) da rua da Praia, esquina da rua do Rosário n.º 10 que achará com quem tratar". (Quarta—feira, 22 agosto 1827)

4— "Quem tiver uma ama de leite que seja sadia e saiba tratar crianças e queira alugar, anuncie a sua moradia para ser procurada". (Sábado, 22 setembro 1827)

VENDA DE ESCRAVOS

1— "Quem quiser comprar um escravo, excelente oficial de sapateiro, sem vícios e muito ativo para se lhe encarregar de qualquer serviço, dirija-se à rua Alegre n.º 81, que achará com quem tratar". (Segunda—feira, 2 julho 1827)

2— "Quem quiser comprar um escravo marinho dirija-se à rua do Cotovelo, casa n.º 70, ali achará com quem tratar". (Quarta—feira, 11 julho 1827)

3— "Vende-se um escravo ladino de nação MONJOLO, idade 25 a 26 anos, hábil para qualquer serviço, cozinha sofrivelmente. Quem o pretender pode dirigir-se à rua do Bragança, casa 58 que achará com quem tratar".

4— "Quem quiser comprar uma escrava ainda moça, cose liso, hábil para o arranjo de casa e sem vícios. Dirija-se à rua da Praia n.º 72 que achará com quem tratar". (Sexta—feira, 3 agosto 1827).

5— "Quem quiser comprar uma escrava, cose, engoma e lava sofrivelmente. Dirija-se à rua da Praia a um bilhar defronte à rua Clara n.º 70". (sexta—feira, 8 agosto 1827).

6— "Quem quiser comprar uma escrava para ama de leite, sem cria, procure na rua da Ponte, na casa n.º 76". (Sábado, 25 agosto 1827).

7— "Quem quiser comprar uma escrava que sabe lavar e vender quitanda, por 150\$000 réis, dirija-se à rua da Igreja, casa n.º 6 defronte ao armazém de N. Senhora que achará com quem tratar". (Sábado, 25 agosto 1827).

8— "Vende-se uma escrava meio boçal, de nação BENGUELA, ÀT boa idade, sabe lavar, cozinhar o ordinário de uma casa e sem vícios conhecidos. Quem pretender comprá-la dirija-se à rua dos Pecados Mortais, esquina dos Nabos a doze, n.º 1 que lá achará com quem tratar"
(Quinta-feira, 30 agosto 1827)

9— "Lopo Gonçalves Bastos na Rua da Praia n.º 25 tem para vender (...) Uma escrava MINA ainda boçal, lava já sofrivelmente.

.....
 (Quinta—feira, 6 de setembro de 1827).

- 10— "Quem quiser comprar uma negra MINA, boa quitandeira e lavadeira, cozinha sofrivelmente, sem vício, dirija-se à rua do Rosário aonde foi o Trem Velho (antigo arsenal de guerra), na casa n.º 8 que achará com quem tratar". (Quinta—feira, 6 setembro 1827).
- 11— "Vende-se uma escrava ladina (esperta), moça sadia, lava e engoma bem, cozinha e costura pouco, faz doces de várias qualidades e refina açúcar. Quem quiser comprar fale com Guilherme Ferreira de Abreu na rua da Igreja n.º 3". (Quinta—feira, 6 setembro 1827).
- 12— "Quem quiser comprar um molequinha nova (escrava criança), cozinha o ordinário. Quem pretender comprar, dirija-se à rua do Arvoredo a casa n.º 13 e ali achará com quem tratar". (Terça—feira, 11 setembro 1827).
- 13— "Na rua da Laria, casa n.º 3 deseja-se vender uma CRIOULA de cerca de 14 a 16 anos, muito sadia, engoma, lava, fia sofrivelmente e sabe cuidar bem uma criança Quem pretender comprá-la dirija-se à casa mencionada ou anuncie a sua residência para ser procurado a fim de se fazer o ajuste." (Segunda—feira, 24 setembro 1827)

ALUGUEL DE AMAS DE LEITE ESCRAVAS

- 1— "Quem tiver para alugar uma ama de leite, sadia e capaz de tratar com asseio uma criança, declare por este Diário a sua moradia para ser procurado".
 (Sábado, 9 junho 1827)
- 2— "Quem quiser alugar uma ama de leite sem cria, fale na rua da Praia n.º 131"
 (Sexta—feira, 27 julho 1827)
- 3— "Quem tiver para alugar uma ama de leite capaz de tratar com asseio uma criança, dirija-se à botica (farmácia) da rua da Praia, esquina da rua do Rosário n.º 10 que achará com quem tratar". (Quarta—feira, 22 agosto 1827)
- 4— "Quem tiver uma ama de leite que seja sadia e saiba tratar crianças e queira alugar, anuncie a sua moradia para ser procurada". (Sábado, 22 setembro 1827)

VENDA DE ESCRAVOS

- 1— "Quem quiser comprar um escravo, excelente oficial de sapateiro, sem vícios e muito ativo para se lhe encarregar de qualquer serviço, dirija-se à rua Alegre n.º 81, que achará com quem tratar". (Segunda—feira, 2 julho 1827)
- 2— "Quem quiser comprar um escravo marinho dirija-se à rua do Cotovelo, casa n.º 70, ali achará com quem tratar". (Quarta—feira, 11 julho 1827)

- 3— "Vende-se um escravo ladino de nação MONJOLO, idade 25 a 26 anos. hábil para qualquer serviço, cozinha sofrivelmente. Quem o pretender pode dirigir-se à rua do Bragança, casa 58 que achará com quem tratar".
(Quarta—feira, 18 julho 1827)
- 4— "Quem quiser comprar um CRIOULO de 14 anos, dirija-se à rua do Bragança na loja de ferragem n.º 21, que aí achará com quem tratar".
(Sexta—feira, 13 julho 1827)
- 5— "Quem quiser comprar um escravo marinho de canoa grande que foi de José Gomes Rocha, idade 25 anos, pouco mais ou menos, de nação CONGO, dirija-se ao Arsenal a umas casas de sobrado n.º 2, ao pé de Manoel Tavares que lá achará com quem tratar". (Sexta—feira, 27 julho 1827)
- 6— "Vende-se um escravo bom sapateiro, cozinha sofrivelmente. Quem o pretender dirija-se à rua da Ponte n.º 34 que achará com quem tratar".
(Quinta—feira, 10 agosto 1827)
- 7— "Quem quiser comprar dois escravos bom remadores, corpulentos e sem vícios, dirija-se à Tipografia que achará com quem tratar". (Sábado, 18 agosto 1827).
- 8— "Quem quiser comprar um PARDO carpinteiro, dirija-se à rua da Praia casa n.º 119 que ali achará com quem tratar". (Quinta—feira, 23 agosto 1827)
- 9— "Quem quiser comprar um escravo que sabe cozinhar, lavar, engomar, dirija-se à rua da Praia n.º 19 que achará com quem tratar". (Sábado, 25 agosto 1827).
- 10— "Na rua do Comércio, esquina da Casa da Opera tem escravos para vender.
(Quinta—feira, 30 agosto 1827)
- 11— "Quem quiser comprar um preto pedreiro, fale com Agostinho Antonio de Souza, morador nas casas de Francisco José Furtado, no Portão (Praça do Portão) que ele ajustará o preço". (Segunda—feira, 23 de setembro de 1827)
- 12— "Na rua da Praia n.º 62 há para vender um escravo PARDO, hábil oficial de lameiro."
(Segunda feira, 1.º de outubro de 1827)

SEDUÇÃO E ROUBO DE UMA ESCRAVA

"Tristão Jeremias de Moraes, testamenteiro e inventariante de sua falecida mãe faz saber ao respeitável público que José Francisco de Sequeira, oficial empregado na Pagadoria do Exército, no dia 19 do corrente, seduziu e furtou do poder do anunciante, uma escrava CRIOLA de nome Páscoa, idade de 13 anos, pertencente a mesma testamentária e com ela embarcou publicamente no trapiche dos Armazéns Nacionais desta cidade e seguiram para a vila do Rio Grande". (Sábado, 20 de setembro de 1827).

ESCRAVOS DAS TRANSAÇÕES DE PROPRIEDADES

"Vende-se a fazenda de Morretes com margem de rio, duas léguas e meia de extensão com campos muitos matos e boas pedreiras para alvenaria situada à barra do rio Cai, distante três léguas desta capital.

Possue boas casas de vivenda, pomar, olaria, engenhos de cana e farinha, VINTE E CINCO ESCRAVOS, OLEIROS, CAMPEIROS E ROCEIROS (agricultores), boiada e mais gado manso de crias, animais cavalares, ovelhas, embarcações e mais utensílios de fazenda. Quem quiser comprá-la fale com seu proprietário à rua da Ponte n.º 33". (Quarta—feira, 5 de setembro de 1827)

Neste anúncio conclui-se da existência de escravos numa fazenda dedicados à pecuária e à agricultura.

"Quem quiser comprar uma fazenda de criação de animais e roça para plantar, situada no distrito de Santo Amaro, Termo da Vila do Rio Pardo, com um bom^ porto de embarque e desembarque no Rio Taquarí, com casas no mesmo porto e no centro da mesma fazenda uma moradia de casas com 95 palmos de frente que serve de moradia e engenho de fabricar farinha de mandioca e outra de engenho de fabricar aguardente e uma de fabricar telha e tijolo, todas cobertas de telha, COM UM PRETO DE OFICIO OLEIRO E DEZOITO PRETOS MAIS, DOS QUAIS CINCO CARPINTEIROS, 2000 rezes de criar, 39 cavalos, algumas éguas mansas e todos os demais arranjos necessários à dita fazenda. Quem a pretender dirija-se a Manoel de Freitas Leitão, rua da Praia n.º 97". (Segunda—feira, 25 junho 1827).

— Estes anúncios foram adaptados à linguagem atual após serem transcritos da seguinte obra:

Transcrito de:

SOARES, Rita Gomes. Coleção de anúncios do DIÁRIO DE PORTO ALEGRE de 1827. IN: ANAIS DO III CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. Porto Alegre, Ed. Globo, 1940. V2, p 81—106. (Relacionados 98 anúncios dos quais cerca da metade envolve assuntos referentes a escravos).

O NEGRO NA OBRA DO INGLÊS MICHAEL G. MULHALL

Uma obra até pouco tempo inédita

Quando finalizamos nossa pesquisa, tomamos conhecimento dessa valiosa obra:

MULHALL, Michael George. O RIO GRANDE DO SUL E SUAS COLÔNIAS ALEMÃS. Porto Alegre, Beis, 1974 (Tradução: MOREIRA, Euclides Santos — General. Revisão de: EICHENBERG, Rosaura. Editada em co-edição com o Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, como integrante da série Biênio da Colonização e Imigração).

Seu autor foi um estatístico e jornalista inglês que visitou o Rio Grande do Sul em nov—dez de 1871. Um ano após a Guerra do Paraguai e no ano da promulgação da Lei do Ventre Livre, início do processo abolicionista que atingiu seu clímax 17 anos após, com a Lei Áurea que pôs fim à escravidão no Brasil.

Mulhall, em sua viagem, manteve contato com os seguintes locais entre outros: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, São Leopoldo, São Jerônimo, Novo Hamburgo e Povo Novo, sobre os quais escreveu e produziu utilíssima fonte de história.

O conhecimento de sua valiosa obra deve-se, entre nós, a Herbert Caro em seus trabalhos no CORREIO DO POVO em 15, 22 e 29 de maio e de 5 a 19 de junho, tudo de 1966.

Embora não sociólogo e sim estatístico, o autor nos fornece algumas informações sobre os negros e descendentes na paisagem humana do Rio Grande do Sul, há um século atrás.

Reflexos da Lei do Ventre Livre no Rio Grande do Sul

"A Lei do Ventre Livre está sendo acompanhada de um extenso programa de imigração inglesa e alemã e de um grande esforço para difundir a instrução entre as classes mais humildes da população.

De acordo com a Lei do Ventre Livre (Lei Rio Branco) que busca a abolição gradual da escravatura, não haverá mais escravos neste século" (1) (...)

"O atual Presidente da Província (Conselheiro Jerônimo Martinião Figueira de Mello 20/10/1872-11/7/1872) tem sido um sólido esteio da política de abolição da escravatura do Visconde de Rio Branco, e seu programa de governo é estradas e imigração" (2)

Estivadores negros ricos, alegres e bem humorados em Rio Grande

"É um porto de considerável comércio, com navios de 250 toneladas ancorados ao longo da praia. Num ponto vêem-se homens negros embarcando couros para a Inglaterra, mais além, outros descarregando farinha chilena vinda de Montevideú.

Alguns desses homens negros são escravos, outros livres e possuem muito dinheiro, mas todos são alegres e bem humorados." (3)

Negros predominavam no mercado de Rio Grande

"Como na maioria das cidades brasileiras, vale a pena uma visita ao mercado (de Rio Grande) que é abundante em frutas, vegetais, peixes (...) provenientes da Ilha dos Marinheiros.

O pessoal do mercado é constituído, principalmente, de negros e diz-se que uma preta velha é proprietária de seis escravos de sua cor" (4)

Negros falando com frequência o alemão

"A maravilha da Província são as colônias alemãs com 60.000 pessoas (.....)

A primeira colônia, São Leopoldo, foi fundada em 1825 (1824) e hoje há várias semelhantes.

Há três jornais em alemão e o progresso da região é devido, principalmente, a estes laboriosos colonizadores.

Até os negros falam frequentemente o alemão. Ba verdade, trata-se de um principado alemão no coração do Império Brasileiro" (5)

Democracia étnica numa rinha de São Jerônimo

"Desembarcamos em São Jerônimo (...) Paramos numa taberna dirigida por um alemão, onde encontramos cerca de 50 pessoas: alemães, brasileiros, negros, etc. (...) engajados numa brutal rinha de galos". (6)

Peões negros próximo a Pelotas

O autor após acidentada viagem por terra, desde Povo Novo rumo a Pelotas, chegou junto ao Canal São Gonçalo.

"Uns doze peões, a maioria pretos escravos, estavam trabalhando numa espécie de caminho, da margem do rio até um depósito ali perto.

Perguntamos a eles quando poderíamos conseguir um bote, mas eles, muito insolentes, limitaram-se a sorrir com desprezo, enquanto a chuva caía em catadupas como um dilúvio. O terreno em volta era um lamaçal. Chamamos pelos botes que desciam a correnteza, mas não nos ouviram. Em dado momento, uma canoa da margem oposta cruzou o rio, que tem nesse ponto umas 200 jardas de largura. Trazia comida para os peões" (7)

Mulatos riram dos contratemplos de Mulhall

Ao desembarcar na outra margem, após perigosa travessia, o autor escreveu:

"Não havia carro para nos levar paia a cidade e, quando chegamos à terra firme, vimos um grupo de peões mulatos à porta de um botequim, rindo de nós.

Estavam meio bêbados e traziam as marcas de seu trabalho nos saladeiros (nas charqueadas)" (8)

Modalidade de castigar escravos em Pelotas

O autor ao parar numa estalagem distante cerca de 2 léguas de Pelotas, na encruzilhada para Jaguarão e Canguçu, observou o seguinte:

"Pouco depois de deixarmos a estalagem, começamos a sentir o calor do sol e fiquei com pena de alguns negros que, com pequenos cestos na cabeça, dirigem-se penosamente à cidade.

Fiquei sabendo que este era um dos castigos que seus amos davam, por alguma falta cometida, ao invés de surrá-los.

Como eles não se importam com o sol, a única dificuldades era a de terem de caminhar 10 milhas em cada sentido para buscar, digamos, uma libra de açúcar ou um jornal.

Estes escravos não raro escapam pela fronteira com a Banda Oriental (Uruguai) e voltam 2 anos depois, porque, passados esse período, nenhum amo pode reclamá-los" (9)

Um velho escravo na colônia alemã

Após deixar Dois Irmãos, de volta a São Leopoldo, o autor escreveu:

A sua frente ficava a Mata dos Farrapos, famosa pelas guerrilhas na revolução civil.

Abaixo da mata há um formoso vale e a confortável casa de fazenda adiante, pertencente a Carlos Wilk.

A poucos passos de nosso caminho, ficamos surpresos por ver o corpo de um homem.

Enquanto apeávamos, Cornélius me informou que devia ter morrido de um ataque de insolação.

O corpo não estava bem rígido, mas tinha todas as aparências da morte. Foi quando Cornélius exclamou:

— Está quente, não pode estar morto!

E, virando a face para cima, vimos que se tratava de um pobre velho escravo, que entrementes, abria os olhos.

O cheiro de cachaça era intolerável, pois o velho havia tomado uma bebedeira, aproveitando, provavelmente, um feriado concedido por seu amo, Sr. Wilk.

Se tivesse permanecido mais algumas horas ao sol, decerto teria morrido de insolação" (10)

Estas são as informações da obra de Mulhall relativas aos negros e seus descendentes, extraídas de sua breve viagem, da qual resultou um excelente trabalho sobre a situação das imigrações, colonizações e participações alemãs e inglesas no Rio Grande do Sul.

NOTAS REFERIDAS A OBRA

1 — p. 15; 2 — p. 44; 3 — p. 45; 4 — p. 46; 5 — p. 57; 6 — p. 73; 7 — p. 129; 8 — p. 131; 9 — P- 135; 10 — p. 101.

BIBLIOGRAFIA

(As notas no texto estão referidas a esta Bibliografia)

CONVENÇÕES

BC — Batalhão de Caçadores

BI — Batalhão de Infantaria

BIBLIEX — Biblioteca do Exército

CAV — Cavalaria

CDOCEX — Centro de Documentação do Exército

CHEB — Comissão de História do Exército Brasileiro

DF — Defesa Nacional

DP — Diário Popular

Ed GLOBO — Editora Globo S / A — Porto Alegre

GN — Guarda Nacional

IHGB — Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

p — página

pp — páginas

PUCRGS — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RGS — Rio Grande do Sul

RIHGB — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

RIHGMB — Revista do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil

RIHGRGS — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

RIO — Rio de Janeiro — Cidade

RMB — Revista Militar Brasileira

UFPE — Universidade Federal de Pernambuco

UFRPE — Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRGS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul

- 1— (AMARO, JUVENAL). Antônio Chimango. Porto Alegre — 1915. 2.2 ed. (Obra de Ramiro Barcelos)
- 2— AMARAL, Hermenegildo. Braz do. As Tribos negras importadas. Congresso de História Nacional, v 2. Rio, 1914.
- 3— ANTUNES, De Paranhos. SPALDING, Walter et LAYTANO, Dante. Observações sobre o Marechal Diogo Jacques Funck. in: Anais ao 1.º Congresso de História e Geografia... Porto Alegre, Ed. Globo, 1937, p50—51 v 2.
- 4— (—). Dragões do Rio Pardo. Rio, Bibliex. 1954
- 5— (—). História do Rio Pardo. Porto Alegre. 1933
- 6— ARAÚJO, Alceu Maynar. O Negrinho do Pastoreio, in: Brasil-Histórias, Costumes, Lendas. São Paulo, Ed. Três, 1973
- 7— AZEVEDO, Aroldo de. Os Continentes. São Paulo, Cia Ed. Nacional. 1971. p 201
- 8— AZEVEDO, Thales. Gaúchos. Salvador, Liv Progresso, 1943. 2.ª ed
- 9— BALRICH, Amadeu J. tc. História de La Guerra dei Brasil. Buenos Aires, Imp La Harlem, 1905
- 10— BARRETO, Flamarion. gen. Fatores Psico-sociais sul-americanos. Rio, C. Prep — ECEME, 1965
- 11— BARROSO, Gustavo e Rodrigues, Washt. Uniformes a Exército, Brasileiro. Rio de Janeiro, 1922
- 12— BELÉM, História do Município de Santa Maria. 1797 — 1933. Porto Alegre, 1933
- 13— (—). BENTO. Os Lanceiros Negros Farroupilhas, in: A Grande Festa dos Lanceiros. Recife, UFPE, 1971 p 55—12
- 14— (—). Evocação da Guerra do Paraguai, por ocasião do Centenário do seu Término. RMB, n.º 1 Jan/Mar 71 — P- 117—141
- 15— (—). Muares — contribuição ao desenvolvimento do Rio Grande do Sul. A RAZÃO, Santa Maria — RS, 23 Jul 70.
- 16— (—). As Batalhas dos Guararapes. Recife. UFPE, 1971
- 17— (—). História da Real Feitoria do Linho—Cânhamo do Rincão do Canguçu. DP, Pelotas, 30 Ago e 6 Sei 70.
- 18— (—). Tropeada Cultural à Zona SUL: DP, Pelotas, 12, 19 e 26 Mai 1972.
- 19— (—). Debret pintou Pelotas sem conhecê-la. DP, PELOTAS, 4 Fev 1973.
- 20— (—). Ruínas Antigas em Canguçu. DP, Pelotas, 21 Fev 1971.

- 21— (—). *Charqueadas de Pelotas*. DP, Pelotas, 1 e 8 Mai 1970.
- 22— (—). *Forte São Gonçalo*. DP, Pelotas, 3 e 10 Dez 1972.
- 23— (—). *Os Lanceiros Negros Farrroupilhas e a Abolição*. ITAYTERA. Crato — CE, 1970.
- 24— (—). *História da Indústria do Charque*. ITAYTERA, Crato — CE, 1970.
- 25— (—). *Atuação de Pinto Bandeira na destruição do Forte Santa Tecla*. *Correio do Sul*, Bagé — 24 Mar 70
- 26— (—). *Contribuição aos Festejos do Centenário do Município de D. Pedrito*. *Defesa Nacional*, n.º 647 Jan/Fev 1973.
- 27— (—). *O Gaúcho Primitivo e suas Origens*. *Diários de Pernambuco*. Recife, 8 Mai 70.
- 28— (—). *O Gaúcho a pé e o Pernambucano a cavalo*. *Diário de Pernambuco*. Recife, 25 Mai 1970.
- 29— (—). *Mestre de Campo Ad Honorem Henrique Dias*. *Defesa Nacional*. 640:105 — 9 Nov/Dez 1971.
- 30— (—). *O Homem de Ação de seu Século*. DP, Pelotas. 15 Nov 70 (Col. Querência).
- 31— (—). *O Estaleiro Farrapo em São Lourenço do Sul*. DP. Pelotas. 24 Mai 70.
- 32— (—). *Um Lanceiro Republicano Farrapo e o "Seival"*. *Jornd do Comércio*, Recife, 4 Jun 70.
- 33— CARTAS RS (Três originais) de BLASCO, Miguel Angelo, cel. eng. *Visões panorâmicas do acampamento do Exército Demarcador de Gomes Freire de Andrade no Passo de São Lourenço do Rio Jacuí, em 1754, antes e após a enchente — Mapoteca da Diretoria de Patrimônio do Exército — SMU — Brasília.*
- 34— CÂMARA, Patrício Correa da, major. *Diário da Marcha para Santa Tecla*, in: ANTUNES. *De Paranhos Os Dragões do Rio Pardo*. Rio Bibliex, 1954 p 125.
- 35— CAMARGO, José Maria de Toledo, major. *Evolução Política, Social e Econômica do Brasil no Século XIX* Rio, Imprensa do Exército, 1966.
- 36— CARNEIRO, Edison. *Negros bantos*. Rio, Biblioteca de Divulgação Cultural, 1937.
- 37— CAXIAS, Barão de. *Ofícios 1842—45. (Como Presidente da Província do Rio Grande do Sul e Comandante em Chefe do Exército em Operações contra os Farrapos)* Rio — Secretaria Geral do Ministério da Guerra — 1950.
- 38— (—). *Ordens do Dia na Guerra dos Farrapos*, Rio, Imprensa Nacional. 1943.
- 39— CERQUEIRA; Dionízio, gen. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio, Bibliex, 1945. 4.ª ed. p. 339, 402 e outras.
- 40— CESAR, Guilhermino. *Araújo Porto Alegre*. Porto Alegre. Div. de Cultura da Secretaria de Educação, 1957.
- 41— (—). *Primeiros Cronistas do RGS 1605_1801*. Porto Alegre, UFRGS, 1965.
- 42— (—). *O Negro. História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Lu. Globo, 1970. p.29—34.
- 43— (—). *Os Negros de Finto Bandeira*. *Correio do Povo Porto Alegre*, 23 Mar. 74.
- 44— CHAVES, Jose Antônio Gonçalves. *Terceira Memória sobre a Escravatura*. RIHGRGS, Porto Alegre, 1922, II e III Tomo. p. 219-238.
- 45— CIDADE, F. De Paula, gen. *Síntese de Três Séculos de Literatura Militar*. Rio Bibliex, 1959.
- 46— (—). *O Soldado de 1827*. Rio, EME, 1927 (Separata da RMB).
- 47— (—). *Dois Ensaios de História*. Rio, Bibliex, 1966.
- 48— CLÁUDIO, Afonso. *As tribos negras importadas.. Congresso de História Nacional*, RIO; 1914.

- 49— COLLOR, Lindolfo. *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Rio, Lv. José Olympio, 1938.
- 50— CORREIA, Jonas, gen. *Sentido Heróico da Poesia de Castro Alves*. Rio, Bibliex, 1971.
- 51— CRUZ, Antônio Gonçalves, Padre. *Exposição sobre o Linho-Cânhamo do Rio Grande de São Pedro*. IHGB, Rua Augusto Severo, 84 — Rio de Janeiro — GB (Lata 48 — Documento 10).
- 52— CUNHA, Ernesto Antônio. *O Rio Grande do Sul*. Rio, Imprensa Nacional, 1908 (n.º 5371).
- 53— DAMASCENO, Athos. *O Carnaval em Porto Alegre no Século XLX*. Porto Alegre, Ed Globo, 1970.
- 54— DEBRET, João Batista. *Viagem Histórica e Pitoresca ao Brasil*. São Paulo, Liv. Martins, 1940. 3 v.
- 55— DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. gen. *História do Rio Grande do Sul*. Rio, Organização Simões, 1954.
- 56— (—). *O Exército nas Campanhas Platinas (1811—28)*. «»: Congresso Internacional de História da América, p 213—274.
- 57— DOURADO, Mecenas. *A Escravidão*, in: Hipólito da Costa e o Correio Braziliense. Rio, Bibliex, 1956. v 1. p 529—537.
- 58— DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Rio, J. Villeneuve Comp. 1839-
- 59— FACCIONI, Victor, dep. *Discurso na Instalação da Comissão de Homenagem ao Negro*. Correio do Povo, Porto Alegre, 26 Mar, 1974. p'.9.
- 60— FLORES, Moacir. *Notas para a História da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre, PUC. RGS, 1973.
- 61— FRAGOSO, Augusto Tasso. gen. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio, Bibliex, 1954, 2.1 ed. (Notas do Maj Francisco Ruas Santos). 5 v.
- 62— (—). *A Batalha do Passo do Rosario*. Rio. Bibliex, 1951, 2.º ed.
- 63— FERREIRA FILHO, Arthur. *Revoluções e Caudilhos*. Porto Alegre, Ed Sofia, s/data, 2.a ed, p. 17—21.
- 64— (—). *História Geral do Rio Grande do Sul 1503 1960*. Porto Alegre, Ed Globo, 1960.
- 65— FORTES, Amyr Borges et WAGNER, João B. S. *História Administrativa Judiciária e Eclesiástica do RGS*. Porto Alegre, Ed. Globo. 1963.
- 66— FORTES, João. gen. *O Brigadeiro José da Silva Paes e a Fundação do Rio Grande*. Porto Alegre. Liv. Globo, 1933 (Separata da RIHGRGS).
- 67— (—). *O Rio Grande de São Pedro*. Rio, Bibliex, 1941.
- 68— FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Recife, Cia Ed de Pernambuco, 1970, 15.a ed em Português.
- 69— GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. Fortaleza, Ed e Cult, 1969-
- 70— HERNANDEZ, José. *Marfim Férreo*. Porto Alegre, Ed Beis Ltda, 1972. 3.º ed (Tradução para o Português de LEIRIA, J. O. Nogueira).
- 71— HILAIRE, August Saint. *Viagem a Rio Grande do Sul 1820—21*. São Paulo, Cia Ed Nacional, 1939-2. " ed.
- 72— **HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO — PERFIL MILITAR DE UM POVO**. Rio, EME; 1972. 3 v.
- 73— IZABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Rio, Ed Zélio Valverde, 1949.
- 74— **JORNAL DO BRASIL**. Cândido Lopez — *O Artista do Detalhe no Painel da Guerra*. Rio, 31, 31 Março 74.
- 75— JUREMA, Aderbal. *Insurreições Negras no Brasil*, Recife. Ed. Mozart, 1935.

- 76— LAYTANO, Dante de. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre, 1236.
- 77— (—). *O Negro e o Espírito Guerreiro nas Origens do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1937.
- 78— (—). *Os africanismos no dialeto gaúcho*. Porto Alegre, 1936.
- 79— LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *CabosNegros*. in: *OBoide Aspas de Ouro*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1958.
- 80— (—). *A História do Chimarrão*. Porto Alegre; Ed Sulina, 1953, 3.a ed.
- 81— LOBO, Arthur, cel. *Antropologia no Exército Brasileiro*. Arquivos do Museu Nacional 300. Rio, Museu Nacional, 1921.
- 82— LOPES, Moacir Araujo, gen. *A Grande Opção da Nação Brasileira...* Rio, Serv. Graf. IBGE, 1972. p79.
- 83— LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre, Liv Globo, 1949.
- 84— MACHADO, Antônio Carlos. *Vozes da Querência*. Porto Alegre. Ed Globo, 1949.
- 85— MACHADO, Alcântara. *Vida e Morte do Bandeirante*. S.Paulo, 1930. 2.ºed,p. 256—67.
- 86— MAGALHÃES, Manoel Antônio de. *Almanak da Villa de Porto Alegre*. RIHGB. Rio de Janeiro, 1867, t. 30, p. 43—64 (Refer. p. 47—48).
- 87— MAYA, Alcides. *TAPERA*. Ed. Briguiet, 1962, 2.a ed.
- 88— MARIANTE, Hélio Moro. *Fronteira do Vaivém*. Porto Alegre, Imprensa Oficial do RGS, 1969.
- 89— MEZA, Juan A. e BONIFAZI, Walter. *Rugidos ae Leones*. Assunción, Paraguai, Artes Gráficas Zamphiropolos, rua Independência, 640, 1968.
- 90— MONTEIRO, Josnathas do Rêgo, cel. *Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul*.RMB, nº1 a 4,1935.
- 91— (—). *A Colônia do Sacramento 1940*. p. 169- Porto Alegre, Liv. Globo, 1937. 2v.
- 92— MOREIRA, Clóvis Rocha. *João Gancho*. Porto Alegre. Ed, Globo, 1969.
- 93— NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. São Paulo. Cia Ed. Nacional, 1938.
- 94— NICHOLS, Madaline Wallis. *O Gaúcho*. Rio, Ed. Zélio Walnier de Sá. — Trav. Ouvidor, 1946.
- 95— OSORIO, Fernando Luiz. *A Cidade de Pelotas*. Porto Alegre. Ed Globo, 1964, 2.a ed.
- 96— (—). *Sangue e Alma do Rio Grande*. Porto Alegre, Livraria Globo, 1937.
- 97— PADILHA, Tarcísio M. *Prolegômenos a uma ontologia do Homem Brasileiro*. Niterói-RS, Papelaria Brasil Ltda, 1974.
- 98— PARDELHAS, Margarida. *O Povo Rio-grandense*. in: *Anais do Segundo Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre, Ed Globo, 1937. v3.p. 112—121.
- 99— PEREIRA, Nilo. *Massangana-Escavidão e Liberdade*, in: *Antropologia do açúcar*. Recife, Museu do Açúcar, 1972. p 14-26.
- 100— PORTO ALEGRE, Aquiles. *História Popular de Porto Alegre*. Edição da Prefeitura, 1940.
- 101— (—). *Os Cangueiros*. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, 1940. p 169.
- 102— (—). *Os Africanos e o Batuque*. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, 1940, p. 98—100.
- 103— O POVO. 1838—40. Porto Alegre. Liv Globo, 1930 (Fac símile da coleção original do *Jornal Literário e Ministerial da República Rio-Grandense*).

- 104— PROCESSO DOS FARRAPOS, in: *Boletim do Arquivo Nacional*. Rio, Arquivo Nacional, 1934—35, v30—31.
- 105— QUERINO, Manoel. *Costumes africanos no Brasil*. Rio, Biblioteca de Divulgação Científica, 1938.
- 106— RAMOS, Arthur. *O Negro na Civilização Brasileira* Empresa Ed. Carioca, 1956, 2.a ed. São Paulo.
- 107— (—). *O Negro como Soldado*, in: *O Negro na Civilização Brasileira*. São Paulo. Emp Graf. Carioca, 1956 p. 167—180.
- 108— (—). *Insurreições Negras no Brasil*, in: *O Negro na Civilização Brasileira*. São Paulo, Emp Ed Carioca, 1956.p.41—59.
- 109— (—). *Bibliografia Geral sobre o Negro*, in: *O Negro na Civilização Brasileira*. São Paulo, Emp Graf Carioca.
- 110— REBELO, Marques. *Antologia Escolar Brasileira*. Rio, MEC. 1967. 1ª ed.
- 111— ROCHA, Prudêncio. *A História de Cruz Alta*. Cruz Alta. Tip. Liderança, 1964.
- 112— RODRIGUES, R. Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo. Ciz Editora Nacional, 1932. I.1 ed.
- 113— SANTOS, Carlos. deputado. *Dados coligidos por seu Gabinete Parlamentar sobre o Negro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Assembléia Legislativa. 30jun.1974.
- 114— SANTOS, Francisco Ruas. Cel. *Carta ao autor em 1974 (o escravo face ao Serviço Militar)*
- 115— SEIDLER, Carlos. *Dez anos de Brasil*. São Paulo - Liv Martins, 1941 (Trad: KLINGER, Bertholdo e Notas de Cidade, F. de Paula).
- 116— SEWELOH A. A. F. *Reminiscência da Campanha de 1827*, Rio, EME, 1936 (Tradução de F. de Paula Cidade)
- 117— SIBER, Eduard. *Retrospecto da Guerra contra Rosas e as Vicissitudes das Tropas Alemãs a Serviço do Brasil*. RIHGB. Tomo 78 parte I.a, 1915 (Trad: CARVALHO, Alfredo de).
- 118— SILVA, Aristóteles Vaz de Carvalho. *São Gabriel na História*. São Gabriel, Pref. Municipal, 1964.
- 119— SILVA, Luiz Manuel de Lima, mal. *Anais do Exército Brasileiro*. RIHGRGS. Porto Alegre, 1927, 1.º e 2.º Trim.
- 120— SPALDING, Walter. *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre. Ed. Sulina, 1967,p. 38—40.
- 121— (—). *A Epopéia Farroupilha*. Rio, Bibliex, 1963.
- 122— TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *Memórias*. São Paulo, Ed. Melhoramentos. 1946.
- 123— TAVARES, Aurélio de Lyra, gen. *Exército e Nação*. Recife, UFPE, 1965.
- 124— TITARA, Ladislau dos Santos, maj. *Memórias do Grande Exército Aliado, Libertador do Sul América na Guerra de 1851 a 1852...*Rio, Bibliex, 1950.
- 125— VELLINHO, Moysés." *Capitania d'El Rei*. Porto Alegre. Ed Globo, 1970. 2.a ed.
- 126— WIEDERSPAHN, Henrique Oscar, ten. cel. *Das Guerras Cisplatinas às Guerras contra Rosas e o Paraguai*. Rio Grande Antigo. Canoas, Ed. Regional, 1956, p. 151—258.
- 127— (—). *Campanha de Ituizangó*. Rio, Bibliex, 1961.
- 128— (—). *Os Lagunistase Silva Paes*. in: *Anais do II Congresso de História e Geografia do RGS*. Porto Alegre. Liv. Globo, 1937, v3,p. 37.

APÊNDICE

Constam desta bibliografia as obras não mencionadas na bibliografia anterior, mas que possuem interessantes referências relativas aos temas abordados nesta obra.

Ela poderá servir como leitura complementar do trabalho que o leitor tem em mãos.

- BARRETO, Flamarion, Gen. O Negro na formação do Gaúcho. In: _____ Fatores Psico-sociais Sul-Americanos. Rio, C. Prep. ECEME, 1965.
- BELÉM, J. O Pai Quati-Verdade que parece lenda. In: _____. História do Município de Santa Maria. 1797 — 1933- Porto Alegre, 1933.
- BRAGA Alfredo. O Mulatinho Simeão — O Amigo de Infância de J. Simões Lopes Neto. In: Opinião Pública. Pelotas, 13 de junho de 1916.
- CIDADE, F. de Paula, Gen. Influência Africana no Exército no Rio Grande do Sul (1822—1870) do Sincretismo Religioso e das Lendas do Negrinho do Pastoreio e do Lobisomem. In: _____. O Soldado de 1827. Rio, EME, 1927 (Separata da RMB)
- COSTA, Thomas da. Batuques Africanos em Pelotas. In: OSÓRIO, Fernando Luiz. A Cidade de Pelotas. Porto Alegre, Ed. Globo, 1964, 2.a ed.
- DEBRET, João Batista. Aplicação do Castigo do Açoite. In: _____. Viagem Histórica e Pitoresca ao Brasil. São Paulo, Liv. Martins, 1940.3 V.
- DREYS, Nicolau. Africanos Negros e Descendentes do Rio Grande do Sul — "Os Suíços da América", por ocasião da Revolução Farroupilha — 1835-45. In: _____. Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. Rio, J. Villeneuve Comp., 1839.
- ZABELLE, Arsène. Pelourinho e Castigos aos Escravos em Porto Alegre em 1834 segundo um viajante. In: _____. Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul. Rio, Ed. Zélio Valverde, 1949
- LAYTANO, Dante de. Considerações sobre o Negro Rio-Grandense. In: Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia. Porto Alegre, Ed. Globo, 1940, V. 2.
- LESSA, L. C. Barbosa. O Negrinho Nenê Cevador do Mate do João Cardoso. "O Causo do Mate do João Cardoso". In: História do Chimarrão. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1949- 2.a ed. _____ A Vingança do Negrinho Juca Cevador de Mate — "Vai esquentar esta água!!!" In: A História do Chimarrão. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1949- 2.a ed. _____ . Cabos Negros. In: O Boi de Aspas de Ouro. Porto Alegre, Ed. Globo, 1958.
- LOPES NETO, João Simões. O Negrinho do Pastoreio. In: REBELO, Marques. Antologia Escolar Brasileira. Rio, MEC, 1967.
- _____ O Negro Bonifácio. In: _____. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Porto Alegre, Liv. do Globo, 1949.
- O EXÉRCITO, Congraçamento de Raças e Classes Sociais. In: História do Exército Brasileiro. Rio, Estado-Maior do Exército, 1971, V. 3.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. Uma Página Inesquecível "O Velho Mendanha". In: _____. História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre, Edição da Prefeitura, 1940.
- _____ Tipos Populares — Inácio Gaiola. In: _____ His-

- tória Popular de Porto Alegre. Porto Alegre, Edição da Prefeitura, 1940.
- Os Africanos e o Batuque em Porto Alegre. In: História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre, Edição da Prefeitura, 1940.
- _____. Tipos Populares — Os Cangueiros. In: _____. História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre, Edição da Prefeitura, 1940.
- SCHLICHTHORST, C. O Negro Livre e Descendentes na Sociedade Brasileira 1824—1826. In _____. O Rio de Janeiro comoê. Rio, Ed. Getúlio Santos, 1946.
- TABORDA, Tarcísio. O Preto Caxias de Bagé — Um Santo Homem. (Carta enviada em 6 de setembro de 1974)

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	7
PREFÁCIO	1
APRESENTAÇÃO	9
A GUIA DE INTRODUÇÃO (Discurso de Victor Faccioni).....	15

CAPÍTULO I

ASPECTOS DA PRESENÇA DO NEGRO NO BRASIL

AMBIENTAÇÃO

— Ambientação que se impõe	19
— Resenha da luta para abolir a escravatura nas Américas	19
— Concentrações escravas no Brasil	21
CARACTERÍSTICAS DO NEGRO BRASILEIRO	22
— Contribuição à formação do Brasil.....	22
— Característica qualitativa da cultura negra no Brasil.....	23
— Outras influências do Negro	23
— Dificuldades para o estudo do Negro no Brasil	24
— "Stocks" entrados no Brasil	25
— O Negro é a alegria brasileira	25
ANEXO A AO CAPÍTULO I — A ESCRAVIDÃO NO BRASIL c. 1822 - 1832 VISTA POR UM VIAJANTE ALEMÃO	31
— Os negros entrados no Brasil eram escravos na África.....	31
— Como um africano livre tornava-se escravo	32
— Venda no mercado do Rio de Janeiro	33
— Destinos dos escravos.....	33
— Castigos mais comuns.....	35
— O vício do furto	36
— Divertimentos	36
— Alimentação.....	37
— Vestuário	37
— Origem dos africanos entrados no Brasil	38
— Negro no Congo	38
— Origem dos africanos entrados no Brasil.....	38

— <i>Negro do Moçambique</i>	39
— <i>O preto livre</i>	39
— <i>Alforria</i>	39
— <i>Tráfico de escravos</i>	40
— <i>Longevidade dos escravos de Governo em Armação</i>	41
ANEXO B AO CAPÍTULO I — <i>IMPORTAÇÃO DE ESCRAVOS'</i> <i>PARA O RIO DE JANEIRO 1816 — 1835, segundo JOÃO BATISTA</i> <i>DEBRET</i>	42
NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO 1	45

CAPÍTULO II

<i>O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL</i> <i>(Das bandeiras ao estanciamento em Viamão 1635-1735)</i>	
<i>O NEGRO NAS BANDEIRAS DO RGS</i>	49
<i>CONTRIBUIÇÃO MILITAR DO NEGRO NA GUERRA HOLANDESA..</i>	50
— <i>Henrique Dias e Raposo Tavares na marcha de Barbalho - 1640</i>	50
— <i>O Negro na Batalha do Monte das Tabocas</i>	50
— <i>Combate de Casa Forte - 10 agosto 1641</i>	52
— <i>Exército de Henrique Dias</i>	52
— <i>Os negros em Guararapes</i>	52
— <i>Homenagem aos Henriques</i>	53
— <i>Gaúcho a pé - Pernambucano a cavalo</i>	53
<i>O NEGRO EM COLÔNIA DO SACRAMENTO</i>	55
— <i>Fundação de Colônia do Sacramento em 1680</i>	55
<i>O NEGRO EM LAGUNA</i>	56
— <i>O Negro na fundação de Laguna - Santa Catarina - 1688 ...</i>	56
<i>O NEGRO NO LITORAL GAÚCHO</i>	56
— <i>O Negro no reconhecimento e penetração do RGS</i>	56
— <i>O Negro na frota de João Magalhães</i>	57
— <i>A prova em fontes primárias da História</i>	59
— <i>O Negro entre os primeiros tropeiros gaúchos</i>	60
— <i>O Negro e o serviço militar</i>	61
— <i>NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO II</i>	64

ÍNDICE

<i>DEDICATÓRIA</i>	7
<i>PREFÁCIO</i>	1
<i>APRESENTAÇÃO</i>	9
<i>A GUIA DE INTRODUÇÃO (Discurso de Victor Faccioni)</i> .	15

CAPÍTULO I

ASPECTOS DA PRESENÇA DO NEGRO NO BRASIL

AMBIENTAÇÃO

— Ambientação que se impõe	19
— Resenha da luta para abolir a escravatura nas Américas	19
— Concentrações escravas no Brasil	21
CARACTERÍSTICAS DO NEGRO BRASILEIRO	22
— Contribuição à formação do Brasil.....	22
— Característica qualitativa da cultura negra no Brasil.....	23
— Outras influências do Negro	23
— Dificuldades para o estudo do Negro no Brasil	24
— "Stocks" entrados no Brasil	25
— O Negro é a alegria brasileira.....	25
ANEXO A AO CAPÍTULO I — A ESCRAVIDÃO NO BRASIL c, 1822 - 1832 VISTA POR UM VIAJANTE ALEMÃO	31
— Os negros entrados no Brasil eram escravos na Africa....	31
— Como um africano livre tornava-se escravo	32
— Venda no mercado do Rio de Janeiro	33
— Destinos dos escravos	35
— Castigos mais comuns	35
— O vício do furto	36
— Divertimentos	36
— Alimentação.....	37
— Vestuário	37
— Origem dos africanos entrados no Brasil	36
— Negro no Congo	35
— Origem dos africanos entrados no Brasil.....	38
— Negro do Moçambique	39
— O preto livre.....	39
— Alforria	39
— Tráfico de escravos	40
— Longevidade dos escravos de Governo em Armação	41
ANEXO B AO CAPÍTULO I — IMPORTAÇÃO DE ESCRAVOS- PARA O RIO DE JANEIRO 1816 — 1835, segundo JOÃO BATISTA DEBRET	42
NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO 1	45

CAPÍTULO II

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

(Das bandeiras ao estanciamento em Viamão 1635-1735)

O NEGRO NAS BANDEIRAS DO RGS.....	49
CONTRIBUIÇÃO MILITAR DO NEGRO NA GUERRA HOLANDESA ..	50
— Henrique Dias e Raposo Tavares na marcha de Barbalho - 1640	
— O Negro na Batalha do Monte das Tabocas.....	50
— Combate de Casa Forte - 10 agosto 1641	51
— Exército de Henrique Dias	52
— Os negros em Guararapes.....	51

— <i>Homenagem aos Henriques</i>	53
— <i>Gaúcho a pé - Pernambucano a cavalo</i>	53
O NEGRO EM COLÔNIA DO SACRAMENTO	55
— <i>Fundação de Colônia do Sacramento em 1680</i>	55
O NEGRO EM LAGUNA	56
— <i>O Negro na fundação de Laguna - Santa Catarina - 1688</i>	56
O NEGRO NO LITORAL GAÚCHO	56
— <i>O Negro no reconhecimento e penetração do RGS</i>	56
— <i>O Negro na frota de João Magalhães</i>	57
— <i>A prova em fontes primárias da História</i>	59
— <i>O Negro entre os primeiros tropeiros gaúchos</i>	60
— <i>O Negro e o serviço militar</i>	61
— NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO II	64

CAPÍTULO III

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL (Da fundação do Rio Grande à Independência do Brasil 1737 - 1822)	
— <i>O Negro na fundação do Rio Grande do Sul 1737</i> ..	67
O NEGRO NA GUERRA GUARANÍTICA	69
— <i>O Negro no Exército Demarcador</i>	70
— <i>Apresença da primeira mulher negra no Exército</i>	70
— <i>Importante prova iconográfica</i>	72
— <i>Dramas negros que a História registrou</i>	72
— <i>Miscigenação intensa negro-índia</i>	73
— <i>O Negro na primeira guarnição de Porto Alegre</i>	75
O NEGRO NA GUERRA 1763— 77	76
— <i>Os soldados negros' de Pinto Bandeira</i>	77
— <i>Situação do Negro no RGS em 1763</i>	78
— <i>Desfazendo um equívoco histórico</i>	80
— <i>Serra dos Tapes, base de operações de Rafael</i>	82
— <i>80 escravos no ataque a Santa Tecla</i>	84
— <i>Negros na Legião de Cavalaria Ligeria de Rafael</i>	85
— <i>Tropa de Henriques de Pernambuco no Rio; Grande</i>	85
— <i>Serra dos Tapes, partida de arreadas de Rafael</i>	86
— <i>Combate de Santa Bárbara, definição de um Rio Grande do Sul brasileiro</i>	87
— <i>Repercussão dessa vitória</i>	89
— <i>"Nunca tantos deveram tanto a tão poucos"</i>	89
— <i>O Negro era numeroso no RGS antes de 1780</i>	91
O NEGRO NA ECONOMIA DO RIO GRANDE	94
— <i>O Negro nas charqueadas</i>	94
— <i>O Negro na Real Feitoria do Linho-Cânhamo</i>	96
— <i>Famílias negras da Real Feitoria em São Leopoldo</i>	101
O NEGRO NA GUERRA DE 1801	107
O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL EM 1808	108
O NEGRO NO EXÉRCITO PACIFICADOR	110
EM 1817, EM PELOTAS, UM PRECURSOR DO ABOLICIONISMO	110
— <i>"Origem, progresso estado da Escravatura na América"</i> ..	112

— "A Escravatura é inconciliável com a economia política ...	112
— "A Escravatura se opôs à Constituição foco autêntico de união, unidade e prosperidade das nações"	113
— "A proibição do tráfico escravo não ofende ao direito de propriedade pública ou particular".....	113
— "O sistema de escravidão ofende a moral e a força do Estado"	114
— Observações gerais.....	114
— "O excessivo número de escravos faz com que não o possamos tratar como temos obrigação".....	114
— Um gaúcho precursor da Abolição da Escravatura	115
O NEGRO NA OBRA DE SAINT HILAIRE 1820 — 21....	116
— Em Osório a vista da Serra.....	116
— Negros, os mais valentes soldados de Artigas.....	117
— Clima e nutrição do RGS modifica traços dos negros gaúchos	119
— 5.399 negros livres na Capitania	119
— O negro escravo era mais feliz e considerado no RGS....	119
— Na paróquia de Estreito	120
— Em Rio Grande negros combatem as dunas.....	120
— População da Paróquia de Rio Grande, 2/3 negra	122
— Em Pelotas, hóspede de Gonçalves Chaves.....	122
— O negrinho do Sr. Chaves	123
— Pomar cuidado por negros	123
— Entre o Rio Grande e o Chuí	123
— Ponchos de lã para os negros.....	124
— Um mulato das Guerrilhas de Bento Gonçalves, capitão comandantedo Forte de São Miguel.....	124
— Saint Hilaire nas Missões	125
— Em Santa Maria e Rio Pardo.....	126
— Defronte à foz do Capivari no rio Jacuí.....	126
NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO III	129

CAPÍTULO IV

O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL.....	133
(Da Independência à Revolução Farroupilha)	
— O Negro e o serviço militar após a Independência	133
— O Negro na Guerra Cisplatina 1825-28.....	135
— O Exército e a valorização do homem negro.....	136
— Requisição de militares pardos e pretos de Porto Alegre para a defesa da fronteira na Guerra Cisplatina 1825-28....	139
NEGRO DO RGS NA OBRA DO ALEMÃO CARLOS SEIDLER	140
— O Negro e a hospitalidade gaúcha	140
— Origem dos negros	141
— Negros salvam a vida de soldados alemães em Jaguarão.....	141
— O Negro como criado de milicianos em Campanha	142

— Negro domador guia Seidler a uma estância	142
— A hospedaria em Capão do Leão	143
— Um casamento trágico.....	144
— Um negro, o canoeiro do Capivari	147
— Um mulato salva a vida Seidler	147
O NEGRO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....	148
— Tráfico de homens africanos e um açoite ao RGS	148
— Contribuição Militar Expressiva	151
— Lanceiros negros farroupilhas	153
— Unidades negras históricas	154
O NEGRO NO JORNAL FARROUPILHA "O POVO".....	156
— Recrutamento de escravos - notícia	156
— Laço Farroupilha, dispensação escravo.. ..	156
— Medidas da Regência contra os escravos farroupilhas transformados em soldados da República.....	156
— Represálias da República contra medidas tomadas pela Regência em relação a seus soldados negros	158
— Rio Grande do Sul, pioneiro na prática da luta em defesa dos direitos humanos dos negros	160
— Escravidão no Uruguai	160
— Punição aos desertores libertos farroupilhas.....	161
O NEGRO NA CORRESPONDÊNCIA DE CAXIAS.....	162
CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS.	165
— Organização militar da República Rio-Grandense.....	165
— Organização dos corpos de Lanceiros Negros.....	167
— O Corpo de Lanceiros negros em Campo do Menezes....	168
— Recrutamento dos Lanceiros Negros	169
— Armamento individual	169
— Rusticidade e obediência.....	169
— Vestuário ou Uniforme	169
— Lanceiros Negros salvaram a Revolução	172
ANEXO A AO CAPÍTULO IV — DECRETO DE CRIAÇÃO DE UM BATALHÃO DE CAÇADORES DE PRETOS LIBERTOS PARA SERVIREM NA PROVÍNCIA CISPLATINA—1817	174
— ANEXO B AO CAPÍTULO IV — O NEGRO DO RGS 1822—1839 NAS OBRAS DE ARSÈNE ISABELLE E NICOLAU DREYS.....	176
— Arsène Isabelle.....	176
— Negros carreteiros em São Borja	177
— Negros em Porto Alegre - Vendedores de peles	177
— Negros no atendimento das "Casas de hóspedes" das estâncias.....	177
— Uma refeição em viagem.....	178
— Negros garimpeiros de ouro em Lavras do Sul	179
— Negros remadores de gôndolas no rio Jacuí.....	179
— O Negro nas ruas de Porto Alegre	180
— Os negros carregadores do porto de Porto Alegre	180
— Nicolau Dreys	181
— Preferência do tigre em atacar o homem negro	181

— <i>Passo dos Negros e as charqueadas de Pelotas</i>	182
— <i>Estância no Rio Grande do Sul</i>	184
— <i>População do Rio Grande do Sul 1839</i>	184
— ANEXO C AO CAPÍTULO IV — CONCLUSÕES SOBRE A PROCEDÊNCIA DOS AFRICANOS ENTRADOS NO RIO GRANDE DO SUL (1735-1853)	186
— <i>Conclusão de pesquisa</i>	186
— <i>Angolanos ou angolas</i>	188
— <i>Congos</i>	188
— <i>Minas</i>	188
— <i>Moçambiques</i>	189
— ANEXO D AO CAPÍTULO IV — ALGUMAS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA COMUNS NO LINGUAJAR CORRENTE NO RIO GRANDE DO SUL	190
— NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO IV.....	191

CAPÍTULO V

CONTRIBUIÇÃO DO NEGRO GAÚCHO PARA A INTEGRIDADE E SOBERANIA DO BRASIL NO SUL 1851 — 1870

O NEGRO DO RGS AO TEMPO DA GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS

.....	195
— <i>Um historiador negro</i>	195
— <i>José Martins, um pardo herói de Caseros</i>	197
— <i>Incidente "brummer" versus pretos e mestiços</i>	197

O NEGRO NO RGS NA OBRA DO CAPITÃO ALEMÃO EDUARD SIBER

.....	198
— <i>Restrospecto da guerra contra Rosas</i>	198
— <i>100.000 habitantes negros no RGS 1851-52</i>	198
— <i>Estâncias com 200 a 300 escravos</i>	199
— <i>Negros do Uruguai sucumbiram na Guerra</i>	199
— <i>O Exército Brasileiro, segundo Siber</i>	201
— <i>O valor do soldado brasileiro</i>	201
— <i>O Negro e descendentes no Exército de 1851-52</i>	201
— <i>Apreço de Caxias a seus soldados negros</i>	202
— <i>Escravos pelotenses morrem de cólera-morbus</i>	202
— <i>Suplício do escravo Belizário em Pelotas</i>	203

— O NEGRO NA GUERRA DO PARAGUAI

.....	205
— <i>Efetivo do Rio Grande</i>	207
— <i>Patriotismo do Negro</i>	211
— <i>Atos de heroísmo do Negro</i>	211
— <i>Heroínas negras e mulatas do Rio Grande do Sul</i>	214
— <i>Um e outro negro</i>	215
— <i>Negros amigos de Taunay e Dionísio Cerqueira</i>	218

— ANEXO A — ORDEM DO DIA N° 263 DE 16 DE NOV 1868 DO MARQUES DE CAXIAS.....

.....	221
— ANEXO B — O NEGRO GAÚCHO NA OBRA DO VIAJANTE ALEMÃO ROBERTO CRISTIANO BERTOLDO AVÊ-LALLEMANT — 1858.....	222
— <i>O viajante</i>	222
— <i>Viagem ao Rio Grande do Sul</i>	222

— O Negro em Porto Alegre	223
— Numa venda em Candelária	224
— Na travessia do jacuí próximo a Restinga Seca	224
— Uma roda democrática de mate	225
— Hospitalidade de uma estância.....	225
— Um negro gaudério entre "cossacos do Rio Grande"	225
— Na venda de Frederico Krueel em Carajazinho.....	227
— Um capitão mulato comandante do Povo de São Miguel .	227
— Uma estância próximo a São Borja - hospitalidade	228
— Lavadeiras no passo do rio Icamaguã.....	228
— Cadeia de São Borja em 12 de abril 1858	229
— Na estância de Santana de Rufino R. dos Santos.....	229
— Noite "sinistra" no Passo São Simão.....	230
— Um soldado negro da Artilharia de Mallet um dos maiores vaqueanos do Rio Grande do Sul - 1858	230
— A escravidão na Província	232
— Hospitalidade, constituição étnica e caráter do gaúcho do RGS - 1858	232
— Conclusão com base em Avê-Lallemant	233
— NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO V.....	235

CAPÍTULO VI

DO ABOLICIONISMO À ATUALIDADE

— Precursores gaúchos.....	240
— Abolicionismo	240
— O Abolicionismo na Imprensa Gaúcha	241
— O Carnaval como meio de propaganda abolicionista	242
— O Abolicionismo nas letras e nas artes.....	243
— Clubes abolicionistas gaúchos	245
— Libertação antecipada de escravos	246
— O Negro nas colônias italianas e alemãs.....	247
— Capitães-de-mato pelotense	248
— O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL — ATUALIDADE	
— Representação numérica e percentual.....	249
— Personalidades negras rio-grandenses	250
— Homenagem justa	255
— UMA VALIOSA LIÇÃO DE TOYNBEE PARA REFLEXÃO	255
— ANEXO AO CAPÍTULO VI - ATA DE FUNDAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DE LIBERTADORES DE ESCRAVOS EM CRUZ ALTA	256
— ANEXO A — ANÚNCIOS NO DIÁRIO DE PORTO ALEGRE — 1827 ENVOLVENDO FUGAS E TRANSAÇÕES COM ESCRAVOS	258
— Fuga de escravos.....	258
— Vendas de escravos i.....	
— Aluguel de amas de leite escravas.....	262
— Venda de escravos.....	262
— Sedução e roubo de uma escrava.....	264
— Escravos nas transações de propriedades	264

— ANEXO B — O NEGRO NA OBRA DO INGLÊS MICHAEL	
G. MULHALL	264
— <i>Uma obra até pouco tempo inédita</i>	264
— <i>Reflexos da Lei do Ventre Livre no RGS</i>	265
— <i>Estivadores negros ricos, alegres e bem humorados</i>	266
— <i>Negros predominavam no Mercado de Rio Grande</i>	266
— <i>Negros falando com freqüência o alemão em</i>	
— <i>São Leopoldo</i>	266
— <i>Democracia étnica numa rinha de São Jerônimo</i>	266
— <i>Peões negros próximo a Pelotas</i>	267
— <i>Mulatos riram dos contratemplos de Mulhall</i>	267
— <i>Modalidade de castigar escravos em Pelotas</i>	267
— <i>Um velho escravo na colônia alemã</i>	268
— <i>Notas ao texto do anexo</i>	268
— BIBLIOGRAFIA.....	269
— <i>Convenções</i>	269
— <i>Bibliografia propriamente dita e outras fontes</i>	269
ÍNDICES DAS ILUSTRAÇÕES E QUADROS RESUMOS	
— <i>Cópia do original da Lei Áurea</i>	13
— <i>Africanas negras no Brasil</i>	
(<i>cabeças com quadro explicativos</i>).....	28
— <i>Africanos negros no Brasil</i>	
(<i>cabeças com tatuagens peculiares e ex-30 plicações</i>).....	30
— <i>Cena da Batalha de Monte das Tabocas — 1645 ago 3..</i>	51
— <i>Cena la Batalha dos Guararapes 1648 abr 18</i>	54
— <i>Frota de João de Magalhães</i>	58
— <i>Uniformes dos Henriques, negros forros e pardos</i>	62
— <i>Desembarque de Silva Pais em Rio Grande - 1737</i>	68
— <i>Acampamento Exército Demarcador - Rio Jacuí 1754</i>	74
— <i>Rafael Pinto Bandeira e seus negros valentes</i>	88
— <i>Invasão do RGS por Vertiz y Salcedo 1773-74</i>	90
— <i>Escravos do RGS - 1780 - Quadro resumo</i>	92
— <i>Charqueada pelotense segundo Debret - 1825</i>	93
— <i>Trecho de planta do litoral gaúcho - 1775</i>	95
— <i>Ruínas da Real Feitoria do Linho-Cânhamo em Canguçu</i>	98
— <i>Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão do Canguçu.</i>	99
— <i>Quadro - força de trabalho Feitoria Velha - 1801</i>	100
— <i>Negros no Sete Povos 1814 (Quadro resumo)</i>	109
— <i>Memória sobre a Escravidão - Folha de rosto</i>	111
— <i>Porto Alegre - Na Revolução Farroupilha</i>	118
— <i>Vila de Rio Grande - 1825, segundo Debret</i>	121
— <i>Escravos no RGS (1816-1822) - Quantidades</i>	128
— <i>Palácio do Governo da República Rio-grandense</i>	150
— <i>Lanchão Farroupilha "Seival" em Laguna -SC</i>	152
— <i>Cena de Pano de Boca do Teatro Imperial na coroação</i>	
<i>de D. Pedro I</i>	155
— <i>Combate Farroupilha</i>	163
— <i>Farroupilha (Lanceiro Negro Farroupilha)</i>	165
— <i>Efetivo do Exército da República Rio-grandense</i>	
(<i>quadro-resumo</i>)	166

— <i>Teixeira Nunes e seus lanceiros negros</i>	170
— <i>Passo Rico ou dos Negros no Canal São Gonçalo</i>	183
— <i>Mapa da parte da Zona Sul 1784-1788</i>	185
— <i>Principais regiões, culturas e nações ou tribus da Africa de onde procede, via porto do Rio de Janeiro, o maior número de africanos negros emigrados forçados para o Rio Grande do Sul (1737-1853)</i>	190
— <i>Uniformes do Exército Brasileiro - 1854</i>	200
— <i>Foto da Artilharia Brasileira na Guerra do Paraguai</i>	204
— <i>Escravos libertos para irem para a Guerra do Paraguai (Quadro Resumo)</i>	206
— <i>Uniformes do Exército Brasileiro 1865-70</i>	207
— <i>Libertação de escravos para irem para a guerra - cena 1</i> ..	209
— <i>Libertação de escravos para irem para a guerra - cena 2</i> .	210
— <i>Guarda do QG do Marquês de Caxias em Tuyu-Cuê</i>	212
— <i>Procissão religiosa do Paraguai</i>	216
— <i>Uniformes Exército Brasileiro 1865-70</i>	219
— <i>Sede da estância do Cristal - Canguçu-RS</i>	226
— <i>Uniformes do Regimento Mallet - 1858</i>	231